

GANGUES, GÊNERO e JUVENTUDES:

DONAS DE ROCHA e SUBEITOS CABULOSOS



GANGUES, GÊNERO e JUVENTUDES:

DOAS DE RUA e SUBJETOS CASULOSOS



2010 – Presidência da República

Secretaria de Direitos Humanos

Tiragem: 7.000 exemplares

Distribuição Gratuita

“A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente para fins não lucrativos e com a autorização prévia e formal da SDH/PR e da Central Única de Favelas - CUFA DF desde que citada a fonte”.

Secretaria de Direitos Humanos - SDH

Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente - SNPDCA

SCS B Quadra 09 Lote “C”, Edifício Parque Corporate Torre A, 8º andar

CEP: 70308-200 - Brasília, DF

Telefone: (61) 2025-3225

Fax: (61) 2025 9603

E-mail: spdca@sedh.gov.br

<http://www.direitoshumanos.gov.br>

http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/spdca/ppcaam

Central Única de Favelas – CUFA DF

SBS Quadra 01 Bloco K Sala 1213/1214 – Edifício Seguradoras

CEP: 70.093.900 – Brasília, DF

Telefone: 55-61- 3224-6557 / 8188-9004 / 7814-4250 / ID: 83*36093

E-mail: roberto.cufadf@gmail.com

<http://www.cufadf.org>

“O BARATO da Vida é Viver”

Projeto Gráfico

Kaco - Gráfica & Editora

Esta é uma publicação do Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte executado pela Central Única de Favelas - CUFA DF em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Copyright © 2010 - Secretaria de Direitos Humanos – SDH

Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos

ISBN: 978-85-62491-03-0

Coordenadora: Miriam Abramovay

Autores: Miriam Abramovay

Anna Lúcia Cunha

Priscila Pinto Calaf

Luis Felipe de Carvalho

Mary Garcia Castro

Marisa Feffermann

Roberto Rodrigues Neiva

Max Maciel

Edição: 1

Ano de edição: 2010

Local de edição: Brasília-DF

314 páginas

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Secretaria de Direitos Humanos - SDH

Paulo de Tarso Vannuchi

Subsecretária Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente

Carmen Silveira de Oliveira

Coordenadora Nacional do Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte - PPCAAM

Márcia Ustra Soares

Presidente da Central Única de Favelas – CUFA DF

Roberto Rodrigues Neiva

Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos

Miriam Abramovay (coordenadora)

Anna Lúcia Cunha (RITLA)

Priscila Pinto Calaf

Luis Fellipe de Carvalho

Mary Garcia Castro (UCSAL)

Marisa Feffermann (IS-SES/SP)

Roberto Rodrigues Neiva (CUFA DF)

Max Maciel

RITLA – Rede de Informação Tecnológica Latino-americana

UCSAL – Universidade Católica de Salvador – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea e Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania

IS-SES/SP – Pesquisadora do Instituto de Saúde, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

CUFA/DF – Central Única das Favelas do Distrito Federal

Se marcar eu beijo mesmo

Tati Quebra Barraco

E se marcar eu beijo mesmo, hein, Jesus
E se marcar eu beijo mesmo
Não deu conta eu beijo mesmo, hein
Tu tá marcando eu beijo mesmo, hein
Vou te dar um papo reto
É melhor ficar ligada
Não deu conta do marido
Vai rolar a cachorrada
E se marcar eu beijo mesmo
Não deu conta eu beijo mesmo
Tu tá marcando eu beijo mesmo, hein
E se marcar eu beijo mesmo, hein
Não deu conta eu beijo mesmo, hein, Jesus
Eu sou a Quebra Barraco
Vou falar bem de mansinho
Pra sair com seu marido
Só se for no sapatinho
E se marcar nessa parada
Vai rolar a cachorrada
E se marcar eu beijo mesmo, hein
E se marcar eu beijo mesmo, hein
Não deu conta eu beijo mesmo, hein
Tu tá marcando eu beijo mesmo, hein

Sumário

Prefácio 1.....	11
Prefácio 2.....	15
Apresentação Institucional da Secretária de Direitos Humanos.....	17
Resumo.....	19
Introdução.....	21
Aspectos teóricos e metodológicas.....	25
A. Metodologia.....	25
Sobre as técnicas de pesquisa.....	26
O trabalho de campo.....	28
Ética de pesquisa.....	32
B. Algumas contribuições das teorias sobre o falar nativo, da redistribuição e do re- conhecimento para a pesquisa.....	33
Visibilidade e fama – <i>A Sociedade do Espetáculo</i>	37
Violência e juventude.....	40
Cultura da violência.....	41
Violência, espaço e periferia.....	45
Correr risco, adrenalina e juventude.....	46
Gênero e violência.....	49
C. Gangue – conceitos na literatura.....	54
Conceito de gangue na literatura estadunidense.....	55
A presença feminina nas gangues: abordagens em estudos norte-americanos.....	58
Literatura latinoamericana – as pandilhas.....	63
Contextos brasileiros.....	67
1. Cenários.....	71
1.1 Histórias de gangues, nas palavras deles, em Brasília.....	72
1.1.1 Biografias, memórias e fundação das gangues no DF.....	73

1.1.2	Motivações para a fundação.....	75
1.1.3	Gangues e a escolha dos nomes.....	77
1.1.4	Breve histórico de algumas gangues estudadas.....	79
1.1.5	Diferenciação entre gerações.....	81
1.2	Gangues: estrutura e organização.....	86
1.2.1	Estrutura hierárquica usual.....	86
a)	Líderes Gerais.....	88
b)	Líderes Femininas.....	90
c)	Líderes Locais.....	94
d)	Reuniões.....	96
1.2.2	A existência de regras e o funcionamento das gangues.....	99
1.2.3	Integrantes e trajetórias: entradas no mundo das gangues.....	100
1.2.4	Gangues e territorialidade.....	105
2.	Atividades e hábitos das gangues no Distrito Federal.....	107
2.1.	A Pichação.....	108
2.1.1	Pichação e Sociedade do Espetáculo.....	109
2.1.2	Contextualização da pichação.....	112
2.1.3	Sentidos da pichação.....	116
2.1.4	A pichação e o gosto por se arriscar.....	121
2.1.5	Trajетórias na pichação.....	124
2.1.6	Meninas e a pichação.....	126
2.1.7	Pichação e conflitos.....	136
2.2.	Guerras entre gangues.....	138
2.2.1	Surgimento das gangues, surgimento das guerras.....	139
2.2.2	Motivos para as guerras.....	141
2.2.2.1	A guerra e a pichação.....	141
2.2.2.2	A lógica da vinganças, ou relendo a vendeta.....	143
2.2.2.3	Cabritagem e casinha – quando as mulheres são o foco.....	144
2.2.3	As batalhas.....	144
2.2.4	As meninas e a guerra.....	146
2.3.	As drogas.....	148
2.3.1	Drogas e juventudes.....	149
2.3.2	O uso de drogas legais e ilegais.....	151
2.3.3	Drogas e gênero nas gangues.....	154

2.3.4 As drogas e seus efeitos.....	155
2.3.5 Tráfico de drogas.....	159
2.4 O <i>Frevo</i>	162
2.4.1 Sentidos e rotinas do <i>frevo</i>	163
2.4.2 Tipos de <i>frevo</i> e principais eventos.....	165
2.4.3 <i>Frevos</i> , brigas e batalhas.....	167
2.4.4. <i>Bolo doído</i> , um tipo específico de <i>frevo</i>	170
2.5 Gangues e internet.....	173
2.5.1 A internet e a revolução na comunicação.....	173
2.5.2 As gangues e a propagação da identidade.....	174
2.5.3 Os principais meios de comunicação online das gangues: MSN, Flogão e Orkut.....	175
a) MSN.....	176
b) Flogão.....	176
c) Orkut.....	178
2.5.4 O espaço virtual.....	178
2.5.5 Tipologia das imagens postadas pelos meninos na internet.....	181
a) Exibição de armas.....	181
b) Exibição de dinheiro e artigos de consumo.....	182
c) Exibição de drogas.....	182
d) Exibição de pichações.....	182
e) Exibição de mulheres.....	182
2.5.5.1 Fotos postadas por meninas de gangue.....	183
3. Instituições de referência, no público e no privado.....	187
3.1 A família.....	188
3.1.1 Relações com os pais.....	189
3.1.2 Reações parentais à <i>gangueragem</i> dos filhos.....	191
3.1.3 Opiniões dos <i>gangueros</i> sobre seus pais.....	201
3.1.4 Formando famílias, tornando-se pais.....	203
3.1.5 Família de rua.....	204
3.2 Escola.....	212
3.2.1 Motivos de atração pela escola.....	213
3.2.2 Fama e existência de gangues nas escolas.....	217
3.2.3 Brigas nas escolas.....	221

3.3 Polícia e violência: não tem mocinho nem mocinha nessa história.....	227
3.3.1 A pichação e a polícia.....	228
3.3.2 Opiniões sobre a conduta policial.....	229
3.3.3 Relações entre <i>gangueiros</i> e polícia.....	233
4. Gênero.....	241
4.1 A construção das masculinidades nas gangues.....	241
4.1.1 <i>Pegar mulher</i> : masculinidade e sexualidade.....	247
4.2 Atividades femininas nas gangues.....	249
4.2.1 Elas e as brigas.....	251
4.2.2 Representações do feminino.....	254
4.2.2.1 <i>Donas de rocha</i> ou <i>cabulosas</i>	256
4.2.2.2 <i>Armadoras de casinba</i>	260
4.2.2.3 <i>Bandas</i> ou <i>Franguitas</i>	263
4.2.2.4 <i>Cabritas</i>	265
4.2.2.5 <i>Pé de pano</i>	268
4.3 Estratégias femininas para sobreviver em um ambiente masculino.....	271
5. Reflexões e recomendações.....	279
5.1 Futuro, nas palavras deles e delas.....	279
5.2 Gênero e gangue, algumas considerações adicionais.....	292
5.3 Inferências apontando para recomendações.....	294
5.3.1 Inferências.....	294
5.3.2 Recomendações.....	296
Referências Bibliográficas.....	300
Anexos.....	313
Anexo1. Glossário de termos.....	313

Prefácio 1

Luiz Eduardo Soares¹

Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos é um livro importante, que presta significativa contribuição aos estudiosos brasileiros no esforço coletivo de preencher uma grave lacuna: conhecer a intimidade intersubjetiva e as condições sociológicas envolvidas na tessitura cotidiana e capilar das redes sociais jovens denominadas “gangues”, que empregam suas energias em intervenções transgressoras no espaço urbano, mobilizam a violência como forma de linguagem ordinária e transitam, instáveis, sobre o fio tênue das classificações jurídico-políticas e sobre a linha débil das taxonomias culturais. A tal ponto que o próprio título “ganguê” oscila entre o estigma, a acusação, a identidade e a categoria descritiva.

Miriam Abramovay, coordenadora das pesquisas cujos resultados encontram-se expostos na obra, e pesquisadores – Anna Lúcia Cunha, Priscila Calaf, Mary Garcia Castro, Luiz Felipe de Carvalho, Max Maciel, Roberto Neiva e Marisa Fefferman – tornam-se, portanto, credores de nosso reconhecimento público.

Cuidadosos e atentos aos debates internacionais, os autores evitam, prudentemente, generalizações. Os fenômenos objeto de sua observação nem sempre podem servir de orientação para a análise de padrões flagrados, analiticamente, fora da órbita de Brasília e das cidades satélite no Distrito Federal. Há, certamente, diálogo entre formas análogas de organização da experiência e de ordenamento de sentimentos, valores, práticas e visões de mundo, em outras regiões do Brasil e do exterior. Não só porque situações e trajetos biográficos se assemelham, como também porque cada constelação urbana é permeável a informações que circulam nas mídias eletrônicas, nas imagens e símbolos oriundos de outras realidades geograficamente distantes – mas antropológica, econômica, sociológica e psicologicamente afins. De todo modo, convergências e dessemelhanças, analogias e singularidades constituem os ingredientes indispensáveis à própria trama dos estudos comparativos.

Por isso, este livro deve ser lido como uma cartografia hermenêutica de um drama social específico, na medida em que se debruça sobre uma certa circunscrição empírica, historicamente construída. Entretanto, a despeito dessa assumida focalização, serve de guia a todos os que pesquisamos a travessia dos jovens pelo tormentoso campo da violência e da liminaridade, independentemente das peculiaridades locais e das diferenças.

¹ Professor da UERJ e da Universidade Estácio de Sá.

As pesquisas foram conduzidas com relativa autonomia, mas interagem, complementando-se mutuamente. A consequência foi uma saudável diversidade de estilos, mas a preservação dos mesmos parâmetros garantiu a cobertura razoavelmente homogênea das problemáticas compartilhadas. As estratégias metodológicas incluíram observação participante, entrevistas abertas, grupos focais, acompanhamento de trocas na internet, leitura de documentos, exercícios etnográficos. Registre-se que o privilégio conferido a abordagens qualitativas não provocou negligência relativamente a questões como escolaridade, renda e outros componentes básicos do perfil sociológico e demográfico, inclusive a cor (autodeclarada).

Os temas contemplados são variados e sempre de grande relevância, abrangendo desde a linguagem “nativa” – os vocabulários usados pelos próprios grupos e a semântica implicada nesse léxico original – até a formação da liderança, as estruturas micropolíticas e sua reprodução, e as relações das gangues com instituições chave, como família, escola e polícia. Atribuiu-se muita atenção ao gênero e as meninas foram ouvidas e acompanhadas com bastante sensibilidade, o que concorreu para enriquecer o quadro geral oferecido aos leitores. A unidade dedicada aos espaços do feminino nas gangues constitui segmento extremamente interessante e profundamente revelador de aspectos centrais e, em geral, subestimados. Claro que feminilidade é categoria diacrítica e remete à polarização com o masculino, conduzindo a pesquisa, naturalmente, a uma imersão reflexiva também muito rica no universo dos rapazes e dos adolescentes.

O eixo temático central, que configura o coração da pesquisa, gira em torno das atividades mais importantes dos grupos, aquelas que são responsáveis, em última instância, pela ancoragem da formação identitária das gangues: a pichação (curiosamente não emergiu a questão da grafitagem); o *frevo* (essa categoria vasta, elástica e compreensiva - uma espécie de feijoada de experiências -, que se refere a dança, aos namoros, às confusões e a muitas modalidades transgressoras de diversão, como brigas e as próprias pichações); a guerra; a internet; as drogas; o sexo; o consumo; o dinheiro; e as expectativas e visões do futuro.

Como se pode facilmente deduzir, a leitura deste livro é obrigatória para os que pretendem entender antes de julgar e se dispõem a analisar a multidimensionalidade dos fenômenos em que ações coletivas de jovens estão implicadas. A leitura é indispensável aos que se dispõem a analisar essa configuração multifatorial, cujo enfrentamento exige a formulação e implementação de políticas públicas, também elas plurais, multidisciplinares e multidimensionais, ou seja, intersetoriais. Analisar, aqui, vale insistir, opõe-se a criminalizar e, precipitadamente, converter processos individuais e interacionais que derivam de dinâmicas complexas em simples rupturas de regras a merecer punição. Claro que há crimes envolvidos e há a necessidade, muitas vezes, de intervenção do poder público afirmando limites. No entanto, seria

um empobrecimento lamentável reduzir tantos vetores, emoções, problemáticas e relações à simplicidade esquemática da dupla crime e castigo.

A leitura de *Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos* nos livra das atrações reducionistas, demonstrando que os tópicos pertinentes subsumidos no título apontam em direções diferentes, desde a economia à cultura. Mas sobretudo confirmam as interpretações que conferem aos afetos e à vulnerabilidade psíquica_ papéis decisivos no estabelecimento das condições propiciadoras para o desenvolvimento de práticas que envolvem riscos e violências.

Nesse sentido, não apenas os colegas das universidades e dos institutos de pesquisa se interessarão pela obra. Também os jornalistas e políticos, assim como os gestores públicos serão sensibilizados – além dos que militam pelos direitos humanos, dos líderes comunitários, e de todos aqueles e todas aquelas que se engajam nos debates públicos e vibram com os grandes dilemas que nos desafiam.

Miriam Abramovay e os demais autores(as) nos deram, como se vê, mais do que um importante estudo sobre as gangues de Brasília e das cidades satélite. O que temos diante de nós é uma interpelação dirigida a toda a cidadania e aos poderes públicos para que aposentemos os óculos caducos, enviesados e unilaterais, que só enxergam o claro-escuro maniqueísta da lei e da desordem. *Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos* nos oferece a rara oportunidade de debruçarmo-nos, humildadamente, sobre o campo nuançado que seu microscópio desvenda. À luz renovada desse olhar desarmado, aberto e sem preconceitos, todo um insuspeitado cenário urbano emerge, povoado por personagens que os estigmas condenaram à invisibilidade ou ao rótulo, duas formas de ignorar e rejeitar. Eis-nos, portanto, ante uma segunda chance: podemos entender, perceber, ver e fazer diferente (nós e os jovens). Não apenas os membros de gangues cometem violências; a sociedade, e não raro, antecipa-se e os supera². A rotulação uniformizante e acusatória representa uma de suas mais perversas modalidades. O livro mostra que não é necessário que seja assim. Cabe a nós, depois de lê-lo, comprovar que essas suas teses implícitas estão certas, o que concorreria para o aprofundamento da democracia brasileira e para a valorização de nossa própria humanidade.

² Refiro-me, por exemplo, às conclusões de minhas pesquisas, expostas em alguns de meus livros, como *Meu Casaco de General: 500 dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro* (Soares, L.E.-SP: Companhia das Letras, 2000); *Cabeça de Porco* (Soares, L.E.; Bill, MV; e Athayde, Celso), editado pela Objetiva (RJ: 2005) e *Legalidade Libertária* (Soares, L.E.-RJ: Lumen-Juris, 2006).

Prefácio 2

Celso Athayde³ e MV BILL⁴

Desde 1990 viajamos pelo país. Trocamos ideias, experiências, vimos de perto o que cada gente faz para se manter e sobreviver. Vimos as distorções sociais, os anseios da maioria, fizemos um raio-X na rede do tráfico, conhecemos os linhas de frente desse ramo tão cruel, em várias dessas quebradas por nós visitadas, os *FALCÕES*. Numa verdadeira cabeça de porco, eles, como muitos jovens, sonham com reconhecimento e auto-afirmação empunhando armas, espalhando medo, vigiando as vielas e ruas escuras, mas escondendo a fragilidade dessa faixa etária que sofre tanto pela ausência do Estado.

Este estudo muito se assemelha ao que vimos. Este trabalho, sobre as gangues e gênero, mostra uma realidade bem única do DF, onde jovens, meninos e meninas, que estão invisíveis aos olhos da sociedade, organizam em torno de siglas e nomes que são como famílias, onde se reconhecem e se sentem pertencentes a um mundo paralelo. Buscam fama, proteção, identidade e poder.

Tais “invisíveis” andam nas ruas em grupos, estão nas esquinas das periferias, embaixo dos blocos, nas escolas, articulam a banalidade às fantasias e tornam-se visíveis nos muros, nos pequenos e grandes delitos, nessas mesmas *quebradas*, nas *tags*, nas brigas e nos confrontos de defesa de territórios.

Este trabalho se apresenta de fundamental importância, além de chamar nossas responsabilidades para ampliarmos nossas discussões sobre o tema, e indica a importância de projetos, políticas públicas e ações para tal público pesquisado.

Com o objetivo de apresentar visões, respeitando as narrativas dos entrevistados, a pesquisa não condena os jovens, meninos e meninas, como também não torna romântica a participação deles nas gangues. Assim, a leitura do livro proporciona ao leitor um contato, embora indireto, com a realidade das gangues brasilienses, o que se faz importante para que as pessoas conheçam de forma mais clara a realidade de muitos jovens.

³ Secretário-Geral da Central Única das Favelas - CUFA, autor dos livros *Falcão Meninos e o Tráfico* e *Falcão Mulheres é o Tráfico*, co-autor de *Cabeça de Porco*

⁴ Repper e Fundador da Central Única das Favelas - CUFA, autor dos livros *Falcão Meninos e o Tráfico* e *Falcão Mulheres é o Tráfico*, co-autor de *Cabeça de Porco*.

Apresentação

A pesquisa “Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos”, realizada por meio de uma parceria entre a Secretaria de Direitos Humanos – SDH/PR e a Central Única de Favelas – CUFA/DF, e sob a coordenação da professora Miriam Abramovay, é uma iniciativa inovadora no campo da pesquisa sobre a violência e o comportamento de adolescentes e jovens. Ao explorar o cotidiano de diversas gangues de Brasília e, mais de perto, deitar um olhar sobre alguns de seus/suas participantes, “Gangues, Gênero e Juventudes” logra êxito em constituir o retrato de uma adolescência e juventude que vive no limiar entre o legal e o ilegal, assumindo a atitude transgressora atribuída a este segmento e levando-a às últimas consequências.

A multiplicação desses grupos, que ocorre em todo o País, frequentemente é tratada como um problema social. Entretanto, isto não pode ser dissociado do processo crescente de vitimização e vulnerabilidade desses sujeitos, que inclui, entre suas dramáticas estatísticas, o aumento das mortes por violência na faixa que vai dos 14 aos 16 anos em mais de 30% entre os anos de 1997 e 2007⁵. Em paralelo, o sentimento de pertença às gangues revelado pelos adolescentes e jovens no livro lhes deu o reconhecimento muitas vezes negado pela pobreza e pelo preconceito racial e de gênero. Os dados apontam também para a desmistificação do uso da violência apenas como forma de expressão e de exercício de poder/micro-poder, na medida em que, por meio dela, esses sujeitos confrontam o estigma social e desafiam a ordem estabelecida no espaço urbano e pelas convenções sociais.

Outro elemento de fôlego da pesquisa é o foco trazido na questão de gênero, iluminando a participação das meninas num espaço de características predominantemente masculinas. A sua existência no universo das gangues é detalhada com riqueza, revelando o lugar do feminino, e os preconceitos enfrentados dentro de um espaço já estigmatizado. Para completar, “Gangues, Gênero e Juventudes” trata ainda dos mecanismos adotados por elas para serem aceitas, alternando entre a realização das mesmas tarefas que os homens, incluindo atos de violência, ou se destacando por outros atributos. Aqui, não é de espantar que ocupe lugar especial a valorização da imagem e do corpo – o que lhes dá lugar de maior ou menor destaque dentro de uma gangue –, reproduzindo os parâmetros machistas da sociedade como um todo, embora com códigos identitários peculiares ao universo analisado.

Nesse sentido, um estudo como este que ora é lançado, se constitui em ferramenta fundamental para auxiliar gestores públicos na compreensão do fenômeno

5 Segundo dados do Mapa da Violência, 2010.

da violência letal e na formulação de políticas públicas que atuem nas causas do problema sem perder de vista a riqueza simbólica na forma de expressão desses adolescentes e jovens e reafirmem os direitos contidos nos instrumentos consagrados para a proteção integral desses sujeitos, fundado no direito à vida, à condição peculiar de desenvolvimento e à proteção integral das novas gerações.

No contexto de afirmação do Brasil como uma nação em acelerado desenvolvimento econômico e social, é mais do que urgente pautar o enfrentamento dessas questões, sob pena de que as alternativas conservadoras e repressivas se sobreponham à garantia dos direitos de crianças e adolescentes a conviver em espaços seguros e não-violentos.

Subsecretária Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
Carmen Silveira de Oliveira

Coordenadora Nacional do Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes
Ameaçados de Morte
Márcia Ustra Soares

Resumo

O livro *Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos* explora o universo das gangues de pichadores no Distrito Federal, analisando seus discursos e vivências. Apresenta um elenco variado de temas, com ênfase na questão de gênero e nas construções transversais de masculinidades e feminilidades. O estudo desenvolveu-se por meio da observação de campo, da realização de entrevistas e grupos focais, de contatos na rede virtual e de pesquisa bibliográfica.

As relações e representações de gênero assumem contornos específicos na cultura das gangues brasilienses, indicando configurações peculiares adotadas por seus integrantes, informadas também por códigos de resistência e de violência. Seu cotidiano, perpassado por pichações, festas (*frevos*), drogas e disputas entre gangues (*guerras*), complexifica-se ao incorporar novos espaços de interação, como a internet, estendendo-se para além da tradicional territorialidade das ruas e muros. A circulação por instituições, como família, escola e polícia – e os conflitos daí derivados – é igualmente investigada.

De um modo geral, esses grupos juvenis trazem marcadamente elementos como a busca por reconhecimento, a exaltação do sentimento de pertença e a aquisição de prestígio. Dentro desse contexto, enfatizam-se, nas dinâmicas entre e intra gangues, valores como coragem, fama e lealdade ao próprio grupo, os quais nor-teiam a proeminência conferida às identidades de *donas de rocha* e *sujeitos cabulosos*, categorias de feminino e de masculino que sintetizam o ideal do ser gangueiro.

Introdução

Em sintonia com a preocupação geral relacionada à situação de adolescentes e jovens no Brasil, a Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, sensível a essa temática e buscando aprofundar o conhecimento sobre os vários tipos de grupos juvenis existentes na nossa sociedade, apoiou um estudo sobre um determinado tipo de organização juvenil muito comum à realidade do Distrito Federal: as gangues.

O interesse em apreender os diferentes aspectos das várias juventudes orientou esta pesquisa, principalmente no trato da discussão sobre as relações de classe, as condições étnicas e mais minuciosamente as relações de gênero que permeiam esses grupos, além de atentar para as mais diversas trajetórias singularizadas por *habitus* delineados em situações de fronteira, e que costumam ser pouco conhecidos. Noticiários e relatórios policiais também foram utilizados como forma de melhor compreender a realidade destes atores.

Dessa forma, distintos setores da sociedade poderão ter acesso a um olhar mais atento quanto à complexidade da situação vivida pelos integrantes de gangues, aos diferentes sentidos atribuídos às situações experienciadas e a sua forma de ser e agir, permitindo, assim, maior reflexão sobre a responsabilidade social.

Várias instituições se mobilizaram com o propósito de auxiliar o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. O estudo contou com o apoio da RITLA – Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana – e com a presença da CUFA/DF, imprescindível para a realização deste estudo.

A intenção do trabalho foi mapear a realidade das gangues do Distrito Federal, aprofundando, assim, o conhecimento sobre um importante e peculiar setor da juventude, dando-lhes a palavra. Tornou-se possível mostrar as percepções desses jovens quanto aos modos de pensar e atuar, além de expor suas propostas. Com isso, o trabalho trouxe reflexões amplas sobre a violência e a construção social do ser adolescente e jovem. Abordou as relações sociais entre jovens e como nelas se modelam concepções e atitudes de gênero, além de questões como busca por respeito, *status*, pertencimento e construção de identidade. Ponderou-se sobre como esses adolescentes e jovens se relacionam com distintos construtos da sociedade: a família, a escola e a polícia, refletindo sobre os limites e possíveis alcances para que tais instituições influenciem de forma positiva as suas vidas.

O estudo caracteriza os jovens em gangues, a partir de seu contexto, lugar e tempo; registra ritmos de vida e trata de identificar os estímulos que os agrupam, assim como suas principais características sócio-demográficas e de associatividade, discutindo fraternias e competições.

O trabalho avança no sentido de mostrar como – ao estigmatizar as gangues e seus integrantes, não estabelecendo uma política de direitos para os mesmos e não aproveitando o seu potencial, inclusive para decolar outras trajetórias – pode-se cair em uma atitude de injustiça social e de criminalização, contribuindo para a reprodução de estereótipos, riscos, marginalização e violências.

Os jovens ingressam em gangues não simplesmente para buscar “uma situação de risco” ou por serem “antissociais”, mas sim por razões de ordem pessoal, emocional e de amizade, objetivando ter respeito, fama, proteção, poder e, algumas vezes, até mesmo ganhos de ordem material. Ou seja, em termos de valores-objetivos, enquadram-se na busca de um ideário comum aos nossos tempos: ter e aparecer, ainda que os persigam por caminhos condenados e perigosos para os outros e para si mesmos.

Considera-se que existe uma cultura juvenil característica destes tempos, que tem como propriedade a valorização do espetáculo, usando como cenário uma espécie de presente eterno. Essa cultura se constrói mais que por simples diferenças geracionais, busca características identitárias próprias, elabora críticas difusas aos parâmetros da sociedade quanto ao normal e o interdito, tentando afirmar singularidade em ritmo acelerado. Esses jovens usam expressões artísticas sempre com o norte da crítica, da diferença, mesmo reproduzindo muitos dos parâmetros do mercado da cultura política, insistem, tentam, buscam. Valoriza-se o imagético, a linguagem gráfica, trata-se de letras-corpos que lidam de suas formas com inseguranças várias e faltas de poder na macro-estrutura, territorializando no corpo ou no muro formas de ser e estar no mundo.

Essa cultura juvenil vem apresentando maior visibilidade nas últimas décadas, a partir das transformações ocorridas na sociedade. Não é, entretanto, homogênea. Varia de acordo com a situação de classe, gênero, raça, cenário dos lugares de residência e outros demarcadores sociais. Mesmo com tais parâmetros, não se pode estabelecer, *a priori*, que todos os jovens tenham o mesmo tipo de comportamento, ainda que, como no caso das gangues, a identidade coletiva, sua formatação e sentidos, se modelados, também formatam classe e gênero, por exemplo. Assim, espera-se que os/as jovens em gangues diferenciem-se por uma série de traços delineados em outros agrupamentos. O que interessa é combinar tendências com diversidades.

A pesquisa objetiva contribuir para um conhecimento mais aprofundado sobre os jovens - homens e mulheres em gangues - no tocante aos valores, percepções, representações, tipos de sociabilidade e de relações sociais, em especial de gênero. O estudo abrange as várias esferas da vida cotidiana desses atores, buscando-se, se não romantizar, muito menos demonizar as juventudes *gangueiras*.

Os jovens em gangues vêm de situações sociais diversas, ainda que muitos convivam com estados de pobreza ou privações, mas muitas de suas buscas se assemelham, principalmente quando o que se almeja é o reconhecimento. Desejam uma determinada representação na “sociedade de espetáculo” (DEBORD 1996) que, muitas vezes, os marginaliza. Canalizam, então, sua “energia juvenil” - adrenalina ainda com sinais trocados – para os caminhos da transgressão, vitimizando muitos, em particular os próprios pares.

O foco deste trabalho – as relações de gênero nas gangues – se justifica não somente por ser inovador, mas também por considerar que a presença das mulheres jovens em gangues ainda é tema pouco explorado na literatura nacional, o que contribui para certos estereótipos que depreciam a condição feminina.

Este livro é resultado da reunião de dados obtidos a partir de extenso trabalho de campo, com reflexões teórico-analíticas acerca das gangues. A estrutura do livro nos encaminha para a entrada em um mundo desconhecido para muitos – o das gangues brasileiras – desvendando seus mistérios e discutindo preconceitos que povoam o imaginário social.

A primeira parte aborda os aspectos teóricos e metodológicos. Relata o processo da pesquisa, apresentando as cosmovisões e práticas a partir de compreensões teóricas que respeitem o ponto de vista nativo e seu vocabulário de sentidos, frisando a importância de combinar em tais quadros compreensivos debates sobre redistribuição (ênfase de classe) e reconhecimento (ênfase de busca por prestígio). Discute-se a cultura da violência e a violência como linguagem e sociabilidade de jovens integrantes de gangues. Atenta-se para a questão de gênero e violência, com uma perspectiva do gênero como identidade relacional e não essencializada, evitando enclausurar ou fixar os/as jovens pesquisadas em estereótipos a-históricos e inadequados às novas dinâmicas de gênero.

Ainda nessa parte, realiza-se uma discussão sobre conceitos, a fim de caracterizar um cenário da literatura sobre o tema, e especificamente sobre a presença feminina nas gangues. Parte-se da literatura norte-americana, destacando-se, também, análises sobre as gangues na América Central e no Brasil.

O primeiro capítulo versa sobre história oral das gangues, relatada pelos próprios atores sociais. Nele, revela-se como foram fundadas as gangues, como se deu a escolha dos nomes, como é sua estrutura e organização, além de como são estabelecidos os papéis de liderança e especificamente de lideranças femininas.

O segundo capítulo trata das atividades comuns aos grupos, como a pichação e seus significados, as guerras entre as gangues, seus motivos e origem, e como, muitas vezes, as meninas são foco deste tipo de conflito. Ocupa-se, também de alguns hábitos, como o uso de drogas, as festas ou “*frevos*” e o papel da comunicação entre as gangues por meio da internet.

O capítulo de número três destaca as instituições de maior referência na vida dos jovens: família, escola e polícia. Chama atenção para a importância dada à família, desconstruindo o estigma das “famílias desestruturadas”, discutindo as reações dos pais ao conviverem com filhos participantes de gangues, a opinião dos jovens sobre suas famílias e sobre a “família de rua”. Nesse capítulo, elucida-se que a escola – ao invés de ser local alternativo e atrativo, e que poderia mostrar sentidos distintos do saber e do aprender, com sua função educativa, socializadora e protetora – aparece para os jovens *gangueiros* como espaço fechado para desenvolver novas perspectivas, apresentando, muitas vezes, políticas repressivas de expulsão. O gostar e o não gostar fazem parte dos diversos discursos, assim como a organização dos grupos dentro das escolas e as brigas do cotidiano. Ao se referirem à polícia, sobressaltam as críticas que respeito à força e repressão utilizadas quando são pegos pichando, utilizando drogas, o que demonstra um constante abuso de poder de alguns policiais, que ao invés de coibirem ações ilegais provoca revolta e mais enfrentamento.

As construções que circundam feminilidades e masculinidades no contexto das gangues juvenis são a temática do quarto capítulo. O prestígio dado às demonstrações de virilidade é bastante evidente nesses grupos, levando a certa valorização das provas de coragem, desafio, conquista das mulheres. Por sua vez, as representações sobre as mulheres podem tanto confirmar estereótipos de gênero, quanto desafiá-los, sendo analisadas ao longo do capítulo algumas das principais categorias identitárias que podem ser assumidas pelas integrantes. Tendo em vista as assimetrias de poder ainda verificadas nas relações de gênero nas gangues, as mulheres são levadas a adotar uma série de estratégias para permanecer no grupo e afastar de si os estigmas muitas vezes direcionados ao feminino.

Aspectos teóricos e metodológicos

A. Metodologia

A pesquisa segue caminho qualitativo e uma abordagem socioantropológica. O trabalho de campo foi um componente básico do estudo, tomando-se a imersão em campo como requisito para se adentrar no universo simbólico dos pesquisados. Correspondeu, desse modo, a uma fase intensa de pesquisa ao longo do ano de 2008, com incursões também em 2009, tendo sido realizadas interlocuções que envolveram 73 participantes (mantendo-se uma proporção relativamente equilibrada entre o número de jovens do sexo masculino e feminino). Contabilizaram-se, nesse processo, cerca de 15 grupos focais, 17 entrevistas (individuais e em grupo) e 12 incursões observatórias (reuniões, eventos sociais e encontros informais), assim como intensa comunicação por meio da internet (e-mail, Orkut e MSN) e telefone.

As primeiras entrevistas se deram antes mesmo do início oficial do estudo, em fins de 2007, facilitadas por um *rapper* de Brasília e pelo trabalho conjunto com a Central Única das Favelas (CUFA/DF). Ambos foram essenciais para a realização dos contatos iniciais, encaminhando a equipe para conversas com uma gangue na Ceilândia, a GAP (Guardiões da Arte Proibida). A partir daí, com a ajuda de um dos integrantes dessa mesma gangue, foi possível ter acesso às participantes femininas do grupo. Os demais contatos foram realizados no início de 2008, quando as redes sociais traçadas nessas primeiras reuniões possibilitaram novas aproximações ao campo de pesquisa. Nesse período foram também discutidas e definidas metas de ação, ponderando-se sobre os modos de inserção e respeito aos mandamentos éticos e metodológicos, a fim de que fossem garantidos a fidedignidade dos dados e o vínculo de confiança entre os pesquisados e os pesquisadores.

O primeiro passo foi um mapeamento das gangues em Brasília, desenvolvido principalmente por meio de pesquisa pela internet. A partir desse mapeamento prévio, as gangues efetivamente pesquisadas são as seguintes:

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• LUA (Legião Unida pela Arte),• GSL (Grafiteiros Sem Lei),• ENF (Escaladores Noturnos da Favela),• AG (Anjos Grafiteiros),• GDF (Grafiteiros do Distrito Federal),• GAP (Guardiões da Arte Proibida),• ET (Esquadrão Terrorista), | <ul style="list-style-type: none">• ECK (Escaladores da Caligrafia Kriminosa),• OLS (Organização Legião Satânica),• SDM (Só De Menor),• GSN (Grafiteiros Sanguinários Nortunos),• GNT (Grafiteiros Noturnos e Traficantes)• SLK (Seguidores da Lei do Crime) |
|--|---|

Os interlocutores de pesquisa foram contatados, de um modo geral, por meio de suas redes sociais de conhecimento, sendo a maioria dos encontros propiciada pela indicação e mediação daqueles entrevistados anteriormente. A metodologia de *networks* (BOTT, 1971) foi empregada, assim, como uma forma de estabelecer vínculos a partir dos laços pré-estabelecidos entre os sujeitos pesquisados, tendo em vista que o vínculo de confiança existente entre os pares facilita o acesso dos pesquisadores a outros informantes. Progressivamente, chegou-se a um círculo cada vez mais amplo de interlocutores.

Além das redes de contato, o trabalho da equipe de pesquisa com a CUFA foi outro ponto que permitiu um maior nível de confiabilidade dos entrevistados, configurando mais uma entrada importante. Agregando-se a isso, pode-se mencionar, ainda, o fato de uma das pesquisadoras já ter escrito um livro sobre o tema (ABRAMOVAY *et al*, 1999), do qual muitos deles já tinham ouvido falar ou lido. A expectativa de ser personagem de um livro sobre ele e ela, com seus testemunhos próprios, suas perspectivas, sua forma de ver a vida, traçar o nome das gangues, seu histórico e feitos, foi questão central de estímulo para a realização de grupos focais e entrevistas. Ao invés de evitarem o contato, preferiram participar com o interesse de dar visibilidade a si mesmo/a, e serem escutados por um outro que comumente o teme, recusa e não se aproxima.

Os atos descritos, ainda que não necessariamente vividos, são para os jovens em gangues marcas de poder, principalmente quando falam nos diversos tipos de violência vividas e praticadas, ainda que não reconhecidas socialmente. São formas de ser e se colocar na sociedade, mostrando sinais de pertença grupal. Foi por essa razão que as/os jovens *abriram o jogo*, contaram, relataram sem temor suas vidas, sua ligação com o que é legal e ilegal, suas fantasias e realidades.

Sobre as técnicas de pesquisa

Pode-se afirmar, quanto às características metodológicas, que as entrevistas e os grupos focais apresentam a vantagem de possibilitar que os próprios atores se expressem e evidenciem suas formas pessoais de composição de discurso, além de suas percepções, sentimentos e atitudes por meio do diálogo entre eles próprios e entre eles e o pesquisador.

O Grupo focal corresponde não apenas a uma série de interações, mas também a um processo de “produção” (IBÁNEZ, 2003) onde o grupo fala, reformula, conta, discute – tendo em conta o compromisso ético com os participantes. Nesse processo, o grupo vai tecendo diferentes valorações sobre o mundo, em que aparecem opiniões similares e contradições entre as diferentes formas de ver e estar nesse universo. É possível, também, que passem das vivências individualizadas

a uma memória coletivizada e múltipla de percepções e opiniões, sem que haja uma busca de consenso, mas uma dinâmica em que um comentário defronta-se ou dialoga com outro. O objetivo é, sobretudo, “mapear” falas.

Os grupos focais partem de uma perspectiva compreensiva da realidade, levando em conta percepções, sensações, impressões, motivações, crenças e valores dos sujeitos sobre o mundo exterior e sobre os diversos atores, inclusive sobre eles próprios, procurando apreender o significado das várias ações no contexto do cotidiano vivido, a fim de melhor entender um determinado fenômeno social. Aspectos observados em eventos ou abordados em grupos focais podem, posteriormente, ser aprofundados em entrevistas realizadas individualmente ou com grupos reduzidos – uma técnica que foi, no caso do estudo, bastante utilizada.

Utilizou-se dessa técnica na pesquisa de tal forma que muitas vezes os participantes adquiriram dinâmica própria, por vezes esquecendo a presença do moderador e levando a uma forma particular de diálogo. Esse foi um meio de o moderador se colocar no grupo, tornando-se, ao máximo possível, uma “pessoa invisível” ou com pouca visibilidade. Procura-se intervir quando há conflitos, quando alguém toma a palavra de maneira desigual ou quando se iniciam processos emocionais que criam situações as quais devem ser mediadas. Durante os grupos focais, a equipe vivenciou todos esses casos. Com alguns grupos e pessoas, os contatos foram mais regulares e aproximados, aprofundando-se mais suas histórias de vida e relatos de memória. Em certos casos, seguiu-se a trajetória dos jovens em sua vida privada e familiar, acompanhando desde partos até prisões. Tal aproximação reforçou vínculos e o sentimento de confiança em relação aos pesquisadores. Mais que relações de pesquisa, a interação teve sentidos próprios para os jovens que transferiam aos pesquisadores demanda por direitos que lhes são negados pela sociedade, como segurança, respeito, solidariedade, estímulo para estudar e concluir os estudos, além do fato de não terem espaço para serem escutados. Ou seja, sem paternalismos, desenvolveu-se uma ambiência de respeito e reconhecimento à humanidade desses jovens.

Foi possível acessar, dessa forma, detalhes do cotidiano, marcas pessoais e grupais, vivências de vários tipos, representações sobre os temas em discussão, o que possibilitou o acesso à realidade das gangues e à riqueza de várias opiniões acerca desse universo e das problemáticas envolvidas.

As narrativas produzidas por meio da utilização dessas técnicas foram complementadas igualmente pela pesquisa de observação participante, já que a presença do observador na situação social permite analisar o contexto e as interações face a face estabelecidas entre os diversos sujeitos do cenário investigado. A equipe de pesquisa presenciou, sempre que convidada pelos integrantes, diversas atividades,

como convivências familiares e coletivas, reuniões, cruciais dentro da organização e cosmologia das gangues, assim como locais de festas, shows e churrascos.

Ressalta-se, ainda, que, além do trabalho em campo propriamente dito, colocou-se em marcha um acompanhamento sistemático das interações estabelecidas no espaço virtual da internet – blogs, *sites* de relacionamento como o Orkut, fotologs, etc. Muitas das “façanhas” e eventos dos integrantes das gangues são divulgadas por meio de vídeos e de portais como o *Youtube*, tornando o ciberespaço um recurso cada vez mais utilizado nas atividades desses grupos juvenis. Justamente por isso, a equipe foi levada a criar email, perfil no Orkut e MSN específico para conversar com integrantes de gangues, sendo vários dos diálogos travados também por meio da rede de computadores. Contatos *online* eram estabelecidos, os quais foram fundamentais para revelar a linguagem usada na rede, os *nicks* ou apelidos, além de um maior entendimento sobre como se dão as formas de provocação mútua entre inimigos e, em contrapartida, os comentários de apoio aos aliados.

Ao combinar esses diferentes meios de aproximação e espaços de interlocução, procurou-se adotar uma perspectiva que propiciasse a apreensão do fenômeno das gangues de modo mais completo, levando-se em consideração as diversas faces e dimensões desses coletivos e suas maneiras próprias de se manifestar.

O trabalho de campo

Desde o início dos trabalhos, particularmente por meio de pesquisas contínuas na internet, a equipe de estudo conseguiu identificar cerca de 60 gangues existentes nas mais variadas regiões do DF. Observou-se que, em algumas delas, constatava-se a participação de mulheres e que, em muitos casos, havia a formação de uma “ala” feminina, geralmente designada pelo nome da gangue em conjunto com a letra “F” (ex: GSLF, LUAF, GAPF, etc.). A internet, porém, guarda registros de alas ou gangues que nem existem mais – visto que as dinâmicas de formação e extinção destas são fluidas e sujeitas a rápidas transformações –, devendo ser tratadas com certa reserva. Assim, paralelamente ao mapeamento pela rede virtual, grande esforço foi empregado quanto à abordagem face a face de integrantes de alguns desses grupos.

O caráter de clandestinidade e ilegalidade de várias das atividades levadas a cabo pelas gangues exigiu, para o andamento da pesquisa, o estabelecimento de vínculos de confiança, diretamente relacionados com a figura do pesquisador, com o tempo de interação entre equipe e participantes do estudo, com o processo de aproximação, expansão da rede social e referências relativas à equipe. Alguns contatos levaram meses e precisaram de repetidas tentativas de aproximação.

Estreitar laços tornou-se, assim, pré-requisito para que interlocutores se certificassem de que se tratava, de fato, de uma pesquisa e não, por exemplo, de uma investigação judicial, policial ou jornalística – um tipo de desconfiança comum. Também as possíveis implicações éticas envolvidas no projeto eram sempre esclarecidas, reafirmando-se o compromisso com a proteção do anonimato e com o consentimento livre e informado de todos os interlocutores.

Por outro lado, a equipe também adotou determinados cuidados para que sua inserção ocorresse da melhor forma possível, evitando riscos advindos, por exemplo, de eventuais brigas entre gangues, “acertos de conta”, confrontos com a polícia, etc. Os pesquisadores foram a campo acompanhados de interlocutores com quem já tinham contato anterior e, no geral, em duplas – não apenas por uma questão de proteção, mas também como apoio no desenvolvimento das entrevistas e demais interações com os participantes. De qualquer modo, o principal recurso na redução de possíveis riscos foi o vínculo de confiança estabelecido, tendo em vista o sentimento de segurança gerado pela amizade e aproximação com os sujeitos da pesquisa. Foi justamente essa confiança que possibilitou à equipe transitar, sem maiores receios, por lugares tidos como violentos e conhecidos pela presença de armas e tráfico de drogas.

Como há gangues aliadas e inimigas, o universo de contatos do interlocutor ficava restrito aos colegas da gangue e a conhecidos de gangues aliadas, exigindo esforço adicional por parte dos pesquisadores para contatar gangues inimigas daquelas já acessadas. O pesquisador precisava, ainda, administrar cuidadosamente os nomes de gangues, bem como dos integrantes abordados em uma conversa, para não cometer qualquer equívoco – o que demandou conhecimento profundo do “mapa” das gangues aliadas e inimigas, de um modo geral.

Os integrantes das gangues exigiam locais neutros para a realização das entrevistas, onde estivessem menos vulneráveis em relação, por exemplo, à abordagem de gangues inimigas ou da polícia. Solicitavam que as conversas ocorressem nos arredores de suas áreas de atuação, chamadas de *quebradas*, de modo que as entrevistas fossem realizadas em locais variados que atendessem a essas exigências, como quadras, praças públicas, *shopping centers* ou lanchonetes. Em outras ocasiões, devido principalmente à possibilidade de serem vistos por parentes ou pela polícia, as entrevistas ocorreram na própria casa de um dos integrantes, o que trouxe outras vantagens, como a redução de barulhos e do trânsito intenso de pessoas conhecidas.

Os encontros marcados entre pesquisadores e integrantes seguiram, de modo geral, o calendário estabelecido pelas gangues. Algumas incursões aproveitaram momentos como as reuniões coletivas das gangues, as quais servem para esse encontro eventual dos variados grupos dentro da mesma gangue, a fim de nivelar

informações, conhecer novos integrantes, organizar algumas ações em massa, como brigas e acertos de contas com outros grupos, além de homenagear os integrantes que mais se destacaram entre eles. A figura do destaque parece ser importante na conformação do prestígio dos integrantes da galera, em uma demonstração de coragem, habilidade e respeito. Geralmente se destaca quem brigou mais, quem pichou mais ou mesmo quem matou um inimigo.

Devido a esse calendário próprio dos grupos e às alterações que nele surgiam, muitas entrevistas foram remarçadas ou adiadas. Era comum que as reuniões fossem canceladas, muitas vezes em cima da hora, o que levava a alterações no próprio cronograma de pesquisa. Os encontros foram marcados não somente nos dias úteis, mas principalmente nos finais de semana, período de atividade ainda mais intensa das gangues. As mudanças no calendário geralmente ocorriam por motivos cotidianos, pequenos imprevistos que surgiam; contudo, houve casos em que reuniões e encontros foram desmarcados por questões mais graves, acontecimentos marcantes para os diferentes integrantes de gangue, como prisões e mortes de companheiros ou aliados. Esses acontecimentos geravam períodos de retração ou luto – seja pelo abalo psicológico e emocional de muitos, seja pelo receio ou medo de retaliações de maiores exposições.

Verificou-se uma grande importância, por parte dos sujeitos pesquisados, dada à seleção dos contatos, insistindo que a equipe de pesquisa realizasse entrevistas e grupos focais com as “pessoas certas”. Foram frequentes as falas de interlocutores, principalmente entre os mais antigos, de que seria fundamental que a equipe de pesquisa não conversasse com qualquer pessoa, haja vista que muita gente *não sabe de nada*. Ao que parecia, não apenas a credibilidade da pesquisa estaria em jogo – uma vez que “pesquisadores sérios” saberiam selecionar adequadamente seus entrevistados – como a própria imagem das gangues poderia ficar comprometida – pois as informações obtidas no estudo deveriam ser precisas e evitar, ao mesmo tempo, certas “distorções” indevidas.

A insistência em uma seleção mais rigorosa dos entrevistados revelava, ainda, alguma preocupação com a própria memória da gangue, tendo em vista que integrantes antigos, muitas vezes líderes ou fundadores, apresentavam uma relação mais próxima com a figura dos guardiões da memória (POLLAK 1989; 1992). Esta aparecia, assim, como uma forma de controlar como a gangue seria apresentada aos leigos e também ao público da *gangueragem*, expressando preocupação com os sentidos e representações que ficariam então ‘fixados’ no nome da gangue.

Os contatos com as mulheres integrantes de gangue foram bastante ricos, mas a aproximação inicial a elas mostrou-se, no geral, relativamente trabalhosa e demorada. Esse aspecto relaciona-se particularmente ao fato de a maioria desses contatos ter sido possível somente após conversas com alguns integrantes masculinos

do respectivo coletivo. Raramente se conseguia ter um primeiro diálogo diretamente com a ala feminina, sendo necessário um percurso mais longo para se aproximar dela. A preocupação era obter uma participação mais ou menos equilibrada entre homens e mulheres no estudo, possibilitando um olhar que não ‘invisibilizasse’ qualquer segmento, ainda que minoritário.

A própria perspectiva adotada pela pesquisa, a qual enfatiza o aspecto relacional do gênero, demandou que ambos os segmentos, masculino e feminino, fossem estudados. Partiu-se do princípio de que era fundamental apreender as diferentes percepções que homens e mulheres têm de si mesmos(as) e os seus significados acerca das conformações de gênero, os quais são forjados também nas suas próprias interações e estão associados às diferentes posicionalidades que os atores assumem no espaço social (MACHADO, 2000). Nesse ponto, assume-se que não necessariamente exista um sentido consensual, fechado e compartilhado por todos, homens e mulheres, sendo as divergências entre os lugares de fala um aspecto primordial em questão, o que, no caso, foi possível detectar logo nos primeiros encontros com as gangues.

O campo revelou ser essencial à contraposição ou comparação entre as percepções de garotas e garotos sobre os diferentes sentidos de se “estar na gangue” e as atribuições e funções tipificadas como “femininas” ou “masculinas”, a fim de uma compreensão das tensões, ambiguidades e antinomias presentes nas relações entre os gêneros nesse meio da *gangueragem*. O trabalho foi ganhando proporções consideravelmente maiores que as inicialmente previstas, fazendo-se necessário abarcar um universo amplo de interlocutores entrevistados, como meninas integrantes, meninos integrantes, meninas líderes, meninos líderes, e, ainda, ex-integrantes, integrantes com mais tempo de gangue e integrantes com menos tempo.

A estratégia empregada pelo grupo de pesquisa foi a de realizar grupos exclusivamente de meninas, grupos somente de meninos e grupos mistos, já que cada um desses tipos viabilizou a expressão de significados e dinâmicas específicas. De fato, a sistemática de formar três tipos de grupos para entrevistas segundo composição por sexo resultou importante, pois as meninas tendiam a se calar ou pouco falar na presença de meninos, mesmo quando na posição de líder feminina (líder “F”) – o que talvez já indicasse determinados códigos por gênero, inclusive de silenciamento e intimidação.

A equipe de pesquisa manteve contatos telefônicos e via internet contínuos, para que os elos já existentes não se perdessem, e novos fossem criados. A demanda por comunicação, após o vínculo de confiança ser estabelecido, passou também a seguir o sentido inverso, ou seja, a procura do grupo de estudos por parte dos sujeitos pesquisados em diversas ocasiões.

As motivações eram variadas, como, por exemplo, a perspectiva de que o contato com pesquisadores – com maior acesso a capital social e a outros recursos – pudesse minimizar algumas necessidades imediatas. O contato durante a etapa de campo chegou a ser diário, frequentemente seguido de solicitações diversas (apoio econômico, ajuda com advogados, pedido de informações, visita a prisões, ajuda na relação com as instituições, como escolas, entre outros).

Pode-se pensar o processo de pesquisa em termos de circulação de dádiva, no sentido desenvolvido por Mauss (1974). A lógica de pesquisa é regida pela tríade dar-receber-retribuir, evitando situações de dependência e falsas expectativas. O sujeito pesquisado oferece informações e dados ao pesquisador, que os recebe e pode, assim, construir não apenas a pesquisa, mas sua própria identidade profissional. A retribuição é não só esperada como obrigatória e fundamental para o estabelecimento de relações efetivas: se o pesquisado oferece informações e inserção em campo, o pesquisador oferece informações de outra espécie, inserção em outros campos e vantagens outras. É importante frisar que a dádiva é muito mais do que a troca material de bens e serviços. É, isto sim, o próprio constituinte das relações sociais. O ciclo de dar, receber e retribuir, perpassado pela temporalidade, é o que constrói e possibilita as interações entre pessoas.

Ética de pesquisa

A busca por preservar as identidades dos participantes da pesquisa foi uma preocupação fundamental durante todo o estudo. Absolutamente todas as entrevistas e grupos focais foram realizados somente após a apresentação dos pesquisadores; a explicação da natureza da pesquisa, seus objetivos e metodologia; a garantia do anonimato e da confidencialidade dos depoimentos; e o livre consentimento dos participantes.

A preocupação com as implicações legais de determinadas atividades narradas e o compromisso ético da equipe de pesquisa em evitar qualquer dano previsível aos participantes do estudo levaram à adoção de algumas estratégias: os nomes dos participantes e seus respectivos apelidos de gangue não são divulgados. Mas se procede a uma análise dos possíveis sentidos de tais apelidos e do processo de nomeação, suas marcas de gênero e poder.

A defesa do anonimato não foi, contudo, uma estratégia consensual no meio pesquisado: muitos dos entrevistados reclamaram de tal decisão, defendendo que seus apelidos de gangues deveriam ser efetivamente divulgados. Para alguns, participar da pesquisa significava, inclusive, ter a oportunidade de tornar mais públicos seus apelidos e suas gangues uma vez que – como será abordado posteriormente – *fazer*

fama é de grande importância entre *gangueiros*. Estar em publicações diversas ou ocupar espaço na mídia é, no geral, um feito bastante valorizado. Não é por menos que tantos membros de gangues são também colaboradores ativos de fotologs e blogs na internet onde divulgam não apenas seus apelidos, mas também fotos pessoais e de pichações em locais variados.

A seguir, reflete-se sobre referências teóricas, literatura vasta, sobre temas nucleares para a pesquisa, como reconhecimento, sociedade de espetáculo, violência, juventude e gênero.

B. Algumas contribuições das teorias sobre o falar nativo e da redistribuição e do reconhecimento para a pesquisa

O quadro de referências teóricas subjacente à nossa leitura dos discursos nativos se entrelaça com a ética da pesquisa de respeitar o vocabulário de sentidos dos jovens entrevistados, considerando que a linguagem não é neutra, ou separada de conteúdos. Alinha-se, assim, a autores da chamada Teoria Fundamentada nos Dados (*grounded theory*)⁶, pela qual se retiram do campo elementos para teorização, considerando o falar nativo. Mas observamos que muito há que mais pesquisar sentidos na expressão de jovens que circulam por grupos quase endogâmicos, como as gangues, quando a palavra é símbolo de pertença, comunicação e de diferenciação em relação aos outros.

A partir de uma imersão nos dados oriundos das entrevistas, grupos focais e observações, determinados debates correntes em ciências sociais nos foram sugeridos. Insistimos, assim, na propriedade dos debates sobre *classe* e *status*, ou como mais se discute hoje sobre *redistribuição* e *reconhecimento*. Taylor e Honneth (*apud* MATTOS 2006), por exemplo, autores que se destacam juntamente com Fraser (*apud* CASTRO 2008) em tais teorias, enfatizam o lugar da justiça social, da dignidade, das lutas por reconhecimento como embaralhadas à formatação da economia política.

⁶ “O pesquisador deseioso de trabalhar dentro da metodologia Teoria Fundamentada nos Dados aproxima-se do assunto a ser investigado sem uma teoria a ser testada mas, pelo contrário, com o desejo de entender uma determinada situação e como e por que seus participantes agem de determinada maneira, como e por que determinado fenômeno ou situação se desdobra deste ou daquele modo. Por meio de métodos variados de coletas de dados, reúne-se um volume de informações sobre o fenômeno observado. Comparando-as, codificando-as, extraindo as regularidades, enfim, seguindo detalhados métodos de extração de sentido destas informações, o pesquisador termina então, nas suas conclusões, com algumas teorias que emergiram desta análise rigorosa e sistemática, razão pela qual a metodologia intitula-se Teoria Fundamentada nos Dados (“*grounded*” = apoiada, fundamentada, sustentada (pelos dados))”. Ver, entre outros autores, Strauss & Corbin (1997).

Pode-se não concordar com as formas pelas quais os jovens em gangues buscam prestígio e a inscrição no privilegiado grupo dos que possuem coisas, mas o que se acentua é que a procura por reconhecimento, respeito e fama é uma constante nas ações de *gangueiros*.

Dessa forma, tenta-se sair do lugar comum, codificando os jovens em gangues não somente como vítimas da pobreza, uma vez que nem todo pobre é *gangueiro* e nem todo *gangueiro* é pobre, ou etiquetar sentidos de protestos conscientes, “cidadania ativa”, pois muitos mais enfatizam o sentido de transgressão e fama, em particular frente aos pares, do que uma crítica sistêmica – embora haja os que a façam.

Portanto, joga-se implicitamente com o conceito de classe não como posição no lugar da distribuição de bens e serviços ou no modo de produção, mas como uma formação social, organização da economia política apoiada em desigualdades e em uma cultura que se orienta pelo espetáculo e pela lógica de consumo. Em razão disso, criam-se expectativas de logro, de aparência, de se mostrar, que monta cenários propícios a que jovens queiram, como seja, ter e ostentar símbolos de prestígio instituídos pela sociedade, como um tênis de marca ou ser manchete nos jornais, nem que seja pelo veículo possível, a página de crimes.

Sobre a aparência e os seus múltiplos sentidos para os jovens, vale retomar escritos anteriores em que se recusa que os jovens apenas se interessam pela aparência, pelo ingresso na sociedade de consumo, ou somente por futilidades.

Outra contribuição teórica que colabora com a compreensão de sentidos para a *gangueirarem* é o construto da *modernidade líquida*, que deriva na individualização fragmentada, inconstância e fluidez nas relações, que tende a criar um novo tipo de vínculo com o outro – sustentada por uma economia política baseada em desigualdades e explorações (BAUMAN, 2006). A desconsideração do direito do outro, o não reconhecimento ativo da alteridade, para alguns autores, seria a negação da ética (SEGATO, 2006) e para outros, uma ética própria dos dias atuais, ou uma modernidade líquida orientada pelo individualismo e consumo.

Entre os jovens em gangues, a mulher, mesmo companheira de galera, é muitas vezes um outro quanto aos privilégios masculinos; o jovem de outra gangue rival, por seu turno, é *cabrito*⁷ (denominação dada àquele que pertence à gangue inimiga); a vítima de um roubo ou crime que praticam, *um otário*, o perdedor em um jogo, da vida, em que só há os que ganham e os que perdem; e os que não andam na linha,

⁷ O tom pejorativo com o qual se trata o rival é evidente. O *cabrito* simbolicamente parece remeter a uma classificação de animais na qual sobressaem aspectos como a incapacidade de responder sem alarde a situações de perigo, a traição, a falta de lealdade, além do mau odor e da sujeira.

os que traem, segundo as regras da gangue, são os que *cabritam* – deixam de ser um deles e devem ser punidos (*cobrados*).

Segato (2006) ressalta o reconhecimento ativo da alteridade, do outro/da outra, ao conceituar ética, segundo Drucilla Cornell (*apud* SEGATO, 2006):

Ética, tal como a defino, não é um sistema de regras de comportamento nem um sistema de padrões positivos a partir dos quais é possível justificar a desaprovação dos outros. É, sobretudo, uma atitude com relação ao que é alheio. Para definir esse outro capaz de orientar a atitude ética, Cornell ampara-se nas noções de falibilidade e assombro, do filósofo pragmático americano Charles Pierce. Essas noções implicam uma abertura, uma exposição voluntária ao desafio e à perplexidade simplista a nossas certezas, pelo mundo dos outros: é o limite imposto pelos outros, pelo que é alheio a nossos valores e às categorias que organizam nossa realidade, causando-nos perplexidade e mostrando sua falibilidade, seu caráter contingente e, portanto, arbitrário. O importante aqui é o papel da alteridade com sua resistência a confirmar nosso mundo, as bases de nossa comunidade moral. (CORNELL, 1995, p. 78-79)

Tal formação de ética pode ir além de tolerâncias ou direitos humanos tutelados, mas reconhecer o outro e a outra como sujeito interlocutor, com voz própria, o que no caso dos jovens, principalmente de grupos categorizados como “sem saída”, depara-se com o muro da arrogância do Estado e da sociedade dominante, que não os compreende, mas julgando antes de buscar diálogos, considerando-os como os outros da sociedade.

De fato, a possibilidade de diálogos simétricos como estratégia de direitos humanos que combinem a universalidade da orientação por justiça social e a valorização da diferença, da singularidade cultural, segundo Segato (2006), encontraria delineamento estratégico em Boaventura de Sousa Santos (2002, cit in Segato op cit e CASTRO, 2008), que recorre ao conceito de *hermenêutica diatópica* como básico a um *diálogo intercultural dos direitos* e a construção de uma *versão multicultural dos direitos humanos*:

A ideia, em síntese, é a de que todas as culturas são, em grande medida, incompletas e o diálogo entre elas pode avançar precisamente a partir dessa incompletude, desenvolvendo a consciência de suas imperfeições. [...] Para Boaventura de Sousa Santos pode-se construir gradativamente um ‘multiculturalismo progressista’ com base em uma conversação transcultural, em uma hermenêutica diatópica – conceito que na realidade, nosso autor toma de Raimundo Panikkar (1983), pela qual cada povo esteja disposto a se expor ao olhar do outro, um olhar que lhe mostre as debilidades de suas concepções e lhe aponte as carências de seu sistema de valores (SEGATO, 2006, pg. 218-219)

Ora, tal estranhamento do ‘nosso mundo’ para aprender com o/a outro/a pressupõe que nas relações sociais não haja interesses de dominação, elementos que sustentem uma produção e redistribuição que se nutram também do não reconhecimento.

As diferenças entre Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser para uma concepção que articule reconhecimento e redistribuição – *status* e classe, segundo Fraser– pedem um espaço maior, pesquisa própria (ver MATTOS, 2006; FRASER & HONNETH, 2003 – entre outros) pela complexidade de argumentos que adentram a filosofia, a sociologia e a política, e assim evitar simplificações (CASTRO, 2008). Contudo, para este trabalho importa registrar que há que mais avaliar a potencialidade de conflitos e reivindicações por reconhecimento, o que segundo Fraser resgataria clássicos debates na sociologia sobre *status* e classe em Weber, economia e cultura no marxismo, ética e justiça social em Hegel e Kant e micro e macro orientações ou self e sociedade (esses mais discutidos em Honneth e Taylor, in MATTOS, 2006), como também o lugar e formatação dos agrupamentos na sociedade e como esses podem ou não vir a se transformar em movimentos sociais (mais discutido por Taylor e por Fraser, in FRASER & HONNETH, 2003).

Quando Taylor diz que o problema das democracias contemporâneas liberais é a fragmentação política, o que se deve entender é um contexto no qual os membros do Estado passam a se identificar com preocupações de grupos específicos ao invés de se preocuparem e se identificarem com questões relativas à sociedade como um todo. [...] A fragmentação política possui muitas causas, mas nas sociedades democráticas liberais ela é frequentemente dirigida pelas lutas por reconhecimento. (MATTOS, 2006, p. 102)

Reflexões de Taylor sobre a fragmentação e a questão do multiculturalismo seriam apropriadas para o debate sobre direitos humanos dos jovens em geral, os porquês das transgressões dos jovens em gangues e como subordinam um ao outro. As gangues são construtos de um processo de multiculturalismo, ou seja, representam culturas com códigos próprios, mas são parte, integram uma sociedade mais ampla, uma cultura que empodera os que estão em baixo holofote, que se destacam no espetáculo. Lembramos assim as contribuições de Segato e Boaventura de Souza Santos (in SEGATO, 2003) quanto à necessidade de uma ética de comunicação intercultural, em que o outro se re-apresenta, reivindicando suas necessidades de reconhecimento por dignidade e perfilhação cultural e que por sua vez se ressocialize em reconhecer o outro, a outra.

A descentralização tanto das esferas de poder quanto da esfera pública propiciaria uma ampliação do debate, sendo uma das condições básicas para o exercício da democracia.

Outro problema que os regimes democráticos enfrentam, também como consequência da questão da fragmentação, é como resolver o problema do multiculturalismo. Um grupo ou comunidade cultural se sente não reconhecido pela sociedade mais ampla. Isso cria um sentido de mágoa e exclusão que compromete o ideal democrático de que todos os grupos sejam igualmente ouvidos. O tipo de política que tende a surgir desse tipo de exclusão rejeita a construção de coalizões em torno de alguma concepção de bem comum. (TAYLOR, 2000 cit in MATTOS, 2006, p. 118)

Para Taylor, o multiculturalismo seria um desafio para a realização da democracia, já que segundo ele nossa identidade “é moldada, em grande parte, pelo reconhecimento ou pela ausência dele” (TAYLOR in MATTOS, 2006, p. 125), o que derivaria em introjeção de baixa auto-estima e sentimento de exclusão, gerando efeitos negativos no plano privado e público: “é praticamente impossível que uma pessoa que não se enxergue digna de respeito e admiração possa ter qualquer espécie de participação na esfera pública” (MATTOS, 2006, p. 125).

Há necessidade de reconhecimento do igual valor de diferentes culturas, etnias e gênero. Elas [políticas de ação afirmativa] acabam gerando um processo apenas de redistribuição de renda, separando, assim, as esferas da economia e da cultura. O problema desse tipo de política é que se imagina que depois de terem sido reparadas as injustiças historicamente desenvolvidas, cessa-se a necessidade de qualquer reconhecimento de especificidades. Contudo, a base do problema do reconhecimento é que ele é fundamental para o desenvolvimento de nossa identidade, portanto, não possui um prazo de vigência, devendo estar sempre tendo garantias das condições para o exercício indefinido de sua particularidade (TAYLOR, 2000 in MATTOS, 2006, p. 129)

Os autores citados que debatem sobre reconhecimento concordam que o cerne da política da dignidade é a ideia de que todo ser humano é digno de respeito, mesmo os que circulam por culturas de transgressão. Esse se torna, para fins do presente estudo, um ponto crucial de referência para o entendimento dos contextos das relações entre gangues.

Um tipo de reconhecimento que os jovens em gangues enfatizam é o “ter fama”, “ser conhecido”. Assim, na seção seguinte discute-se *A sociedade do espetáculo*, de Debord (1997).

Visibilidade e fama - *A sociedade do espetáculo*

Destaca-se nesta pesquisa que fama, “aparecer”, ser reconhecido pelo outro, principalmente na comunidade dos pares, é norte nos discursos dos jovens em gangues. Considera-se que as contribuições de Debord (*idem*) são bases de decolagem

compreensiva sobre esse *ethos* cultural contemporâneo, ou seja, que ultrapassa a territorialidade das gangues, como se discute a seguir.

A sociedade do espetáculo (1997) é apresentada na forma de aforismos, constituindo-se em uma reflexão original sobre a sociedade contemporânea. Debord (*idem*) apresenta uma relação dialética entre o conceito de mercadoria e de imagem.

Segundo Jappe (1999), Debord (1997), utilizando os conceitos de Marx e de Lukács, busca construir uma teoria que possa compreender e combater uma forma particular de fetichismo que nasceu nesse meio tempo, que ele chama de espetáculo (p. 17).

No primeiro aforismo do livro, o autor discute a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção, o que se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação⁸.

Na sociedade do espetáculo as imagens ocuparam o cotidiano numa escala industrial. Nesse processo há um desenvolvimento da capacidade da mercadoria em adquirir características não corpóreas: imagem virou mercadoria e vice-versa, em um “entrelaçamento entre o modo de produção e sua representação”.

As ideias de Debord (*idem*) sobre a sociedade atual são apresentadas a partir do conceito do espetáculo entendido como separação, o afastamento do mundo vivido em imagens que o representam, criando um mundo de imagens autonomizadas, que escapam ao controle do ser humano. Afirma também que, da mesma maneira que o trabalhador, separado não só do produto de seu trabalho como do processo de produção, perde a visão unitária sobre sua atividade, o indivíduo perde, na sociedade do espetáculo, a visão da totalidade, da unidade do mundo. Segundo o autor, a separação faz parte dessa unidade, pois a própria “práxis social global se cindiu em realidade e imagem“ (*SdE*, §7).

Essa cisão faz o espetáculo aparecer como finalidade do modo de produção reinante, quando na verdade o espetáculo é muito mais seu modo de funcionamento: o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens (*SdE*, §4 BELLONI, 2003).

Debord (1997) aponta que a lógica da produção industrial e do consumo de massas, com sua “presença permanente”, ocupa o tempo livre do indivíduo das mais variadas formas de produtos espetaculares: informação, lazer, publicidade (*SdE*, § 6). É importante ressaltar que Debord (*idem*), não estava se referindo apenas

⁸ Jappe (2005) frase grifada acima é uma revisão da primeira frase do *Capital*, de Marx, substituindo o conceito de *mercadoria* pelo de *espetáculo*. Isso denotaria, também segundo Jappe, “que o espetáculo do qual fala Debord é um estágio no desenvolvimento da mercadoria” (p. 269)

aos meios de comunicação de massa, ao apontar a “manifestação superficial mais esmagadora” da sociedade do espetáculo. Essa manifestação, todavia, faz parte da totalidade e é a mais espetacular e, por isso, parece invadir a sociedade como “instrumentação que convém a seu automovimento total” (*SdE*, §24).

A alienação⁹ é um dos grandes focos da reflexão do autor, assim apresenta as mídias como potencializadoras ou mesmo produtoras da falsa consciência. A sociedade hegemônica domina o planeta enquanto sociedade do espetáculo, impondo uma “divisão mundial das tarefas espetaculares” (*SdE*, §57). A um só tempo, a representação e a imagem tornam-se instrumento e finalidade do espetáculo. O tempo e o espaço são ressignificados, considerando que o espetáculo é disseminado em todos os lugares. “(...) o espetáculo não é outra coisa senão o sentido da prática total de uma formação econômico-social, o seu emprego do tempo. É o momento histórico que nos contém” (*SdE*, §11).

O que é espetacularizado, o que tem visibilidade, é o que tem importância, assim “O que aparece é bom, o que é bom aparece”. Debord (*idem*, p. 13). Desta forma, a fama é o valor máximo da vida sob o espetáculo.

O mundo real confunde-se com as imagens, que são valorizadas e tornam-se ícones de poder. Os comportamentos dos seres humanos passam a ser regidos por essa lógica: lá onde o mundo real se converte em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico (*SdE*, §18). Nesta perspectiva, as noções de tempo, espaço, real, vivido são relativizadas e permeadas pelo significado da imagem.

É quando ser *gangueiro*, imagem construída na interação não somente entre pares, mas em uma sociedade dada: a contemporânea, ultrapassa e esfumaça a identidade de cidadão e cidadã, ressaltando-se propriedades que parecem singulares, mas que buscam o “aparecer” principalmente para alguns, e também para todos(as), na sociedade que de alguma forma também os fabrica.

Eles/as são o espetáculo, produzem o espetáculo a seu jeito, mas nem tão desassociados de parâmetros que recebem reconhecimento, quer na realidade “real”, quer na virtual, e cada vez mais nessa.

É comum na literatura sobre juventude ressaltar que violência é construto de fama, de poder, de busca por reconhecimento. A seguir, algumas reflexões sobre o tema.

⁹ A ressignificação do conceito marxista de alienação é central para a compreensão do que é espetáculo para Debord (1997) e os situacionistas, que destacam a evolução histórica desse fenômeno, caracterizado como uma degradação que vai do “ser” pré-moderno ao “ter” capitalista, típico da modernidade, para chegar ao “parecer” do espetáculo. Essa evolução significa o empobrecimento da vida cotidiana (mundo vivido), fragmentado em esferas cada vez mais separadas. (BELLONI, 2003)

Violência e Juventude

A fragmentação da subjetividade surge como uma nova forma de ser, que enfatiza a exterioridade e o autocentramento – cultura do narcisismo¹⁰ e pela sociedade do espetáculo¹¹ – e é desinvestida das trocas inter-humanas. Nesta perspectiva, os processos de subjetivação contemporâneos (BAUMAN, 2004; BIRMAN, 1999) são balizados pelo hedonismo, pelo imediatismo, pelo consumismo exacerbado e pela liquidez na articulação do laço social.

Neste quadro que se delinea na atualidade, a violência, literalmente toma corpo. O sujeito produzido pela cultura de massa, também pela ausência de projetos sociais compartilhados, pode encarar o outro apenas como objeto. A violência, geralmente, caracteriza-se pela competição, pela pretensão de o sujeito perceber-se como o melhor e de funcionar como um predador do corpo do outro para o usufruto próprio.

A exclusão social – ou inclusão marginal, a disseminação da violência, a ruptura de laços sociais aponta para a “desfiliação” de algumas categorias sociais, como a juventude. Segundo Pais (2001):

Nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições dos jovens assemelhavam-se a viagens de comboios nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificações acadêmicas, embarcavam em diferentes comboios com destinos pré-determinados. (PAIS, p. 10)

[Atualmente] o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto da vida, como num labirinto rodoviário, surgem frequentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parecem já ter sido cruzados, várias vezes passados: essa retomada de caminhos que parecem que provoca uma sensação de perda, de confusão. (PAIS, p. 10)

Como pensar a construção das subjetividades e da sociabilidade de jovens que desde muito cedo são rotulados e sobrevivem através, e apesar dos clichês, dos estereótipos de pobres, negros e/ou perigosos?

Na realidade atual, muitos tipos de violência surgem como forma de expressão. A violência muda, e a mudança está também nas representações do fenômeno. Se frequentes e numerosos esforços são empreendidos no sentido de fornecer uma apresentação objetiva, convertida em cifras, da violência – estatísticas de crimes, de delinquência, de motins, etc. – esta também não deixa de ser altamente subjetiva,

¹⁰ LASH, 1990.

¹¹ DEBORD, 1997.

ela é aquilo que em um dado momento uma pessoa, um grupo, uma sociedade considera como tal.

Wieviorka (1997) apresenta três principais abordagens da violência: a mais clássica é aquela que insiste na ideia de que a violência é uma conduta de crise, uma resposta a mudanças na situação do ator ou dos atores, que reage principalmente pela frustração. Esta abordagem é, sobretudo, de pesquisadores funcionalistas.

Em um segundo tipo de análise, tese dita da “mobilização dos recursos”, que recorrem a esse autor, e a outros, a violência é uma conduta que nada mais é que um recurso mobilizado por atores como um meio para atingir seus fins. Na maior parte do tempo, essa ideia serve para explicar como atores excluídos do campo político utilizam a violência para penetrar e se manter. Tal pensamento apresenta a vantagem de não mais reduzir a violência à imagem de uma conduta de crise, reativa; faz do ator violento um personagem consciente do que está em jogo em sua ação, a qual, ela mesma, faz sentido; defende que, na análise, não se separe a violência do conflito mais geral no qual ela eventualmente surge: uma greve operária, ou manifestação camponesa, por exemplo. Ela apresenta uma força explicativa não negligenciável, tanto que com frequência a violência é instrumental.

Uma última linha clássica de abordagem postula um vínculo entre cultura e violência. Certos autores fazem da cultura, ou antes, da civilização, o contrário da violência, como Norbert Elias (1990). Outros insistem nos vínculos entre certas culturas e a violência, eventualmente por intermédio da socialização e da educação – em referência, por exemplo, ao célebre estudo de Adorno e Horkheimer (1986) sobre o antissemitismo. Um problema com a ideia de vínculo entre cultura e violência é quando a análise deixa de lado todas as mediações políticas e sociais, e também a espessura histórica que pode separar o momento em que se forja uma personalidade e aquele em que ela passa ao ato.

Cultura da violência

Alguns autores tem discutido a complexa questão da violência, a partir da cultura da violência (FREIRE COSTA, 1993; ROCHA, 1998; MARCONDES FILHO, 2001).

Freire Costa (1993) afirma que a cultura da violência segue regras próprias e expõe os indivíduos a constantes danos físicos e morais, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Pressupõe que só a força resolve os conflitos emergentes no dia a dia. Assim, constrói-se a ideia de que a brutalidade é inevitável e a violência, um fenômeno necessário à nossa vida.

O autor aponta que para a constituição da cultura da violência é necessário que a ela se torne corriqueira. A sua proliferação indiscriminada demonstra que as leis perderam o poder normativo e os meios legais deixam de ser reconhecidos como formas legítimas de coerção, conseqüentemente a lei deixa de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Cria-se um vácuo, no qual indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. Relativiza-se desta forma o conceito de crime. Cada um age segundo os seus preceitos, assim ninguém se julga fora da lei. O que Hannah Arendt (1976), em uma outra perspectiva, denominou de a “banalidade do mal”.

Outro componente da cultura da violência, segundo Freire Costa (1993), é a expectativa de que só a força bruta resolve conflitos, construindo assim uma nova hierarquia moral. O mundo passa a ser categorizado entre fracos e fortes, nessa relação no lugar do agressor é depositado temor e ódio e quem ocupa o lugar da vítima constitui-se objeto de desprezo e indiferença por parte do agressor. Desta forma, a lógica da brutalidade nivela por baixo os sentimentos. Nesta perspectiva, sentimentos como compaixão, consideração, culpa ou responsabilidade diante do semelhante desaparecem do vocabulário.

O não discernimento do que é risco real ou potencial é, segundo Freire Costa (idem), outro componente constitutivo da cultura da violência. A vulnerabilidade frente ao risco torna-se uma constante na vida dos indivíduos. O clima de insegurança e o medo de ser agredido começam a ser generalizados. Os indivíduos passam a encontrar inimigos em todos os lugares e a violência como forma de defesa ou de ataque torna-se um elemento importante. A palavra violência vira uma entidade. O invisível e imprevisível parecem dessa maneira corporificar-se. A sensação de insegurança e o medo tornam os indivíduos mais vulneráveis e impotentes para lidar com esta realidade. O autor reflete sobre a ideia de que a violência é um problema insolúvel, é mais um elemento constitutivo da cultura da violência, que tem como fomentador o medo.

O autor conclui que em sociedades capitalistas, individualistas, competitivas, abertas à mobilidade social e que giram em torno do dinheiro e da ostentação de classe, a violência pode tornar-se um meio de obter o que se deseja se com integridade, honestidade e trabalho isso se revelar impossível. Marcondes Filho (2001) afirma que há uma cultura da violência, considerando a cultura como *habitus*¹². *Habitus* são

¹² Pierre Bourdieu distingue o *habitus* do campo social e do capital simbólico. No primeiro se constitui a cultura do indivíduo, formada pela escola e pelo meio social em que vive; lá se constituem os gostos e os diferentes estilos de vida. No campo social identifica-se a presença de “mercados” e diferentes formas de “capital”, como o econômico, o corporal, o cultural, o escolar, o social, o simbólico. É den-

disposições que são incorporadas e orientam a ação no espaço social.

A cultura da violência se realiza de inúmeras maneiras, sendo que algumas ocorrem de uma forma exemplar, como no caso brasileiro:

Violência como regra de conduta, como código, no anonimato urbano; violência como *vetor estruturante* da organização social (ROCHA, 1998; Coletivo NTC, 1996, p. 213), violência como meio imposição incontornável na esfera da técnica (Coletivo NTC, 1996, p. 245); violência como exclusão inconsciente nos sistemas sociais de comunicação (Coletivo NTC, 1996, p. 222 e 228); violência tecnocrática e “suicidária”¹³ contra as futuras gerações (JONAS, 1998) (MARCONDES FILHO, 2001, p. 20)

O autor afirma que o que torna cada uma dessas formas em cultura é o fato de realizarem a dupla definição de Rousseau (1978): de serem algo consciente ou inconscientemente cultivado dentro de certa comunidade (real ou difusa) e as pessoas serem socializadas segundo esse procedimento. Seguindo o raciocínio do autor, não poderíamos dividir a sociedade entre procedimentos de violência e outros de civilidade, não existe esse dualismo. Assim, pode-se pensar que as formas mais evidentes e amplamente divulgadas da violência são a face pública de uma forma de violência, cuja face privada e microssocial é esse tecido de relações cotidianas em todos os níveis e situações tidas como ‘normais’.

Rocha (1998) também reflete sobre a cultura da violência. Aponta que seria complicado falar nesse termo, pois isso implicaria a trama compartilhada de significados, atitudes e valores. A violência seria, assim, o “agregador comum”. Afirma que é difícil falar em uma “cultura da violência” quando se está diante de um quadro de cisão de preceitos coletivamente partilhados. Utiliza Freire Costa (1993) para equacionar esta questão, procedendo à seguinte distinção: na banalização dos delitos e na amplificação dos riscos, floresce o medo social, “o pânico com características fóbicas”, capaz, por seu turno, de dar à palavra violência o *status* de “entidade”. É exatamente esta zona amorfa, o “bem” compartilhado: “O hábito que criamos de falar da Violência com ‘V’ maiúsculo é uma defesa contra o medo. (...) a fantasia da violência paralisa nosso pensamento e nossas ações (...) a violência, nesse caso, é apenas um fetiche, uma figura de linguagem, cuja matéria é nosso

tro do capital simbólico que as relações arbitrárias se tornam relações legitimadas.

¹³ “Suicidário” e não “suicida”: em português temos apenas uma forma para caracterizar aquele que voluntariamente põe fim à sua vida e aquilo que leva ou tende ao suicídio. Já os franceses têm, além do suicida, a forma “suicidário” para o segundo caso, que se refere mais a circunstâncias (“Este quarto baixo e úmido constituía uma estada suicidária”, Huysmans), aquilo que por sua psicologia parece predisposto ao suicídio (depressivo, “melancólico suicidário”), bem como àquilo que leva ao fracasso, à falência. (“Empresa intelectual suicidária”) (*L'Express*, 12/02/1971)

medo” (FREIRE COSTA, 1993, p.86-7). Rocha (1998) acrescenta que a violência pode se associar ao prazer, ao consumo e à criação de identidade

A autora afirma que podemos deduzir que há uma adequação que nos permite falar de uma “cultura da violência” em uma sociedade intensamente fragmentada. Essa violência tem uma dinâmica análoga ao que De Certeau (1995) se refere à oscilação entre singularidade e pluralidade:

De um lado, ela [a cultura] é aquilo que ‘permanece’; do outro, aquilo que se inventa. Há, por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro lado, as irrupções, os desvios (...). A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. (...) A cultura no plural exige incessantemente uma luta. (DE CERTEAU, 1995, p. 239-242)

Nas culturas da violência, a inventividade, o papel criador do inesperado quase inexistem. O que por vezes é produzido é o endurecimento da exclusão. A autonomização da violência, sua experimentação como potência estranha e misteriosa interferem de modo, por vezes, devastador em nossos discursos e comportamentos.

Rocha (1998) reafirma o conceito da cultura da violência quando afirma que a violência, hoje em dia, está permeada pela ideia de violência pela violência, assumindo um caráter polimorfo e se embrenhando de forma universalizada e estetizada em nosso cotidiano.

O conceito é reforçado pelo aumento da difusão de imagens de violência e a valorização que se atribui a esta visibilização da violência. O tema da violência encontra-se em situação de promiscuidade com a intensa visibilização dos fenômenos de violência e com a imagem abstrata da violência que se constrói a partir deste processo.

Para Rocha (1998) a noção de “linguagem da violência” aponta para a violência como agregador comum a partir do momento em que estabelece uma forma de ser e de comunicar comum, é pela violência também que se apreende e interpreta o mundo.

Os pequenos atos violentos do cotidiano, cometidos muitas vezes involuntariamente, passam despercebidos. Foram banalizados pela cultura da violência. Nesta perspectiva, a sociabilidade violenta pode ser caracterizada pelas estratégias utilizadas como instrumentos para a inclusão dos sujeitos na vida social, dado pelo processo de auto-afirmação.

A banalização e naturalização do ato violento são características da cultura da violência. Essa cultura é alimentada pelo individualismo, consumismo e competição exacerbada. Tanto a banalização da violência como a inexistência de uma discussão

mais profunda sobre seus fundamentos socioeconômicos e culturais levam a distorções e inversões de papéis, bem como à proposição de estratégias de combate à violência que atuam sobre suas consequências e não sobre suas causas.

A mídia pode acabar colaborando com a descrença nas instituições de justiça e em seus princípios fundamentais, como os direitos humanos. As narrativas por vezes conservadoras da mídia, no entanto, fazem com que não se acredite na recuperação de um grande grupo de pessoas, o que contraria o pensamento que permeou todo o desenvolvimento das sociedades ocidentais: a ideia da igualdade, da universalização dos direitos e do conhecimento.

Nestas condições, a sociedade deixa de servir para a proteção do sujeito. O aumento dos problemas sociais, como o avanço da delinquência, impele o sujeito a buscar responsáveis e vive-se em estado de medo, que fomenta o preconceito e a intolerância. Geralmente é sobre o jovem que recai o desdobramento desse medo: a raiva, e ideologicamente a sociedade procura justificar esta reação. A sociedade generaliza a situação e passa a julgar qualquer jovem pobre que vive na periferia. No entanto, é importante frisar: nem todo jovem que mora na periferia está envolvido na criminalidade. Os laços sociais e afetivos na atualidade são tênues, como consequência de uma grande transformação estrutural

Violência, espaço e periferia

Loic Wacquant (2008) é outro autor que contribui para a compreensão de formas de vida e da sociabilidade dos(as) jovens integrantes de gangues. Discute fenômenos comuns a todas as grandes metrópoles: aumento da violência, segregação e marginalização racial e econômica, e ainda incapacidade do Estado em resolver a questões com medidas puramente repressivas. O autor realiza uma reflexão sobre a marginalidade social urbana em cidades localizadas em países de primeiro mundo, especificamente, faz um estudo comparativo entre os guetos e os subúrbios franceses.

Para o autor, a fixação e estigmatização territoriais, são características dessa marginalidade urbana construtos que servem para analisar a dimensão de espaço deste estudo, as periferias de Brasília (ver no anexo 1 perfil demográfico e socioeconômico, ilustrando carências e vulnerabilizações de lugares onde circulam a maioria dos jovens focalizados nesta pesquisa).

O estigma territorial incita o Estado a adotar políticas específicas, derogatórias do direito comum e da norma nacional, que na maior parte das vezes reforçam a dinâmica de marginalização que pretendem combater, em detrimento dos habitantes. A carga simbólica que pesa sobre esses locais, conhecidos e difamados, distorce e distende as relações sociais cotidianas.

As reverberações territoriais são claras pela concentração espacial da pobreza e por sua estigmatização, conjugando as exclusões de classe e de raça. As classes populares são condenadas cada vez mais às áreas degradadas e desatendidas, nas quais precisam sobreviver lidando com diversos tipos de problemas.

O estigma territorial no cotidiano produz marcas indelévels. O preconceito em relação ao local de moradia produz uma generalização em relação aos moradores do bairro. A imagem produzida pelo discurso político e pela mídia engendra uma imagem negativa dos bairros, que macula também seus habitantes. Na medida em que o “bairro estigmatizado degrada simbolicamente aqueles que o habitam e que, por sua vez, o degradam simbolicamente, uma vez que, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua excomunhão. A reunião, em um lugar, de população homogênea na despossessão tem, também, por efeito dobrar a despossessão.” (BORDIEU, 1993).

São tênues as fronteiras entre insegurança, violência e o afã por correr riscos. No vocabulário de jovens em gangues, embaralham-se termos como fama, violência, adrenalina, emoção, correr riscos. Tal orientação é discutida como parte da cultura atual que tem os jovens como principais atores. A seguir, algumas reflexões sobre juventude e orientação pelo correr riscos.

Correr risco, adrenalina e juventude

O conceito de juventude deve ser compreendido em conexão com o universo cultural, político, social e econômico no qual este se insere (HOBSBAWM, 1995). A complexidade da sociedade moderna torna peculiar a passagem do jovem para condição de adulto, devido à variedade das alternativas de vida e à consequente incerteza quanto ao próprio destino pessoal. Os jovens buscam formas de lidar com o ‘mal-estar na civilização’ (*idem*).

A violência contra os jovens no Brasil se expressa nos dados do Mapa da Violência de 2008. O Mapa apresenta os dados de homicídios na população brasileira de 15 a 24 anos de idade, entre 1996 e 2006, que passaram de 13.186 para 17.312, representando um aumento de 31,3% em dez anos. O crescimento foi bem superior aos homicídios referentes à população total, constatando um aumento de 20% nesse período¹⁴.

As violências praticadas pelos jovens podem se expressar como possibilidade de construir uma identidade. Assim, seu cometimento pode lhes outorgar certa

¹⁴ Os dados são do Mapa da Violência 2008, estudo lançado pelo Instituto Sangari, o Ministério da Justiça, o Ministério da Saúde e a Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA).

posição social e um modo de situar-se em suas histórias e em seus mundos. Mas o fato de o sujeito atuar por elas não implica que sua vida seja sinônimo de violência.

As violências como aprendizagem de um estilo de relações sociais apontam que os conflitos ou as disputas podem ser resolvidos por meio da imposição do mais forte sobre os mais fracos. Para esses jovens, tais práticas podem se tornar uma parte constitutiva de suas vidas, de seu cotidiano, o que alcunham de: *la vida loca*. Aprendem a encontrar gratificação na violência exercida contra outros.

Nesses processos, o grupo desempenha um papel vital. “As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre vizinho” (CASTELLS, 2006, p. 29). Entretanto, o próprio autor aponta que redes são criadas não somente pela territorialidade, mas também por outros fatores de coesão.

A ‘juventude’, por suas características, sua perplexidade e ambivalência, que alterna dúvida e construção de certezas, manifesta descontentamento ou reações por formação de culturas juvenis, e assim surge como categoria propícia para simbolizar os dilemas contemporâneos.

Nos jovens, o desejo de experimentar o novo está acompanhado por incertezas, pela avidez de conhecimentos, pelo espanto e indefinições cotidianas de uma realidade que, simultaneamente, atrai e atemoriza.

É senso comum associar os jovens à rebeldia. Condição esta que é acirrada quando alguns grupos juvenis expressam atitudes que podem ressignificar normas e padrões sociais vigentes, como no caso das gangues.

A um só tempo, o jovem aparece como retrato projetivo da sociedade, condensando angústias, medos, assim como esperanças em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura. A sociabilidade do jovem passa a ser totalmente relacionada à contemporaneidade (FEFFERMANN, 2006). A violência juvenil pode corresponder, e sob formas variadas, a esforços de afirmação e de participação em um mundo contraditório. Mas a violência é uma, mas não a única faceta da sociedade contemporânea no que concerne a inseguranças e riscos.

Quando muitos jovens em gangues declaram que estão nesse estilo de vida pela adrenalina, pelo risco, pelo perigo, não necessariamente aceitam a possibilidade de serem vitimizados por violências, ou quando buscam enfrentá-las não se separam tanto de outros agrupamentos juvenis que buscam reconhecimento por se mostrar e se aventurar, ser parte e produtor do seu espetáculo.

Baudrillard (1990) ao analisar os fenômenos percebidos como violentos no mundo contemporâneo, exemplifica a conduta de jovens, na qual a violência assume uma forma “lúdica”, espetacular. Essas atitudes possibilitam que os jovens possam participar do espetáculo apresentado pela mídia e assim ter visibilidade na sociedade,

são práticas que também potencializam os níveis de adrenalina. Assim, segundo o autor, a violência seria uma das consequências da hipermodernidade, na qual todos almejam a fama.

Le Breton (1991) sugere que o risco é um dos caminhos de busca de reconhecimento e gratificação, principalmente para os jovens. Pode ser um meio de eternizar a juventude, mesmo entre os não tão jovens, provando poder pessoal, não é somente um rito de passagem, mas uma “atualização desse conceito”. Refere-se a avançar o sinal vermelho, saquear uma loja, consumir drogas, não se alimentar, conduzir moto ou carro em alta velocidade, entre outros; seriam riscos deliberados de muitos jovens, mas as juventudes singularizam seus ritos, suas formas de afrontar limites, “produzindo a exaltação de uma vida perigosa”. Entre *gangueiros*, usar drogas, brigar, usar armas, pichar, escalar monumentos, roubar são riscos deliberados, escolhidos na busca de adrenalina e fama.

Breton (1991, p. 105) considera que diante do risco “o jovem voa, testa o seu gosto de viver, fornecendo provas de sua excelência, de seu poder pessoal” (tradução livre). A “paixão contemporânea pelo risco” é parte da sociedade do espetáculo na cotidianidade, estimulada pela publicidade, por textos vários. Mesmo quando se condena “delinquências”, mas se as anuncia, se as propaga.

O risco pela transgressão, como o pichar ou violar propriedades, tem avaliações sociais negativas. Na simbologia do ideário juvenil, *gangueiro* não troca de sinais, avalia-se também que se está em uma rota errada e com poucas voltas, mas que faz parte do viver aqui e agora, no imediatismo do se autoconsumir.

Haveria várias formas de correr riscos para outras juventudes, com distintas redes de proteção, de segurança, que os minimizaria. Já no horizonte dos jovens pesquisados, como se detalha navegando por seus testemunhos neste estudo, fica claro que não há muitas vias de acesso pelas quais obtenham reconhecimento, fama, prazer, adrenalina, autoestima ou poder, no grupo do qual fazem parte, nem nos cenários que circulam. Questionar a ética do risco, do espetáculo ou mudar cenários, com redes de segurança, para o exercício do risco e do gosto de viver? “O risco, quando é escolhido em uma atividade de diversão ou de desafio pessoal, torna-se uma espécie de reserva no qual se buscam sentidos, refazendo-se o gosto de viver ou buscando aquele gosto que se perdeu”. (BRETON, 2000, p. 182)

Não se procuram justificativas, nem se ancorar na comum fórmula sociológica bem-intencionada que codifica os jovens como produção da sociedade, apenas se apresenta jovens rapazes e moças, e reflete sobre possíveis sentidos de seus vocabulários na intenção de não eximilos de culpas, mas de ao menos compreendê-los.

Se os jovens em gangues compartilham várias limitações e estímulos, interesses e buscas comuns a outras juventudes e apresentam singularidades relacionadas com

suas ambiências e materialidades de estilos de vidas e *habitus*, o mesmo se observa quando se focaliza gênero. As relações sociais entre homens e mulheres nesses agrupamentos são questionadas na medida em que são ou não reproduzidos os estereótipos que codificam ser mulher e ser homem em um tipo de vida dominado por padrões tidos como próprios de um estereótipo de masculinidade: violência, autonomia, liberdade em relação a instituições primárias, como a família.

Nas páginas seguintes, há ideias que nos são sugeridas pelas observações de campo quanto a reflexões que encontram eco em literatura sobre gênero e violência.

Gênero e violência

Desenvolver a temática de jovens nas gangues, mulheres e homens, inevitavelmente nos remete às construções simbólicas de gênero que envolvem a violência. Nesse sentido, indaga-se sobre as formas e ‘posicionalidades’ – diferenciadas ou não – pelas quais os gêneros manifestam ou passam pelas experiências das violências. Os enredos vivenciados e as expectativas projetadas para cada uma das identidades podem adquirir divergências e convergências, implicando significados históricos que imprimem marcas específicas.

A violência não antecede o gênero, nem vice-versa, configurando, em contrapartida, meandros concomitantes. A literatura tem dado nas últimas décadas passos fundamentais na compreensão dessas articulações diretas existentes entre gênero e violência, trazendo apontamentos extremamente ricos que demonstram vínculos profundos e expressivos entre tais domínios. Esses esforços têm contribuído, por exemplo, para a compreensão de lógicas que vinculam violência e dinâmicas igualmente informadas pelo gênero, configurando análises sobre aspectos sociais, culturais e psíquicos que compõem uma complexa rede de interações e significados. Ao que parece, “a construção simbólica de gênero faz efeitos em todas as modalidades de violência”. (MACHADO, 1998, p. 16)

Nessas abordagens, um dos pontos analisados tem sido as relações entre masculinidade e violência, trazendo à tona padrões históricos hegemônicos que tradicionalmente associaram o masculino a aspectos como as agressões físicas, o controle e o exercício da autoridade. Tais aspectos conformariam, assim, expressões de virilidade – seja na esfera pública, seja no âmbito do privado. Se alguns estudos apontam para a banalização e a violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais (NOLASCO, 2001; CASTRO, 2002), a relação entre violência e masculinidade seria reproduzida em diversos meios por ritos de passagem que em determinadas sociedades tradicionais seriam regulados, segundo Girard (1990, *apud*

CASTRO, 2002), pelo sagrado e pelo sacrifício¹⁵, disciplinando-se violências, ao tempo que se exigiria dos jovens homens provas de aptidão para violências – os seres guerreiros, caçadores, chefes ou sacerdotes.

Fundamentais têm sido as análises antropológicas e sociológicas sobre a construção ocidental do que seria um *ethos da masculinidade* atrelado ao poder e ações violentas; como comenta Machado: “parece haver uma forte expectativa de que o homem jovem se coloque na plenitude de ser depositário de poder, aquele que se coloca ‘à frente’: faz seu caminho e não pode receber qualquer constrangimento” (MACHADO, 1998, p. 5). Tornar-se-ia evidente, em tal perspectiva, a construção do masculino simultaneamente como depositário da lei simbólica, produtor arbitrário de lei, agente do poder e agente de violência.

Nesse sentido, aponta-se para identidades masculinas fortemente caracterizadas por “um roteiro performático em que o modo de se apresentar e se fazer reconhecer socialmente passa pelo exercício espetacular de ações agressivas que mostrem sua capacidade de desafiar e enfrentar, não importa quem” (MACHADO, 2001, p. 19-20). O *ethos da masculinidade* poderia conjugar, ainda, elementos como “o uso da arma de fogo, o dinheiro no bolso, a conquista de mulheres, o enfrentamento da morte e a concepção de um indivíduo completamente autônomo e livre” (ZALUAR, 1999, p. 12). Com efeito, adotar comportamentos agressivos ou de risco corrobora a imagem de força viril comumente associada ao léxico masculino da valentia, aventura e ousadia (ABRAMOVAY, CUNHA & CALAF, 2009).

Ainda em tais operações simbólicas, haveria um protótipo de comportamento em que, se por um lado é aceito que o homem afirme-se frente aos demais por meio da violência, por outro as *expressões afetivas femininas* esperadas excluiriam manifestações de raiva, revolta ou de uso da violência contra os demais, projetando-se para mulheres, por sua vez, inclinações de uma ‘natureza’ essencialmente suave, meiga (JIMENO, 2002). Percebem-se inscrições culturais que tradicionalmente têm operado um binarismo, o qual contrapõe ‘homens violentos’ e ‘mulheres não violentas’.

Por vezes, essa associação da violência com a masculinidade apresenta-se tão arraigada nos discursos, práticas e subjetividades que acaba por alimentar um estereótipo de gênero no qual se tem a impressão de que são os homens, exclusivamente, os autores das violências. Isso é reificado cotidianamente de modo

¹⁵ “Na visão de Girard, o sacrifício funciona para a comunidade [tradicional] como um instrumento de prevenção na luta contra a violência; o sacrifício funciona como controle da violência. Nas sociedades desprovidas de um sistema judiciário, o sacrifício e o rito têm um papel essencial”. (NOLASCO, 2001, p. 31)

a cristalizar identidades, contribuindo, ainda, para a invisibilização de práticas que desafiam esse binarismo.

De fato, são os homens aqueles que apresentam maior expressão nos dados estatísticos¹⁶, especialmente nos casos que envolvem homicídios, não apenas como autores, mas também como vítimas (MACHADO, 1998; WASELFSZ, 2006). Não obstante, a participação feminina parece estar ganhando maior expressão, sinalizando talvez transformações sociais nos papéis tradicionais¹⁷. O trecho a seguir comenta esse quadro:

O número de delitos relacionados à violência física cometidos por mulheres tende a ser significativamente menor do que o de homens, sendo também considerados, muitas vezes, como de gravidade mais baixa. Esse padrão tem, de certa forma, invisibilizado as práticas violentas empreendidas por mulheres, tanto no meio acadêmico quanto nos demais espaços sociais, embora assistamos a uma presença cada vez maior na mídia de notícias que divulgam casos de agressões de autoria feminina. Ademais, teóricas como Badinter (2005) também apontam para a omissão na literatura científica da violência protagonizada por mulheres, contra ambos homens e mulheres – uma omissão que ocorreria, de acordo com a autora, primordialmente em função de estereótipos de gênero que impediriam análises com maior teor de objetividade. (ABRAMOVAY & CUNHA, 2009)

A agência feminina nos atos violentos tem recebido pouca atenção, havendo certa reprodução de estereótipos inclusive em meandros da academia, nos quais as mulheres têm constado quase que tão somente na condição de vítima – sendo, nesse ponto, negligenciadas as possibilidades de fluidez ou de trânsito identitário. A questão não é negar as inúmeras dinâmicas sociais que continuam vitimizando mulheres, mas procurar dar espaço também aos contextos em que elas próprias emergem como autoras de violências. Um desses contextos é, sem dúvida, o das gangues, nos quais as brigas e demais agressões físicas se dão igualmente entre

¹⁶ A violência, entre outros demarcadores, como classe e raça, tem sexo e idade, considerando o predomínio entre jovens homens. O padrão da relação entre criminalidade e gênero viria se modificando, mas a supremacia masculina entre agressores e população carcerária se mantém historicamente. Na cidade de São Paulo, entre 1912 e 1916, 87,9% dos presos seriam homens. Contudo, a distribuição por sexo da população carcerária, segundo tipo de delito varia, indicando que há que mais cuidar sobre a associação entre sexo e violência, ainda que em todas as modalidades se encontrassem sempre mais homens, na análise para o período entre 1904 e 1906, em São Paulo, elaborada por Fausto (2001 *apud* Castro, 2002).

¹⁷ É necessário ter cautela ao falarmos de transformações sociais de gênero no que tange à violência, tendo em vista o risco de se naturalizarem as relações de gênero no curso da história (Ver, por exemplo, estudo sobre mulheres violentas e vítimas de violência em Portugal nos séculos XVI e XVIII, BRAGA, 2008)

garotas, sendo as afrontas e as “guerras” extensíveis também para elas. Agredidas e agressoras.

Trabalhar o gênero como performatividade implica evitar qualquer essencialismo que tenda a “trancafiar” atores sociais plurais em identidades roteirizadas, evitando, portanto, a adoção de categorias e papéis fixos e a supressão das diferenças. A performatividade, tal qual afirma Butler (1997; 2003; 2004), consiste em uma identidade instável, um sujeito constantemente em processo, ainda que as práticas reiteradas e repetidas dentro de um quadro regulatório altamente rígido acabem por produzir uma criação imaginária de um ‘núcleo’. A pluralidade identitária estaria relacionada também às diversas marcas que atravessam igualmente os sujeitos, produzindo efeitos e diferenças, “(...) um sujeito engendrado não só na experiência de relações entre os sexos, mas também nas relações de raça e classe; um sujeito múltiplo, em vez de único, e contraditório, em vez de simplesmente dividido” (LAURETIS, 1987, p. 208). Tal reflexão sugere que há que ter gênero como um conceito em aberto, ou seja, que potencializa processos e múltiplas configurações.

A referida multiplicidade também remete a tratar masculinidades e feminilidades no plural, evitando-se posturas reducionistas. Pode-se falar, como ressalta Cecchetto (2004), em *estilos* de masculinidade e *estilos* de feminilidade. Nesse ponto, o autor, mesmo relacionando masculinidade e violência, mas não por associação linear determinista, ressalta a importância de quebrar mitos, como a naturalização de tal associação, ou mesmo de se falar em um único tipo de masculinidade e sempre por conotação negativa:

Quando se fala sobre masculinidade, sobretudo quando o tema é violência, há muitos lugares-comuns tentadoramente explicativos, como o de que o uso conspícuo da força física é uma decorrência natural do fato de se ter nascido com hormônios e órgãos sexuais masculinos, e, portanto faria parte da essência (e da natureza) do homem. [...]

A constatação de que os papéis sexuais (relações de gênero) de homem e de mulher variam de cultura para cultura e de época para época chega a ser um lugar-comum, pelo menos desde o aparecimento do feminismo moderno na década de 1970 – quando a masculinidade deixou de ser algo ‘evidente’ e, portanto, ‘inquestionado’, passando a ser discutida cada vez mais. (CECCHETTO, 2004, p. 37)

Com relação ao contexto analisado neste estudo, pode-se conceber também a recorrência de vários estilos de masculinidade nas gangues. Opta-se, contudo, por acentuar tendências e não por categorizá-las. Adota-se o princípio feminista, há muito enfatizado, de que masculinidades, assim como feminilidades, são construções de gênero, ainda que não somente por tal inscrição identitária.

Masculinidades e feminilidades, portanto, “conformam identidades múltiplas situadas em interações sociais plurais, de modo que os sujeitos nelas engajados estão envolvidos em significados contextuais e imersos em processos de desconstrução e (re)construção” (ABRAMOVAY & CUNHA, 2009). Não obstante, ressalvas devem ser feitas quanto às possibilidades de trânsito identitário, atentando-se para os processos de reificação:

[A instabilidade do gênero] não impossibilita a observação de modelos muitas vezes de longa data, revisitados ou atualizados nos discursos recentes e que, com frequência, embora perpassados por estilos diversos, deparam-se com mecanismos culturais que promovem sua reificação. [...] as concepções de gênero apresentam visíveis permanências e transformações, por vezes reproduzindo paradigmas hegemônicos de masculinidades e feminilidades, por vezes desafiando-os. (ABRAMOVAY & CUNHA, 2009, p. 5)

Por seu turno, mulheres autoras de violências não necessariamente são ‘masculinas’, no sentido da busca por uma inscrição em identidades de gênero tidas como fundamentalmente ‘não femininas’: há reinvenções e trânsitos, dando lugar a outras (novas) feminilidades. Insistir no que seria um ‘resgate do feminino’, pela suposta corrupção ou deturpação de sua ‘essência’, seria igualmente inadequado. Simone de Beauvoir (1966, p. 8) há décadas já nos alertava para o equívoco da noção de que a feminilidade está em perigo, afirmando que o eterno feminino seria, acima de tudo, uma invenção: “se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve”.

Nos “novos estilos” de feminilidade, contudo, não há o imperativo necessário de transgredir ou rejeitar todos os papéis femininos tradicionais, consistindo antes tais conformações em uma combinação de práticas típicas e atípicas da noção de feminino tradicional, de acordo com critérios e significados situacionais. O que parece ser um elemento cada vez mais evidente é o fato de que a violência e a belicosidade tem deixado de ser concebida como um aspecto que contraria expectativas de gênero, tendo se tornado – como nos espaços sociais das gangues – também uma prática de afirmação identitária, um modo de expressão e uma forma de as mulheres obterem reconhecimento.

Nota-se que, na prática, as mulheres apontam a agressão física como instrumento de autoafirmação e não necessariamente contrapõem atitudes agressivas a uma postura que contraria os atuais ditames de feminilidade. Demonstrar agressividade, embora tradicionalmente tenha sido uma postura que contrariasse as expectativas de gênero, parece conformar atualmente posturas possíveis também para elas. Ao que parece, a violência tem passa a ser algo progressivamente incorporado nas identidades femininas, correspondendo a uma linguagem empregada também pelo ‘segundo sexo’, sobretudo na busca de visibilidade social e reconhecimento. (ABRAMOVAY & CUNHA, 2009, p. 15)

A ligação entre violência e gênero é útil para indicar não apenas o envolvimento de mulheres e de homens como vítimas e autores(as), mas também o seu envolvimento como sujeitos que podem buscar firmar, mediante a violência, suas identidades masculinas ou femininas.

Segato (2003; 2004), por sua vez, discute sobre a importância de se considerar a dimensão expressiva e não apenas instrumental da violência, tornando-se, nesse ponto, fundamental a atenção à interlocução entre os agentes, reconhecendo-se, como no caso da violência de gênero, que a violência pode consistir em atos comunicativos de linguagem.

De fato, a questão da violência é largamente debatida nos estudos sobre gangues, particularmente aqueles que investigam as conformações dessas organizações fora do contexto brasileiro. Expressivos autores, principalmente nos EUA, veem a violência como característica essencial da identidade das gangues (KLEIN & MAXSON, 1989; HUFF, 1993; MILLER, 2001) e outros como uma variável que influencia, mas não determina a identidade grupal (MESSERCHMIDT, 1999; ABRAMOVAY *et al.* 1999; SPERGEL & CURRY, 1990; CAMPBELL, 1984; SHORT, 1996; MOORE, 1998). Sem dúvida, se o conflito inter gangues, ou as “guerras”, seriam cruciais ao simbolismo e ao imagético cultural das gangues, necessário se torna complexificar tal aspecto no que tange às inserções dos sujeitos em termos de identidades de gênero.

C. Ganguê: conceitos na literatura

Apesar de parecer ser um tema recente entre os pesquisadores, o estudo internacional sobre as gangues teve ensejo já nos anos de 1920 com a Escola de Chicago. A crescente preocupação com o meio urbano, cada vez mais expressivo e permeado de inúmeras inconsistências, e com as formas pelas quais os sujeitos se inseriam nessa dinâmica de mudanças rápidas, levou a referida escola a abrir várias frentes de investigação. As gangues – que configuravam uma temática que unia pontos como a chamada “delinquência juvenil”, pobreza, segregação espacial e étnica – passaram, assim, a ser objeto de estudos clássicos.

O tema foi posteriormente alvo de uma série de outros trabalhos na sociologia estadunidense¹⁸, que analisaram agrupamentos juvenis em várias cidades do país e buscavam compreender, principalmente, o fenômeno da delinquência entre jovens, empregando os modelos culturalista, funcionalista e interacionista (ZALUAR, 1997). Trabalhos, tanto antigos quanto mais recentes, traziam como temática os elementos ou critérios intrínsecos que distinguiam e marcariam um determinado

¹⁸ Ver, por exemplo, Thrasher (1927) e Matza (1964).

grupo juvenil como gangue, abordando as dinâmicas que ensejavam o envolvimento de seus integrantes com esses coletivos e suas atividades principais.

É justamente sobre alguns dos principais estudos realizados no contexto dos Estados Unidos que se dedica a primeira seção deste capítulo, abordando as compreensões de diferentes autores sobre o fenômeno.

A seção seguinte, ainda referente às *gangs* norte-americanas, aponta para pesquisas que enfocaram a participação feminina nesses grupos juvenis, trazendo contribuições para a compreensão das relações de gênero dentro desses espaços e das diferentes formas de inserção das mulheres.

A terceira seção muda o foco para as *maras*, *pandillas*, *bandas* e outras denominações dadas a diversos grupos presentes na região da América Central. Os autores trazidos indicam análises que relacionam questões sociais e históricas específicas desse cenário centro-americano com a formação desses coletivos, versando também sobre as diferentes motivações que os jovens da região encontram para se filiar a um desses grupos.

Por fim, a quarta e última seção parte de estudos brasileiros para indicar o que seriam as características mais fundamentais dos agrupamentos juvenis das gangues – como se autodenominam –, mencionando aspectos como territorialidade, visibilidade social e pertença. Alguns breves paralelos com as *gangs* estadunidenses são também realizados.

Conceito de gangue na literatura estadunidense

Desde a Escola de Chicago, os Estados Unidos foram cenário de inúmeros trabalhos sobre gangues e violência de rua, passando-se a adotar abordagens diferentes daquelas inaugurais. Andrade (2007, p. 19) observa que: “atualmente nos Estados Unidos a problemática da gangue congrega várias linhas de pesquisa, além de movimentos de opinião, impondo-se como um objeto incontornável para quem almeja compreender as transformações contemporâneas da sociedade e da cultura urbana americana”.

Quanto ao conceito de gangue, não há definição consensual na literatura norte-americana atual sobre o que configura uma gangue. Para Klein e Maxson (1989), três critérios devem ser levados em consideração: 1) ser considerada uma agregação distinta por outros do mesmo território; 2) os membros se reconhecerem como um grupo distinto e, quase que invariavelmente, adotarem nome; e 3) envolverem-se com um número considerável de incidentes ilegais que respaldem uma resposta tendencialmente negativa e consistente dos residentes do território e/ou das agências de proteção.

Spergel e Curry (1990), por sua vez, diferenciam gangue, gangue de rua, gangue juvenil tradicional e *posse/crew*. A gangue corresponder, nesse sentido, a um grupo ou coletividade de pessoas envolvidas em um número significativo de atividades ilegais ou criminosas, essencialmente ameaçadoras e violentas; aliado a isso, para que se distinga um grupo como gangue seria necessário haver uma reação da sociedade a julgar as atividades do grupo como legítimas ou ilegítimas, criminais ou não, ou outras percepções que surjam a partir dessas. Esses autores dão ênfase à questão de coesão grupal da gangue como grupo distinto: o que distinguiria a gangue dos outros grupos seria o seu caráter intersticial, comunal, fraternal, diferente ou especial.

Dentro da categoria gangue haveria o segmento de *gangue juvenil tradicional*, que apresenta aos jovens e adolescentes das *gangues de rua* cujos principais membros seriam mais velhos e tradicionais, como seus criadores, líderes, etc.

As questões de *status*, prestígio e proteção seriam elementos básicos, podendo também a gangue juvenil apresentar um nome ou uma localidade, ser relativamente organizada e persistir ao longo do tempo. A liderança (explícita ou implícita) seria um aspecto recorrente, assim como o compartilhamento de códigos de conduta, símbolos (cores, formas especiais de se vestirem, linguagem, entre outros). Outras características variáveis trariam questões como idade, gênero, comunidade, raça/etnicidade, e também o escopo e a natureza das atividades delinquentes ou criminais levadas a cabo. A *posse/crew*, por sua vez, caracteriza-se pelo comprometimento com uma atividade criminal para ganho econômico, particularmente o tráfico de drogas.

O antropólogo Jankowski (1990) apresenta uma abordagem inovadora e procura romper com a inserção da temática das gangues norte-americanas no paradigma da criminologia e do desvio, interpretando-a por meio do instrumental teórico da sociologia das organizações, pensando-as como um negócio informal – um aspecto bastante presente nas gangues do país. Ademais, para se analisar as gangues como grupo identitário, de acordo com o autor, seria imprescindível compreender o sistema de valores compartilhado pelos seus integrantes. Haveria uma forma de ideologia, um conjunto de crenças que dariam aos membros 1) uma visão de mundo, 2) uma interpretação deste mundo; e 3) uma justificativa da superioridade desta visão de mundo. Seria adotada também uma ideologia organizacional, referente a questões de unidade e identidade, fundamentais no desenvolvimento de uma noção de irmandade com ênfase na prerrogativa de que todos os membros são membros de uma “família”.

Huff (1993), ao contribuir com seu conceito de gangue, concentra-se primeiramente na identidade dos membros quando se veem como um grupo distinto. Segundo ele, as gangues juvenis são uma coletividade formada primordialmente de adolescentes e jovens que: 1) interagem uns com os outros com certa frequência;

2) encontram-se habitual e deliberadamente envolvidos com atividades ilegais; 3) compartilham a mesma identidade coletiva que é, geralmente, mas nem sempre, expressada por meio de um nome; e 4) essa identidade seria expressa por símbolos e/ou declaração de controle sobre uma determinada *quebrada* (pessoas, lugares, coisas e/ou mercados econômicos).

No artigo *Understanding Youth Gangs* (1998)¹⁹, a conceituação de Joan Moore segue o padrão dos três critérios apresentado por Klein e Maxson (1989). Segundo esta estudiosa, para que se defina uma gangue juvenil, deve-se levar em consideração a autodefinição; a socialização de rua, em oposição à socialização institucional tradicional; e a quase-institucionalização territorial, em referência ao estabelecimento da gangue na comunidade territorial em que nasce e se pulveriza, se renovando e se perpetuando nesses locais.

Segundo Campbell (1984), há certa tradição do uso da força para a defesa do território; e no caso das gangues esse seria um conceito passado pelas gerações: “a gangue, e sua lealdade territorial, e a sua desconsideração pela lei foram passadas pelas gerações, e continuam até hoje. É um círculo difícil de ser quebrado” (CAMPBELL, 1984, p. 236, tradução livre). O território parece ser um dos elementos mais presente nas motivações das gangues, mais do que a questão de classe: “é um bairro contra o outro, como a gangue vê. Solidariedade de classe é um conceito estranho” (*idem*).

Campbell descreve os bairros de Nova York como sendo propícios para a formação de grupos distintos entre si. Nessa cidade, linhas étnicas são claramente demarcadas pela formação imigrante desses bairros, sendo uma das conseqüências dessa disposição o aparecimento de linhas de segregação.

De um modo geral, o crédito na honra, o respeito e o orgulho (por si e pela *quebrada*) são valores mencionados recorrentemente na literatura norte-americana sobre gangues, agregando-se a esses a preocupação em torno do reconhecimento e auto-estima, reputação, coragem e lealdade (SHELDEN *et. al.* 1997; MESSERSCHMIDT 1999; MOORE, 1998; MILLER, 2001). O “respeito” seria algo a ser conquistado na gangue e, após conquistado, caberia aos membros mantê-lo.

Essa literatura também reforça a percepção da comunidade sobre as gangues, e vice-versa, como fator essencial para que o grupo se entenda, de fato, como *gangue*. O território – podendo ser o bairro, ou outro espaço que os membros identifiquem como tal – aparece igualmente como ponto central na construção da identidade grupal: “o bairro serve como um limite entre grupos e uma arena de *status* e conflito em potencial” (MESSERSCHMIDT, 1999, p. 127, tradução livre). A briga emerge,

¹⁹ MOORE, Joan ““*Understanding Youth Gangs*” In: WATTS, Meredith (org.). *Cross-Cultural Perspectives on Youth and Violence*. Stamford, Connecticut: Jai Press Inc, 1998.

ainda, como prova ritual de lealdade à identidade territorial do grupo. Nesse contexto, a recusa de um membro em participar das brigas do grupo diminui seu respeito e reconhecimento, podendo mesmo levá-lo à exclusão.

Não se pode deixar de observar, por sua vez, o forte caráter de segregação étnico-racial das gangues estadunidenses, sendo o conflito entre territórios, bairros, ícone da própria configuração dos conflitos étnicos existentes. A etnia se confunde no bairro e vice-versa, e as gangues reproduzem tal disposição e reafirmam essa divisão do espaço urbano.

A presença feminina nas gangues: abordagens em estudos norte-americanos

Que papéis desempenham as mulheres nas gangues? Que atitudes expressam entre si e em relação aos homens do grupo? Como se dá a inserção da violência e, para além dela, nas demais atividades, muitas vezes ilegais, praticadas por seus integrantes? Essas são algumas das indagações às quais buscaram responder uma série de pesquisas estadunidenses.

A obra *The Girls in the Gang* (CAMPBELL, 1984) é hoje uma referência nos estudos que enfocam a participação feminina nessas organizações. À época, a autora optou por investigar os contextos de três gangues diferentes e que de certa forma poderiam representar diferentes gangues de Nova York, estudando cada uma delas por um semestre. A partir daí, foi feito um estudo de caso com uma integrante de cada gangue a fim de aprofundar a análise no que tange ao gênero, particularmente quanto à problemática de como as meninas formavam e exerciam sua identidade, seus valores e suas percepções. Com relação à identidade feminina, a autora discutiu duas questões que seriam mais pertinentes: a dicotomia objeto sexual/*tomboy*²⁰ e a formação da identidade por meio da depreciação da outra.

A primeira questão advogava um debate bastante recorrente entre os pesquisadores: o papel das mulheres em relação aos homens seria mais incisivamente de complementaridade ou similaridade? Campbell tomou o cuidado de não generalizar nenhuma conceituação, admitindo inclusive que as mulheres poderiam assumir essas duas posições de modo ambivalente. O papel de complementariedade, segundo Campbell, consistiria no auxílio prestado por elas nos empreendimentos masculinos. As integrantes, nesse ponto, tenderiam também a assumir certo sentimento de hostilidade em relação às demais mulheres do grupo e a buscar mais

²⁰ *Tomboy* refere-se a uma expressão americana referente a meninas que assumem características físicas (trejeitos e vestuário por exemplo) vistas como masculinas. A expressão equivalente em português seria “mulher-macho”.

companhias masculinas – sendo esse o segundo elemento referido como basilar em tais conformações identitárias femininas. Já as que assumiam o papel de similaridade tenderiam a buscar “competir com os meninos em seus próprios termos [os termos tidos como masculinos]” (1984, pg. 8. Livre tradução). Essas mulheres procurariam participar das mesmas atividades que eles, gabando-se de serem valentes, perigosas, corajosas, por entrarem na briga tanto com homens quanto com mulheres. Nesse ensejo, tais integrantes chegariam a se envolver em crimes tipicamente masculinos, como roubo, assalto, etc, e muitas se distinguiriam por terem sido presas.

Em estudo posterior, no artigo *Self-Definition by Rejection: The Case of Gang Girls* (1999)²¹, Campbell trouxe novos elementos para a compreensão da construção identitária feminina nesses contextos. De acordo com sua tese, esse processo de formação de identidade não se daria essencialmente por meio de afirmações, mas de negações, em suas palavras, “*self-definition by rejection*”: ao negar identidades tradicionalmente atribuídas ao feminino e a outros papéis de jovens mulheres, as integrantes de gangue construiriam a sua própria feminilidade. Suas observações de campo indicavam, assim, a busca por uma negação do feminino tradicional:

[...] as mulheres de gangue se veem como diferentes dos seus pares. Sua associação com a gangue é uma proclamação pública de rejeição do estilo de vida que a comunidade espera delas. As visões sociológicas que negam o senso de distinção de outros de seu bairro negam a validade da maneira como as mulheres vêem a si mesmas. (Campbell, 1999, p. 117, tradução livre)

Vale ressaltar que essa negação não se dirigia a uma rejeição a todos os aspectos ou elementos de uma identidade. Ao se referir a mulheres de uma gangue latina, Campbell identificou que essas negavam a passividade tradicionalmente esperada de uma mulher latina em relação ao homem, mas que não chegavam a negar as qualidades esperadas de uma boa mãe, rejeitando fortemente, por exemplo, a possibilidade do aborto.

Outra pesquisadora do tema, Jody Miller (2001), fez uma contribuição bastante relevante para essa discussão, sustentando que as mulheres, no caso dos grupos por ela analisados, usavam o gênero para negociar o nível de comprometimento e responsabilidade que assumiam dentro da gangue. Nesse ponto, o envolvimento de jovens no crime seria moldado – mas não determinado – pelo gênero. O tipo de atividade em que as mulheres se envolviam rotineiramente, o nível desse envolvimento, e também os tipos de atividades em que elas não se envolviam, cada um desses itens seria influenciado pela percepção dos membros sobre quais

²¹ CAMPBELL, Anne. “*Self Definition by Rejection*”: The Case of Gang Girls in CHESNEY-LIND, Meda; HAGEDORN, John. *Female Gangs in America*. Chicago: Lake Press View, 1999. pg. 100-117.

aspectos de ‘feminilidade’ e ‘masculinidade’ trazer para a interação e comportamento (MILLER, 2001, p. 132).

O gênero, de acordo com essa autora, poderia ser usado como motivação para não participarem de um roubo, por exemplo. Porém, haveria igualmente mulheres empenhadas em uma participação tida como mais ativa, mais próxima à posição de “um dos garotos”. É interessante notar que em Miller o sistema valorativo de igualdade centra-se no “ser como homem” – apesar de sustentar, em outra ocasião, que o feminino não deve ser visto a partir do masculino (MILLER & BRUNSON, 2000). Se por um lado algumas entrevistadas enalteciam as aproximações, por outro era observável certa diferenciação, sendo prerrogativa feminina ações como carregar as armas, colaborar com atividades consideradas secundárias no tráfico e serem excluídas de crimes mais sérios, como assassinatos e assaltos.

Miller e Brunson (2000) consideram também um critério que, segundo seus estudos, indica uma operação primordial a ser levada em conta na análise: a composição da gangue em termos da proporção existente entre mulheres e homens. Ou seja, um elemento-chave no comportamento de membros de um sexo em relação ao outro, e na relação entre membros do mesmo sexo, seria o número de mulheres em relação ao número de homens no coletivo. Por exemplo, garotas em gangues nas quais os homens são a grande maioria tenderiam a ter percepções mais hostis em relação às demais integrantes e a adotar um comportamento mais ‘masculino’, tornando-se o que ela chama de “homens honorários”. Já homens e mulheres de gangues em que a composição de sexo é mais balanceada admitiriam melhor a participação feminina nas atividades do grupo. Vale notar que nestes últimos os homens teriam uma percepção menos pejorativa das mulheres em geral.

Moore (1991) afirmou, ainda, que as relações de gênero nas gangues estariam frequentemente baseadas em uma estratificação de poder, reproduzindo uma dinâmica comum em determinados espaços sociais, na qual o masculino dita as possibilidades de ação das mulheres. Membros de gangue estabeleceriam os limites de gênero, por vezes simplesmente reproduzindo os limites sociais tradicionais, sendo uma das consequências disso a construção de grupos separados, ainda que conectados.

Mesmo que gangues femininas tenham alguma autonomia sobre suas próprias regras e maneiras de se organizar, elas usualmente são conectadas, mesmo subordinadas, a gangues masculinas. Gangues juvenis, então, refletem as relações de poder de gênero da sociedade e seus discursos e práticas, reproduzindo-os. Consequentemente, diferenças de gênero aqui são em parte relacionadas à construção social de uma dominação de gênero e subordinação na organização das gangues. (MOORE, 1991 apud MESSERSCHMIDT, 1999, p. 121, tradução livre)

Giordano (1999) abordou a função do grupo na influência dos “atos delinquentes” femininos, desconstruindo a ideia de que as mulheres teriam um papel mais passivo e seriam normalmente introduzidas na delinquência por seus namorados ou homens com quem estivessem se relacionando.

Da mesma forma que o grupo de pares do mesmo sexo oferece uma fonte de *status* e aprovação no caso dos delinquentes masculinos, parece que a aprovação pelas mulheres vai também acompanhar uma decisão feminina de se envolver na atividade delincente.

Também pode ser argumentado que essa aprovação pode ser uma necessidade ainda maior no caso das mulheres, porquanto seu comportamento não faz parte de uma tradição estabelecida. Portanto, as mulheres que se envolvem de fato com a delinquência têm mais probabilidade de sentirem que mulheres em geral, e elas mesmas em particular, são capazes de ter certo comportamento que outras como elas (mulheres) também poderiam ter, e que essas provavelmente não considerariam com desdém se elas mesmas pudessem se engajar neste tipo de comportamento (GIORDANO, 1999, p. 98-99).

Messerschmidt (1999), por sua vez, discutiu o papel assumido pelas gangues femininas, buscando oferecer uma visão alternativa sobre as interações de gênero. Afirmou que atos ilegais e mesmo de violência cometidos por mulheres corresponderiam a tentativas de construção de uma feminilidade específica e uma maneira de distanciarem-se das feminilidades tradicionais. De acordo com esse autor, um equívoco recorrente dos pesquisadores é o de se concentrarem em atividades ilegais que não são compatíveis com a feminilidade tradicional, fazendo com que a análise seja tendenciosa nos sentidos estereotípicos. Desse modo, ao não se conseguir abstrair a ótica do tradicional, esse comportamento das mulheres passa a ser visto como tentativa de se aproximar de uma masculinidade também tradicional. Em outras palavras, a crítica enfocou as análises exclusivas das diferenças de gênero sobre as formas de se exercer a criminalidade, as quais ignorariam as similaridades e os contextos situacionais. E, dessa forma, Messerschmidt considera esse tipo de abordagem simplista, acabando por reafirmar que a violência feminina seria não natural, artificial. A gangue seria um espaço onde as mulheres teriam a possibilidade de transgredir os limites do que ele chama de *feminilidade enfatizada*²², tradicional, no sentido de que os membros usariam a gangue para transgredir comportamentos tradicionais como o de chegar cedo em casa, a monogamia, etc.

Uma das formas de se transgredir tais limites seria por meio da sexualidade, ressaltando-se a capacidade feminina de agência quanto às práticas sexuais. Mesmo

²² Esse conceito faz referência a formas tradicionais de exercício da feminilidade.

que as restrições de gênero estivessem presentes também nos contextos das gangues, haveria a possibilidade de se escolher quando e como manter relacionamentos, optando-se por padrões monogâmicos ou mesmo por padrões não monogâmicos, o que levaria a uma maior diversidade de feminilidades. Assim, de acordo com Messerschmidt (1999, p.122), “para ambos, homens e mulheres, a gangue de rua é um meio ideal de se fazer gênero (*doing gender*)”, tendo em vista que “por meio de significados e práticas heterossexuais específicos, a diferença de gênero é preservada e tipos específicos de masculinidade e feminilidade são tanto validados quanto fortalecidos”. Reconhecendo o caráter de fluidez, completa que: “as mulheres integrantes de gangue não são simplesmente recipientes passivas do ‘patriarcado’, mas participam ativamente na construção das relações de gênero e orquestram várias formas de heterossexualidade que resultam em feminilidades variadas”. Por isso, “essas meninas fazem diferença [de gênero] diferentemente” (idem).

Entre as feminilidades possíveis, estariam surgindo identidades próximas ao que Messerschmidt (1999) denomina *bad girl*, as quais confeririam respeito e reconhecimento dentro do grupo. Seria ela conhecida por trazer a marca da audácia, da temeridade, da falta de limites, da disposição de brigar – sendo todos esses aspectos muito valorizados entre os pares. Demonstrar tais atributos, por sua vez, estaria cada vez mais deixando de ser um elemento excepcional para se tornar um imperativo, demandando-se das mulheres dos grupos analisados também traços de um feminino agressivo: “a feminilidade *bad girl* serve para ranquear garotas em termos de capacidade de demonstrar violência física e poder; as que não estão à altura deste padrão são ignoradas ou expulsas da gangue” (idem, p. 126, tradução livre). A *bad girl* adquire *status* e reputação, sendo essa uma forma expressiva de conquista de poder, uma construção que hierarquiza as mulheres dentro do grupo: “tal prática social ganha força em relação a mulheres que não se ‘qualificam’ e, esperadamente, constroem relações de poder entre elas” (idem). E acrescenta que:

(...) o critério de feminilidade está inserido em situações sociais específicas e em práticas recorrentes nessas situações. No contexto particular das gangues juvenis, o critério da feminilidade *bad girl* envolve força física e poder como um recurso para demonstrar publicamente a proficiência individual em defender o bairro e derrotar mulheres de gangue adversárias. De fato, mulheres (como representantes de um bairro rival) são sujeitos que competem na luta por assegurar uma identidade feminina situacional específica. Em outras palavras, o que é usualmente considerado comportamento feminino atípico fora dessa situação é, na verdade, normalizado dentro do contexto do conflito interterritorial; a violência de mulheres de gangue nessa situação é encorajada, permitida e privilegiada por ambos, mulheres e homens, como comportamento feminino apropriado. Portanto, a feminilidade *bad girl* é realizada de forma situacional e determinada de forma contextual no universo da rua (MESSERSCHMIDT, 1999, p. 129, livre tradução).

Identidades situacionais implicam ainda que assumir ou não determinados estilos de feminilidade dependem do cenário em questão, como estar dentro da gangue ou fora dela, levando-se em conta ações estratégicas sobre comportamentos ‘apropriados’ às interações em jogo. Assim, se por um lado “no contexto social da gangue as *bad girls* constroem uma feminilidade que as assegura aprovação como integrantes mulheres”, por outro essa manifestação “exibe uma fluidez singular em que identidades de gêneros diferentes são enfatizadas ou evitadas dependendo do cenário social” (MESSERSCHMIDT, 1999, p. 130, livre tradução).

Essas diferentes possibilidades de se *fazer gênero* indicam que não há uma única trajetória ou um único percurso feminino dentro das gangues. As literaturas anteriormente citadas apontam para formas variáveis de inserção das mulheres nas gangues estadunidenses, mencionando a existência de uma certa pluralidade de feminilidades e modos distintos de relações entre gêneros. Mulheres podem adotar identidades como a da *bad girl*, a *tomboy* ou outras, e envolver-se em relações de similaridade, complementaridade ou competição; não obstante, sua autonomia ou subordinação são aspectos complexos que não devem ser tomados de forma simplista como essência de qualquer dessas identidades e relações.

Literatura latinoamericana - as Pandilhas

Além das pesquisas que versam sobre as *gangs* nos Estados Unidos, são também recorrentes os estudos sobre grupos juvenis presentes na América Central, os quais recebem diferentes denominações de acordo com a região ou país em questão. No geral, fala-se em *pandillas* na Nicarágua e em *maras* em países como El Salvador, Guatemala e Honduras. Além desses, há também as categorias de *galladas*, *clikas*, *bandas*, *parches* e outras – as quais possuem uma série de aproximações, mas não são necessariamente sinônimas.

Segundo Gino Costa e Carlos Romero, em *¿Qué hacer con las Pandillas?* (2009), entende-se, no geral, que as pandillas apresentam: a) um caráter coletivo, que se refere ao comportamento delinquencial e criminoso dos membros; b) uma associação com a delinquência, tendo a Organização Mundial da Saúde (OMS) observado que “em geral, os membros das pandillas podem oscilar entre 7 e 35 anos, mas normalmente se encontram na adolescência”. Segundo os autores, na maioria dos países em que esse fenômeno está presente, as pandillas estão formadas principalmente por homens, ainda que existam mulheres que participem delas. A filiação às pandillas se manifesta com frequência por meio da utilização de signos, tatuagem, colares, determinadas peças de vestir e certo tipo de linguagem. Podem, também, ter elementos relacionados com a identidade étnica cultural ou política.

Reguillo (2005) analisa que as *maras* na América Central se estendem para além de seu espaço e propósito de origem. Hoje, essas agrupações não só controlam parte do corredor migratório entre a região da América Central e os Estados Unidos, como chegaram a construir uma ordem paralegal capaz de atrair milhares de jovens carentes de referências simbólicas. *Mara, banda, clika e crew* se converteram em alternativas de socialização e pertencimento, em espaços de envolvimento e esvaziamento do sentido político; em espaços fortemente cifrados, codificados, no sentido da honra, respeito e ‘ganância’ do nome próprio. Ademais, muitos jovens na América Central teriam encontrado nas *maras* resposta à insegurança crescente da ordem neoliberal que anunciava “seu rosto feroz nos anos 80” (REGUILLO, 1999). Quanto ao caso de El Salvador, a autora comenta que a CEPAL reconhece o fato de a violência mortal no país estar vinculada às *maras* – as quais correspondem aos “grupos de *pandillas* juvenis nesse país, constituídas originalmente por jovens salvadorenos deportados dos Estados Unidos e que são reconhecidos por sua agressividade, formas violentas de coesão interna e defesa de seu território e atividades, entre as que presume a vinculação com redes internacionais do narcotráfico”²³. Em outras palavras, a autora aponta que as *maras* operam sob a lógica cultural e não segundo um parâmetro legal, já que fundam sua própria legalidade, e são portadoras de um poder paralegal que destrói a oposição binária entre legal e ilegal. O que para a norma, a lei ou o sentido do permitido, mais ou menos de maneira generalizada é estado de exceção, nas *maras* seria cotidiano.

Segundo Nuñez (2008), as *maras* refletem uma organização social complexa e de consequências eventualmente fatais para a vida humana de seus integrantes e daqueles que militam ou rodeiam esses agrupamentos. O autor afirma que com o aumento da desigualdade social há um crescimento desses grupos, acompanhando a acentuação dos mecanismos de violência (PORTES & HOFFMAN, 2003; RODGERS, 2003; SALAZAR, 1998). Surgem as *maras* centro-americanas ou as *naciones* nos países andinos, formações que têm crescido tanto quantitativamente - número de integrantes, como qualitativamente - formas de exercício de poder e controle. (ANDRADE, 2005; REGUILLO, 1999;2005). A radicalização das *maras* tem sido respondida com políticas de penalização excessiva.

O autor afirma que o caso específico das *maras* que se formaram em El Salvador não pode ser entendido separadamente dos agrupamentos dos Estados Unidos, Honduras, Guatemala e Chiapas, com quem compartilham laços simbólicos e organizativos. Isto seria evidenciado, por exemplo, pelo emprego dos mesmos nomes pelas *pandillas* mais importantes nestes países: a *Mara Salvatrucha* (MS) e a *Mara 18* (M18, que faz referência à Rua 18 de Los Angeles). Esses agrupamentos

²³ Cepal: *La Juventud en Iberoamérica. Tendencias y urgencias*, p. 142, nota siete.

foram historicamente formados por jovens filhos de centro-americanos que viviam em Los Angeles e que voltaram para os seus países principalmente por falta de documentos. Chegando à América Central, esses jovens reproduziram suas formas de organização cultural e articularam progressivamente uma grande quantidade de coletivos que antes funcionavam de forma autônoma (CRUZ, 2005; SANTACRUZ, 2005). Esses grupos sociais foram constituídos principalmente por homens (em sua grande maioria) e algumas mulheres, correspondendo a jovens de setores populares, que se agrupavam em bairros, nos quais controlavam uma parte específica do território. Esse controle ocorria muitas vezes para cometer crimes contra a propriedade e contra as pessoas, sendo importante ressaltar que as ações das *maras* não se circunscreviam unicamente aos bairros e sim a toda a cidade. Os grupos se caracterizavam pelas disputas (simbólicas e físicas) de território – tanto com a polícia como com os membros do grupo contrário.

As *maras* têm se tornado uma expressão de organização social juvenil que impacta de forma contundente a cultura e as políticas centro-americanas. São tema de referência e alarme na maioria dos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, estão entre os principais pontos na agenda das reuniões dos Chefes de Estado e Ministros de Defesa. As *maras*, segundo Nuñez, são expressão de uma marginalidade histórica e manifestam de forma espetacular as exclusões sociais que sofrem os jovens da região dos países Centro Americanos.

Para Savenije (2006), foram a emigração e a deportação os principais fatores para o aumento dos grupos transnacionais. Durante a repressão política e as guerras civis dos anos 1980, houve uma migração substancial para os Estados Unidos, de modo que grandes grupos de imigrantes acabaram nos bairros pobres de Los Angeles, ressaltando o autor que esta é uma cidade que já contou com uma grande comunidade latina e uma tradição de *gangs* há muito estabelecida. Os filhos desses imigrantes eram muitas vezes perseguidos na escola e na rua por concorrentes gangues de jovens, de diferentes origens étnicas. A *18 Street Gang* oferecia respaldo para os jovens imigrantes. Segundo o autor, isso significava, por um lado, uma identidade e segurança, combinadas com a promessa de amizade, solidariedade, respeito e proteção contra o assédio e intimidação por parte de outras gangues. Por outro lado, implicava em um compromisso de defender até a morte o nome e a honra do grupo, em particular, dos insultos, humilhações e agressões de seus rivais.

O mesmo autor afirma que foram principalmente membros de gangues deportados dos EUA que formaram grupos novos a partir dos dois maiores coletivos – *Mara Salvatrucha* e *18 Street Gang* – nas vilas e cidades da América Central. Ao longo do tempo, os jovens locais começaram a assumir papéis de liderança nos grupos. Como resultado, a identificação com o bairro local tornou-se menos

importante e os membros começaram a se identificar principalmente com sua gangue e os símbolos a ela associados. Segundo o autor, os conceitos de *pandilla* ou *mara* referem-se ao mesmo fenômeno: tratam-se de agrupamentos formados majoritariamente por jovens que compactuam uma identidade social que se reflete principalmente em seu nome. Tradicionalmente, eram jovens que viviam na mesma comunidade onde cresceram, que se reuniam em quadrilhas para defender-se dos jovens de outras comunidades. As *pandillas* inicialmente consistiam um único agrupamento juvenil ao nível das comunidades. A partir dos anos de 1990, algumas se transformaram em conjuntos que passaram a transcender os limites do bairro. Esses grupos compartilhavam certas normas, regras e relações mais ou menos hierárquicas. Tanto as *pandillas* tradicionais como as *maras* seriam compostas por jovens que compartilham uma identidade grupal, implicados com certa frequência em atividades ilegais. Sua identidade social compartilhada é expressa mediante símbolos e gestos (tatuagem, grafite, sinais manuais, etc.). Geralmente, uma das atitudes ameaçadoras ou ofensivas que uma *pandilla* pode fazer é entrar no território e riscar símbolos e grafites.

Para Cruz (2005) as *maras* são produto de uma variedade de fatores sociais que expressam temporalmente as diversas condições de vida, mas ressalta que fatores como a guerra civil, a pobreza e a migração não podem explicar por si próprios o fenômeno. Relaciona alguns pontos que devem ser considerados para compreender as *maras* e *pandillas*: a) o processo de exclusão social; b) a cultura da violência; c) o crescimento urbano; d) a migração; e) a dinâmica da violência; f) a desorganização comunitária; g) a presença de drogas; h) famílias problemáticas; i) amigos e companheiros membros das pandilhas; j) a dificuldade de construção da identidade pessoal.

Finalmente, Hector Castillo (2002), destacado autor mexicano, afirma que as *bandas* correspondem fundamentalmente a uma associação defensiva utilizada por jovens para enfrentar as diversas condições críticas de suas vidas – tendo em vista que vivenciam um cotidiano e uma sociedade difíceis, marcados por escassos recursos econômicos, sociais e até morais. Segundo o autor, as *bandas* são também o meio que lhes possibilita compartilhar o ócio, a recreação e o entretenimento indispensáveis para sua socialização, sendo a identidade em torno do grupo inicialmente uma identidade territorial, na qual a rua emerge como o principal espaço de socialização. Fazer parte da *banda* significa não estar sozinho, reforçando-se o sentimento de coleguismo, permeado por uma linguagem original e extravagante. Por outro lado, para ser um integrante, é necessário incorporar códigos de conduta muitas vezes bastante penosos para os membros, sejam elas condutas delitivas, machistas, relacionadas à adição ou outras.

Castillo comenta, ainda, que a *banda* funcionaria como uma espécie de escola que ensina a buscar formas de sobrevivência legais ou ilegais, devendo-se considerar um contexto em que jovens de setores populares praticamente não conseguem se inserir no mercado de trabalho urbano formal ou adquirir escolaridade para além da primária e, ocasionalmente, da secundária. Sua identidade social não se constitui, assim, nem como trabalhadores, nem como estudantes, tampouco como cidadãos.

Contextos brasileiros

Um conceito de gangue mais adequado à realidade brasileira, e também à do Distrito Federal, foi cunhada no estudo *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers* (ABRAMOVAY *et al*, 1999), o qual dá precedência à identidade individual e grupal, às atividades, tanto lícitas como ilícitas, e à coesão grupal. Segundo esses autores, as gangues são “grupos mais ou menos estruturados que desenvolvem desde atividades lúdicas até atos de delinquência, cujos membros mantêm relações de solidariedade à base de uma identidade – ainda que incipiente – compartilhada” (p. 95).

Andrade (2007, p. 15), por sua vez, assinala que o fenômeno das gangues e galeras, especialmente no Distrito Federal, correspondem a “turmas de jovens com estrutura relativamente territorializada reunidas em torno de interesses geralmente alheios à violência, mas que, além de não estarem livres de praticar atividades ilícitas e atos violentos, costumam manter rivalidades com outros grupos”. Geralmente, essa rivalidade teria forte relação com a marca de domínio de um território, eventualmente chegando também a produzir “embates que podem terminar na tragédia de agressões extremamente graves e homicídios”.

Ainda com relação a contextos nacionais, mas com ênfase no centro urbano do Rio de Janeiro, Zaluar (1997) comenta que as gangues são, no geral, organizações com chefia instituída, regras explicitadas, rituais iniciáticos, com estreita relação com os bairros e atividades ilícitas. As gangues cariocas teriam surgido nas favelas e em bairros pobres, tendo estreita relação com as escolas de samba, os blocos de carnaval e os times de futebol que representavam a respectiva vizinhança e rivalizam entre si – uma peculiaridade que as difere de outras gangues.

Glória Diógenes (1998), ao investigar gangues de bairros da periferia de Fortaleza, observa como um ponto fundamental o “objetivo” de provocar impacto por meio de uma “encenação” da violência, desafiando as outras gangues e defendendo o seu território. Nesse ponto a violência não apenas é um eixo central das gangues, como apresenta um caráter essencialmente relacional. Essas gangues também compartilhariam uma ordem de valores que exalta o “lazer” e desvaloriza a ética do trabalho, bem como expressariam uma estética referendada no consumo de

massa. Finalmente, haveria nesses grupos juvenis a construção de códigos culturais compartilhados apenas entre os “enturmados”.

Em uma perspectiva comparativa internacional, pode-se dizer que há tanto convergências quanto divergências entre as gangues brasileiras e as gangues nos Estados Unidos. Por um lado, em ambos a identidade do grupo é um elemento crucial, formando uma ‘fratria’ que compartilha uma visão de mundo. Por outro lado, fica claro que no contexto estadunidense as gangues dialogam mais diretamente com a questão étnica, de modo que tendem a reproduzir um mapeamento do espaço urbano segundo o qual as divisões territoriais apresentam nítida relação com as etnias nele presentes. Como lembram Zaluar (1997) e Andrade (2007), reconhece-se nesse país uma nítida confusão entre “etnia e bairro”, “raça e bairro”, que expressa uma segregação étnica e racial peculiar e, de certo modo, diferente da configuração brasileira: “no Brasil, o modo de divisão das cidades e os conflitos dela derivados assumem outra configuração histórica, expressando-se, por exemplo, por meio de grupos e associações” (ANDRADE, 2007, p. 17). Nesse sentido, notam-se semelhanças e mimetismos, mas também recriações locais e interpretações inéditas por parte das gangues brasileiras:

Mito folclórico americano transplantado para o cenário urbano brasileiro e, particularmente, para o Distrito Federal? De fato, alguns grupos de jovens de Brasília incorporam a estética, adotam rituais, denominações, estrutura e equipamentos simbólicos que muito se assemelham aos das gangues norte-americanas, mas quando buscamos compreendê-los a partir de seus próprios referentes culturais, a primeira constatação é a de que esse mimetismo está repleto de recriações locais e interpretações inéditas do modelo de origem. O que não causa espanto, pois os processos culturais estão repletos de casos de mimetismo, imitação e colagem, também chamados de difusão cultural, que nunca, entretanto, alcançam a reprodução exata da versão original (ZALUAR, 1997; ORTIZ, 1994). Observa-se ainda que, num mundo a cada dia menor e mais denso, em pleno processo de compressão do tempo e do espaço, objetos e símbolos são compartilhados em larga escala, indo além das fronteiras nacionais. Nesse movimento de “encolhimento do mundo”, referências culturais locais passam a ser reconhecidas mundialmente, integrando uma cultura global desvinculada de uma territorialidade específica (ANDRADE, 2007, p. 16-17).

Outro ponto de divergência entre as gangues norte-americanas e brasileiras estaria no fato de que, ao contrário daquelas, essas não conformariam uma organização com fins empresariais permanentes. Se nos Estados Unidos a gangue emerge como organização com fins de acumulação de recurso, tal qual enfatizado por Jankowski (1991), no Brasil e no DF essas práticas seriam tanto mais esporádicas quanto transitórias:

As gangues que marcam sua presença no nosso cenário urbano, ao contrário das *gangs* estadunidenses, não conduzem negócios com características empresariais. Geralmente têm, como as *gangs*, uma demarcação territorial, liderança definida, interação recorrente e engajamento em comportamento violento como práticas fundamentais de estruturação distintiva, mas não objetivam exatamente assegurarem aos seus integrantes um meio de vida permanente, com possibilidade de mobilidade social pelos ganhos advindos de práticas delinquentes e ilícitas. Tanto que os jovens integrantes das nossas chamadas gangues (...), se têm comportamentos transgressores e engajam-se em atividades ilegais, o fazem de forma passageira e não acumulam recursos, costumando abandonar essas práticas na idade adulta (ANDRADE, 2007, p. 23. Grifos no original).

Essa forma, muitas vezes passageira, pela qual jovens de gangues se envolvem em atividades ilícitas de obtenção de recursos materiais é um dos aspectos que diferencia as gangues do tráfico de drogas. Guimarães (1995) comenta sobre essa diferença, afirmando que os aviõezinhos ou demais adolescentes e jovens participantes do tráfico não devem ser confundidos com os grupos juvenis das gangues ou galeras.

No que tange à sua estruturação, de acordo com Abramovay *et al* (1999), as gangues brasileiras são marcadas por uma organização atravessada de rituais regidos por valores compartilhados que dariam uma certa “ordem” ao grupo, fazendo com que determinadas atitudes se tornassem relativamente previsíveis. Essa seria uma tentativa de estabelecer ao menos uma relativa rigidez ao grupo – dada a característica fluida que costuma reger a organização das gangues, como será posteriormente abordado no caso brasileiro do presente estudo. Os rituais de entrada seriam parte dessa tentativa, tornando essas passagens momentos sérios e que marcam a participação nos valores do grupo. Um exemplo dessa prática ritual é o *corredor polonês*, no qual agressões físicas simbolizam a prova de que o jovem suporta uma sessão de tortura sem o perigo de denunciar os companheiros (*idem*).

Como dito em capítulo anterior, analiticamente, torna-se evidente que a gangue configura um grupo que propicia uma forma alternativa de participação social, ainda que por vezes essa participação seja feita por meio de atos transgressores. Esses jovens buscam se agregar em grupos nos quais possam se expressar, compartilhar significados, serem reconhecidos como membros ativos de sociedade, sentindo-se parte de uma dinâmica social ampla: “pertencer a uma gangue, fazer seu jogo de rivalidades são vetores de identidade grupal que podem levar tanto a novas formas de criatividade – a exemplo dos *rappers* – como à prática da delinquência” (ABRAMOVAY *et al*, 1999, p. 95).

Seja em Brasília, no Rio de Janeiro ou em Fortaleza, os estudos referidos apontam para uma busca de adolescentes e jovens brasileiros visando a obter visibilidade social e a construir uma identidade na qual possam se reconhecer.

Ademais, atividades lúdicas convivem com atividades marcadas pelas mais diversas violências. Os capítulos que seguirão tratam do contexto das gangues no Distrito Federal, um caso em que tais aspectos estão igualmente presentes.

Se a literatura trazida auxilia em uma aproximação inicial ao fenômeno das gangues, as páginas que se seguem abordam de forma detalhada as questões mais pertinentes, certamente possibilitando um entendimento mais aprofundado desses coletivos.

1. Cenários

O propósito deste capítulo é, a partir das reflexões dos entrevistados, esboçar um quadro geral da história das gangues e da *gangueragem* em Brasília, além de versar sobre sua estrutura organizacional e alguns dos preceitos que regem as relações entre seus membros. Por meio da análise das entrevistas e da observação de campo, procura-se traçar o contexto em que os membros de gangues se encontram, ativamente reconstruídos por eles a cada evocação de memória para elaboração da configuração *gangureira* do Distrito Federal.

Registra-se aqui não um histórico das gangues a partir de pesquisa documental, mas apanhados de atores *gangueiros*, em especial líderes e mais velhos, sobre como se construíram as gangues e como essas se apresentam na atualidade no Distrito Federal. A escolha de privilegiar a fala nativa e a história oral conecta-se tanto com a sub-representação de documentação oficial confiável sobre este capítulo da realidade candanga quanto com a legitimidade de meios não documentais para uma análise histórica. Além disso, perspectivas e discursos nativos são um dos principais aportes de análises etnográficas e antropológicas, partes do presente livro.

A história da *gangueragem* pode ser caracterizada pelo que Pollak (1989) cunhou como *memórias subterrâneas*, ou seja, narrativas que tendem a não ser reconhecidas como fazendo parte da história nacional. Vale notar que, para Pollak, as memórias subterrâneas são aquelas lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas que são guardadas em modos de comunicação informais no esforço de passarem despercebidas pela sociedade (POLLAK, 1989, p. 8). No caso das gangues, ao contrário de passar despercebida pela sociedade, sua história é veiculada majoritariamente por uma imprensa policial.

Neste sentido, vale evocar novas correntes teóricas na história como a *Nova História*, que surge na Escola dos Anais na França, com influência de autores renomados como Fernand Braudel, Lucien Febvre e Marc Bloch e busca problematizar o que se convencionou chamar de história tradicional – frequentemente enaltecida pelo senso comum como “única maneira de se fazer história”. Dentre as diferenças principais entre os dois tipos de abordagem podem-se arrolar parâmetros tais como: (1) a centralidade da política como assunto histórico privilegiado para a modalidade tradicional, enquanto a nova história propõe-se a se ocupar de todos os aspectos da vida social; (2) ponto de vista quase exclusivo das elites e dos grandes estadistas versus a preocupação com a “história vista de baixo”, o que acarreta a passagem de uma história das grandes ideias e dos célebres documentos para a história das mentalidades e a análise dos discursos; (3) o embasamento tradicional quase exclusivo da história em documentos escritos, o que evidencia especialmente

o ponto de vista oficial, negligenciando vasta gama de outras fontes de informação, tais como as visuais, orais ou estatísticas; (4) história como objetiva versus análises e interpretações que derivam de posicionamentos e entrelaçamentos culturais – do ideal da “voz da história” para a heteroglossia (BURKE, 1991).

É neste contexto que se buscará delinear fragmentos de um histórico da *gangueragem* em Brasília, a partir de falas localizadas de integrantes e líderes das principais gangues estudadas. Os discursos serão também analisados no contexto de paradigmas teóricos sobre memória social e comunidades de memória (HALLBWACHS, 1990; POLLAK, 1989).

Assim, a primeira seção versará sobre o entrelaçamento das biografias dos entrevistados com a fundação e a história das gangues de Brasília, tecendo considerações sobre as motivações para seu surgimento e os processos de escolha de seus nomes. Aprofundam-se também as análises acerca das relações entre seus integrantes baseadas nos critérios de senioridade dos membros.

A seção seguinte, por sua vez, trata da estrutura e organização das gangues do Distrito Federal, discorrendo sobre as diferentes posições de liderança e de relacionamento entre seus membros, além de analisar as diversas regras, preceitos e valores presentes neste universo. As trajetórias possíveis dos integrantes também são analisadas a partir dos depoimentos sobre a entrada e a saída do mundo da *gangueragem*, além de serem tecidas considerações acerca da questão de territorialidade neste universo.

1.1 Histórias de gangues, nas palavras deles, em Brasília

Mais do que reconstruir exatamente a fundação e trajetória das gangues estudadas, o objetivo é também delinear o que chamamos de *cena gangueira* atual no Distrito Federal. Para isto, as preciosas análises dos integrantes de diversas gangues (aliadas e rivais) são fundamentais, além de comparações com pesquisas anteriores (ABRAMOVAY *et al*, 1999). Serão estudados os entrelaçamentos entre as memórias dos entrevistados e a fundação das gangues, considerando-se as motivações para surgimento de novos grupos, os critérios e dinâmicas envolvidos na escolha de seus nomes, um breve histórico de algumas gangues estudadas e as diferenciações construídas por esses sujeitos acerca das diversas gerações de *gangueiros*.

Quando perguntados sobre o surgimento da gangue à qual pertenciam, a maioria dos sujeitos entrevistados mencionava não apenas a trajetória de sua própria gangue como também a conjuntura em que a fundação se deu, remetendo quase sempre a guerras e amizades entre gangues para explicar a situação atual. Neste sentido, é importante perceber como, mesmo quando as versões sobre a fundação de uma mesma gangue variam entre seus membros (na maioria das vezes de acordo

com a senioridade e as posições de poder ocupadas dentro dela), várias similaridades são percebidas.

É consenso entre os entrevistados a opinião de que as duas maiores gangues do Distrito Federal, na atualidade, são LUA (Legião Unida pela Arte), com mais de 500 membros espalhados pela capital, e GDF (Grafiteiros do Distrito Federal), com cerca de 400. É também em torno destas duas gangues que se articula a principal guerra existente atualmente, como será discutido na seção seguinte. Além destas, este estudo arrolou cerca de 60 outras gangues relacionadas à pichação, como demonstra o anexo 1, das quais cerca de 11 foram estudadas em maior profundidade.

Algumas gangues são compostas por jovens de classe média e alta, por exemplo a PKS (Primeiro Komando da Sul) e a GSJ (Grafiteiros Sem Janta), com os mesmos objetivos que as da periferia: ocupar espaço; serem reconhecidos; ter fama, assim como obter sucesso em relacionamentos sexuais e afetivos, e adquirir prestígio.

1.1.1 Biografias, memórias e fundação das gangues no DF

Os líderes apareceram como aqueles com maior legitimidade para contar a história – espécie de guardiões da memória coletiva (HALLBWACHS, 1990) das gangues. Assim, ao se perguntar “quando surgiu sua gangue?”, em diversos grupos focais, tomava a palavra o integrante mais antigo do grupo, na maioria das vezes líder local ou geral. Se para isso concorria o fato de alguns dos integrantes mais novos alegarem não saber da história em profundidade, também era crucial o fato de eles não terem legitimidade para dizer²⁴. Assim, a maioria dos fragmentos aqui considerados são falas de líderes ou membros seniores dos grupos analisados.

Os sujeitos pesquisados remetem o surgimento de seus grupos a momentos que variam entre o início da década de 90 e os anos 2000. Também se referem a gangues antigas que ficaram um tempo na “inatividade”, tendo depois seu nome ressuscitado por novos integrantes. Assim, pode-se localizar o início das gangues no DF na década de 80, corroborando os dados de pesquisa realizada nos anos 90:

As gangues de pichação começaram a aparecer no Distrito Federal no início dos anos 80, quando o primeiro movimento Hip Hop surge na cidade. Inicialmente, eram pequenos grupos que se reuniam apenas para pichar paredes de edifícios públicos, o que consideravam divertido. Gradualmente, esses grupos começaram a ficar maiores e seus membros passaram a deixar a pichação e se envolver com drogas e crime. (ABRAMOVAY *et al*, 1999, p.12)

²⁴ Aí se insere o exemplo de um Grupo focal com cerca de 12 integrantes de uma mesma gangue. Sempre que um integrante mais novo começava a contar histórias sobre a fundação ou a trajetória do grupo, este era interrompido pelo líder com expressões tais como “não foi assim”, ou “você não sabe de nada”.

Segundo os entrevistados, as gangues de Brasília são de distintos períodos, apesar de a maioria dos grandes grupos atuais ter sido criada nas décadas de 90/2000: a OLS é de 94; a GDF é de 90. Observam, ainda, o crescimento considerável de diversas gangues nos anos 2000, como a ET, fundada em 1997²⁵.

A memória foi um dos principais aportes utilizados para compreensão da configuração da cena *gangueira* do DF. Entende-se memória, conforme Hallbwachs (1990), como um fenômeno social submetido a flutuações e mudanças, possibilitando certo sentido de continuidade e coerência no tempo. Ela tem forte componente de coletividade, por mais que pareça resultado de pensamentos e experiências exclusivamente pessoais. Os quadros sociais que conformam a memória parecem remeter a uma origem extra individual e coletiva. Segundo este autor:

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em meu pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro (...). Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muitas das ideias e modo de pensar a que não teria chegado sozinho. (HALLBWACHS, 1990, p. 27)

As falas estudadas ilustram tais trânsitos e percursos entre o eu e o nós. A gangue, lugar privilegiado da pichação, como mote orientador do gregarismo que pode ou pede que se entre por outras sendas, como o crime; exibir-se para as mulheres e garantir proteção. Fazem-se guerras entre gangues, delitos vários, mas o reconhecimento pelo *trabalhar as letras* singulariza as gangues e os *gangueiros*: *está no sangue*. Segundo um líder ET:

Eu mesmo inventei ela (a gangue) porque, desde pequeno, quando eu comecei a escrever - de oito a nove anos - já começava a apreciar as letras no muro, dos caras mais antigos lá de Minas Gerais e tal. Eu já olhava aquelas letras ali no muro, já gostava. Desde moleque mesmo, já abria o caderninho e já ia lá copiando e tal e achava bonito. Aí chegou uma época - eu não lembro, uns doze anos, sei que foi em noventa e seis - em cheguei e decidi conhecer uns camarada que já faziam umas letras, fui aprendendo as letras e vi que era louco mesmo. Fui gostando daquelas letras aí e foi indo. Em 97, eu fui e originei a gangue, se formou a ET da gangue CDS, que eu liderava. (Grupo Focal, homem, líder ET)

²⁵ Note-se que não há consenso em relação às datas de surgimento das primeiras gangues do DF – um dos líderes indica o ano de 1998 como o marco inicial.

Na reconstituição da história das gangues, biografia de integrantes e curso de vida dos grupos se fundem, não só em ambiências macro referidas - correr riscos, falta de oportunidades, élan juvenil por adrenalina, segregações e procura ser parte do espetáculo - como no plano molecular da individuação, sugerindo conexões entre o público e o privado e fronteiras tênues entre o individual e o grupal.

Eu criei uma gangue cujo nome é GDR: Grafiteiros Detonadores Rebeldes, formada por grafiteiros que picham e desenham ao mesmo tempo. A gente, com alguns membros - cinco a oito membros - nós éramos skatistas e formamos essa gangue em 1991. Aí veio a rebeldia por meio das gangues, pichando os muros, batendo nos meninos das escolas, invadindo colégio, agarrando as mulheres mais bonitas e se destacando no meio do povo onde fazemos nossa fama. (Entrevista, homem, líder)

1.1.2 Motivações para a fundação

Na reconstrução das histórias das gangues, grande parte dos entrevistados evocou sua fundação como o momento primeiro da narrativa. Assim, as motivações para a criação de novos grupos parece ocupar papel importante nas representações sobre a *gangueragem* em Brasília. Além dos motivos comumente arrolados para se entrar em um grupo desta espécie, mais profundamente analisados na seção seguinte, tais como o gosto pela pichação, a busca pela fama e pela proteção dos pares, foram fortemente mencionados motivos específicos para a criação de novas gangues, independentes das já existentes.

Uma das razões citadas foi a necessidade de fazer frente aos grupos em atividade na época. Pode-se ilustrativamente analisar a fala deste sujeito, fundador de uma gangue hoje extinta e atual integrante da LUA:

Eu tenho 28 anos, sou pioneiro das gangues aqui de Brasília. Foi quando se fundou a GDF, que é uma gangue que tinha aquela faminha de bater nos outros, de ficar em frente às boates. A gente era a mesma coisa, só que nós montamos nossa gangue. Eu nunca tive vontade de entrar em gangue nenhuma. eu apenas com meus colegas de turma montou porque tinha essa GDF em nosso colégio e era muito falada. Essa gangue ela aterrorizava, os caras eram grandes e iam lá no colégio e batiam nos moleques mais novos e nós ficávamos observando aquilo. Por meio disso a gente montou a nossa, quando tinha um membro que era do nosso colégio que era dessa gangue, quando ele saiu a gente que começou a comandar o colégio, e vários e vários colégios, por meio dessa visão que nós tivemos. (Entrevista, homem, LUA)

Deste modo, a criação de uma gangue própria representaria não apenas fazer parte do universo das gangues e pleitear aquelas vantagens perseguidas pela maioria

dos que entram para este tipo de grupo – como a fama e a proteção -, mas também fazê-lo em uma organização própria, sem ter de se submeter às regras e imposições dos líderes. Ilustraria também a competitividade e a necessidade de se afirmar superior: *gangues têm muitas, a nossa só tem uma*. Assim, funda-se uma nova gangue para fazer frente às já existentes, para combatê-las ou diferenciá-las. O efeito de demonstração, o êxito de uma gangue é estímulo à criação de outras, assim se associa gangue à proteção, também influenciando a expectativa por exercício de dominação, tomar o lugar do outro, o agressor.

Muitas gangues nascem a partir de um jovem que se espelha em grupos já existentes. O jovem sai dos grupos estimulado pela competição, pela busca de proteção e afirmação. Tal busca, a importância de marcar seu nome, contando com o respaldo de muitos, bem indica a perfiliação do ser das gangues, quando o poder é orientado por impor-se ao outro par, próximo, ou à comunidade mais que à sociedade, ainda que o aparecer na mídia por suas guerras e pichações em lugares difíceis contribua e muito para tal poder e fama, e também para a vitimização indiscriminada.

Outro motivo bastante mencionado é o desejo de estabelecer uma convivência pacífica com as gangues já existentes. Assim, para evitar entrar em guerras, sujeitos resolvem criar seu próprio grupo, neutro a princípio. Na fala de um líder fundador:

Começou em 99, na Ceilândia, porque tinha dois grupos... na Ceilândia, o que predominava lá era duas galeras: GDF e GSL. Só que delas se matavam muito naquele tempo, tipo todo mundo. Era guerra deles, era muito constante, sempre tinha alguém morrendo, e a gente era jovem ainda e não queria começar. Aí, decidimos fundar a nossa, assim no começo de 2000. (Entrevista, homem, líder)

A busca pela neutralidade parece ter sido o motivo de fundação de diversas novas gangues. Não se envolver em brigas alheias e buscar uma atmosfera pacífica de convivência é o mote propulsor de grande parte da criação de novos grupos. Dadas as configurações políticas desse universo, no entanto, este caráter apartidário é dificilmente mantido pelas gangues durante muito tempo:

Teve uma hora que nós fundamos com a intenção de ser aquela galera boazinha: “vamos ser neutros, não vamos ter guerra com ninguém”. Essa foi a nossa intenção, só que chegou um tempo que não dava. A gente andava com o GDF, pichava com o GDF tanto quanto pichava com o GSL, só que se você saía com um, levantava a inveja do outro, entendeu? Se você saía com o outro provocava a inveja do outro, acabou que um dia tivemos que acabar com isso porque já estava começando a ter desacertos e nossa galera já estava meio abalada no meio da gangueragem por causa dessa história de tentar ser neutro. (Entrevista, homem, líder AG)

A tentativa de não envolvimento nas guerras pode ser tomada como traição pelas demais gangues. Assim, relacionar-se amigavelmente com o inimigo (ou “colar com os capas”) pode ser indício de deslealdade, falta de caráter, de coragem para se posicionar ou, mais gravemente, de vazamento de informações e delação. Afirmo um líder da que *ser neutro é o sonho da maioria das gangues novatas, mas daí para se tornar realidade é muito difícil.*

Neste sentido, percebe-se como a conformação de uma nova *galera* está estreitamente atrelada ao cenário de configurações de relações entre grupos anteriormente colocado. Ser uma gangue respeitada é, em grande medida, que assume posicionamentos considerados honrosos pelo grupo de pares. Assim, mesmo que a guerra não seja o desejo da maioria das novas gangues, ela está posta, e é mister posicionar-se perante ela.

Mas esses não são os únicos motivos mencionados para a formação de novas *galeras*. A pichação se destaca como forte motivador. O mundo das letras e das cores parece exercer fascínio por suas qualidades intrínsecas, pelas manifestações artísticas aí imbricadas: *fundei a gangue por causa que me amarro nas letras. Não tem nada disso de proteção, guerra, nada. Eu gosto é das letras iradas. O fascínio* decorre também do que as pichações e as próprias gangues podem expressar no âmbito de seu caráter contestador da ordem estabelecida:

Porque desde moleque já parecia ter sangue de revolução, minha mãe era, acho que já passou para mim o sangue de revolução. Minha mãe no tempo da ditadura, toda aquela época lá, minha mãe é da década de 1960, ela pegou um pouco da ditadura ela falou que tinha um namorado que ele ia muito nesse movimento. Aí, ela teve amiga que na época os canas deram tiro de bala de borracha, gás, ela corria direto, acho que foi isso. Acho que o sangue é de revolucionário mesmo, de gostar das letras mesmo (Entrevista, homem, líder fundador)

A centralidade da pichação e as origens e significados atribuídos a ela pelos pesquisados são mais profundamente analisados na seção específica acerca do tema. Vale notar que as motivações alegadas para a fundação de novas gangues envolvem desde a busca pela fama e pela soberania até a reivindicação de seu caráter contestatório.

1.1.3 Gangues e a escolha dos nomes

A escolha do nome da nova gangue é considerada pelos entrevistados como um dos pontos principais na reconstrução de sua história. O nominável torna-se concreto e reconhecível pelo coletivo. Apesar de variarem entre si, os rituais de batismo e nomeação das gangues estudadas ocorreram, em sua maioria, em momentos que envolveram vários integrantes em acordo pela melhor alcunha. A

escolha coletiva do nome parece não apenas legitimá-lo como também concorrer para o desejo de todos de propagá-lo: é um nome escolhido e admirado devendo ser eternizado.

E nisso um dia fizemos uma reunião. Chegou no dia com o nome de E.T e disse: o nome da galera vai ser esse Aí a gente falou: beleza, e qual que é o significado? E ele disse: tem dois significados pra vocês escolherem: Elite Terrorista e Esquadrão Terrorista. Aí teve a votação e decidimos que ia ser Esquadrão Terrorista, aí ficou nisso até hoje. (Grupo Focal, masculino)

As gangues do Distrito Federal são, em sua maioria, denominadas por siglas de duas ou três letras, abreviações de seus nomes. Parece ser importante tanto a sonoridade da sigla quanto o significado do nome por extenso. Assim, correlações com siglas famosas, como é o caso de ET (que no senso comum significa extraterrestre e no meio gangueiro quer dizer Esquadrão Terrorista) e GDF (que designa tanto o governo do Distrito Federal quanto os Grafiteiros do DF), ou formação de novas palavras com as iniciais – como é o caso da LUA, são tão importantes quanto os fortes significados dos nomes:

Então quando uniu as galeras, rolou a reunião, foi dando as sugestões e tal. Aí queríamos ter alguma coisa voltada tipo com o Legião, tem que ter o L de Legião e as duas letras a gente transforma aqui. Aí nesse dia nequinho foi e começou a falar: Legião Urbana, Legião Unida não sei o que lá. Saiu uma coisa na roda assim: Legião Unida pelo Crime, Legião Unida pelo não sei o quê. Aí: Legião Unida pela Arte. Aí os moleques: Opa, Legião Unida pela Arte, então. Aí todo mundo: ficou legal, não sei mais o que lá, aí ficou Legião Unida pela Arte. Foi assim que surgiu a LUA. (Entrevista, homem)

Os nomes das gangues indicam logos importante e seguem lógicas diversas. Comumente nascem em reuniões e não necessariamente destacam elemento de transgressão em suas siglas, como no caso da LUA. Interessante perceber a constância de alguns temas nos nomes das gangues no Distrito Federal, tais como referências ao grafite (como na Anjos Grafiteiros ou na Grafiteiros Sem Lei), à pichação (como na Pichadores da Ceilândia Norte ou na Movimento Obscuro da Pichação) ou à arte, por vezes sucedida do adjetivo proibida (como na Guardiões da Arte Proibida ou na Amantes da Arte Proibida). Também são comuns referências a anjos (como na Anjos Kabulosos) e a demônios (Novo Comando Satânico) e, com menor frequência, menções diretas ao crime (Escaladores da Caligrafia Kriminosa e Fação Criminosa de Sobradinho). Nota-se, pois, como a nomeação da gangue ativa muitos dos eixos conformadores das identidades das gangues, quer eles sejam autoatribuídos ou ressignificações de identidades atribuídas à sua revelia.

1.1.4 Breve histórico de algumas gangues estudadas

No sentido de ilustrar a conjuntura *gangueira* atual no DF, vale proceder a uma breve reconstrução histórica de algumas das gangues estudadas, a partir da memória de integrantes. Considerando a história do surgimento de quatro importantes gangues de Brasília, objetiva-se exemplificar as diversas e polimorfos origens e estruturas dos grupos estudados.

Considerada uma das mais antigas e conhecidas gangues do DF, a GDF existe há mais de 20 anos e seus líderes afirmam que ela já teve membros em todas as cidades da capital federal. Foi enfraquecida pelo surgimento de outras gangues menores que se aliaram à LUA, sua maior rival. Surge da fascinação pela pichação e pela fama, conforme afirma um integrante:

Foi tipo eles trocando ideia, na moral. Falaram: vamos ser pichadores, segundo eles me contaram. Juntaram uma mochila, a comercial era toda limpinha, colocaram um monte de *spray* e começaram a GDF, pegaram a comercial inteira, teve um monte de reportagem, daí que foram surgindo as outras gangues. Isso eles estavam na comercial de Taguatinga, onde tem um monte de poste. Depois disso aí que veio aparecendo as outras gangues, que eles causaram muita repercussão, aí veio aparecendo as outras na sequência. Isso em 89, 88, finalzinho de 80. (Grupo focal, masculino, integrante GDF).

Alguns membros citam que a GDF surgiu de jovens moradores de São Paulo que se mudaram para Brasília e na mala trouxeram a vontade de pichar. Segundo um líder antigo, seu formato foi mudando com o passar do tempo: *hoje, a GDF está sem controle, perdeu membros, ganhou inimigos e quem faz parte está ameaçado de morte pelo simples fato de ser GDF*. Integrantes mais novos, por outro lado, sublinham a força que a gangue vem ganhando desde 2004, quando se alia formalmente a algumas gangues menos numerosas, como a GSN (Grafiteiros Sanguinários Noturnos), a OLS (Organização Legião Satânica), a GAP (Guardiões da Arte Proibida) e a ET (Esquadrão Terrorista). Expressiva tanto pelo número de membros quanto pela antiguidade, diversos integrantes afirmam que a gangue está na quinta geração de membros, envolvida no passado em duas das principais guerras existentes na cena *gangueira* do DF, sendo atualmente a principal rival da LUA.

Uma das principais aliadas da GDF, a gangue Esquadrão Terrorista (ET) foi fundada em 1997 na cidade de Belo Horizonte. A partir da iniciativa de seu líder fundador, em 2003, a gangue expandiu-se pelo DF, sendo presença forte nas cidades do Gama, Sobradinho II, Samambaia e Ceilândia. A ET conta com uma facção feminina, conhecida como ET.

O crescimento da ET veio por volta de 2003 que começou a crescer, que eu conheci o primeiro integrante da ET aqui no DF, depois foi o fulano. Em 2003, aí ele me apresentou sicrano. Os camarada na época aqui era igual a um mito. Aqui pagava altos, arregaçava mesmo na época, mas só quem pichava era eu. Tinha aquela coisa, os moleques tinham uma vontade de me conhecer porque eu comandava Minas Gerais e tal, mandava altas mensagens reivindicando. Os moleques tipo me conheciam. Eu andava com uns boné gravado ET grandanzão, aí eu andava sempre flagrante. Os bicho se espelhavam em mim e ficavam doidos para entrar pra minha galera, e eu não era muito de dar ideia. Na época que eu vim aqui pro DF valorizava muito que para entrar para a galera não era qualquer cara que entra não. (Grupo Focal, masculino, líder fundador, ET)

As gangues rivais ao bloco liderado pela GDF são comandadas pela LUA (Legião Unida pela Arte), em tese a maior gangue do Distrito Federal. Mais recente do que a GDF, esta gangue, fundada em 1999, conseguiu agregar não apenas numerosos integrantes nas diversas regiões do Distrito Federal como também possui um considerável número de gangues aliadas. Possuidora de um assvio próprio, responsável não apenas por identificar os membros entre si, e por sinalizar o combate direto, LUA é uma das que se destacam na cena *gangueira* do DF. Nas palavras de um líder fundador:

A LUA aparece em 99, mas dos moleques já das antigas na pichação, de outras galeras, iradas, tipo GDR, tipo DFA, que se juntam e fazem a LUA. Tanto que na reunião para resolver o nome da LUA, tinha aí umas 60, 70 cabeças. Nessa reunião [de fundação] tinha uns 60, 70 moleques assim, por aí. É pouco, em relação ao que rola hoje em dia. É muito pouco, hoje em dia uma galera de setenta moleques aí é galera de rua, tipo de quadra, de um só lugar assim, entendeu? Tipo galera da quadra assim junta os moleque e faz uma galera. (Entrevista, homem, líder LUA)

O crescimento de algumas gangues é frisado com orgulho. Nota-se que em 1999 a LUA nasce com 60 ou 70 membros. A existência de diversos líderes locais e de uma líder feminina evidencia a estrutura capilarizada dessa gangue. Algumas de suas aliadas são GSL (Grafiteiros Sem Lei) e AG (Anjos Grafiteiros).

AG é uma gangue fundada em 2000, contando atualmente com cerca de 300 membros espalhados por cidades como Ceilândia, Riacho Fundo e Samambaia. Iniciada por cinco integrantes, destaca-se atualmente por ser uma das principais aliadas da LUA – em algumas ocasiões, membros das duas gangues assinam LUAG, conjunção das duas siglas. Segundo um de seus membros fundadores:

AG começou com cinco membros. Só que é questão de meses, você divulgou sua galera. Se você quiser fundar uma galera hoje em dia, se você quiser que a galera levante, você picha (...) eu mesmo sempre fui de divulgar porque como eu fui fundador e líder, então quanto mais minha galera tiver no ibope mais vão lembrar

de mim por ter fundado e ser líder. Então se eu pegasse um muro grande assim, eu colocava um AG grande aqui e meu nome menor. Hoje em dia não, qualquer um põe o nome todinho aqui e a galera bem pequenina do tamanho desse negócio ali. (Entrevista, homem, líder AG)

Neste sentido, é possível perceber como as histórias das diferentes gangues se entrelaçam e compartilham de alguns denominadores comuns, como a importância da pichação e da fama e as alianças e rivalidades que regem o universo *gangueiro e suas origens*.

1.1.5 Diferenciação entre gerações

Um dos eixos em torno do qual se estrutura a história das gangues contada pelos entrevistados é o que eles chamam de gerações, conceito intimamente ligado à senioridade dentro do grupo e à idade dos participantes. Assim, ao diferenciarem as gangues de hoje e as de cinco ou dez anos atrás, os sujeitos lançam mão das classificações dos *gangueiros* em gerações, com características e qualidades próprias. Este é um discurso utilizado principalmente pelos líderes e pelos *das antigas*, ou seja, aqueles que estão nas gangues há mais tempo e que se colocam em posição de realizar uma análise comparativa com base em qualidades e diferenças atribuídas. Neste contexto, vale notar que a glamourização do passado é recorrente, aliada a certa desvalorização da geração atual.

Cada uma das gangues tende a definir quantas gerações de membros já teve, o que varia entre cinco gerações, como é o caso da GDF, e uma geração, como as gangues mais recentes. Ao mesmo tempo, os sujeitos entrevistados também classificam o todo da cena *gangueira* em gerações, que, para além do tempo da existência da gangue, são responsáveis por definir os parâmetros de funcionamento da *gangueragem*, da fama e das guerras. Acessam esse tipo de classificação a partir das diferenciações marcadas entre o *antigamente*, o *meu tempo* e o *hoje em dia*. Segundo um líder:

A diferença é muita, hoje eu não tenho coragem de colocar meu nome no muro porque os moleques novatos vão riscar e vão rir de mim, é perigoso de ainda me darem uns disparo de arma de fogo. No meu tempo não tinha isso, você riscava e neguinho: olha o cara ali, é ele, é o cara, hoje não. Hoje está violento, não tem espaço. Você olha para os muros, é uma em cima da outra, mais de trinta pichações em um lugar só, e um mas enfeitado que o outro. Neguinho antigamente pichava de madrugada, hoje picha meio-dia na cara dura mesmo, não tem medo de polícia mais não. Normalmente são menores, os de maiores viram grafiteiros porque a gente tinha nossa regra que a gente sempre parava com dezoito anos e hoje não. Os que são de maior vão assim só para ver a galera mesmo porque ele sabe que essa geração nunca morre. (Entrevista, homem, líder)

Se a pichação seria a razão de existir da gangue, não necessariamente teria o mesmo estatuto em todas as gerações. Segundo outro líder LUA, *gangueiro* desde 1999: *os moleques de hoje só querem saber de mandar no muro para os outros verem. A galera da antiga não, era para ver quem tinha a letra mais doida.*

Na história das gangues e dos *gangueiros*, de fato, a geração conta, tendo prestígio os mais velhos, *os da antiga* que consideram a gangue uma família, vocabulário comum na referência a esse agrupamento, como ilustra um líder:

Minha gangue virou uma família em si, os camaradas que estão ali [hoje] estão estagiando, têm uma família ali. Eu sei quem vai ficar conosco até ali, por causa das gerações. (Grupo Focal masculino, líder)

A polarização entre *os novatos* e *os da antiga* parece reforçar o preconceito da sociedade reinante: mesmo entre os jovens, em uma instituição jovem, é necessário ser mais antigo para ser respeitado. Também se relaciona com a aprendizagem dos códigos de conduta e de ética do meio *gangueiro*, o que pode resultar em alguns exageros ou faltas consideradas graves pelos mais antigos.

A gangueragem de hoje em dia não é nem sombra da de antigamente, isso é com certeza, antigamente era muito mais doido. Porque o negócio era de homem mesmo, não era de moleque. Neguinho já perdeu a noção do que é gangueragem. Antigamente o negócio era certo. A gangueragem era a mesma coisa que crime. (Grupo focal, masculino)

Apesar de não haver consenso sobre as diferenciações entre as gerações, mesmo em um Grupo focal de membros de uma só gangue, uma categorização bastante utilizada, especialmente pelos líderes do bloco de gangues aliadas à LUA, divide a *gangueragem* em três principais gerações: a primeira geração teria sido a da *porrada*, aquela em que seus integrantes dedicavam-se às guerras e às brigas advindas da pichação com confronto direto, na maior parte das vezes desarmados. A segunda geração, por sua vez, é conhecida como a *geração da bala*, aquela com maior número de mortos e mais presença de armas nas guerras e batalhas para difundir e defender o nome da gangue. A terceira geração, a atual, é pejorativamente chamada de *geração online*, aquela em que o confronto direto e pessoal e a pichação real são menos frequentes, sendo substituídos pelas brigas em espaços virtuais como o MSN, o Orkut e os sites de postagens pessoais (como Flogão e Fotolog). Segundo um líder:

Deixa eu falar. Colocar uma coisa nessas três gerações – a primeira geração foi a da porrada, encontrava aquele monte de galera e rolava todo mundo na porrada; a segunda geração é a nossa, foi da bala, quando se encontrava era tiro mesmo; e

a terceira agora é da internet – desse jeito está dividido. Antigamente podia juntar 60 moleque de um lado, 80 do outro, se balançasse todo mundo de cabeça pra baixo, não saía um revólver, não saía uma faca. (Entrevista, homem, líder)

Outra diferenciação entre as gerações anteriores e a atual, segundo os integrantes mais antigos, diz respeito ao menor número de guerras de gangues na atualidade, o que refletiria certa falta de compromisso para com a própria sigla e para com o universo *gangueiro* em geral:

Mas a primeira e a segunda gerações tiveram muito mais morte do que essa terceira agora, vamos dizer em relação à gangue. Agora os moleque não estão morrendo por causa de gangue, ninguém... Não é aquela coisa assim, é mais os moleques falando: vou matar! Vou matar! Mas não mata, mas não morre. Antes os caras não falavam que iam matar, antes neguinho já chegava e ia na captura, já buscava em casa, já ia na quadra, ia atrás mesmo. (Entrevista, homem, líder)

De modo, o não engajamento em guerras e batalhas parece querer demonstrar para esses integrantes mais antigos, uma espécie de falta de comprometimento com a *gangueragem*. Morrer e matar pela gangue parecem ser condições importantes para o reconhecimento pelos pares como indivíduo honrado e comprometido: *é porque na hora do 'pega pra caçar', sai correndo, deixa a galera na mão, nós depois ainda tem que bater nos cabritos e ainda quebrar esse aí também.*

A desvalorização da geração atual; em comparação com os velhos tempos, parece repetir uma tendência de valorização da geração pioneira, daqueles que iniciaram a pichação no DF, deparando-se com espaços vazios e embates pessoais legítimos:

Se eu pudesse escolher, eu queria ter participado da primeira. Eu gostei da minha (segunda geração) também, que a minha também foi o meio termo aí nessa história, mas pra mim a primeira. Porque era menos pichador, tinha mais espaço em Brasília pra pichar e não tinha tanta guerra, e não tinha tanta sem-vergonhice igual tem hoje em dia, e não tinha internet. (Entrevista, homem, líder)

Neste sentido, a utilização do espaço virtual para *levantar a galera*, ou seja, para propagar o nome da gangue parece ser tida como muito menos legítima que a ação considerada real, embora, como analisado na seção sobre a internet, a interação dos sujeitos por meio do ciberespaço contenha em si desdobramentos tão reais quanto brigas e morte:

O baú das guerras vem de longe. As antigas apeavam muito mais do que hoje, e a segunda geração também apeou muito mais guerra do que a de hoje; hoje em dia as guerra dos meninos é mais, pela internet, entendeu? Ali você tem um apelido,

o outro ali... os cara começam uma guerra pela internet, os pivete nunca se viu na vida e fala que vai matar – ‘Vou te matar, entendeu?’ E, é só menino – ‘Eu vou te matar!’ E entra no MSN e bota aquelas metralhadoras e ta-tá-tá. É muita luta. (Grupo Focal, masculino, líder)

Ainda segundo a velha guarda *gangueira*, a internet traz a possibilidade de esta terceira geração falsificar parte de suas identidades de pichadores em *gangueiros*. No lugar de nomes em muros nas ruas da cidade, afirmações de fama e o que eles chamam de *pichação online*.

É desse jeito aí a guerra dos meninos, porque depois que a internet começou a rolar, apareceu muito moleque aí de internet. Não é pichador, não é gangueiro, é tipo os meninos da internet; arrumam um apelido online, são os pichadorzinho online. Arruma um apelido e começam a botar o nome deles na internet. Aí, por exemplo, abre uma janela do MSN com mil e umas cabeças falando ao mesmo tempo, aí começa a pichar lá, aparecer o apelido dele lá pra todo mundo ver, aquela coisa, só no pente, entendeu? Aí é diferente porque no nosso tempo, na primeira geração, não tinha essa coisa de internet. Você tinha uma guerra, você se esbagaçava com o cara na rua. Não adiantava você tentar que você ia trombar alguma hora. (Entrevista, homem)

Honrar a galera é uma comum referência aos *da antiga*, o que sugere saudosismo por um passado glamourizado e uma noção de envelhecimento, entre aqueles que são da cultura das gangues, diferente daquela do senso comum, notando-se que os mais velhos entre os entrevistados têm menos de 30 anos. De fato, em uma cultura em que se vive intensamente e se tem no caixão um destino, com razoável probabilidade de se morrer cedo, é esperado que os jovens mais maduros se sintam mais velhos, além do fato de que com a maioria estão mais vulneráveis a perseguições e homicídios por policiais: “eu tenho a minha gangue que é gangue dos antigos, é gangue só de velho, de 20 a 30 anos“.

Sabe qual é a diferença também de hoje em dia pra neguinho das antiga? Hoje em dia os moleques não honram muito a sigla, não é aquela coisa veemente. Hoje em dia não, hoje em dia os moleque só quer ser da galera pra pegar umas gatinha ali, quer fazer bonito pra menina ali, falar: sou da gangue tal AG, meu apelido é tal, entendeu? Sou gangueiro e tal. Hoje em dia a ideia dos moleque é essa; essa é a ideia que eu acho mais diferente das antiga, tipo, a ideia é outra. (Entrevista, homem, líder)

Honrar a galera é expressão que também sublinha certa noção de masculinidade esperada pelos que entram. Observam jovens *da antiga*, líderes atualmente:

H1- As ideia mudou, porque a ideia das gangue da antiga, era a gangue mesmo, entendeu? A LUA, nós somos uma gangue aqui, nós tamo aqui pra matar e pra

morrer pela sigla, vamos arrebentar a galera toda aí, vamos botar os nomes na cidade, vamos, os polícia vão ficar doido com nós, e o jornal vim querer fazer entrevista, e vamo que vamo.

H2 - Hoje em dia é diferente, os moleque quer só ficar mais tranquilinho, quer só botar uns nomezinho e ficar famoso às custas da galera, entendeu? Aí os moleque, o quê que acontece? Os cara, os moleque pensa que virou reizinho da galera, aí cai pra dentro da galera, aí fica bonitinho e tal, mas não dá aquela importância mesmo que tinha das antiga, que neguinho falava: - não, nós é nós. Chega pra um moleque desse aí na rua, por exemplo, uma galera rival, chega nele na rua: - você que é você? É tal e tal? - O cara fala: - Não, não sou eu não. Nega até a mãe, isso aí é sempre. (Grupo focal masculino, líderes)

Se os mais jovens são vistos com desconfiança por se envolverem em brigas virtuais, *só quererem arrumar gatinha*, por não honrar a galera, inclusive negando pertença, e mais que pichar, riscar os nomes de outros e não terem o mesmo sentido de fratria, segundo os *da antiga*, note-se que muitos desses começaram nas gangues na faixa de 10 a 14 anos, como *os novatos* hoje e também passaram por diferentes galeras: *eu comecei numa faixa de 13 anos, fui sei lá, de quase todas as galeras aí, já fui GSL, GFM, já fui de altas galeras aí. Meu negócio é pichar*. Admite-se que a busca por proteção, o efeito de demonstração, estarem outros, amigos ou não, seria um estímulo comum à entrada ontem e hoje nas gangues, um rito de amadurecimento: *eu entrei [há 10 anos] porque era novinho, neguinho tudo queria entrar quando nós éramos pequeno, todo mundo começa a entrar numas*.

De acordo com os entrevistados, as gerações de *gangueiros* são identificadas por períodos que demarcam tipos de interação, em particular quanto ao conflito. O uso de armas de fogo aparece como fator importante nesta categorização. Assim, alguns pontuam que as armas de fogo eram muito comuns na segunda geração, apesar de ainda o serem na geração atual. Não há consenso sobre tal periodização, e há os que indicam que as mortes por armas de fogo se associam ao preço da arma e sua disponibilidade, afirmando que já eram comuns nos anos 90.

Outros, por sua vez, destacam as arma de fogo e o tráfico de drogas, geralmente mais restrito aos amigos, aos colegas de escola e de gangue, à épocas mais recentes, em razão do preço das armas hoje. Segundo uma integrante:

O ruim é isso. Porque antes a pichação era um negócio só de briga. Ninguém matava ninguém. Agora, tem uma guerrinha ali, arruma um revólver, ficou mais barato e todo mundo quer ter o primeiro homicídio pra ficar famoso. Todo mundo paga pau: "pô aquele cara lá é cabuloso". Todo mundo tem medo. (Grupo Focal, feminino)

Neste contexto, como analisado mais aprofundadamente na seção sobre guerras, a exibição de armas atua como meio de demonstração de coragem e valentia, valores caros às gangues.

A trajetória das gangues não é necessariamente linear e evolutiva. Algumas ficam um tempo inativas, como o caso da OLS, e revivem; outras desaparecem ou sobrevivem pelo esforço de uns poucos, como é o caso da GME (Grafiteiros Menores Enfratores). Apesar de existirem casos em que o *gangueiro* sobrevive às gangues, o mais comum é o contrário acontecer. Relata um ex-membro da OLS, hoje ET: *eu era o único que pichava das antigas. Fiquei mais ou menos dois, uns dois ou três anos saindo sozinho, eu era o único que pichava meu nome.*

Note-se que a história das gangues, pelos membros desses agrupamentos, é uma história deles (his story): quase não são citadas as líderes famosas ou feitos das mulheres integrantes. No momento em que muitas dessas críticas foram expressas e as histórias de gangues relatadas, as jovens líderes estavam presentes, não sendo, contudo personagens legitimadas desta história. De fato a história delas (her story) ainda precisa ser melhor contada.

Nesta seção, foram analisados os diversos discursos imbricados na construção da história das gangues, a partir de falas de integrantes e líderes destes grupos. As relações entre as biografias dos membros, as motivações para fundação de novas gangues e as classificações dos integrantes em gerações são importantes ao se buscar compreender o cenário das gangues em Brasília.

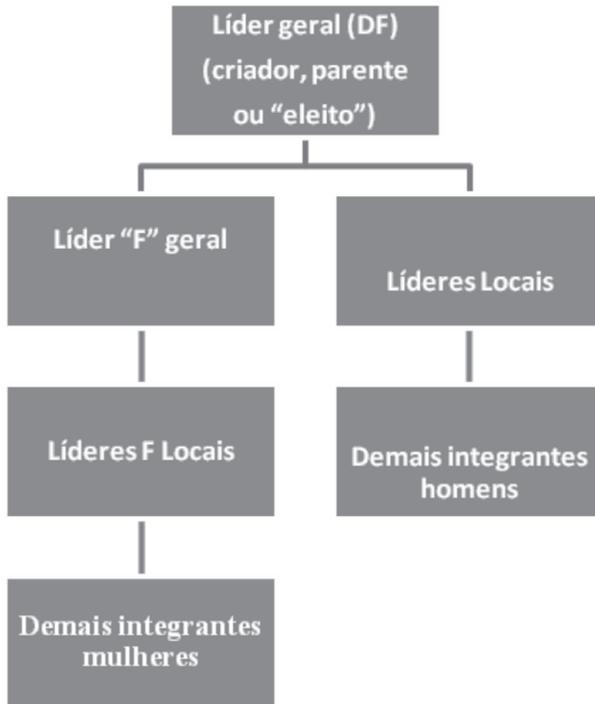
1.2 Gangues: estrutura e organização

Ao pesquisar as relações existentes entre os membros das gangues do Distrito Federal, torna-se indispensável tecer considerações sobre a estrutura hierárquica e a organização destes grupos, ainda que seja importante frisar que a fluidez de normas e regras e a diversidade de estruturas são notáveis entre as diversas gangues candangas. O objetivo desta seção é analisar as estruturas e organizações usuais entre os grupos pesquisadas, considerando suas regras, preceitos e valores, sua relação com a territorialidade e as trajetórias de seus membros, versando sobre motivos e maneiras de entrada e saída destes grupos.

1.2.1 Estrutura hierárquica usual

De uma forma geral, as gangues tendem a se estruturar hierarquicamente de maneira semelhante, organizando-se a partir de lideranças gerais e setorizadas. Vale notar que quanto maior e mais espacialmente disseminada a gangue, mais setores

e lideranças tendem a existir. O diagrama abaixo traz o esboço da estrutura básica dos grupos:



O líder geral é a autoridade máxima da gangue, sendo responsável por nomear os líderes locais, ou seja, líderes responsáveis por seções territoriais do grupo, na maioria das vezes correspondentes às cidades-satélites. Também são os líderes gerais os responsáveis por empossar as líderes femininas - ou líderes F -, encarregadas da liderança das integrantes mulheres do grupo. Posto que usualmente o número de membros mulheres é significativamente menor do que aqueles do sexo masculino, comumente a líder F não necessita de líderes F locais, subordinadas a ela, exceção feita às gangues mais numerosas. Deste modo, os integrantes homens são subordinados diretamente aos líderes locais, e as integrantes mulheres às líderes F, o que não quer dizer que os membros masculinos não devam respeito às líderes F, ou as integrantes femininas aos líderes locais.

O diagrama exprime um esquema geral de hierarquia. Como todo modelo ideal, não corresponde necessariamente à realidade exata do que acontece em todas as gangues da cidade. Assim, gangues menores e mais espacialmente concentradas tendem a não contar com líderes locais, e o segmento feminino não existe em todas

as gangues. Como será explorado ainda nesta seção, algumas gangues não admitem mulheres em suas fileiras por culpá-las por mortes e desídia de diversas espécies. Torna-se necessário proceder à análise de cada um dos cargos e posições expressos no diagrama.

a) Líderes gerais

Inicialmente, os líderes gerais tendem a ser os fundadores das gangues, ou, com a morte ou retirada destes da *gangueragem*, algum parente próximo ou amigo escolhido pelo líder. São abundantes os exemplos em que irmãos ou primos dos fundadores dão continuidade à dinastia de líderes gerais. Há também os chamados *líderes eleitos* (apesar de não necessariamente haver um processo efetivo de eleição), nomes escolhidos pelo líder anterior ou pelos integrantes da gangue como um todo.

Além do líder geral do grupo, os mais antigos (os *da antiga*) têm *prerrogativas*, são considerados *superiores* hierarquicamente e *merecem respeito* dos demais: *tem que dar voz para saber quem é o líder*. A estrutura de organização se apoia na história, na afirmação de coragem e nos feitos, sendo importante a dicotomia entre os *da antiga* e os novatos, comumente depreciados pelos primeiros. A glamourização dos antigos pode se dar, por exemplo, pelo número de mortes que contabilizam em seu currículo e as guerras empreendidas:

Rapaz, era o tipo de cara que se trombasse na rua podia se preparar, dois moleques ruins. [...] Era filho de promotor, tinha tudo que queria, carro, moto, tudo, já o finado não, era um moleque sofredor mesmo, mas era um moleque doido, não tava nem aí, era sangue ruim. Ele matou um moleque da X e deixou outro na cadeira de rodas e mataram o finado também. (Entrevista, homem)

Uma vez líder continua-se com a relação com o grupo e se *honra a galera*. De fato há uma ambígua fusão entre o indivíduo e o coletivo - a gangue, principalmente entre os *da Antiga* e os líderes, o que desafia a ideia de busca de individualização por personalismos. Faz-se fama individual e faz-se a fama da galera, e essa continua atavicamente ligada ao indivíduo: pode-se sair da *gangueragem* e se continua sendo da gangue.

Em um testemunho de respeito com os *da antiga*, citam-se como trajetórias possíveis de um líder: parar, entrar para o crime ou continuar em atividades como a pichação. Um integrante relatou, nesse ponto, que: *é, ele vai ser para sempre. O moleque é pai de família, tem a mulher dele, o filho, mas só anda com as duas latas (de Jet) dentro do carro. O líder impõe respeito mesmo preso: comandando a galera lá fora, ninguém atravessa a voz dele não.*

A liderança se define e se redefine na historicidade do sentido da gangue, o que se apresenta na exposição sobre gerações de gangues e discursos sobre os *da antiga* e os novatos, que constituíram hoje grande parte dos integrantes de gangues. É a disposição para defender a honra e o nome da gangue, honrando seus mortos, em oposição a fazer fama, que distingue os líderes:

Hoje é fuleragem, querem bater nos outros, não estão nem aí, arrumam guerra por qualquer coisa. Hoje em dia é tempo dos novinhos pra mim. Eu continuo aí só mesmo para não deixar morrer a galera, porque pra mim nem vale a pena. Eu honro a galera, todos os moleques que morreram pela galera honraram a galera. É que nem eu falo: posso estar com quarenta anos na cara, se eu vir que a galera está lá embaixo eu vou levantá-la de novo, não a deixo morrer não. (Entrevista em grupo, misto)

O líder *fundador* do grupo é considerado uma das pessoas mais autorizadas a falar sobre a história de criação da gangue e sobre os acontecimentos mais marcantes ao longo dos anos, configurando-se, de certo modo, como um “guardião da memória” do coletivo.

É considerado a principal referência na gangue, podendo ser citadas como algumas de suas prerrogativas básicas: convocar reuniões, escolher os líderes locais, determinar se haverá guerra de gangue (que são diferentes das guerras pessoais), *cobrar*²⁶ oficialmente os integrantes que tenham de algum modo ferido as regras e julgar sobre a sua punição e até a exclusão: *tem uma hierarquia e é obedecida. Em umas galeras é, e em outras não. No momento que você se torna líder, você tem a voz ativa mesmo, o que você fala é lei.* Muitas vezes, um líder de gangue adota características específicas ao lidar com os demais integrantes. Um deles afirmou que muda totalmente de personalidade – em comparação a outros espaços sociais – quando em contrato com a galera. Como representante de gangue, não pode demonstrar fraqueza, tem de ser muito frio nas decisões que toma, não passando a seus seguidores muitas das incertezas, brigas e desentendimentos que acontecem. Se a gangue souber de tudo, reage às suas ordens dele, e acaba arrumando *guerras* por motivos banais. Assim, o líder deve ponderar sobre o que é e o que não é um motivo real para uma *guerra*. Como líder, afirma precisar ter sabedoria, pois todos querem seu lugar. A sabedoria está em se manter como líder, manter seu respeito, manter sua legitimidade em

²⁶ *Cobrar* significa exigir explicações acerca de determinadas atitudes que possam ter confrontado os acordos e as regras de conduta do grupo. Geralmente, após a cobrança, são estabelecidas punições específicas, como sanções na forma de agressões físicas e de apreensão de pertences pessoais (ex.: celulares, tênis, bonés, etc.). Ao que parece, parte importante da cobrança é o elemento de humilhação, já que uma série de ações vexatórias é feita em público e carrega o intuito de rebaixar o *status* do membro dentro da gangue.

termos de liderança e alimentar a sua própria autoridade. Além disso, não pode dar espaço demais para seus liderados, de modo que um deles declarou não adicionar qualquer pessoa da gangue no Orkut e no MSN: *não é qualquer gangueiro 'baba-ovo' que vai ser meu amigo.*

Os mecanismos de sucessão de liderança não estão necessariamente relacionados ao mérito. Usualmente, são os irmãos ou primos dos fundadores que herdam a liderança, o que pode causar certo descontentamento entre os membros da gangue.

Por mais que todos da galera sejam amigos dele, achei muito errado ele ter ganhado esse papel desmerecido. Porque tem gente aí que sai pra pichar todo dia, todo dia de madrugada, faz mó fama, quebra todo mundo e não ganha um merecimento. Ele, por que o irmão dele é tal, conseguiu uma liderança geral. (Entrevista, líder feminina)

Apesar disso, é inegável que a maioria dos líderes gerais tem legitimidade dentro da gangue para resolver os assuntos considerados mais sérios, especialmente os que se relacionam às guerras e contendas internas e externas. É o líder geral que nomeia, via de regra, uma líder feminina e diversos líderes locais, os quais serão analisados nas próximas seções.

b) Líderes femininas “F”

Logo abaixo do líder geral, seguem na hierarquia os líderes masculinos locais e a líder “F”. Em algumas gangues, os líderes locais podem ser hierarquicamente superiores à líder “F”, em outras essa hierarquia parece não operar.

Apesar de a imensa maioria das gangues serem mistas, ou seja, compostas por homens e mulheres, nem todas contam com a participação feminina. Este é o caso, por exemplo, da GDF, cuja estrutura atualmente é exclusivamente masculina devido à “traição” (*casinha*) histórica de duas garotas, que deu origem a uma guerra com várias mortes.

O segmento “F” possui uma relativa independência: com sua própria *representante* (em geral a menina de mais destaque) e ainda, suas próprias *guerras* e *cobranças*. No entanto, deve sempre se reportar ao líder geral.

A questão da liderança é um ponto polêmico nas gangues. A liderança feminina possui uma série de significados que podem ser, em determinados momentos, bastante ambíguos. Até aonde vai a liderança? Quais ações e responsabilidades possui a líder? Quem deve respeito à líder F somente as meninas ou os meninos também?

Várias narrativas masculinas demonstram uma grande resistência à autoridade feminina no grupo:

Sempre quem comanda são os homens, a relação da gente é bem machista mesmo, não vai mudar não. (Entrevista em grupo, masculino)

É nós [que comanda], né, a gente nunca vai deixar elas começarem a reinar no meio dos pichadores, isso nunca vai acontecer. (Entrevista em grupo, masculino)

Embora aceitem integrantes mulheres, afirma-se que a função de *reinar* deve ser sempre masculina. A disputa por poder e autoridade revela-se, neste sentido, bastante acentuada: se por um lado se concede algum espaço na gangue para as garotas, por outro evita-se enfaticamente que determinadas posições (as de maior poder) sejam ocupadas por elas. Ao que tudo indica delega-se à líder F o papel de ajuizar, *cobrar* das mulheres, orientá-las. Nessa percepção frequente nas falas masculinas, a líder F pode ‘comandar’ somente o grupo de mulheres, ficando sua atuação restrita a esse segmento e sem qualquer ‘intromissão’ no grupo de homens. Ao mesmo tempo, líderes F afirmam que homens não devem se intrometer em seu domínio, marcando sua soberania. Neste sentido, é importante notar que as visões sobre as líderes F são bastante heterogêneas dentro das gangues estudadas.

A existência de mulheres nesses coletivos é alvo de opiniões divergentes, conforme será desenvolvido posteriormente ao longo do livro. Para alguns líderes, mulheres sempre estiveram envolvidas em gangues, enquanto para outros sua presença é eventual e prejudicial às galeras devido a características a elas atribuídas, tais como a deslealdade. Contudo, concorda-se que haveria mudanças na consideração de mulheres nas gangues com o passar do tempo. Para alguns as mulheres vieram complicar a vida das gangues, passando a ser objetos de desejo privilegiados:

Menina é envolvida sempre, entendeu? Sempre a gangue teve a sua parte feminina e tal: LUA, LUAF; AG, AGF; não sei o que lá, não sei o que lá F Sempre está nessas coisas, sempre foi envolvida. Mas tipo, das antigas, neguinho não dava muito valor, muita importância nas minas, nessas coisas assim. (Entrevista, homem, líder geral)

Há estilos de liderança que tendem a selecionar suas lealdades de acordo com a forma como se é tratada uma líder F observa : *não posso ficar tratando bem uma pessoa que não me trata bem. Eu trato a pessoa do jeito que ela me trata. Eu sou assim: sou de boa com todo mundo, de quem eu gosto, eu gosto. De quem não gosto...*

Outro exemplo como esse o é a reprodução de alguma espécie de maternagem para com as lideradas, reproduzindo a sororidade e protegendo suas subordinadas. Essas podem ser chamadas de suas *filhas e amigas*, não deixando, no entanto, a líder

de exercer autoridade sobre elas. Ao mesmo tempo, a permanência da líder parece condicionar a presença das integrantes como um todo dentro da gangue. Ao relatar uma ocasião em que ameaçou sair do grupo, uma líder afirma:

Aí os meninos: ‘não, se você sair, as meninas vão tudo sair’. Porque a maioria das meninas é assim: ‘se você sair da galera, eu vou ficar pra quê? Ah, se você sair da galera, não vai ter mais graça’. Se eu sáísse, ia ser muito difícil continuar a ter o segmento F aqui. (Entrevista, mulher, líder)

Apesar de formalmente subordinadas apenas à líder F e ao líder geral, é comum que diversas integrantes de gangues sofram assédio moral dos homens. Talvez por se acharem superiores na galera pelo fato de serem homens²⁷, vários membros coagem integrantes mulheres a dar contribuições financeiras ou a lhes pagar pedágio. O depoimento abaixo demonstra como uma líder F costuma lidar com a situação:

Teve uma reunião lá na Torre, um dia desses. Aí uma menina chegou para mim quase chorando: ‘ah, por que não sei quem falou que ia me tirar da galera porque eu não dou lata, porque eu não dou nada’. Aí eu olhei para a menina assim: ‘oh, eu falei para você dar alguma coisa para eles?’. Aí ela: ‘não, mas eles estão me cobrando, não sei que’. Aí eu: ‘deixa eu ver como é que está’. A reunião começou, aí eu falei: ‘olha, eu não quero saber de nenhum menino querendo se dar bem em cima de menina. Quem é a líder das meninas sou eu e vocês não tem nada a ver, eu não quero nem saber de vocês cobrando lata de meninas, não têm nada de dar nada para eles, têm que dar para mim’. (Entrevista em grupo, feminino)

Quando um integrante homem comete alguma infração às regras com relação às mulheres, é papel da líder “F” fazer com que ele seja apenado por isto. Dada a estrutura hierárquica organizada por gênero, a líder “F” deve se reportar ao líder geral, que se responsabilizará pelo disciplinamento do integrante faltoso. Como assuntos pessoais e aparentemente uma espécie de solidariedade de gênero parecem operar nas relações dentro das gangues, por vezes este caminho é dificultado pela resistência dos líderes masculinos em cobrar seus subordinados por uma falha com relação às mulheres:

Eu falei com os meninos: ‘olha, o fulano fez isso, isso e isso’. Aí o líder: ‘ah, ele já ficou na cadeia comigo. Ah, ele isso, ele aquilo’. Eu falei: ‘se você não der um jeito, se você não resolver isso daí, eu vou sair da galera’.. Aí parece que ele devolveu a câmera digital pra menina e tal. Porque, se eu não fizer alguma coisa, as meninas, um dia, vão me cobrar: ‘o menino roubou a câmera da menina e

²⁷ Esse aspecto foi notado em outros estudos sobre instituições majoritariamente masculinas. Ver, por exemplo Bem-Ary (1998) e Littlewood (1997) sobre as forças armadas.

você não fez nada! Que líder é essa, que não faz nada por a gente? Só sabe pagar sapo e não sei o quê?'. Então não é assim. Se eu não fizesse alguma coisa, elas iam brigar comigo, as meninas. Aí eu peguei e falei com o líder, eu falei: 'oh, tem que dar um jeito nisso aí. Desse jeito aí, eu vou juntar as gurias tudinho e vou dar um pau nele'. Imagina, ele apanhando de um monte de menina! (Entrevista em grupo, feminino)

Interessante notar o comprometimento da líder para com suas subordinadas: seus deveres são dados também pelo compromisso assumido frente a suas comandadas. Diante disso, honrar a galera para a líder "F" depende, em certo sentido, de fazer jus às expectativas das mulheres nas gangues quanto ao seu papel nas querelas internas.

Outra atribuição principal da líder "F" é ter suas subordinadas sob controle, exercendo o papel de cobrança e disciplina quando necessário. Várias líderes afirmam que a autoridade deve estar relacionada ao conhecimento mútuo e não ao medo infundado:

Quero saber da vida toda da menina, para ela se tornar minha amiga, para elas não me verem assim: 'aí, é líder! Eu tenho medo dela... eu não vou na reunião porque ela vai, vai que ela cisma com a minha cara e vai querer me bater'. Antigamente, eu era assim, eu era muito nervosa, aí eu fui afastando as meninas. Aí eu falei: 'não, eu vou ficar de boa, elas vão ver que eu sou legal – até certo ponto'. (Entrevista, feminino, líder)

A autoridade das líderes se traduz na insistência pela observância de regras, tais como não ficar com meninos de galeras rivais. As regras a serem vigiadas pela líder F abrangem, além das que deveriam orientar todos os membros, outras específicas para as mulheres, que vão na linha de afirmar estereótipos sobre a identidade feminina: *você não pode se achar demais; tem que ficar quieta na sua [...] ver quem é certo e quem é errado e com quem você pode andar, impor respeito*. A proteção no caso da liderança F se reveste assim em conselhos quanto ao comportamento nas relações de gênero, dentro e fora da gangue, sobre como assumir "adequadamente" seu papel de mulher para não *ficar falada*: *a dona falou: 'quero virar da gangue'. 'Tudo bem, você vai virar, mas eu não quero você ficando com os cabritos, dando pra todo mundo. Não quero que você queime o nome da galera'. É regra, elas têm que saber*.

No repertório de coisas de mulher, para ser considerada integrante *respeitável* na gangue, estaria também a orientação da líder F para que as meninas falem pouco e evitem ser *fofoqueiras*. Falar demais pode ser um complicador, ainda mais porque as mulheres já são *a priori* vistas como pouco confiáveis, por não guardarem segredos e espalhar boatos.

O pessoal e o coletivo, coisa de gangue, nessa fala da líder F são vistos de formas bem separadas, demonstrando que ora as parcerias na gangue se confundem com amizade, ora se distanciam:

A fulana, eu coloquei ela para ser líder da Asa Norte. Altas meninas querendo, aí eu falei: ‘não, vai ser ela’. Eu me identifiquei com ela, gostei dela. Mas agora ela está só pisando na bola comigo, pisando, pisando mesmo, aí eu falei: ‘não vou poder tirar ela da galera porque não tem nada a ver com a galera, o quê que tem a ver? Tem a ver comigo e com ela, eu que fui amiga dela, eu que dei espaço para ela ser minha amiga, então agora a gente tem que escolher as amizades’. (Entrevista em grupo, mulher, líder)

Mas o segmento feminino impõe restrições para ter o reconhecimento dos pares, masculinos, ilustrando a fala seguinte, a mudança de atitude nas relações com esses, para ser respeitada, ou seja, não ser considerada *piranha*, por namorar os meninos da gangue ou traidoras por ficarem com meninos das galeras rivais.

Tinham meninas que eram da parte feminina da gangue, eram as namoradas dos meninos. Aí com o tempo as meninas foram se desgastando, foram ficando esparradas, tudo piranha. [...] Teve uma época que só tinha eu de mulher na gangue em Brasília todinha, só tinha eu. Tinha umas meninas aqui do bairro, eram muitas meninas, e aí as meninas pegaram e começaram a ficar com os meninos da galera rival, e aí os meninos resolveram banir as meninas. Falaram: ‘não vai ter mais menina nenhuma’. Aí só ficou eu e tal, não falava com ninguém e sobrevivi. A única. (Entrevista em grupo, feminino)

As líderes se impõem regras para contar com o respeito da gangue, o que corre por uma performática legitimada socialmente como de mulher que é considerada nas relações com os homens:

Eu acho que eles são muito metidos, eles acham que pegam todo mundo, aí eu já falo logo: ‘aqui não! Aqui o pica pau entorta o bico! Comigo não! Eu sou assim, e se você quiser, você me trata como se eu fosse um amigo seu’. (Entrevista em grupo, feminino)

c) Líderes locais

Enquanto o líder geral é responsável pela organização da gangue no DF (e, em alguns casos, em limites que se estendem para além do DF), o líder local, ligado à liderança geral, responde pela organização no nível das cidades dessa localidade (Samambaia, Ceilândia, Taguatinga, etc). É interessante notar, contudo, que o *modus operandi* da gangue difere de uma para outra, sendo possível o estabelecimento de

alianças diversas em diferentes níveis, conforme será explorado na seção sobre territorialidade.

Usualmente escolhidos e nomeados pelos líderes gerais, os líderes locais são os responsáveis pelo contato direto com os novatos e demais integrantes. Eles respondem pela convocação de reuniões locais e pelo arrebanhamento de seus seguidores para as reuniões gerais:

Não tem como você ter o controle de uma gangue sozinho, sozinho só você. Eu como sou o líder principal, em cada cidade eu nomeei um. Vai que acontece alguma coisa lá naquele bairro, por exemplo, eu não tenho como ir lá tomar uma decisão pelo pessoal de lá. Não tenho como estar visitando sempre cada cidade. Quando tem reunião eu não posso avisar todo mundo da reunião, então o que eu faço? Ligo para o meu líder local e falo: traz suas crias para a reunião, entendeu? (Grupo Focal, masculino, líder)

Neste sentido, são atribuições do líder local as condutas de seus subordinados, assim como as contendas e alianças em âmbito local e admissão de novos integrantes:

Eu sou o líder desta cidade. Tudo que acontece nessa quebrada é responsabilidade minha. Não vou ficar levando pro líder geral qualquer coisa que aconteça – só vai para ele o que for importante mesmo, tipo motivo de guerra. Se vai entrar ou não [na gangue], quem resolve sou eu. Cobrança desses novatos, de todos os tipos, também é o líder local. Se você for pensar, ser líder local é muito mais responsabilidade do que o geralzão mesmo. (Entrevista, homem, líder local)

O processo de escolha e nomeação dos líderes locais passa pelo mérito e pela fama dos indicados. Assim, os líderes locais tendem a ser aqueles que mais se destacaram em suas quebradas, irmãos ou parentes dos líderes gerais, ou ainda, pessoas de confiança destes:

Quando voltei pra cá, decidi voltar para a gangue. Aí conheci os meninos da gangue aliada, comecei a estudar aqui e conheci um monte de pichador, foi quando voltei a pichar. Aí comecei a animar uns amigos meu que estavam parados e conseguimos levantar a gangue, levantei aqui e em outros lugar também. Daí me colocaram como líder, os finados líderes me colocaram como líder daqui, e outro líder na outra cidade. (Entrevista em grupo, masculino, líder local)

Assim como as líderes F, também os líderes locais preocupam-se em construir parâmetros de conduta para seus subordinados. Entre as recomendações mais usuais estão pichar constantemente o nome da gangue para *levantá-la*, ou seja, para fazer com que ela apareça se tornando ou permanecendo famosa, além de honrar a

gangue em guerras pré-existentes e procurar não envolver-se em novas guerras: *tem que dar exemplo pros novinhos e não pode dar mole pros cabrito também.*

No afastamento dos líderes gerais, normalmente por morte ou desejo de sair da *gangueragem*, são os líderes locais os principais candidatos ao cargo. Por vezes, esta situação ocasiona rugas entre os diversos postulantes, o que, em casos extremos, pode levar a *ruchas* dentro das galeras e surgimento de novas gangues. Um líder local comenta sobre as aspirações de outro líder regional de sua gangue se tornar comandante geral:

É o seguinte, lá na quebrada dele, ele é devagar demais, não faz nada pra galera, aí não vale a pena. Esse bicho tá é estragando a galera, aí o cara quer ser líder da galera para ter fama, tá ligado? Para receber pedágio, pegar mulher, essas coisas aí. Agora, para fazer alguma coisa pela galera ele não faz. Aí, o cara quer ser líder geral da galera e eu não aceito isso aí, porque eu cresci com a galera. (Entrevista, homem, líder local)

Percebe-se, pois, que os processos de escolha dos líderes gerais passam por rivalidades intra gangue, prestígio e fama. A palavra final, no entanto, é dos mais antigos, dos ex-líderes ou daqueles que já estiveram na *gangueragem* durante muito tempo: “na verdade, os mais antigos que têm que escolher os líderes, os que estavam nas antigas”.

d) Reuniões

Os momentos rituais de encontro dos líderes com seus subordinados são as chamadas reuniões. Existindo em todos os níveis de liderança, o momento das reuniões se dá quando os líderes disciplinam ou parabenizam os membros, e é também quando acertam os avisos oficiais de guerras ou conflitos. Assim, líderes F convocam reuniões periódicas com as meninas, e líderes locais o fazem com membros masculinos de determinada região. São também convocadas, menos frequentemente, reuniões gerais, em que homens e mulheres, das diferentes regiões, encontram-se e ouvem as determinações dos líderes gerais.

As reuniões das gangues são os momentos rituais de reafirmação da existência da gangue e de sua hierarquia. Durante esses momentos, os líderes confirmam seu poder e suas diretrizes por meio de cobranças, demandas gerais e escolha dos que se destacaram. Também, nas reuniões são apresentados os postulantes aos novos membros. Sua admissão está condicionada à discussão com o grupo de seu nome, apesar de a decisão ser do líder local:

Neguinho vem, chega e fala: não, eu quero participar e tal. Aí, a gente marca - na maioria das vezes, já tá marcada - uma reunião, e a gente fala: vai riscando aí teu nome está e no dia da reunião você se apresenta lá (...) É então lá na reunião que a

gente vai ver se o cara pode entrar. Porque sei lá, alguém pode conhecer ele, pode estar se passando por outra pessoa. Pode ser de alguma outra galera rival e querer entrar. Aí no dia é que a gente vai ver se pode entrar mesmo, conforme o que o pessoal falar. (Entrevista, homem, líder local)

Outra importante função da reunião é disciplinar aqueles em falta para com a galera, que descumpriram as regras em algum momento. O líder relata o caso, chamando atenção do indivíduo faltoso e procede à sanção. Intrinsecamente relacionado à natureza da falta e à índole do líder, o castigo varia desde a humilhação pública no decorrer da reunião (castigo mais frequente) até o confisco de bens pessoais ou mesmo a expulsão da gangue. Mais raramente acontecem castigos físicos, como corredor polonês ou espancamento:

Teve reunião que eu já fiquei foi com dó de ver gente apanhando. Tipo, a gente está aqui na reunião, aí a pessoa está errada e junta todo mundo em cima da pessoa, já vi isso muito. Mas no ponto que eles estavam, já não eram mais da galera. Eles estavam passando pro lado dos inimigos, então eram inimigos também. (Entrevista, mulher, líder F)

Quando indagados sobre faltas graves o suficiente para causarem penas físicas ou confisco de bens, citaram-em especial o fato de “colar com os capas”, ou seja, andar com integrantes de gangues inimigas, traindo a gangue e a confiança dos pares. Uma líder relata sua reação ao ver o nome de duas de suas subordinadas pichado nos muros de outra cidade, juntamente com nomes de membros da gangue rival:

Esperei até ter a próxima reunião, que eu já tinha convocado. Aí, na reunião, eu falei: vocês acham que é certo uma menina da nossa gangue ter o nome com os da gangue rival, dos capas? Vocês acham que é certo? E as meninas discordaram todas, e as duas caladinhas. E eu: pois é, peguei fulana e fulana com nomes de dois capas lá na cidade tal. As outras meninas ficaram doidas, queriam bater. Aí eu falei: calma lá. Mandei uma ir lá e pegar a câmera digital delas. ‘Isso aqui é o meu pedágio’. Aí as meninas começaram: pegaram tênis, piercing, elas foram embora de meia para casa. Pegaram tudo delas num prédio abandonado se elas corressesem ia ser pior, porque as meninas pegam e apanha mesmo. Mas aí as meninas pegaram as coisas delas, e elas ‘desculpa que não vai acontecer mais’. (Entrevista, mulher, líder F)

Neste sentido, pode-se observar que a cobrança é uma instituição nas gangues, responsável pela manutenção da ordem e da lealdade. O acordo de honrar a gangue está tacitamente assumido quando se entra nela e qualquer um está sujeito às sanções. As cobranças acontecem em reuniões de todos os níveis, e geralmente abrem os trabalhos.

Outra ação frequente dos líderes, nas reuniões, é nomear o *destaque*, ou seja, aquele integrante que se sobressaiu por sua atuação pela gangue. Grande parte das vezes, o destaque é aquele que mais picha, o responsável por “levantar a galera”, ou seja, tornar o nome da gangue famoso. A figura do destaque parece ser importante na conformação do prestígio dos integrantes da galera, em uma demonstração de coragem, habilidade e respeito:

É que nem aqueles cabras lá do McDonald's, saca? Tipo funcionário do mês (risos)? É aquela pessoa que faz coisas pela gangue, ou então se destaca na fama. Tipo teve um bicho que matou um da gangue rival, você viu, na reunião? Aí ele foi destaque. Ou então, o que mais acontece é a pessoa pichar muito, ou pichar em monumento, lugar muito alto, isto dá destaque. (Grupo Focal, feminino, integrante)

São nomeados destaques nas reuniões locais, “F” e gerais. As reuniões gerais normalmente ocorrem em um lugar central do DF, para que os afiliados das diversas regiões possam comparecer. Por agregarem maior número de pessoas, estes eventos são bastante visados pela polícia, o que, por vezes, dificulta seu acontecimento. É também lugar de encontro, diversão, bebidas e música, funcionando como uma espécie de confraternização. As reuniões gerais são como um apanhado das resoluções regionais. Nelas, são ouvidos os líderes locais, femininos e, especialmente, líderes gerais, que falam em nome da gangue:

Ah! Na reunião geral a gente discute como é que está a gangue, como é que estão as quebradas. Chama os líderes das quebradas para ver como é que á, e tal. A gente vê também como é que estão as guerras, nossas, guerras gerais mesmo. (Grupo Focal, masculino, líder geral)

Apesar do caráter ritual e comunitário, o modelo de reunião não é necessariamente seguido. Assim, diversas vezes os pesquisadores se dispuseram a acompanhar reuniões em que a galera se juntava para ouvir música, dançar, beber ou usar drogas, sem haver discussões sobre as pautas das gangues. Vale notar que isto não diminui a importância dada pelos sujeitos pesquisados àquele momento ritual: sempre se marcam reuniões às quais os membros comparecem, e este é um dos indicadores da atividade da gangue.

Além dos líderes gerais, locais e líderes femininas, a gangue é composta majoritariamente, de integrantes, responsáveis principais pelo tamanho e fama da gangue: em certo sentido, é a presença dos novatos que torna a existência da gangue, como se a conhece, possível. A diversidade é uma característica que impede generalizações sobre os integrantes, e se dá quanto a lugar de moradia, tipo de roupas, senioridade na gangue, codificação pelos pares segundo coragem, currículo

quanto à pichação ou por indicações pejorativas e por classe. Assim se faz referência a *playboys*; *as patricinhas, os da Antiga; os novatos; donas de rocha; noiados; marias jets; pichadores on line; cabritos, cabritas; capas de pistola; pés de pano; fazedoras de casinha, etc.* Ao longo do livro, as principais representações sobre os integrantes de gangues serão aprofundadas e analisadas.

1.2.2 A existência de regras e o funcionamento das gangues

As gangues de Brasília organizam-se em torno de alguns valores básicos, partilhados por todas as galeras entrevistadas, aliadas ou inimigas. Neste sentido, é possível afirmar que existe um *ethos gangueiro* responsável por conformar as percepções de mundo dos sujeitos pesquisados. Ao mesmo tempo, pode-se observar que o universo *gangueiro*, em oposição àquele retratado por estudos norte-americanos (MILLER, 2001), caracteriza-se pela fluidez de regras e de integrantes. Assim, não existe um código de regras para todos os membros de todas as gangues, que estabeleça suas entradas, saídas e cotidianos. Pelo contrário, as regras são específicas a contextos e a sujeitos e destacam-se por suas exceções. Ao mesmo tempo em que pode-se afirmar que a *cabritagem* (ou traição) é rechaçada por todas as gangues, as sanções aplicadas variam de acordo com o contexto e os indivíduos envolvidos.

Dentre os preceitos básicos compartilhados pelas gangues do DF estão a coragem, a disposição perene para o combate e a lealdade à própria gangue. Além destes, também estão presentes os valores de respeito e consideração ao próximo da mesma gangue. Não se aceitam brigas internas, a prática da delação ou *X-9* (aquele que delata ou entrega algo da gangue para outra galera ou mesmo à polícia), além de se considerar a pichação como algo fundamental: o nome da gangue tem de estar nos muros - território conquistado.

O sistema de valores da gangue inclui o crédito pela honra, respeito, orgulho (por si e pela “quebrada”), reputação, reconhecimento e auto estima. O termo “respeito” é algo que se conquista na gangue, e depois de conquistado cabe aos membros sua manutenção.

No processo de institucionalização das gangues contribui a criação de algumas regras para controlar a vida coletiva, enquadrando os indivíduos em uma lei entre os ditos “sem lei”, como não riscar o nome de outro da mesma gangue em uma pichação. Algumas regras transcendem à vontade de membros específicos: surgem pelo próprio lidar cotidiano, enquanto outras revelam-se atreladas a determinados líderes ou membro:

A gente não inventou as regras, elas foram criadas quando foi passando o tempo. Em 89 surgiu as primeiras gangues aqui no DF, ninguém nem ligava pra gangue. Em 90, quando fundamos nossa gangue e foi fundada também a rival, morreu

o Piro, primeiro pichador do DF a ser morto. Aí, saíram as regras de um não risca a pichação do outro porque a gente já viu que por meio dessas pequenas coisas a gente já tava inventando regra. A gente que inventou a regra de líder, de anarquizar, de curtir certos tipos de músicas, a gente inventou uns dez tipos de regras. (Entrevista, homem, líder local)

Se alguns *da antiga* ressaltam o lugar da pichação, sua qualidade, para dar fama a *gangueros* e gangues, também afirmam a importância das *guerras* (entre gangues) comumente iniciadas quando se *anarquiza* a pichação do outro, riscando por cima. Um jovem, já com 28 anos: *depois de um tempo parei de anarquizar, pra evitar mais guerra*. Neste sentido, a violação da regra de respeito à pichação alheia se dá de maneira consciente e com vistas a fins específicos: declarar guerra ao autor da pichação ou à sua gangue como um todo.

Quando isto não se dá de maneira proposital, usa-se o termo *atropelar*. Por vezes, pichações antigas estão apagadas no muro, e membros sem muita experiência acabam por riscar nomes alheios sem intenção direta. Esse atropelo, segundo os atores envolvidos, seria um fenômeno mais recente e depreciado por alguns, o que consideram uma atitude de *novatos*. A sanção a esta falta varia enormemente de acordo com os envolvidos:

Não se risca um nome sem querer. Na verdade, o que você pode fazer é atropelar sem querer, que é quando você foi por cima da pichação de outra pessoa, mas sem querer. Assim, quando o seu nome está escrito há mais de cinco anos, está quase apagado e eu passo por cima sem querer. Se você tiver consciência vai falar: 'tudo bem, atropelou porque o nome estava quase apagado'. Agora, se você não gostar vai falar: porra, meu nome estava lá há mais de cinco anos, você foi e botou o seu. Aí pode começar guerra. Aí vai da cabeça de cada um. (Entrevista, homem, líder geral)

A coragem, a adrenalina e o risco referem-se a valores dentro das gangues e para a juventude em geral (como aponta LEBRETTON, 1994). Da mesma forma, quanto maior o risco de uma atividade, maior a fama e o prestígio obtido por sua realização. Pichar em locais altos e de difícil acesso é um exemplo. Um outro valor largamente admirado pelas gangues é o do comportamento "louco". Os membros que desafiam os limites do medo, das leis, etc são respeitados pelos outros também em gangues de diferentes contextos (SHELDEN *et al*, 1996).

1.2.3 Integrantes e trajetórias: entradas no mundo das gangues

Ao proceder à análise da organização e estrutura das gangues, torna-se necessário tecer considerações acerca das trajetórias de seus integrantes dentro do coletivo. Neste sentido, a proposta é discorrer sobre algumas das motivações

principais para a atração que as gangues exercem sobre a entrada de novos membros, além de aprofundar o estudo acerca dos motivos e das maneiras de saída.

A maioria dos entrevistados relata ter iniciado sua trajetória no universo das gangues no começo da adolescência, sendo a escola um local propício para o contato com indivíduos já pertencentes a tais organizações. Entre as motivações apontadas para unir-se às gangues está a busca por adrenalina, o que demonstra que o flerte com o perigo e a necessidade de afirmação de coragem parecem figurar entre valores caros à juventude (LEBRETON, idem): *é o perigo, a adrenalina. Tipo, você vai fazer uma escalada, fazer pichação lá em cima lá. É muito doido!* A conjugação de fatores como o desafio às normas e leis estabelecidas e a própria confrontação ao perigo físico parecem exercer espécie de magnetismo sobre os *gangueiros*:

É adrenalina, adrenalina demais! Mas que dá medo dá. Quando a gente vê os canas a gente pira. É bom, mas dá medo. Não é medo de rodar, mas medo da polícia pegar nós e pintar a gente. Mas esse medo torna a coisa melhor ainda. (Grupo Focal, feminino, integrante)

Outro motivo bastante mencionado é a procura pela obtenção da fama: ser reconhecido entre seus pares é motivo de prestígio, e participar de uma gangue é um meio eficaz para alcançá-lo: *eu queria ser uma pessoa que tivesse fama, conhecesse os moleques, queria ser considerada na quebrada junto com os moleques*. Ser famoso parece não ser valor exclusivo das gangues, como nos indicam os estudos de Chambat e Ehrenberg (2009) acerca de participantes de *reality shows* na televisão. No contexto estudado, no entanto, a busca pela fama ganha contornos específicos, estando relacionada à pichação e ao prestígio dentro da própria gangue. Se é verdade que a busca parece ser pela fama entre pares, esta também se estende aos outros indivíduos com os quais convivem os *gangueiros*. Na fala de um integrante *novato*: *o poder é onde você chegar, ser reconhecido e muitos 'pagarem pau', serem fã. Tipo, você chega e quer comer, aí eles pagam. Esse é o poder do pichador, do gangueiro no meio da galera*.

Ser famoso implica ter acesso diferenciado a lugares e pessoas, relacionando-se com a necessidade de auto-afirmação. Ainda neste contexto está outro motivo arrolado exclusivamente pelos integrantes homens, conseguir ficar com mais meninas – nas palavras deles, *pegar mulher*:

Numa rua aqui, tu não pega ninguém. Mas se tu for de galera, pichar e fizer uma faminha, pronto: sai pegando uma dona mais bonitinha, você já está tirando onda, faz até fila. Aí a dona faz questão de dizer “fiquei com fulano de tal”. (Entrevista, homem, integrante)

Interessante notar que os três motivos expostos até o momento conectam-se com a pichação, ainda que de maneiras distintas. Como será mais profundamente

trabalhado na seção sobre pichação, esta parece ser a atividade principal em torno do qual se organizam as identidades *ganguейras*: *you compra uma lata, põe o teu nome e o nome da menina. Aí, quando vê já pega uma dona.*

Observa-se também uma outra espécie de motivos alegados para a entrada nas gangues, relacionada a seu caráter agregador e protetor. Assim, a visão da gangue como uma “família da rua” é bastante forte no imaginário desses indivíduos. O sistema de apoio entre os membros é de extrema importância para que se entenda a dedicação deles à gangue. Com isso, pode-se afirmar que existe um sistema de apoio forte entre os pares, que cumpre importante papel na conformação da individualidade desses sujeitos: *a gente considera como uma família da rua porque a gente passa mais tempo com eles na rua do que dentro de casa.*

Segundo autores como Vigil (1988), pode-se considerar que gangues tornam-se substitutos parciais da família tradicional (providendo redes de suporte emocional e social). Outros autores afirmam, ainda, que para conseguir lidar com um grupo de indivíduos desafiadores, a gangue teve que desenvolver uma ideologia de irmandade que dá forte ênfase à ideia de que todos os integrantes são irmãos, ou membros de uma família (JANKOWSKI, 1990 *apud* SHELDEN *et al*, 1996, p.109). Na fala de uma integrante:

O que eu sinto é que a gangue é minha segunda família, sempre que eu preciso ela está ali. Eu estou sem ninguém, vou conversar com meus amigos que são da gangue. Quando tem *frevô* e a gente briga, o pessoal entra. É muito massa, véi! Eu não vou sair da gangue tão cedo. (Grupo focal feminino, integrante)

Ainda neste âmbito, outro motivo muito frequentemente alegado para juntar-se a uma gangue é a busca pela proteção oferecida. Os jovens que se associam a uma gangue ganham inúmeras pessoas que servem como proteção contra várias modalidades de violência tanto na rua como na escola: *quando você é aquele lerdinho que todo mundo quer bater, é mais fácil dar uma lata de spray e pedir para a galera proteger.* Assim, mais do que almejar tornarem-se perpetradores de violência, o anseio dos jovens que entram nas gangues é impedir que sejam vítimas de atos violentos:

A única coisa que eu não queria era andar sozinho, eu queria ter uma segurança, eu queria ter alguém por mim, né? Era menino, pô, eu não podia arrumar uma coisa ali com alguém, como é que eu ia me sustentar? Não ia, tinha que ter alguém por mim. É aí que tu começa a colar assim com os mais velhos, começa a colar com os cara que já estão envolvidos há muito tempo, e os cara bota pra envolver mesmo, entendeu? (Entrevista, homem, líder geral)

Concorre enormemente para a vontade de entrar em uma gangue a convivência prévia com alguns ou vários de seus membros. Por vezes, esses membros insistem na entrada de novos integrantes, tendo em vista que quanto maior a gangue, maior sua fama. Na fala de um líder geral:

Falar que quer ser de gangue, os cara: vem ser da minha! Porque se eu não for para a gangue dele, eu vou pra dela, entendeu? Porque enquanto eu estou na gangue dele, eu estou na dela e a qualquer momento os caras da gangue dela estão em guerra com a minha e estão em maior quantidade, então os cara preferem: não, todo mundo vem pra cá pra minha gangue. E os cara aplica mesmo, entendeu? Os moleque é aplicado, eu mesmo fui aplicado e todo mundo que é das gangue aí já foi aplicado por alguém, né? (Grupo Focal masculino, líder geral)

A partir da vontade expressa de fazer parte do grupo, o postulante tende a passar por um processo que envolve a submissão de seu nome ao líder e, como apresentado anteriormente, participar de uma reunião de apresentação perante todos os membros. Além disso, existem também momentos rituais de entrada e aceitação no grupo, que variam entre sair para pichar em lugares de difícil acesso, pagar pedágios e passar pelo “corredor polonês”: *tipo, tem neguim que pede: ‘não, traz umas latas, ou não, me dá tanto e tal. Eu não, só marco um dia, compro umas latas e chamo gente aí e sai todo mundo aí para pichar.*

Os métodos de admissão variam também de acordo com a gangue e com a geração dos líderes. A prática do corredor polonês – momento no qual os membros posicionam-se lado a lado, em dois grupos, um de frente ao outro, deixando um espaço entre eles pelo qual o novato deve passar enquanto os integrantes desferem golpes contra o postulante – era mais usual nas gerações anteriores, sendo de rara ocorrência atualmente.

Outra possibilidade de acesso é o pagamento do pedágio ao líder imediatamente superior – taxa em espécie ou objetos de valor, como *sprays* de pichação. A prática de cobrança de pedágio parece estar substituindo, em alguma medida, a demonstração de lealdade à gangue por meio da violência contra rivais (provas de fogo). Segundo um líder geral:

Antigamente chegava num moleque ali que quer entrar pra galera: ‘então você sobe ali agora, sobe naquele escalada ali e bota nossos nomes todos. Ou senão: ‘você vai ali ó, tá vendo aquele bicho ali? Ele é cabrito, vai lá e dá um tiro nele, entendeu? Hoje em dia você entra na galera facilmente com duas latas e uma berma que tu dá pro cara e o cara te bota dentro da galera (Entrevista, homem, líder geral)

As gerações de gangues teriam formas diferentes de admissão dos membros, considerando-se que antes havia que mostrar valor, ser bom pichador ou bom de briga, havendo referência inclusive na “memorização” por parte dos entrevistados,

do uso do *corredor polonês*, para ver se a pessoa aguentava o *tranco*. Hoje estaria mais instrumentalizada a entrada, condicionada a dar latas (de tintas), e até dinheiro, ou ser indicado por um amigo.

No meu tempo, quando eu era líder, tinha duas coisas no começo - o corredor era pra mostra fidelidade pra gangue. Hoje em dia, em 2008, você entra com duas latas de *spray* ou um amigo. Antes, tinha que passar por um corredor polonês e dar cinco latas de *spray*. Esse era o jeito de você entrar, não adiantava você andar comigo. Você tinha que passar por isso por essa cerimônia para entrar. Hoje em dia não, você dá dinheiro ou você é amigo, você dá qual quer coisa e você está dentro, se você risca um nome está dentro da gangue. (Entrevista, homem, líder local)

Também a saída das gangues viria se modificando, sendo hoje mais fluida: *era uma frescura das antiga, hoje em dia não, pra sair nem precisa dar satisfação. Das antigas, para sair tinha que dar tanta coisa e para entrar de novo tinha que dar mais*. A fala de um líder *da antiga* traduz certo saudosismo e perda de pertença com relação à gangue:

Para sair nessa geração de hoje é só falar que acabou, parou. No meu tempo não, a pessoa nunca saía, só saía por dois motivos: a morte ou no corredor polonês e ninguém quer passar no corredor polonês duas vezes. Aí o que que acontece, o pessoal fala até hoje que é da gangue, tem trinta, trinta e cinco anos, filho, casado, mas fala que é da galera. Ainda mais a galera de boa, não a galera de hoje, hoje as coisas estão feias. (Entrevista, homem, líder local)

Alguns são mais fatalistas quanto à história de vida dos *gangueiros*, pois consideram que se muitos continuam a ter fama e outros deixam a gangue ou continuam se relacionando mais com a pichação, a vida de uma pessoa dentro do grupo estaria marcada geralmente por quatro Cs: *cadeia, cadeira de rodas, caixão* ou *virar crente*. É quando a instituição sobrepassa o indivíduo, aceitando a entrada dos novos, o que é alimentado também pela fama dos *finados* e a dos *da antiga*.

Existe forte realce nas opções individuais dentro das gangues. Assim, permanecer ou não no grupo depende imensamente da vontade e da postura do membro. Além disso, a entrada para o mundo do crime também está condicionada não ao simples pertencimento à gangue, mas à disposição pessoal e aos contatos feitos nesse nível. Seria possível, para os entrevistados, estar na gangue apenas pela pichação; sair da gangue e tornar-se uma “pessoa de família” ou enveredar pela criminalidade, tornando-se ladrão ou traficante:

Com o tempo, tudo vai mudando por meio das gangues, por meio de uma opção só de uma vida das cores, do *spray*. Um dia a pessoa pode entrar no crime e

virar bandido, pode virar um 22, quer dizer, um noiado²⁸ ou alguém de família ou apenas curtir o momento e depois sair (Entrevista, homem, líder geral)

Neste sentido, os desdobramentos do pertencimento ao universo das gangues para a trajetória pessoal é considerado como dependendo principalmente das disposições e vontades individuais:

Isso depende dos integrantes, o pessoal faz as firma. Tem a firma do doido, 157, dos só que picham, dos maconheiros, vagabundos, assalto a mão armada, os 12 que é tráfico de droga. É mais a personalidade de cada integrante mesmo. Tem integrante que só rouba, que só fuma maconha, e outros só picham. (Grupo focal, masculino, integrantes)

1.2.4 Gangues e territorialidade

A territorialidade das gangues reinventa e é reinventada pelos limites territoriais políticos do DF. Ao mesmo tempo que uma mesma gangue espalha-se por diversas, distantes e heterogêneas cidades, membros de gangues diferentes, por vezes rivais em um nível macro, estabelecem em um nível micro relações de amizade e de intimidade.

Essa característica mostra-se particularmente interessante ao se pensar em termos de território e territorialidade. Os territórios são mais que simples base física para as relações entre indivíduos e organizações: possuem um tecido social complexo, composto por laços que vão muito além de seus limites naturais ou políticos (LEITE 1990). São, isto sim, reconhecidos por todos que a ele pertencem e pela coletividade que os conforma, e profundamente relacionados com a territorialidade do grupo, ou seja, o uso e controle do ambiente biofísico.

A territorialização das gangues hoje é transversal, estando uma mesma organização em vários lugares, sendo que o domínio, ou a zona de influência e poder, é se delimitado mais por quadras ou *quebradas*, o que as singulariza em relação à suas congêneres em outros países, assim como a diversidade de composição étnica²⁹.

Nos períodos de origem da gangue, no entanto, o lugar de fundação seria básico, pois associado ao gregarismo e à demarcação de fronteiras que, se fluidas hoje, estão bem presentes quando as gangues são inimigas. Assim, durante guerras

²⁸ É comum os sujeitos referirem-se à contravenção pelo número correspondente a ela no Código Penal.

²⁹ Aliás, este tema não aparece como demarcador nas histórias sobre gangues, ainda que alguns se refiram à discriminação racial exercida por alguém de fora das culturas de gangues, principalmente pela polícia.

notórias, líderes de gangues inicialmente neutras relatam que escolheram o lado territorialmente próximo para se aliarem, por facilidades logísticas e operacionais. Além disso, em seu início, as gangues tendem a ser caracterizadas como pertencentes a uma localidade específica:

A GDR e a DFA foram criadas em Brasília. A GDR era do Recanto, Taguatinga, Samambaia. A DFA era mais em Taguá, Samambaia, a molecada daí. Eu morava em Taguatinga. Pô, o de sempre, né? Os cara mais velhos, muitas gangue. Taguatinga, aqui era o pico das gangue. Ceilândia, Taguatinga era onde tinha umas gangues que começaram, as gangues que se espalharam por Brasília inteira foi por aqui. Quem viveu a vida aqui em Taguatinga, aqui nessa época aí de 89/90 pra cá e se envolveu com gangue, foi muita gente. (Entrevista, homem, líder geral)

Para além das fronteiras e territórios, esta seção buscou delinear os principais aspectos da estrutura e organização das gangues do Distrito Federal, discorrendo sobre o estabelecimento de lideranças em diferentes níveis, regras e valores deste universo, diversas motivações e processos de entrada nestes grupos e a relação entre esses e territorialidade. A partir deste panorama geral, será possível o aprofundamento nos diferentes aspectos do cotidiano e das relações de gênero nesses grupos juvenis.

2. ATIVIDADES E HÁBITOS DAS GANGUES NO DISTRITO FEDERAL

O universo *gangueiro* do Distrito Federal é multifacetário e permeado por vários e diversos significados, atualizados a partir da vivência cotidiana das gangues. O presente capítulo tem por objetivo descortinar as principais – e mais significativas identitariamente – atividades das gangues. Assim, a partir das análises dos próprios entrevistados, foram considerados como eixos principais de articulação destes grupos a pichação, as guerras, as drogas, as festas ou *frevos* e a internet.

Gangues são instituições que se caracterizam, no DF, por seu caráter de vivência cotidiana. Encontros entre seus membros, agrupados em coletivos consideravelmente menores do que a totalidade da gangue em si, são ocorrências quase diárias: conversas nas ruas, encontros para consumir álcool e drogas, especialmente a maconha, ouvir música, e as relações travadas por meio da internet; todas essas são atividades rotineiras dos sujeitos pesquisados. São também frequentes atividades possivelmente menos familiares a outros grupos de jovens, como as saídas para pichar e os confrontos advindos das guerras entre gangues. Para entender o funcionamento destes grupos é necessário, pois, analisar essas vivências em um *continuum* que não se pretende homogeneizador.

A primeira seção deste capítulo dedica-se à análise da pichação como principal eixo ordenador das identidades das gangues visto que é em torno dela que se organizam seus nomes, sua fama, suas guerras e existência enquanto coletivo. Para isto, proceder-se-á a discutir a relação entre pichação e sociedade do espetáculo, passando à contextualização da pichação no cenário nacional e internacional, versando-se posteriormente sobre os sentidos impressos pelos atores à pichação. Neste sentido, serão analisadas a estreita relação entre pichação e o gosto por se arriscar, as trajetórias dos indivíduos na pichação, as posições das meninas neste universo e as relações entre pichações e conflitos.

A segunda parte, como desdobramento da primeira, cuidará das *guerras* existentes entre as gangues e de sua importância na conformação das identidades e histórias das gangues e dos *gangueiros*. Serão analisados os motivos para o início e a continuidade das guerras, as lógicas que as regem e a importância dos *gangueiros* mortos neste contexto.

A terceira parte trata das relações entre *gangueiros* e o consumo de drogas, versando sobre as interconexões entre drogas e juventudes, o uso de drogas legais e ilegais dentro da galera, seus efeitos e modos de consegui-las, além de decorrer brevemente sobre a realidade do tráfico de drogas, que não se confunde, enquanto organização, com as gangues.

A quarta seção versa sobre os *frevos*, ou seja, as festas promovidas e frequentadas pelos *ganguinhos*. São levados em conta os sentidos dados pelos atores para os *frevos*, além da diferenciação feita entre seus diversos tipos, locais e estilos musicais veiculados. Analisam-se também os principais *frevos* e sua relação com as brigas e batalhas que têm lugar nos espaços. Finalmente, será também estudado o *bolo doído*, tipo específico de *frevo* que envolve bebidas, drogas e sexo em grupo.

A quinta e última parte do capítulo versa sobre as relações entre gangues e internet. A partir de considerações teóricas sobre a internet e a revolução dos meios de comunicação, são elencados e analisados os principais mecanismos utilizados pelas gangues para comunicação, além de realizada uma tipologia das imagens postadas na internet.

2.1. A pichação

A seguir faz-se uma análise dos modos pelos quais a pichação se configura como um dos principais aspectos delimitadores de identidade das gangues. A partir de uma contextualização dos diversos enfoques sobre essa atividade e seus significados no cenário, serão explorados os múltiplos sentidos relacionados a ela pelos atores envolvidos, tecendo-se também considerações sobre as relações entre pichações e riscos. Deste modo, serão investigadas as trajetórias dos sujeitos na pichação, os papéis das mulheres nesse âmbito e as posições centrais das pichações nos conflitos entre e intra gangues.

A pichação pode ser caracterizada, em linhas bastante gerais, como a utilização de espaços e patrimônios públicos como suporte para inscrições não previamente autorizadas pelas autoridades competentes. Segundo MacLean (1973) “é geralmente admitido chamar de pichação todo desenho ou toda inscrição não oficial que se encontra sobre uma superfície arquitetônica ou outra cuja função principal seja diferente daquela dos suportes habitualmente utilizados para o desenho ou a escrita”.

Além de ser o eixo principal em torno do qual se articulam as gangues no Distrito Federal, a pichação é um fenômeno juvenil que não está circunscrito apenas a Brasília ou ao Brasil. Suas origens parecem remontar aos movimentos estudantis europeus de 1968 e às *tags* norte-americanas do final dos anos 60 (VULBEAU, 1985), embora passe por reatualizações temporais e geográficas. Discussões sobre seu caráter ilegal e sua legitimidade como manifestação artística ocupam cientistas sociais e artistas ao redor do mundo. Neste sentido, torna-se necessário proceder a uma contextualização da pichação levando-se também em consideração o grafite.

2.1.1 Pichação e Sociedade do Espetáculo

A pichação é uma manifestação da Sociedade do Espetáculo. Debord (1997) foi quem cunhou este conceito na década de 50, ele e um grupo de artistas, denominados Situacionistas, utilizavam a pichação como forma de expressão das suas ideias. Belloni (2003) aponta que Debord (1997) se utilizava da pichação como forma de divulgar seus *slogans*, entre os quais cabe lembrar um inscrito feito por ele mesmo numa parede da rua de Seine, em Paris: “não trabalhem nunca”.

A pichação, ao longo de sua história, também se constituiu como veículo propagandeador de ideias, marcas, autorias, grupos. Felisette (2006) aponta a pichação como logotipos de certa cultura, que tem razões peculiares e que acompanham a velocidade da cidade e as representações da sociedade.

Essa perspectiva nos remete a Debord (1997) em sua obra *A sociedade do espetáculo*, na qual afirma que:

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação *visível* da vida; como negação da vida que *se tornou visível* [...] Como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual. (p. 16-17)

Felisette (*idem*), utilizando a referência de Debord (*idem*), coloca que “entenderemos que o espaço do qual a pichação compartilha com as demais mídias é um espaço que se constitui pela representação de produtos, imagens-objetos como ele próprio afirma”.

O autor aponta que é possível entender as formas de representação tipográfica (oficiais e não oficiais) que permeiam o espaço público como produtos de uma sociedade que disputa acirradamente a questão da “visibilidade”. E é o que nos possibilita compreender:

A lei do mais forte e da sobrevivência; do reconhecimento da marca em um espaço tão saturado como se constituem as grandes metrópoles contemporâneas. Neste panorama, logotipos, símbolos, representações gráficas de toda espécie, criam artificios cada vez mais ruidosos para se estabelecer.

Para Mondardo e Goettert (2005), o grafite e a pichação compõem um conjunto de práticas que podem expressar também formas de resistência aos grupos hegemônicos da sociedade. Os autores justificam essa afirmação quando apontam que essas práticas são realizadas por agentes “hegemonizados”, que expressam o seu cotidiano e a discriminação experienciada na vida da periferia. Assim, segundo os autores essas manifestações expressam, por meio de territórios, as inquietações do cotidiano dos jovens que grafitam ou picham. Essas manifestações são como “textos a serem lidos, interpretados e debatidos no espaço urbano”. Esses territórios são vistos como expressão cultural e/ou como sinônimos de resistência à marginalização e de denúncia da ordem vigente, que produz um discurso hegemônico, sem contradições, sem desigualdades. A pichação evidencia esse poder pelas marcas nos muros, monumentos e espaços públicos.

Os autores apontam que o padrão:

inscreve em tijolos ajuntados, rebocados e pintados. Limpos, participam da ordem que não deve e não pode ser manchada, rabiscada, rasurada, pichada. A pichação “enfeia”, “suja”, “emporcalha”, “desorganiza”... Mostra, vasculha e constrange a ordem, revelando simultaneamente (em alguns casos) a dominação e a contra-dominação.

Ainda com base em Mondardo e Goettert (2005), a pichação é uma marca que dá visibilidade ao seu autor ou grupo de pertença, todavia essa visibilidade pode ser efêmera, pois algumas intercorrências, (como a pintura do muro) podem obscurecer as marcas.

Felisette (2008) afirma que a pichação é uma forma não formal, uma outra escrita, que assume característica de uma tipografia que é presente nas cidades. O autor aponta que a linguagem do grafite aparece como contraponto à informação institucionalizada, podendo subverter e transgredir valores. O autor afirma que a pichação como “escrita” está presente no cotidiano das grandes cidades, assim:

O cenário da qual participa a pichação, fomentou uma caligrafia diferenciada, uma tipografia que hoje deve ser pesquisada não somente pelo seu caráter puro e exclusivamente social, mas também por constituir ao longo deste percurso, qualidades e diferenciações acerca de uma emergente tipografia popular brasileira.
(p. 3)

Seguindo essa perspectiva em relação ao espaço urbano, Spineli (2007) afirma que a pichação é como signo comunicativo integrado à cidade polifônica. O significado destas marcas pode ser pensado como uma linguagem secreta que circula entre jovens que praticam o pichar. O autor afirma que a pichação é “um código à margem, sem regra”. Para os que não fazem desse grupo (a população em

geral e o Estado em particular), a pichação geralmente é vista como uma poluição visual. O autor corrobora a ideia de que a pichação compõe com o espaço público, integrando de forma arbitrária a linguagem urbana. Esta arbitrariedade, segunda a autora, é uma das justificativas para a interdição da prática de pichar. A pichação é um rabisco ilegível e monocromático, que pode significar uma assinatura, e até representação de um grupo. Pode ser pensada como:

“Frases” que estimulam os sentidos com surgimentos e cortes bruscos, inferidos pelos ritmos da cidade, em uma leitura constante da aparência urbana. Elas compõem uma estética comunicativa que invade a mente quando passa pelos olhos, podendo ser ou não decodificada como mensagem. A constante presença desses signos satura a paisagem citadina, de forma que cada informação vem entrelaçada a uma outra, constituindo uma certa “legenda” do urbano, que é sonorizada pelo movimento dos carros, regidos no ritmo do semáforo. (citação completa)

Spinelli (idem) afirma que a pichação pode ser caracterizada como letras ou assinaturas de caráter monocromático, feitas com *spray* ou rolo de pintura. A letra da pichação é composta por traços retos que formam diversas arestas em uma forma homogeneizadora. A fonte tipográfica ficou conhecida como “Iron Maiden”, por lembrar as letras usadas nas capas dos discos dessa banda de *heavy metal*.

O poder pela pichação é estabelecido pelo número de aparições, na cidade, de determinada marca, é sempre importante a recorrência, e é necessário ousadia. A visibilidade é o que determina a hierarquia. É dado valor, sobretudo, a piches feitos em locais altos e inacessíveis, tais como pontes, topo de edifícios e locais de grande vigilância policial. Reafirmando a importância de Debord (1997) para a compreensão dessa realidade, dos riscos que correm para conseguir este lugar de visibilidade, tanto pessoal (sua autoria) como da gangue (à qual pertence).

A partir dos autores antes discutidos, pode-se pensar que a manifestação da pichação, como expressão do espaço urbano é uma forma que os jovens têm de buscar visibilidade na atual sociedade do espetáculo. No mundo atual, em que o reconhecimento é algo que se esvai nos ruídos das inúmeras imagens e informações, o risco, que marca a autoria, o grupo a que pertence, possibilita, mesmo de forma bastante específica, a inscrição desses jovens neste mundo. A questão se essas manifestações expressam um contra poder, ou se reproduzem o discurso hegemônico, é bastante complexa. A proposta nesta parte do livro foi buscar relacionar a pichação como manifestação gráfica urbana e a sociedade do espetáculo.

2.1.2. Contextualização da pichação

A caracterização e a valorização da pichação, assim como do grafite, não são consenso entre os estudiosos; para eles, existem duas principais abordagens sobre o assunto. A primeira, partilhada por cientistas sociais e estudiosos de arte, considera a pichação e o grafite formas de expressão social, cultural e artística, que podem se vincular a grandes movimentos de arte, determinados quer por suas técnicas instrumentais quer por suas correntes artísticas. A segunda abordagem, da qual comungam juristas, policiais e outros setores da sociedade, considera as pichações como atos ilegais pura e simplesmente. Essa aproximação, largamente veiculada, apóia-se nos *cadres* jurídicos que os fixam com referência à lei (LAFORTUNE, 2000).

O caráter ilegal da pichação é inegável, como comprovam a lei brasileira número 9.605/98 e o decreto número 3.179/99³⁰, assim como a legislação francesa (LAFORTUNE, 2000) e a norte-americana (AVAU, 1985). Mas a pichação representa muito mais do que uma inscrição legal, e ater-se a este âmbito significa também deixar de atentar para todos os sentidos que aí estão imbricados. O sentido artístico de qualquer prática não é anulado por sua ilegalidade. Exemplos como a proibição da realização de rodas de capoeira no final do século XIX (MOREIRA & FERREIRA, 2006) ou a criminalização do samba na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX são úteis para analisar como a ilegalidade não diminui o caráter de manifestação artística e cultural destas atividades.

As chamadas *street arts*, ou artes urbanas, são usualmente alvos de discussões acerca da apropriação do espaço público das cidades, com a utilização de suas ruas, muros, praças e outros locais públicos. O *break*, as batalhas de rap, as partidas de basquete ou futebol de rua, os skatistas e os adeptos do *parkour*, todos tomam parte em locais abertos e comunais, como praças, calçadas ou ruas. O que singulariza o grafite e a pichação parece ser seu caráter perene – ou pelo menos tão duradouro quanto uma nova pintura nos muros e, especialmente no caso das pichações, a utilização de propriedades privadas. De acordo com LaFortune (2000):

Alguns pichadores afirmam que a pichação não é valiosa até o momento em que é depositada em um suporte proibido, signo de uma radicalidade sem concessões. Isto faz com que na psique dos adolescentes que o praticam, o grafite não seja mais do que um pretexto de confrontação momentânea equivalente a um grito de demanda que se ouça, uma provocação endereçada aos adultos. (LAFORTUNE, 2000, p. 21)

³⁰ A Lei 9.605 de 1998 prevê a punição com pena de três meses a um ano para os pichadores que destroem o patrimônio público e privado. Segundo essa lei, no artigo 65, 'pichação é crime'. O decreto nº 3.179 de 1999 estipula multas que vão de R\$ 1.000,00 a R\$ 100.000,00 em virtude de pichações, grafiteagem ou outras formas que destruam o patrimônio público tombado ou não.

Neste sentido, a faceta depredatória das pichações realizadas em muros de casas particulares ou instituições públicas não deve ser desconsiderada. Mas a pichação e o grafite carregam em si uma vasta gama de significados – motivações de seus autores, símbolos de possíveis conflitos ou guerras, manifestação de tendências artísticas e culturais – que devem ser analisados à luz das estruturas sociais em que foram criados e nas quais se reproduzem.

Os movimentos estudantis da década de 1960 caracterizaram-se por sua verve reivindicatória e contestatória do sistema. Essencialmente juvenis, as manifestações européias de maio de 1968 ou a resistência brasileira à ditadura militar de 1964/68 utilizaram-se largamente de inscrições em muros contendo palavras de ordem. Tais inscrições ficaram conhecidas como “o grafite europeu de 68” (AVAU, 1985).

Acerca deste caráter reivindicatório vale trazer a fala de um sujeito entrevistado, fundador e líder geral, sobre a origem e o propósito das pichações do Distrito Federal:

A pichação pode ser usada pra se expressar, pra denunciar, pra xingar as polícias... Na época, na minha cidade existiam duas pichação, pichação por protesto e pichação arte, que veio agora por volta dos anos oitenta. O protesto vem desde mil novecentos e sessenta, que aqueles camaradas lá, os políticos, aqueles políticos antigos, muitos desses políticos aí, era pichador, você sabe! Botava abaixo a ditadura, botava tanta coisa lá, militarismo fora, aqueles negócios lá de mil novecentos e sessenta a mil novecentos e oitenta. De mil novecentos e oitenta para cá praticamente a pichação virou uma arte. A pichação protesto agora é pichação arte. (Entrevista com líder, fundador homem)

O que o sujeito entrevistado chama de pichação-arte parece se vincular com o *tag* estadunidense, surgido no final da década de 1960 tanto por seus contornos estilísticos quanto por sua proposta afirmativa. Segundo Roger Mettalic Avau: “o que diferencia o *tag* do grafite europeu de 68 é que este se agita não a partir de uma reivindicação, mas a partir de uma afirmação” (AVAU *apud* LAFORTUNE, 2000, p.179).

O *tag*, equivalente ao que os atores entrevistados conceituam como *preça*, *pincha* ou *marca*, é uma assinatura individual realizada a partir de uma letragem particular. O *tag* aparece nos EUA no final dos anos 60, criado pelos adolescentes americanos de origem grega, revelando uma simbiose cultural bastante precisa que mistura dois tipos de alfabeto e de escrita (o alfabeto grego contemporâneo e o alfabeto latino utilizado largamente pelo ocidente) que não representam uma oposição estilística fundamental. Neste sentido: “o *tag* foi uma invenção caligráfica, uma construção imaginária verdadeira, correpondendo assim a uma criação no domínio gráfico” (LAFORTUNE, 2000, p.178).

O *tag* e posteriormente o que veio a ser chamado de pichação no Brasil foram bastante influenciados pela arte contemporânea. A utilização de contornos negros por Picasso em seu famoso quadro Guernica foi reproduzida por pichadores e grafiteiros, assim como a utilização de cores metálicas como o dourado e o prateado, por Pollock em seus murais, responsáveis por conferir substancialidade às pichações, que se tornam mais visíveis de longe. Nas palavras de um *gangueiro*:

Nome de tinta é a coisa que gangueiro pichador mais sabe. A mais comprada de todas é o preto fosco, a que é a melhor para usar, pelo menos para o contorno das letras. Tem também o azul arara, o vermelho. É só falar qualquer uma dessas cores, todo pichador vai olhar pra quem estiver falando. *O que a gente mais compra é preto, preto fosco e cromado. Eu não gosto de prata e nem de branco, eu gosto de cromado se for para não usar preto, porque destaca muito. Preto fosco – ou preto brilhante, quando não tem vai preto brilhante.* (Entrevista, homem)

Assim, elementos estéticos como a cor e o estilo das letras são bastante valorizados no meio *gangueiro*. A beleza e dificuldade das letras ocupam papel importante no reconhecimento de alguém como um bom pichador. Neste sentido, à pichação corresponde também certa dose de talento natural, de dom artístico: *tem gente que nasceu para fazer letra, neguinho tem o jeito mesmo*. Mas a falta deste dom não impede que alguém seja um pichador: o treinamento e a repetição de pichações são o suficiente para produzir um pichador razoável.

O *tag* perdeu seu sentido original ao ser reproduzida pelo mundo, tornando-se um modelo de reprodução caligráfica. De acordo com os pichadores e atores pesquisados, o *tag* parece ser um produto visto (visualizado) destinado à reprodução e vivenciado a partir de aportes diferentes daqueles da juventude greco-americana. Assim, as assinaturas e marcas dos *gangueiros* estudados guardam profundas semelhanças com os *tags*, apesar de inserirem-se no contexto das gangues brasileiras.

Uma importante diferenciação, tanto para os sujeitos entrevistados quanto para os pesquisadores da área, é aquela existente entre grafite e pichação. Assemelhados pela utilização de muros e espaços públicos (como telas) e pelos materiais utilizados (especialmente tintas em *spray*), as duas atividades diferenciam-se basicamente pelo tipo de inscrição efetuada. Enquanto o grafite tem por ocupação principal a realização de gravuras ou pinturas estilísticas, a pichação trata especialmente da grafia de assinaturas de nomes de pessoas ou gangues com um tipo particular de letra.

Entre os pichadores e os grafiteiros há a semelhança de uso da superfície mural, que representa certa liberdade espacial, podendo provocar também negações visuais. O recobrimento sistemático dos muros, considerado por autores como

LaFortune (2000, p. 178), é “de caráter quase obsessivo, sob uma ótica de bulimia espacial”. O *spray* de tinta (ou *jet*, na linguagem *gangueira*) contribui para esta faceta já que, em comparação com os rolos de tinta, permite recobrimentos muito mais rápidos.

A pichação aparece como grande demarcador de identidades dentro das gangues estudadas. É ela a responsável por denominar boa parte dos grupos, como os Guardiões da Arte Proibida, os Escaladores da Caligrafia Kriminosa, a Legião Unida pela Arte ou os Anjos Grafiteiros. Denominações como “arte proibida” são comuns ao se falar de pichação, considerada atividade viciante e crucial para a fama da gangue e do *gangueiro*. Durante as reuniões, é discutido o volume de pichações atribuídas à gangue em questão espalhadas pelas cidades: quanto mais *pinchas*, mais fama e prestígio para a gangue:

Uma coisa que faço sempre questão de lembrar é que sem marca, sem pichação, nós não somos nada. Não adianta fazer nada se o nome da gangue não está pelos muros todos. Então é isso: quer botar a gangue pra cima? Espalha picha, manda os novinhos saírem marcando. (Entrevista, homem, líder)

Sair para pichar é uma das principais atividades da gangue, sempre feita em grupo. *Botar nomes* aparece, ao longo das análises dos diferentes aspectos compreendidos nas gangues, como demarcador crucial de unidade, lealdade e identidade grupal:

Nós rasgávamos, fala aí, nós rasgávamos era todo dia. Todo dia, juntava pelo menos uns quatro bichos, quatro cabeças, pegávamos um baú aí, descia lá em Planaltina, voltava botando os nomes a pé, entendeu? Montava numa bike ali ó, saía no pedal lá de uma cidade, ia parar lá na outra. (Entrevista, homem, líder)

É no momento da pichação que identidades individuais e grupais se fundem: o pichador e a gangue são responsáveis pela marca na parede. Conforme os entrevistados, o estilo de pichação candanga caracteriza-se pela grafia do nome do pichador em caracteres grandes, aparecendo sempre o nome da gangue ao lado, em letras menores. Por vezes, especialmente quando a gangue necessita de fama, também são pichadas apenas as siglas do nome do grupo (quase sempre consistindo de dois ou três caracteres), em letras garrafais.

Ainda de acordo com alguns dos sujeitos pesquisados, esse estilo de pichação diferencia-se daquele encontrado na cena *gangueira* de cidades como São Paulo, em que o nome da gangue é pichado grande, seguido do apelido do pichador em letras pequenas. Segundo um líder:

Em São Paulo, o que destaca é a altura. Aqui em Brasília não, o que destaca em Brasília são duas coisas: a letra e a quantidade e as histórias que você tem no seu currículo. Em São Paulo não, em São Paulo é totalmente diferente de Brasília.

Aqui a gente pichar o nosso nome e a nossa galera, a gente põe o nosso nome em destaque e a galera menor e lá, eles põem a galera gigante e os nome deles são só siglas de três letras. (Grupo Focal masculino, líder)

Ambos os estilos de pichação brasileiros parecem diferir daquele encontrado em Nova Iorque. De acordo com LaFortune (2000), as pichações trazem apenas os apelidos de seus autores, na maioria das vezes formados por três letras e inspirados em personagens de histórias em quadrinho ou programas de televisão. A partir da observação de particularidades e diferenças entre as pichações realizadas em diversos locais e países, proceder-se, à análise dos sentidos dados à pichação pelos sujeitos entrevistados.

2.1.3. Sentidos da pichação

O universo das gangues é rico em pluralidades de sentidos e de formas. Uma mesma ação tende a ter diversos significados de acordo com os sujeitos envolvidos, o momento em que aconteceu, o interlocutor para quem se quer explicá-la e vários outros fatores. Tais significados não são mutuamente excludentes e na trajetória do *gangueiro* a pichação pode mudar de sentido para si e até para as suas galeras. De modo geral, a pichação aparece como modo de se expressar e posicionar dentro do universo *gangueiro* e fora dele. É uma maneira de ser visto, ser notado, quer por seus pares, quer pela sociedade englobante:

Eu já entrei lá, aí os muleque da minha quebrada tudo entrou, sabe. Aí me chamaram pra marcar aí eu fiquei até meio assim de entrar por causa das guerras que tinha, mas depois foi como uma diversão, tá ligado? Entrei e depois já fui vendo a pichação pelo outro lado dela, tá ligado, tem muito bicho aí que pincha, mas pincha pra arrumar guerra. Eu não, eu já cresci, a pichação pode ser usada para se expressar, para denunciar, para xingar as polícia... que é o barato doido. (Grupo Focal, masculino)

Outro motivo largamente alegado para pichar é o caráter viciante desta prática. Por tudo o que representa e pela força simbólica do momento da pichação em si, a pichação é considerada *o maior dos vícios*, a atividade mais emocionante. E alguns declaram que são viciadas *há dez anos*, não conseguindo parar. Como vício, ele vai e volta, sujeito a recaídas, como conta um *das antigas*:

Eu não picho por fama, faço isso por gostar mesmo. Meu negócio não é muito sério, isso é pros correria, é mesmo pra representar a quebrada. Você diz: 'parei?'. Aí está vindo de uma festa, passa um das antigas e diz: 'e aí, bora?'. E o coração vai a mil. Os novinhos de hoje em dia só entram por fama, já os antigos entram por gostar, por lembrar os bons momentos. Os moleques de hoje só querem saber

de mandar no muro pra ver, a galera da antiga não, era pra ver quem tinha a letra mais doida. (Entrevista , homem)

De fato, associar pichação ao vício é comum em diversos discursos, o que se espalha por sentir necessidade de estar em estado de emoção, mobilizando adrenalina, também como um vício.

Ent - E que vicia, sair para pichar, vicia?

H1- Aventura, adrenalina.

H2 - Antes eu pichava tanto que aquele gás me fascinava, é como se fosse um vício de cigarro para a gente. Teve uma época que o cheiro do gás me fascinava, que eu já tava deixando de pichar para cheirar o *spray*. (Grupo Focal, masculino).

Vício no vocabulário dos *gangueiros*, além de ser, para alguns analistas, característica da modernidade, dos tempos atuais, é também uma espécie de forma de consumo de bens, nesse caso o de consumir o corpo e estar em constante busca de prazer renovado (ver, entre outros, BAUMAN, 2006). Pode-se traçar um paralelo entre o vício da pichação e o que Lipovetsky (1996) cunhou com a sedução *non stop* característica da modernidade, também presente no vício de fazer compras, de jogar e de fazer exercícios físicos, entre outros (LIPOVETSKY, 1996). De acordo com um líder de gangue: *sei lá, adrenalina, porque muita gente quer curtir a lombra, né? Quer gastar o que tem, fuma, usa droga, isso e aquilo. Outros gastam em tinta, véio*. Ainda sobre a questão do vício opinam alguns membros de gangue:

H – Pichador é mesmo quem gosta, igual eu, eu gosto, sou viciado, não consigo parar mais não. É viciante porque eu já tentei parar altas vezes, mas não consegui não, aí tu chega, sente o cheirinho da lata, vixe...

Ent. Como é que é isso, por que é tão bom assim?

H – Não tem como explicar não. É bom demais.

Ent. É emoção é?

H – É emoção, quando você sobe num prédio de 4 andares assim...

Ent - É, e vem um cara de revólver... fica mais emocionante... (risos). (Entrevista em grupo, homens)

A pichação é também repetidamente apontada como fonte de adrenalina, o que concorre para sua caracterização como viciante. É a *adrenalina* uma das responsáveis pelos sentidos de diversão e gozo na modernidade, especialmente entre jovens (LAFORTUNE, 2000; LE BRETON, 2000):

Ent – Vocês não têm medo?

M1 – Do quê?

Ent – Por que vocês picham e chega a polícia, quando vocês brigam e chega a polícia, como chegou ontem.

M1 – Não é medo, dá uma parada muito massa, velho. É como pular de um prédio com pára-quadras, mó lombra.

Ent – Como é que é isso, o que é que dá? Qual a sensação?

M1 – Qual é o nome da sensação? Adrenalina.

M1 – Cabuloso.

H - Quando você pega a lata de *spray* você olha pro muro, você vê um monte de nomes e não ver o seu ali, você quer colocar o seu nome lá pra destacar igual *aquele lá*. Você encara qualquer desafio de subir em um prédio perigoso ate cair, mas é normal entre a gente. Cheirar a lata de *spray* dá pra curtir a mesma adrenalina. Hoje muitos não curtem a pichação, eles curtem drogas, curtem a violência, curtem as coisas pesadas como se as gangues fossem uma facção, e isso ai é adrenalina muitos não sabem, mas é adrenalina também . (Grupo Focal, misto)

A busca por adrenalina não é privilégio entre *gangueiros*, como bem apontou um entrevistado. Os esportes radicais, tão em voga na contemporaneidade, particularizam-se por esta busca:

H1- Eu falar para vocês não adianta, vocês nunca vão ter noção, não vão saber o que é, tá entendendo? Vocês nunca sentiram. Tipo, você está em cima de um prédio pichando, sentindo o cheiro da tinta, olhando para baixo, vendo que pode cair. E outra coisa que corre. Aí dizem: “vai lá idiota”. Então é idiota quem sobe uma montanha gigante de gelo para chegar lá em cima e descer?

Ent - Então pichação é esporte radical?

H1- Quase, só não é legalizado. (Entrevista, homem)

Este discurso pode ser analisado à luz das reflexões de Le Breton (2000) sobre a “aventura” na sociedade contemporânea.:

Nos últimos anos, apenas a ‘aventura’ tornou-se uma figura de excelência que mostra igualmente como o risco, mesmo imaginário, exerce uma fascinação sobre os atores das sociedades modernas. (LE BRETON, 2000, p. 11, livre tradução)

Além da adrenalina e da oportunidade de expressão, o sentido de fama e poder é uma das características alinhadas à pichação. A fama aparece como um dos principais atrativos para se entrar em uma gangue, e se estabelece especialmente por meio do prestígio como pichador ativo e talentoso, o que parece decorrer do fato de a pichação ser atividade altamente conceituada entre pares:

O poder é: onde você chegar, ser reconhecido e muitos “pagarem pau”, serem fã... E tipo você chega, quer comer, e eles pagam. Esse é o poder do pichador no meio da galera. Tem pichador que vira bandido e não quer mais saber de pichação, mas ele entra por meio da pichação, por meio do poder que ele viu que ele tem dentro da pichação e vira um criminoso se ele quiser. Eu nunca entrei, não precisei virar um criminoso, a única coisa que eu gosto é da ‘adrenalina da arte’. (Entrevista em grupo, homen)

Esta fama relaciona-se com a possibilidade de apropriação de partes da cidade, mesmo que a territorialização se resuma a um muro. A apropriação do território-muro é projetada com orgulho, reivindicando-se uso capião, o direito sobre o espaço pintado, a identidade construída, a cidade reapropriada:

Porque tem o seguinte, se eu marquei meu nome ali, aquele espaço ali é, digamos assim, meu, entendeu? Se neguinho vier querer usar esse espaço, aí vai dar conflito, vai dar guerra. É o que a gente chama de anarquizar, riscar a pichação do rival para colocar sua marca. Isso causa guerra mesmo, às vezes mesmo guerras entre gangues. (Entrevista, homem)

Com a fama, o reconhecimento se espalha por diversos territórios. A pichação é apreciada pela possibilidade de ampliar a sua circulação, quer no *strictu sensu*, ou seja, contribuir para que se ande por vários lugares, como metaforicamente, por fazer o nome do *gangueiro* conhecido em diversos locais:

Ent - Deixa eu perguntar uma coisa para vocês: o que existe de tão bom em pichar?

M1 - Oh véio, primeiro fama, proteção, consideração e adrenalina.

H1 - Altos lugares que tu fores, tu já és conhecido em altos lugares, mesmo se neguinho não te conhece, tu pode ir pra qualquer cidade do DF... Qualquer lugar que tu for neguinho já te conhece. De vez em quando eu nem conheço neguinho e eles já vem trocando ideia comigo, falando meu nome... (Grupo Focal, misto)

O nome do pichador e o da gangue são equacionados para efeitos de fama, e para marcar presença nos muros da cidade, da escola, em edifícios e em outros lugares. Marcar presença inclusive é motivo para que muitos saiam e entrem de novo na atividade. Tem mais fama quem picha mais, sendo mais importante a gangue que mais aparece. Quando a letra eterniza a fama, por apropriação de espaços, muitos territórios inacessíveis como lugar de circulação e ocupação pelos jovens se tornam de certo modo acolhedores. Os *da antiga* se fazem “guardiões da memória”, lembrando nomes, suas letras e suas gangues. Não saem da ativa, principalmente quando sentem a ameaça do ostracismo, pela visibilidade de outros pares, outras gangues. É uma disputa geracional, por continuar, por aparecer e honrar a memória da gangue, ter o respeito, ainda que se reconheça que os mais novos dispõem de mais energia a seu favor:

H1- A gente coloca também como no tempo que a gente estava em atividade, a gente esta pronto para pichar. Esses outros de 2004 até 2008 agora, a gente ficou...

H2 - A gente só bota uma [picha] de vez em quando, aí quando neguinho está bo-

tando demais – quem anda botando demais nós vamos arrebrantar, aí nós vamos arrebrantar os nomes, está entendendo? Mas não bota igual antes, que neguinho era pesado.

H1 – Mas isso era porque bagulho do picho é diferente assim, tipo você perde a estimulada assim da coisa, porque quando você é mais novo, você tem mais disposição, né, velho? Você está aí na pista para qualquer coisa, tu quer ter teu nome, né? (Entrevista em grupo, mista)

No plano de símbolo de poder, o apelido pichado é logo defendido para reconhecimento, havendo brigas e *cobranças* em reuniões de gangues, quando aparecem dois apelidos iguais. Também se contam casos de uso do apelido de um *gangueiro*, comumente mais antigo e famoso, para aprontar confusão, como riscar o nome de outros e deixar que o fato seja atribuído ao mais conhecido. Tal situação é relatada no testemunho seguinte que insinua que entre as mulheres haveria mais problemas deste tipo, pois assumiriam apelidos iguais. Note-se que para esta pesquisa chegamos a entrevistar três meninas de diferentes gangues com o mesmo codinome:

Porque quem chama por reconhecimento é o cara, vamos dizer assim. Por exemplo, começa o moleque a pichar ontem [e bota] ali ó, chega ontem ali e começa a botar, o quê que acontece? Risca os outros, por exemplo, vai ali e mete o traço no nome do cara e bota o dele embaixo, o quê que acontece? O cara vai pensar que sou eu, está ligado? Porque o outro não tem o conhecimento, é tipo um novinho que chegou agora e está botando, entendeu? Aí o cara fala assim: ‘Oxe, por que o cara está me riscando?’. O cara arruma até guerra com os outros com o teu nome, isso aí rola muito. Tem uns moleque que é mais novinho, véio, tem uns novinhos que não é muito interado; a maioria dos moleque é mais interado assim, tipo, sabe os apelido, né véio? Sabe que tem os apelido e tal. O moleque mais interado nunca vai querer botar o apelido dos outro, ele vai querer arrumar o apelido dele, que ninguém tenha, porque mesmo que ele tenha um apelido igual dos outros, ele vai ser cobrado se tiver igual na galera. Na última reunião tinha uns quatro moleque que tinha dois apelidos iguais, tipo um apelido igual ao outro, tá ligado? (Entrevista em grupo, mista)

A relação entre *pichação* e *vida do crime* não é consensual entre os entrevistados. O depoimento anterior e os próximos ilustram casos de jovens em gangues que frisam que virar *bandido* pode fazer parte da trajetória dos que estão em gangues, mas que não há propriamente um determinismo, ainda que muitos observem que gangue é *escolinha do crime*. Indica-se também que muitos ficam só na pichação, assim como outros a abandonam por vários motivos, seja para a *vida honesta*, seja pelo crime:

Tipo os bicho mesmo que entraram comigo, hoje estão vendendo droga, outros estão roubado, pararam de pichar para estar aí nessa vida... Aí eles

se aprofundam e com o tempo eles se esquecem, aí só pensam em ganhar dinheiro. (Grupo Focal, masculino)

Tem muitos que desandam também. Tem esse dizer, o pessoal de fora, de falar que as gangue é escolinha do crime, está entendendo? Começa ali pichando, amanhã já está vendendo droga, quer ser traficante, outros querem matar, entendeu? Mas nem todos, tem uns que não têm a cabeça para isso, entendeu? Porque a gente não passa de pichador, irmão. (Grupo Focal, masculino)

É que nem tipo o cara que sai para pichar, e ‘eu vou querer uma lata’ e o cara não vai ter dinheiro para comprar, o cara vai seguir os caras mais antigos... só que aí estimula o cara, aquele já foi da galera, aí ele pensa que o cara está pichando, o cara está ganhando dinheiro, aí o cara vai e começa a roubar, tá ligado? Aí com o tempo ele vê que está ganhando muito dinheiro e pá ele esquece o negócio de pichação e começa só a roubar, só a roubar. (Grupo Focal, masculino)

Espaço de expressão e reivindicação, busca pela fama, atividade viciante, oportunidade para demarcação territorial, procura por adrenalina. Estes e muitos outros sentidos estão imbricados nas pichações em torno das quais se articulam as gangues do Distrito Federal. Atrelados a elas estão os riscos propiciados, por vezes propulsores da própria busca por esta ação. Vale a pena analisar mais detidamente a relação entre pichação e riscos.

2.1.4. A pichação e o gosto por se arriscar

Na opinião de vários entrevistados e estudiosos do tema, “o perigo é uma condição essencial à arte do grafite” (FRAENKEL, 1985). Fazem parte de muitos testemunhos histórias sobre o risco de estar na pichação, não somente por ser atividade considerada ilegal e poder resultar em prisão ou em vitimização por excessos policiais, mas principalmente por galvanizar a possibilidade de brigas e guerras entre pares, podendo tornar vítimas indivíduos que se identificam apenas como pichadores, em oposição aos que se veem como *gangueiros*:

Bateram nele, que o menino é um pichador, não é um ladrão, ele trabalha, estudava. Ele é fanático por pichação, gostava de pichar, não estava na briga, não estava na porrada, mal bebia uma cerveja, aí vem uns 40 [da gangue rival]. (Grupo focal, masculino)

Os acidentes podem ser contados com orgulho, lembrando-se mais da adrenalina que da dor. Entre risos, relatam os seguintes episódios, líderes homens, em um grupo focal:

H1- [O que mais gosto na gangue] é o perigo, a adrenalina. Tipo, você vai fazer uma escalada, fazer [pichação] lá em cimão lá. É muito doido.

H1 - Ele botou lá em cima. Esse daqui já caiu do 3º andar, pichando.

H1-Eu estava lá pichando e o cara abriu a porta e saiu com o facão. O cara já estava lá embaixo, tinha dois, um do lado e outro do outro, tinha dois para eu não descer por nenhum dos lados. Aí quando um cara foi falar com o outro, eu fui descendo rapidão e ele já viu eu descendo e me deu uma cabada de vassoura assim na perna e eu caí no chão.

H2 - E aquela história os moleques pichando lá, o cara abriu a janela e ficaram batendo boca.

H1 - O cara abriu a janela e eu fiquei trocando ideia com o cara. Só que na verdade a gente estava era roubando as tintas. Ele tinha pintado e a gente estava roubando as tintas. Aí eu fiquei na janela trocando ideia e ele pegando as latas. O cara com medo: 'vai embora logo, vocês não vão me sacanear não, né?'. Enquanto isso, a gente vazou com as tintas. (Grupo focal, masculino)

A busca pelo risco parece estar relacionada à afirmação da identidade e da existência própria, não apenas no caso da pichação, mas também dos chamados esportes radicais ou de outras condutas de risco, como a toxicomania. Segundo Le Breton (2000):

Joga-se por um instante com sua segurança ou sua vida, com o risco de perdê-la, para ganhar enfim a legitimidade de sua presença no mundo ou simplesmente arrancar da força deste instante o sentimento de existir enfim, de se sentir fisicamente contido, assegurada sua identidade. (LE BRETON, 2000, p. 9)

Outro rapaz relata um acidente por subir em lugar alto, apontando a sorte como cumprindo papel importante no resultado do evento. Coragem e sorte parecem ser categorias bastante utilizadas para explicar os riscos da pichação:

H1 – É, eu acho que o menino lá até quebrou o dedo, pois estava dessa grossura assim... nequinho pulou, se jogou lá de cima do 2º andar; Aí tinha aquele negócio de lona, que tem aquele negócio assim, aí o bicho pulou, aí ele quicou, na hora que ele quicou, caiu lá no chão, bum...

H2 – Ele subiu alto. Era alto, do 2º andar, para cair de lá, quase quebrou as costelas esse cara, aí o pessoal disse que ele fez foi cair, rolar e sair correndo, não aconteceu nada não. (Grupo focal, masculino)

A execução da pichação sobre superfícies, *a priori* inacessíveis ou que demandem acrobacias inverossímeis, tais como telhados e muros que contornam estradas de ferro, é como um rito de passagem, afirmam autores como LaFortune (2000). A escalada pede a cooperação de muitos, lembra esporte radical, e como tal é admirada e com grande frequência trazida nas falas. Algumas vezes é inclusive registrada em fotos, e mesmo divulgada pela internet:

H1 – A maioria das vezes, tipo assim, sobe um, aí ajuda a subir o outro, ajuda e sobe os dois para o primeiro andar. Aí quando acaba o primeiro, tem que subir

sozinho, aí quando tem que subir, sobe dois, aí sobe no ombro do outro, então sobre para cima de novo e puxa o outro, é desse jeito.

H2 – Outro dia o fulano, ele estava bêbado, moço, aí viu um lugar lá em cima que não tinha mais lata. Aí ele disse: ‘eu vou catar a lata’, aí eu disse: ‘não faz isso não, tu vai cair, cata com carvão, moço!’. Subiu lá em cima doidão, moço, subiu para marcar de carvão. Você precisa de ver as fotos que nós tiramos dele lá em cima. (Grupo focal, masculino)

A confirmação da morte como destino possível parece ser ativada a cada pichação arriscada. Ao se arriscarem conscientemente em uma batalha com a sorte, os *gangueiros* trazem para si uma espécie de agência na relação com a virtualidade da morte, o que traz certa particularidade dentro do quadro geral traçado por Le Breton (2000):

Essas ações nas quais se amarra uma relação ambígua com a morte se encontram especialmente neste momento difícil, vivido na incerteza por numerosos adolescentes, de passagem de um estatuto a outro. Os acidentes, a toxicomania, as condutas de risco diversas, as fugas, as tentativas de suicídio, a anorexia, por exemplo, atingem, nesta idade, picos estatísticos significantes. (LEBRETON, 2000, p. 92)

Um dos atrativos da pichação é o próprio risco. Quanto mais arriscado, mais notória a pichação e, por conseguinte, o pichador. Inscrições feitas em locais de difícil acesso, como torres de caixa d’água e muros altos, assim como monumentos famosos da cidade, são os locais mais cobiçados nos discursos dos pichadores. Com isso pode-se perceber que o risco não está exclusivamente na periculosidade física da atividade, com a virtualidade de quedas ou de encontros com proprietários armados e enfurecidos. Está presente também no desafio à autoridade ao pichar monumentos públicos vigiados pela polícia.

Pichar monumentos famosos da cidade e driblar a vigilância acirrada que ronda tais monumentos agregam fama ao seu realizador, mostrando coragem, correndo riscos, mostrando que são os melhores naquilo que fazem: *eles cataram logo os monumentos, rebocaram o Memorial JK – foram dos primeiros pivetes a rebocar o Memorial JK, cataram embaixo, cataram a cúpula, cataram a Catedral – rebocaram tudo*. Assim, o perigo não é o único elemento importante na pichação. O dom, a habilidade e as letras também cumprem importante papel nesse universo:

A pichação repousa sobre uma dupla marcha. De um lado, há esta perseverança, esta busca pelo risco, todo este jogo com o perigo. Mas, de outro lado, isto não é suficiente, é necessário que o pichador possa matricular todos os elementos que constituem o graf: o cromatismo, o grafismo. (LAFORTUNE, 2000, p. 184)

2.1.5. Trajetórias na pichação

O desenhar letras, que começa com os exercícios de caligrafia nas escolas, colabora com a socialização na pichação. Essa se dá, basicamente, por efeito de demonstração, o admirar outros, em gangues, imitar a *letra de um grande*. Segundo um líder: *eu estava estudando na época ainda e na escola dava muito isso também, escola pública só tinha pichador na escola, e eu estou até hoje graças a Deus*. Outros contam como começaram:

H - Eu não paguei para entrar [na gangue] não, eu comecei a pichar, entendeu? Eu não tinha galera nenhuma, eu comecei na escola.

Ent - E você aprendeu a pichar como?

H1- Vendo os moleque pichar na sala, depois comprei uma lata e pichei sozinho, aí chamei um brother meu que já tinha estudado comigo que já pichava, entendeu? Aí eu chamei ele para pichar comigo de novo tanto que ele hoje é o líder da galera nossa aqui. Aí a gente começou a destruir de novo, aí ele começou a destruir e eu já estava começando, depois só foi chamando os moleque, assim um moleque me chamou para entrar na gangue. Já falou que ia rolar uma reunião e pediu pra eu levar uns moleques doidos. Chamei uns moleques e no mesmo dia já destruímos, véio. No mesmo dia que nós saímos da reunião já saímos felizes: ‘meu irmão, vamos destruir!’. Peguei uma tinta lá em casa que era para pintar e pegamos aquele cemitério ali.

Ent - Tinta mesmo? E vocês pichavam de rolinho?

H1- Tinta mesmo e de rolinho, a minha primeira preza de rolinho foi nessa gangue. Colocamos o nome da gangue bem grandão no muro do cemitério, todo mundo pagou pau, véio, e o menino que na época era líder me chamou, eu fiquei felizão. No outro dia quando teve a reunião, ele disse que tinha visto nossa preza, indo para a escola. ‘Cara botei fé’ – ele disse. E [disse] também que não tinha errado quando colocou a gente. (Grupo focal, masculino)

Como de costume, a história se repete: admira-se a letra e a fama dos mais velhos na escola - lugar básico para vários tipos de socialização e até mesmo para algumas atividades consideradas ilegais. Na escola, pode-se ter contato com outros pichadores ou com a história de feitos das gangues. Nela treinam desenhar a letra, buscando individualização, um lugar de fama - *se faz escola*, acaba se tornando referência para outros.

Ent – E como é que você aprendeu a pichar?

H1 – Ô, vendo os outros.

Ent – Antes de entrar para a gangue ou depois?

H1 – Sempre, sempre, desde moleque eu sempre cresci o olho nos nomes. Teve altos moleques aí que eu cresci o olho assim nos nomes, sempre via.

Ent – No cadernos?

H1 – Nos cadernos! Ixi, no caderno era muito rabisco... Aí tu via muito assim, o quê que acontece? Tu vai ver, tu vai vendo as letra e tal, entendeu? Porque neguinho, por exemplo, os moleque, a gente fez tipo uma escola, vamos dizer assim, a gente já puxou uns bonde aí que tipo neguinho botava as letras, todo mundo botava as mesmas letras que nós botava, tá ligado?

H2 – Não se destaca pelas letras, aí puxava as nossa.

H1 – Neguinho puxava uns bonde assim, tipo fazia as tendências assim nós que puxava, falava: ‘Não, agora nós vamos botar de tal jeito’, já começava a botar e todo mundo botava igual. ‘Agora nós vamos fazer de tal jeito’, aí nós começava a fazer e aí todo mundo fazia igual. Aí foi nessa continuada aí ó. (Entrevista em grupo, mista).

As pichações em Brasília partilham uma série de especificidades, como o tipo da letra e a quantidade de pinchas espalhadas pelas cidades. Além disso, pelo caráter burocrático desse centro urbano, em que suas atividades encontram-se centralizadas na esfera do poder público, conseguir pichar edifícios ou monumentos governamentais de grande prestígio e vigilância acabaria sendo um grande feito no mundo da *gangueragem*.

Esses feitos entram para o ‘currículo’ do pichador, virando uma de suas histórias mais importantes. Ser famoso, conhecido, implica obter respeito não somente do seu grupo mas também de outras gangues. A pichação transforma-se, assim, em um desafio entre os vários grupos. Estão inseridos na lógica da competição, valor privilegiado nos dias de hoje, ainda que se singularizem pela rota escolhida.

A repercussão pode ocorrer para além dos círculos das gangues, podendo se dar igualmente em jornais de grande circulação da cidade: *nós já saímos no jornal, escrevemos em um túnel grande branco. Quando você é pichador, se sai no jornal e todo mundo vê seu nome grandão em um lugar daquele: pronto!* Conseguir ter a fotografia de uma pichação veiculada em um desses jornais é considerado uma conquista: *sai no jornal, primeira capa do Correio!* Os jovens entrevistados não questionam a sua objetificação nos meios de comunicação, mas preferem sua dimensão de cenário privilegiado da sociedade do espetáculo (DEBORD,1997).

A questão do tipo da letra é algo primordial. As pichações podem ser diferenciadas de acordo com a criatividade demonstrada no ‘desenho’ do nome, bem como de acordo com o grau de dificuldade tanto em termos da habilidade necessária no manusear do *spray*, quanto no tempo gasto para escrevê-lo. Quanto mais elaborada, mais *doida* for a letra, maior a admiração entre os pares e, por sua vez, maior a probabilidade de o pichador tornar-se conhecido (adquirir fama) no meio:

(...) O que conta em Brasília: a letra, quem tem a letra mais *doida*. Por exemplo: se o muro é esparra, passa muito carro, eu tenho que colocar rápido, eu coloco

um apelido, que a letra sai bem legível, quase escrito, está entendendo? Uma coisa bem simples, qualquer um consegue ler isso aqui. Só que se tiver muito tempo para eu fazer, estiver tranquilo, você vai lá e desenha a letra todinha, fica uma letra de estilo diferente, está entendendo? Tem uns moleques que já nascem fazendo essas letras aqui, e eles vão inventando e vai saindo mais doída ainda. Se você faz a letra de um tipo, ele vai e redesenha, ele faz umas coisas melhores e sai muito mais doído... Aí ele é conhecido por isso. (Entrevista em grupo, masculino)

Embora a ampla maioria dos integrantes de gangue piche, nem todos os pichadores da cidade são *gangueiros*. É necessário *viver a gangue*, como ilustra a fala a seguir:

Eu mesmo parei de pichar. Só que igual ao que eu estava falando com as meninas: ‘vamos botar umas de bobeira’. Mas não é dizer que eu vou voltar para as gangues, e andar igual eu andava nos eventos. Se eu falar: ‘vamos, eu, tu e fulano, botar umas de bobeira, botar só para gastar uma meia hora’ tem muita diferença entre gangueiro e pichador.

Pichador é aquele que picha o muro e vai para casa dele e dorme, no outro dia ele acorda, vai trabalhar, vai para o colégio. Gangueiro vive da gangue mesmo, vai todo dia encontrar neguinho, vai fumar maconha todo dia. (Entrevista em grupo, masculino)

Neste sentido, apesar de ser possível a existência de *gangueiros* que não pichem constantemente ou mesmo que não gostem ou não saibam pichar, este tipo de conduta é desvalorizada pela maioria dos integrantes das gangues. Uma oposição constantemente evocada é aquela entre o “viciado em pichação” e o “viciado em *frevô*”:

Tem uns bichos que você pode chegar para eles e falar: tem umas donas safada esperando a gente, tem *bolo doído*, tem lança... Pode falar tudo, que se chamarem ele para marcar, o cabra troca tudo isso na hora, nem pensa duas vezes. Já eu mesmo não, eu gosto é de putaria. (Entrevista, masculino)

Entre as mulheres, o gosto pela pichação e os papéis desempenhados nesta atividade tendem a ser diferente do quadro esboçado para os meninos. Também aqui os construtos de gênero são importantes na conformação de condutas e identidades.

2.1.6 Meninas e a pichação

Embora os homens sejam citados como os que picham com maior frequência e nos lugares mais difíceis, as mulheres podem estar presentes nas saídas cuja finalidade é espalhar pichações pela cidade. A participação de mulheres nessas saídas, contudo, frequentemente é narrada como respondendo mais a uma estratégia para

escapar das abordagens policiais do que à realização propriamente dita da arte de pichar. Elas são consideradas bastante úteis para os pichadores, tendo em vista que o elemento feminino serviria como um ‘disfarce’, distanciando as suspeitas policiais sobre os grupos de adolescentes que caminham pelas ruas durante a madrugada.

As mulheres que acompanham os colegas de gangue seriam peças fundamentais para dificultar qualquer suspeita: *a maioria das vezes [que se sai para pichar] sempre vai uma mulher junto. Porque se os canas virem três homens juntos, aí eles param.* Elas também podem contribuir nas pichações levando as latas de *spray*, tendo em vista que mulheres não estão sujeitas à revista policial masculina. Uma integrante disse, quanto a isso, que:

Tem uns meninos que preferem pichar com mulheres. A menina vai, coloca um vestido, coloca um salto, dá a mão para o menino e vai, picha Brasília todinha, e ninguém vai nem parar: ‘ah, é um casal, estão voltando de algum lugar’. As latas vão na bolsa da menina. E quando vão meninos sozinhos, eles estão sempre com a mão no bolso, segurando a lata. É, já pensa: ‘aquele menino está aprontando’. Com uma blusona de frio, isso e aquilo. O menino pode estar o mais arrumado que for, se estiver com uma mulher, eles vão ter um pensamento diferente. (Entrevista em grupo, feminino)

Muitas *gangueiras* sentem-se satisfeitas com esse papel na pichação, sentindo-se gratificadas pelo fato de saírem junto com os meninos quando eles vão pichar:

M1 – Já saí em altos rolés com os moleques.

Ent – Mas, vocês picham, vocês mesmas?

M2 – Eu não sei pichar, mas eu vou sempre com os moleques, porque tem que ir pelo menos uma “mina”, aí eu vou e levo as latas.

Ent – Eles picham seu nome?

M2 – Sim e o dela também.

Ent – Mas você não picha. Você, você mesma não sabe pichar?

M1 – A minha amiga sabe.

Ent – Porque vocês não aprenderam a pichar?

M2 – Não, a gente sabe. Mas eu acho a minha letra meio assim...

M1 – Eu não preciso não, então, eu não faço nem questão porque os moleques já “mandam” pra mim. (Grupo focal, feminino)

A mulher teria papel importante na legalização da atividade de pichação, ainda que não necessariamente reconhecido na fala dos homens, uma vez que atributos ditos femininos, como a fragilidade e a sedução, são utilizados em batidas policiais: “eu não picho, eu não escrevo nos muros. Eu saio com os meninos e eles marcam pra mim. Eu levo as lata. É porque nós somos mulher, aí é menos peso se os policial

parar“. Elas são menos revistadas que os homens, ainda que haja casos de violência policial contra meninas na pichação.

No entanto, embora a maioria das mulheres não saia para pichar com a mesma frequência que os homens, algumas declaram fazê-lo com a mesma intensidade destes, declarando uma delas, por exemplo, que sai para pichar *umas quatro vezes por semana* e que é uma das garotas *que mais tem nome* [pichado] *na cidade*. Completa, ainda, que na sua galera especificamente a diferença entre homens e mulheres é pequena:

M1 - Acho que não tem muita diferença entre homem e mulher, porque a gente sai pra marcar eu acho que essa é uma diferença na nossa galera. Em outras, as donas não marcam, mas a gente marca, então não tem muita diferença não. (Entrevista, feminino)

P - Então você sai umas quatro vezes por semana pra pichar? Como é que é isso?

M - Se eu te contar, você nem acredita. Outro dia fui eu, esse moleque que estava aqui, o fulano e o fulano. Aí nós fomos andando que era para ir só ali na EPTG. Aí nós fomos andando, andando e, daqui, passamos pelo Guará e chegamos lá no Plano a pé.

P - E onde vocês picharam?

M - Ihh, em muitos lugares! Teve uns muros que pegou um bocado, uma placas - sabe aquelas plaquinhas de malhar, aqueles negocinhos de malhar, virado tudo para a pista? [pichamos] aqueles negócios no chão, nas pistas, aqueles negócios brancos, num bocado de lugar. Aí ontem, foi pela comercial, né? (...) Nós já subimos em tanto lugar, Ave Maria, porque para mim não tem tempo ruim não! Ontem mesmo, tem uma torrezinha bem ali e tinha que subir em cima do muro e do muro levantar ele... Aí eu fui em cima do muro, levantei ele, de boa. De madrugada, véio, é um frio, esses meninos de bermuda e camiseta, chega fica batendo os dentes, com a latinha de baixo do braço, batendo os dentes. (Entrevista, feminino)

Na maioria dos depoimentos, observa-se que são os meninos que picham tanto o nome delas, com os deles e das respectivas ‘galeras’. Muitas declaram que gostariam de pichar, mas que *tem letra feia*. Ou seja, consideram que não sabem desenhar a letra como os membros:

A maioria das menina não sabe. Os meninos tipo, chamam mais atenção. Eles marcam a nossa. São eles que têm a assinatura, eles marcam. Primeiro a de quem manda, tipo... Quem vai pichar manda primeiro a dele, depois o nosso e no final o nome da galera. (Grupo focal, feminino)

Mesmo entre meninas que picham é comum a auto desvalorização quando se comparam com os meninos: *eu sei pichar, só que não sou tão rápida quanto os meninos*. Isso pode estar ligado ao fato de, por a pichação não ser considerada uma atividade masculina, os homens estarem mais sujeitos ao treinamento constante desde que

são crianças, o que não costuma acontecer com as mulheres³¹. As meninas, assim como os meninos, enfatizam que um dos fatores básicos, quer para participar como coadjuvantes das pichações quer como pichadoras, seria a adrenalina, o que se mistura com o medo à repressão por parte da polícia. Segundo uma jovem: *pichar é legal*. Outra diz *que é tudo de bom*. E uma terceira: *Adrenalina, demais. Mas que dá medo dá. Quando a gente vê os canas a gente pira. É bom, mas dá medo, não é medo de rodar, mas dos canas pegar nós e pintar a gente*.

De fato, as que picham destacam os mesmos sentidos que os meninos para o exercício da pichação - adrenalina, vício e fama: *pichar é um vício, é porque todo mundo diz 'ah, tu é fulana de tal?' Ai altas pessoas começam a te pagar pau, te dá altas paradas, entender? É massa!*

Mas na fala de uma jovem que picha, uma reconsideração que parece não ser corriqueira entre as apresentadas pelos jovens, qual seja, a revolta por conflitos familiares:

Ent – E vocês querem pichar para abalar o sistema?

M1 – Não é para abalar o sistema; é de revolta. Você acha que quem picha é uma pessoa normal? Tem alguma problema, isso daí é uma revolta, porque não tem como. Todo mundo que picha, todo mundo que rouba, todo mundo que usa droga, isso é uma revolta que tem dentro.

H1 – Porque é discriminado.

M1 – Porque é discriminado por alguma coisa, tem problema com o pai, com a mãe. Aí, para fugir, eu vou fumar maconha para ficar mais relaxado, eu vou sair de casa que é minha família e vou para minha outra família porque na minha outra família de rua eu vou ter paz. Eu não vou ficar em casa ouvindo blá-blá-blá da minha mãe, do meu pai. (Grupo focal, misto)

Para as mulheres, o “controle” sobre suas saídas parece ser mais rígido por parte dos pais, dificultando a circulação na madrugada:

Ent - Você acha que para mulher é mais difícil?

H - Com certeza. Homem sai o tempo todo, sai de casa a hora que quiser. Mulher tem que inventar um caso, falar que vai dormir na casa de uma amiga... Agora, homem tudo é mais fácil, homem a mãe vai achar que está com alguma mulher, que está com amigos, e mulher, ou está dando ou está fazendo besteira. Senão tinha mais mulher do que homem pichando, porque o que tem de 'Maria Gangureira', meu Deus do céu! (Entrevista, mista)

³¹ Pode-se traçar um paralelo com a prática de futebol entre mulheres no Brasil, como retrata Silva (2005).

De fato a família seria a instituição mais nomeada como fator impeditivo para circular à noite, sair para pichar, no que concordam jovens de ambos os sexos. Eles indicam estratégias para driblar os pais, principalmente as mães, figuras mais explícitas no discurso deles/as quando se referem à família. Mas de comum, existe o sofrimento das famílias com as atividades dos filhos:

Ent - E vem cá, a família das meninas geralmente não deixa elas saírem?

Todas: Enche o saco.

M1 - Os moleques são mais soltos veio, e as meninas são mais presas é por isso que são poucas que saem para marcar.

Ent - E a família de vocês liberam?

M2 - Nem um pouco.

M3 - Nem sabe.

M4 - Minha mãe sabe.

Ent - E libera?

M1 - Libera não, mas a gente sai escondido, dá o perdido.

H2 - Com minha mãe é jogo aberto, ela sabe, já foi na Promotoria comigo negócio de pichação, em delegacia, em escola.

Ent - E ela é de boa?

H2 - De boa... (risos) eu fico fazendo ela sofrer demais, moço, tadinha. (Grupo focal, misto)

Uma jovem considera que é possível conciliar os artefatos usados pelas mulheres, como sapato de salto, com a pichação e que tal combinação seria inclusive uma estratégia para enganar a polícia, aproveitando-se, portanto, dos estereótipos da sociedade sobre mulheres, como considerar que as mulheres de salto e arrumadas estariam menos envolvidas em atividades ilegais:

Ent – Essa coisa, pra poder pichar, pra poder ir sair na rua, e se tiver de salto? Por exemplo, se tiver de salto, não atrapalha?

M1 – Eu picho de salto. Sabe por quê? Porque a coisa mais difícil que tem é uma polícia parar uma mulher de salto na rua, ele não vai achar que ela está fazendo besteira. Tá de salto, tá arrumadinha, tá com uma bolsa... Eu posso colocar quarenta latas dentro da minha bolsa, eu estou passando ali... Aí, eu estou subindo o pistão, de madrugada, a polícia vai passar, vai olhar, vai mexer comigo e vai embora. Aí, eles foram embora, eu tiro a lata de dentro da minha bolsa, boto meu nome, coloco de novo e vou embora. (Grupo focal, feminino)

As mulheres e os homens em gangues aproveitam os estereótipos sociais sobre gênero, pelos quais se codificam homens e mulheres de maneira diferenciada. Essas são vistas como mais ingênuas e menos propensas ao crime. A roupa e a aparência não são usadas apenas para aparecer, mas também para esconder, disfarçar intenções.

Orgulham-se as que picham pelo reconhecimento entre os meninos de diversas gangues: *por isso que os moleque fala, quem tem mais pichação das meninas é tu, de todas as galeras sou eu e a fulana*. E também ponderam que as fronteiras entre o pichar e estar no crime são tênues: *a pichação vai e começa você andar no meio onde tem droga, aí conhece pessoa que rouba, aí começa, aí é um ciclo vicioso*.

Os rapazes tendem a apontar o fato de a maioria das meninas em gangues não picharem como mais uma racionalização para a desvalorização delas entre eles: alegam que isto acontece por serem *mais fracas e terem menos coragem*, o que já se havia notado em estudo sobre gangues e galeras em Brasília (ABRAMOVAY *et al*, 1999, p. 134):

A percepção dos jovens sobre as relações sociais entre os sexos expressa as percepções correntes sobre o homem e a mulher encontrados na sociedade, mostrando diferenças que não são naturais, senão produzidas socialmente, (LAVINAS, 1997). De maneira geral, as mulheres são vistas pelos jovens como mais fracas, como de natureza menos violenta.

Em seus relatos sobre gangues, eles ressaltam o lugar das mulheres, uma participação que não incluiria o pichar, já que consideram que elas não sabem fazê-lo, principalmente em lugares que dão mais prestígio ao pichador: *as meninas nem picham edifício, [raro] ver uma menina que saiba pichar, as meninas só faz parte mesmo*. As que picham são nomeadas; seus apelidos, citados com respeito por eles, pois fazem o *primordial* na gangue - o pichar -, como sugere a fala de um líder de gangue, essas se destacam porque sabem pichar:

Tem umas que já chegaram fazendo o primordial, por exemplo, ae a, elas já picham, elas pegam o *spray* e picham, outras não. A maioria das gangues, as mulheres pegam, dão o nome numa pichação, mas elas não são pichadoras, os homens que picham pra elas. Elas roubam, não todas, mas elas roubam do mesmo jeito, matam do mesmo jeito se for preciso, usa droga, tem arma. Por exemplo, uma da galera dele, veio ela e outra da quebrada dela pra cá armada pra roubar os moleque da gangue rival. (Grupo focal, masculino)

Um tipo de instrumentação da presença da mulher seria o dar fama aos meninos, *por saírem com gatinha*, mulheres bonitas. Ressaltam que muitas jovens se aproximam das gangues para ficar com os líderes, com os pichadores de mais fama. E essas são pejorativamente chamadas de *Marias-jets*. Jovens de ambos os sexos contribuem para codificar as mulheres, identificando as que picham como especiais, *mulheres de rocha, mulheres de atitude*. “Ela era a verdadeira pichadora, uma dona de rocha, agora tem umas aí que quer pichar só porque conhece alguém que é da galera”.

No depoimento seguinte uma jovem se refere com desprezo a meninas que dizem que vão pichar, mas que na hora não vão por medo, fator que é desvalorizado por *gangueiros*:

H1- No começo tinha algumas atrevidas né, que pagaram pau pra eles aí (todos falam e riem). Tinha umas gurias que valia a pena ter na galera assim porque se chamasse pra sair na madrugada pelo menos pra contenção do abraço na hora dos cana elas tava lá. Agora tinha guria que não podia ficar nem na rucira aí é paia, pra mim não é gangueira não, não picha e no dia que começar a pichar aí eu vou falar que tem.

H2- Têm muitas meninas em gangues, mas com atitude são poucas.

M1 - É que nem a gente falou, as meninas a maioria tem medo de entrar nessas coisa e os moleque são mais de boa, eles não têm medo.

M2 - Tem menina que bota muita pilha e na hora não vai, só coloca pilha mesmo. (Grupo focal, misto)

Poucas declaram que não consideram a pichação como uma atividade importante na gangue ou que não têm interesse em pichar. Mas a fala desta jovem pode estar indicando que não é somente por medo ou por considerarem que não sabem escrever a letra que muitas mulheres não se engajam nessa atividade, inclusive não prezando, necessariamente, pelo seu nome pichado: *eu nunca tive meu nome na parede, sempre achei uma palhaçada. Sempre achei [pichação] uma palhaçada, acho que isso é a coisa mais fútil do mundo.*

O mais comum são depoimentos de meninas glorificando a pichação e sua identificação como sendo o cerne da *gangueragem*: *eu acho que os opostos se atraem, até hoje mesmo eu não sendo pichadora, eu passo dentro do ônibus, eu fico assim, olhando tudo, procurando quem tá no auge, quem tem mais nome, galera nova, eu olbo mesmo, adoro gangueragem.*

No depoimento de outra jovem, destaca-se a compensação pelo fato de não pichar ou mesmo não sair com os meninos cooperando, levando latas de tinta, com o desempenho em outras atividades de gangue, como o brigar:

Você pode procurar meu nome em Brasília todinha, vai achar dez no máximo. Mas aonde chegar, todo mundo me conhece. Eu não sou de pichar, de ficar gastando minhas pernas aí na madrugada. Agora, eu sou sim de briga, tudo que fala de gangueragem eu estou no meio. Tipo tudo: briga, reunião, toda reunião que tiver da LUA ou de qualquer galera que é aliada eu vou estar lá, pode ter certeza que eu vou estar em *frevo*. “Fulana, vai descer todo mundo para tal *frevo* vamos, vamos to lá?”. Vou em tudo quanto é coisa! Agora, ficar me chamando para ir pichar... (...) Uma vez eu falei: “gente, o nome que está lá na parede não vai sair para me defender, não vai”. Então não adianta perder meu tempo pichando. Em vez de estar trocando ideia, fazendo amizades, fortalecendo a minha galera, vou estar

pichando. O nome não vai sair para me defender na hora de uma briga. Eu pensei assim desde o princípio e pichar não foi muito produtivo pra mim, nunca foi. Eu prefiro falar “eu sou a fulana, prazer” do que neguinho ficar olhando meu nome e falar isso e aquilo. (Entrevista, feminino)

Uma líder “F” critica a visão dos meninos – como aqueles que desvalorizam as meninas - ressaltando que não se pode generalizar. Algumas dizem que picham e enfrentam suas mães para pode sair à noite, como esta:

Ent - Mas e a ideia de dizer, por exemplo, como disse aquele menino que entrevistamos, que as meninas nunca pichavam, que as meninas serviam para levar jet, para levar arma e que as meninas funcionavam como objeto sexual para a gangue?

M1 – É que só tinha duas meninas na gangue que sabiam pichar. Mas você lembra que eu mandei eles tomar no cú na mesma hora? Quando eu vejo eles falarem uma coisa dessa, mando mesmo e quem quiser brigar eu brigo, se quiser contar para alguém, pode contar porque eu não estou nem aí. Eu entrei nessa galera e eu perdi praticamente a minha adolescência todinha dentro dessa gangue para vim, quem entrou em 2006 e vir falar coisa logo para mim, não, não fala não. Eu já fui para a rua sozinha pichar....

Ent - Você picha?

M2 - Picho

Ent - É difícil pichar?

M2 – É grande demais, mas eu picho, eu vou para a rua, eu brigo, eu faço caramba a quatro, não tem um menino que chegue em mim e fala: ‘ah, você não é nin-guém!’ ‘você não é nada!’ Não tem, não tem esse! Eu quero ver ele falar na minha cara, porque na minha cara não tem esse que fale, ah, ‘você não faz isso’, ‘não faz aquilo’. Aqui não, meu amigo! (Entrevista, feminino)

Essa líder F considera como parte de seu papel de líder proteger as meninas da exploração dos meninos nas gangues, da sua redução à função de, na pichação, carregar latas de tinta para eles, ou dar lata para que eles pichem o nome delas, o que muitos dizem que fazem, mas na verdade não o fazem. Segundo ela, a sugestão para ganhar respeito seria a menina transgredir as pautas de proteção familiar e ousar ir à noite para rua e resistir à sedução masculina:

O menino fala: ‘Ah, me dá duas latas aí’, aí a besta acha que ele vai botar nome para ela, pega e dá a lata. Você quer ter nome? Vai para a rua com ele, pode até botar a lata, mas vai junto, porque, na hora que ele for colocar o nome dele, fala: oh, cadê meu nome? Aí ele vai lá e coloca. Tem que estar sempre em cima porque senão vira o famoso pedágio, só serve para dar lata, só serve pra dar dinheiro, só serve pra isso. Porque elas acham assim: “ah, porque eu não vou poder sair, aí o menino tem um monte de nome, ele sai todo dia, então, eu vou dar uma lata pra ele que ele vai botar

meu nome também. Só que os meninos não pensam assim: ‘Ah, ela vai me dar lata sempre, então toda vez que eu for marcar a minha, eu vou marcar a dela’. Eles não pensam assim, são poucos que pensam assim. Aí eles pegam, gastam a lata da menina todinha, aí fala: ‘botei seu nome lá na estrutural’. Ela vai lá pra ver? Não vai. Depois, ela vai achar que tem um monte de nome e não tem nenhum. Eu sempre falo isso para as meninas: ‘Gente, vocês querem pichar? Chama outra menina, fala pra mãe que vai dormir na casa de alguém e tal, faz alguma coisa do tipo’. Agora, não, elas acham que: ‘Ah, o menino é o maior gatinho, não sei o quê. Vou botar ele pra botar meu nome’. Fala que bota lá na casa do caramba, mas não. (Entrevista, feminino)

Na entrevista com uma líder F, de outra gangue, reconhecida entre várias galeras por ser pichadora, também aparecem falas que bem ilustram a potencialidade das meninas, desmistificando construções deles acerca delas e estereótipos, como o de que as meninas não sabem pichar, que andam só entre elas, que não têm coragem e não escalam lugares difíceis. Além da adrenalina, a líder relata riscos, indica o gregarismo entre meninos e meninas, expressões de solidariedade, como ajudar um companheiro de *gangueragem* que se machucou e como usa sutilmente as codificações sobre mulher para ludibriar a polícia. Indica seu interesse por pichar: *eu não consigo andar de ônibus ou de carro sem ficar olhando, e já aconteceu de catar uma porta e encontrar outras galeras e rolar briga para ver quem cata*. Seu relato sugere a busca por reconhecimento pelos pares, a importância de ser considerada pelos meninos por sair junto para pichar e não somente para levar lata:

Tem dia que algumas coisas dão errado, um dia a gente perdeu a lata mais de 4 vezes, esquecia num lugar, todo mundo doidão de maconha, esquecia a lata, aí lá pra frente, quando chegava, achava um lugar em branco, aí, cadê a lata? Lá atrás, no último lugar, aí voltava. Teve um dia que ele pulou a construção, dois rottweiler dentro da construção. É altos perigos que a gente passa, ele já quebrou braço... Tem a ver com adrenalina. Só de você estar na rua com a lata de madrugada, tu já fica, pô, se os canas pegar, te leva para a delegacia, pichador é tirado dentro da cadeia. Ladrão não gosta de pichador não, a maioria dos pichador é ladrão também. Aí é tirado, fica, pô, vou rodar, ainda mais pichando, vão chamar minha mãe, ela vai ver que eu estou pichando de novo, aí fica mais com medo, mas é massa, véio. Segurança já nos viu aí saiu correndo todo mundo. Nós estávamos pichando o Detran, negócio de polícia, aí lá vem o policial, altos tiros, aí ele soltou a lata e saiu correndo, aí o outro ainda veio, pegou a lata na frente do policial e saiu correndo, aí entrou dentro de um hospital que estava em reforma, sei lá, ficaram escondidos lá e eu sou de boa, porque sou menina, né? Sentei lá na parada e fiquei lá, aí ele passou e perguntou, você viu para onde passaram uns meninos? Aí eu falei: vi não senhor. Tipo, igual quando eu vou também, eu vou de tênis, blusinha, toda arrumadinha, qualquer coisa, pega na mão de um, abraça; altas vezes mesmo oh, esse menino aí a gente já teve que se beijar altas vezes, não senhor é minha

namorada, não é namorada nada, não sei o que, mas é massa, você sai correndo, no dia que ele quebrou o braço mesmo, eu fiquei desesperada, tava só nós dois, ele subiu na placa altona lá aí na hora que ele tava no quarto degrau de cima para baixo, o negócio caiu, aí ele caiu em cima do braço, o osso coisou assim, aí eu: aí meu Deus, eu não sabia se eu ria dele ou se eu chorava aí ele: você tá rindo sua desgramada tá? Aí ele colocou o braço por cima e a gente foi andando aí chegou aqui aí eu falei: e agora véio? Na, não vamos lá na minha mãe não, com as mãos toda preta de tinta, não vou dormir na minha mãe não, eta então vamos lá no hospital nós dois, aí nós fomos lá no hospital, o médico botou o osso no lugar e engessou. (Entrevista, feminino)

O discurso da jovem indica que ela também enfrenta e provoca brigas para garantir seu lugar de pichação, defender território, e que parte para o enfrentamento quando outros riscam seu nome e o de sua gangue, fatos esses que questionam lugares-comuns sobre a fragilidade das meninas:

M - A gente se esbarra. Já aconteceu muito. Nós fomos, tínhamos acabado de pintar... Aí quando nós estávamos descendo, os outros... pô, 'vocês cataram, não sei que' ... Os meninos tudo de carro e a gente já tinha catado. Aí tem sobe e risca de raiva, aí começa as guerras de traços, começa por traço...

Ent - Só quando se encontram, mas não vão procurar para brigar?

M - Oh, tem uns que vão. Eu mesmo se eu ver, Ave Maria.

Ent - Já riscaram o seu nome?

M - Já. Aí eu começo a riscar os deles também, entendeu? Aí começa...

Ent - E são os meninos que riscam mais?

M - É, só eles que riscam. Só uns que eu não gosto mesmo, que eu tiro de tempo na frente de todo mundo, aí eles ficam indignados, sabe? Aí quando vê pelas costas, pega e risca, mas não é tanto assim não. Na comercial mesmo, existe o meu traço e eles não tem riscado não. (Entrevista, feminino)

A pichação é um dos principais construtos de identidade do *gangueiro*, uma identidade que é diferenciada entre as meninas, já que a maioria delas costuma não pichar - em profecia autocumprida - já que ou acham que não sabem ou não se interessam, mas acatam a posição deles sobre sua inabilidade com a letra. Não é, pois, de se estranhar que pela busca do gregarismo, de ter proteção e de ser respeitada entre as outras de outras gangues e fora dessas galeras, as mulheres não tenham tal identidade modelada pelo mesmo caminho dos homens.

Buscam o poder de outras formas, como o uso da sedução, conquistar líderes, ser coadjuvante na atividade de pichar ou como os meninos, brigarem, roubarem e até matarem. Como o poder é matéria prima para o estar em gangues, elas exercem autoridade, quando líderes, sobre outras mulheres (como desenvolvido nas seções sobre estrutura das gangues e sobre os espaços do feminino), recusando no discurso a sororidade e ansiando por fratria, ou seja, ser parte do grupo deles. As poucas

que picham são ilustrações claras de que não há uma divisão sexual natural de habilidades e sim que essa é construída. Assim, as meninas, se quiserem, picham.

A participação das meninas na pichação é múltipla e variada. A maioria das *gangueiras*, apesar de não ser autora da pichação em si, participa ativamente do momento da pichação, sendo responsável pelo transporte dos *sprays* de tinta e por despistar a polícia, atividades cruciais sem as quais a grafia em si fica consideravelmente prejudicada. Além disso, algumas meninas são pichadoras e atingem a fama por isto: são reconhecidas por homens e mulheres como *donas de rocha*, mulheres capazes de pichar.

2.1.7 Pichação e conflitos

Um dos preceitos básicos na cena *gangueira* do Distrito Federal é o respeito pela pichação alheia, quer seja ela de membros de gangue própria ou rival. Entre as mais graves faltas que podem ser cometidas contra outro grupo está avariar suas pichações. *Anarquizar*, ou seja, riscar a pichação de outra pessoa é motivo suficiente para originar uma guerra entre indivíduos ou mesmo entre gangues, a depender do autor da pichação e do risco. Muitas guerras entre gangues e brigas têm origem na quebra de uma das regras básicas, e mais antigas, dessas galeras: não riscar (*traçar*, *anarquizar*), ou seja, não pichar por cima da pichação do outro.

H1- Essa questão foi o seguinte: a gente detonava em um certo local e você tinha que pegar um lugar mais longe, você não podia pegar perto da gente se não ia ficar tudo misturado. Olha o que acontece: se você colocasse pertinho da gente era o motivo de você não respeitar o espaço, aí o que acontece é essa parada de anarquizar. Olha hoje o que acontece: dá morte. Hoje, se tu riscar o nome do outro, o menino faz uma reunião para pegar a pessoa rival.

Ent - Essa regra começou porque vocês disseram que tinha que ser longe da outra gangue.

H - Longe da outra isso, se tivesse dois murro um pegava um, o outro o outro, você nunca podia mandar junto se não neguinho metia o traço, anarquizava. (Grupo focal, misto)

Na pichação é elemento importante a tinta, a lata, o *spray*. Embora haja proibição de vender lata de tinta para menores de idade e se determine que se peça identidade do comprador, tais restrições são facilmente burladas. Os mais novos costumam pedir para que um maior de idade compre, além de alguns comerciantes se encarregarem eles próprios de burlar a lei, vendendo para menores, como relata uma líder “F” pichadora:

M - Para comprar lata, a gente é tudo menor, aí tem que achar alguém de maior com identidade, aí vai lá comprar, a gente vai... Quando é com esses meninos aqui,

né, em qualquer beco os meninos vão e compram lata. A maioria das vezes pedem identidade, só quando uma pessoa chega e dá para aparentar que tem mais de 18 que não. Agora menino mesmo, cadê a identidade?. E eles fazem de propósito, aí a gente fala: ah, eu queria pintar minha bicicleta. E a gente vai enrolando os caras da loja, aí eles falam: ‘ah, tem esta tinta aqui, oh’. Aí a gente: mostra moço... ah, eu vou levar essa aqui. Aí a gente vai no caixa e eles: sua identidade, por favor. Aí, puta que pariu, depois de ter enrolado o vendedor, no caixa não passa. Existem lojas que às vezes vendem de madrugada, porque já sabe que é pichador. Mas as portas ficam todas fechadas, aí tem uma campainha... Que eles moram atrás da loja, né? Aí tem uma campainha que sai lá atrás.

P - Cobram mais caro?

M – Tipo, 12,00 reais é o preço. Lá é uns 13,00, 14,00... Mas no desespero, véio, está andando na comercial aí vê 4 portas brancas... Os meninos chega coça a cabeça Meu Deus do Céu!. Para você ver como é o vício, já andam assim procurando e vendo pichação. Se você falar para ele: e aí? Você sabe onde tem aquela picha do Goiano que atropelou não sei quem?. Sei! De azul, né?. É. De tanto que presta atenção, entendeu? Aí, no desespero, quatro horas da manhã, você vai andando, onde você vai achar loja de tintas aberta? Aí corre lá e o bicho vende, aí volta para pichar (Entrevista, feminino)

Outra forma de se conseguir a tinta é por meio do *pedágio*, cobrado dos que entram na gangue e dos mais novos: *no caso do spray tem esses novinhos que nós botamos e chamamos de pedágios. Eles têm que bancar as lata pelo menos no mínimo cinco no fim de semana.*

Cita-se a colaboração de alguns grafiteiros para adquirir latas de tinta, mas com estes também se mencionam conflitos, disputa de espaços. Parece ser regra que pichadores não riskem ou anarquizem grafites, mas nem sempre o oposto acontece, talvez devido a um discurso determinado que considera que *grafite é arte, pichação não*. Esta opinião não é consenso, apesar de alguns pichadores concordarem com ela, o que não justifica a falta de respeito dos grafiteiros para com as *prezas*. Neste sentido, também riscos deste tipo podem gerar guerras e mortes:

H1- Os grafiteiros que não picham também dão *spray* pra gente.

H2 - Os grafiteiros que não picham, porque eles não estão disputando espaço conosco. Porque a gente não coloca a mão nos grafites deles, mas grafiteiro morre também. A gente não coloca mão em grafite, mas se atropelar... Sempre tem um grafiteirozinho querendo ser o bam bam bam. A gente manda uma coisa e ele quer meter o grafite dele por cima, aí já gera uma guerra com os grafiteiros.

Ent - Aí vocês vão lá e cobram dele, no *spray*?

H2 - No *spray* não, primeiro a gente cobra na pancada. Porque muitas vezes a gente vem aqui e detona o muro. Geral acha doido, geral acha massa. Aí vem um filha da puta de um grafiteiro e destrói, mete o grafite por cima e eles acham que fica por isso, mas não fica. (Entrevista, masculino)

Produzem-se discursos emblemáticos sobre pichação e identidade, quando se rejeita a visão do outro, da sociedade em si mesma e se afirma uma própria, configurando como arte, sem distinção entre arte e pichação, uma atividade ilegal que a sociedade codifica como sujeira, bagunça, transgressão. É também frequentemente caracterizada por desestabilizar o princípio de propriedade e de respeito pelas leis. Para os jovens em gangues, seus códigos são próprios, claros, a representação de indivíduos e galeras. Já para a sociedade, em geral, atemoriza por ser ilegal e assusta por sua ininteligibilidade. Sugere uma ameaça difusa que se espalha pela cidade, por um outro, o jovem, que não se conhece e que só se apresenta por letras, garranchos e que pode vir, segundo o imaginário social, a assaltar e matar:

A gente não tem pichação como vandalismo, a gente tem pichação como uma arte. Por exemplo, se tivesse só um nome ali, bem colocado, ficaria bonito, mas olha o tanto de nome, coisa bagunçada. Mas para nós é arte. (Grupo focal, masculino)

A pichação é uma das atividades básicas de um grupo que vive a seu modo a ambiência, o cenário imposto pela sociedade do espetáculo: uns compram, outros produzem fama pichando. Os jovens vivem numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, as quais afetam sua cotidianidade e trajetórias. Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória e na qual vale quem aparece, o que somente é possível em guetos, espaços reapropriados, nos jovens transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e o acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis.

Esta seção buscou delinear as principais características das pichações no universo *gangueiro* do Distrito Federal, a partir de sua contextualização internacional e levando em conta os múltiplos significados a elas atribuídos. A pichação é, certamente, um dos eixos fundamentais nas gangues. Talvez o principal, tendo variados significados: expressão - *gosta de marcar letra*- protesto - *normalmente, quando saímos para pichar, a gente manda frase para o governo* -, marca de grupo e *quebrada*, ou seja, de pertença e provocação. Foram também analisados os diversos posicionamentos das mulheres das gangues na pichação, e os conflitos e guerras provocados por riscar marcas alheias, guerras essas que serão analisadas no próximo item.

2.2. Guerras entre gangues

Esta seção analisa os discursos referentes aos modos, motivos e percepções sobre as *guerras* de gangue. Primeiramente, discutir-se-á o que os jovens em gangues chamam de *guerra*. Posteriormente, será abordada a *guerra* como questão de identidade de grupo e reconhecimento, as motivações da *guerra* e, finalmente, o papel das meninas nesse contexto.

Guerras são conceituadas pelos sujeitos pesquisados como contendidas cruciais entre gangues enquanto coletivos, que geram antagonismos fundantes da conjuntura *gangueira* atual. É certo que grande parte do tempo e da energia despendidos pelas gangues está relacionada com elas. É um conceito nativo que tem significação simbólica muito mais extensa do que a palavra possa superficialmente sugerir.

Esse dispêndio de tempo e energia está exatamente no cerne da amplitude do conceito na medida em que fazer guerra não se resume à violência física. Ou seja, as brigas e os tiros são muito menos frequentes do que é explicitado pelos discursos dos membros. E as vias de fato não são culminâncias de etapas de um processo, mas uma etapa em si – eventos “catárticos”, certamente, como conceituado por Jody Miller adiante. Fazer *guerra* não só quer dizer trocar socos e pontapés, mas também conversar sobre ela, organizar-se em torno dela, riscar o nome do inimigo, fazer cara feia, intimidar, juntar-se em grupo para a defesa própria e dos outros.

A *guerra* é um conceito usado por eles para referirem-se aos marcos de conflito que participam de uma dialética bastante fluida, exigindo ação constante dos membros de gangue. Assim, na *guerra* de gangues não há vencedores, como nas guerras tradicionais, mas jogadores em contínua vivência de contradições. Como veremos mais adiante, um membro de gangue não sabe por que luta contra outro grupo, mas sabe que faz isso unido a várias outras pessoas. Isso fortalece os laços de solidariedade, proteção e caracterização comum de um determinado grupo. A *guerra*, dessa forma, tem a função primordial de delimitação da identidade grupal da gangue.

Grosso modo, a lógica das guerras das gangues brasileiras tem dois lados representados pelas duas maiores gangues: LUA (Legião Unida pela Arte) e GDF (Grafiteiros do Distrito Federal). A rivalidade entre as duas é histórica, tendo o motivo desencadeador perdido sua importância no decorrer da guerra. No caso da guerra entre LUA e GDF também trata-se de uma gama de situação relacionadas, como as localizações espaciais, conflitos por territórios e antigas alianças.

De todo modo, vale notar que os outros grupos entram nessa lógica de acordo com a aliança feita com uma dessas duas gangues (em que os aliados de uma também entram em guerra com os aliados da outra). Dissemos “grosso modo” porque a essa regra existem exceções, especialmente quando duas gangues encontram-se no mesmo território. Neste caso, o sistema de alianças e rivalidades desmembra-se em dois níveis, o local e o geral.

2.2.1 Surgimento das gangues, surgimento das guerras

As guerras são um dos pontos principais de confluência nos discursos dos integrantes das diversas gangues pesquisadas. Surgindo espontaneamente em suas falas, são um dos elementos principais na delimitação de identidade e de historicida-

de das gangues. Parecem ser determinantes tanto do surgimento de um novo grupo (buscando a paz) quanto das trajetórias e arranjos geopolíticos atuais. Neste sentido, não apenas a guerra LUA *versus* GDF conforma as realidades dessas pessoas, como também a contenda GSL *versus* GSN é apontada como sua antecessora. Assim, para além da análise deste universo como um *ethos* guerreiro, é interessante perceber como as guerras são um dos eixos em torno dos quais as gangues se organizam: sua história, suas ações e suas identidades.

Em uma hierarquia de categorias, no que diz respeito à aliança entre gangues, abaixo do termo *aliar* existe o *colar*. Membros de determinada gangue podem *colar* com membros de uma outra sem que isso se torne um compromisso de aliança nas *guerras*. Dessa forma, apesar de raro, é possível que uma gangue mantenha-se relativamente neutra em uma determinada guerra entre duas outras gangues, podendo *colar* com as duas.

Obedecendo a essa dialética, é interessante notar que o discurso sobre as *guerras* perpassa também o discurso sobre a *não guerra*. Ao se verem face a face com os pesquisadores, muitos membros de gangue procuraram mostrar a valorização da paz explicitando a desmotivação da criação de guerras com outras gangues: “a intenção nunca é criar guerra. A intenção é se formar, crescer, criar uma família aí, mas sempre tem um querendo atravessar”.

Quase todos os discursos sobre a fundação das gangues estão relacionados com a intencionalidade da criação de uma nova gangue para ser pacífica e neutra na lógica das guerras de Brasília. Um líder, ao comentar como sua gangue escolheu um dos lados da guerra afirmou:

Nessa época eu não tinha guerra com ninguém eu era tranquilo, todo mundo me conhecia aqui, eu era de boa na...[local]. Chega assim no meu ponto de vista eu era o cara mais considerado da ..., conhecia todas as galera e não tinha guerra com ninguém entendeu? Os cara me respeitava grandão mesmo. (Grupo focal, misto).

Uma maneira de uma nova gangue entrar de determinado lado da guerra é o de antes estar *colada* com uma gangue em detrimento da outra. Quando se conhecem membros de uma gangue, é natural que se alie a ela nas guerras quando surgir a necessidade. Pode existir uma pressão para que se escolha um lado quando a *guerra* de duas gangues se tornar crítica, fazendo com que as gangues coladas fiquem em “fogo cruzado”. Nesse contexto, um líder relata como começou a guerra de sua gangue:

Aí eles chegaram lá na porta do colégio, aí os cara falou com o... aí meu irmão, vamos aliar as galera aí, e o ... falou não, não vamos aliar, os moleque falou vamos aliar não?, [...] pra pegar o ... aí e tal?. [...] Aí eu já dei ideia logo, não vou me aliar não, não vou me aliar pra pegar ninguém não, já que eu conheço os moleque da...

há mais tempo. Por que eu vou pega o moleque? [...] aí eles foi e botou os bicho pra falar: Se vocês não aliar, nós vamos bota os bicho pra guerrear então. (Grupo focal, misto)

Vale destacar que o conhecimento sobre o início das guerras é quase que exclusividade dos líderes e dos membros mais antigos. Os membros mais novos se engajam com veemência nas *guerras*, mas quase nunca sabem os motivos e a história que deu ensejo ao conflito de que participam. É importante ressaltar, porém, que os mais novos têm explicações e motivos para estarem na guerra, diferentes, porém dos iniciais, apontados pelos mais antigos. Isso reforça a ideia de que a *guerra* em si também apresenta uma certa fluidez enquanto função demarcadora de identidade grupal. Isso porque, mais do que interesse pelos motivos primordiais da guerra, o que importa é o fato de se fazer um grupo cujas lógicas sociais são automaticamente incorporadas pelos membros no momento em que se veem parte desse grupo.

2.2.2 Motivos para as guerras

Integrantes mais antigos e membros fundadores das gangues parecem ter discursos mais elaborados acerca de motivos para início de guerras entre gangues. Um líder fundador comenta:

Olha, toda guerra de pichação aqui em Brasília começou por causa de um pisão no pé, que foi quando o fulano, que está preso até hoje, matou o sicrano, que foi o primeiro líder da gangue tal. Isso foi em 94. Depois disso vai vindo as guerras, vai vindo as guerras aí tem uma gangue que é assim: os cara pegam tudo unido, desmontam e vão fazer outra gangue.. Disso, um aqui pegou uma jaqueta emprestada de um cara da tal gangues não quis devolver aí, o cara fala: e aí, não vai devolver minha jaqueta não? e o cara fala que não vai devolver, e o outro então é guerra. Aí o cara foi e matou o outro por causa de uma jaqueta. E hoje tem uma frota de gente da gangues deles morrendo porque tá achando que é uma coisa muito doída, mal sabendo que é por causa de uma jaqueta, por causa de um pisão no pé que começou. E assim que é a união. Ele chega hoje e já tá unido, já tá no sangue, não sabe o que aconteceu, não sabe da verdadeira escola. (Grupo focal, masculino)

Os motivos variam entre situações corriqueiras de desavenças até vingança pela morte de membros, sendo o principal motivo arrolado anarquizar pichações de outras gangues.

2.2.2.1. A guerra e a pichação

A ética da pichação exige um nível de exclusividade do nome colocado no muro, tanto no sentido de exclusividade de espaço – regra quebrada quando um

membro *anarquiza* outro – quanto da letra – regra quebrada quando uma gangue copia a letra de outra³².

Anarquizar o outro, ou riscar o apelido pichado no muro, é um dos maiores motivadores para o início de uma guerra entre gangues. Os entrevistados colocaram essa questão como extremamente importante, já que demonstraria desrespeito de um *gangueiro* pelo espaço conquistado por outro no muro.

No início, quando riscavam, riscaram o muro todinho. Deixaram só o meu nome lá no final, zerado, limpinho. Isso quer dizer o quê? É uma forma de respeito, está ligado? Aí o quê que neguinho da galera dele vai e fala: - está pagando pau? O cara anda junto, tá achando que se ele te encontrar junto com os cara, ele não vai te fechar também não? Aí eles começaram a riscar todo mundo, aí o quê que aconteceu? Automaticamente minha gangue inteirinha entrou em guerra com eles, pelo fato deles ter me riscado, minha gangue automaticamente entrou em guerra com eles. (Entrevista em grupo, mista)

Existem rituais e procedimentos que explicitam que tipo de provocação uma gangue quer fazer a outra. Assim explica uma líder:

H1 - É diferente tu riscar o nome, ali você risca o nome do cara, você tipo assume a tua guerra com o cara, entendeu? E outra coisa que aconteceu também: os caras não tinham aquela coisa de botar o nome, eles se escondiam atrás do risco. Eles te riscavam e botavam só a galera, tu não sabia quem era o safadinho que te riscava, tu nunca sabia, você nunca encontrava, ou seja, a guerra era de todo mundo.

H2 - Se eu não gosto do fulano, eu risco o nome do fulano e pronto, então sabe que o negócio é eu e ele...

H1 – Agora, se eu risco o nome do fulano e ponho o nome da minha gangue, quer dizer que está sendo a gangue todinha contra o fulano. A gangue do fulano, a gente não vai deixar ele só, eles vêm e riscam o nome da gangue e botam o nome da gangue, eu vou e risco o nome dessa gangue, pronto, começou a guerra das duas gangues por causa de um risco na parede. (Entrevista em grupo, homens)

Apesar de as guerras serem funcionais no que tange à identidade dos grupos, é importante lembrar que elas consomem bastante energia dos membros. Dessa forma, a gangue estabelece uma escolha racional para a entrada, evitando guerras desnecessárias, abrindo assim espaço para guerras individuais entre membros. Isso normalmente ocorre entre duas gangues não aliadas, ou mesmo inimigas, nesse último caso personalizando a guerra de um determinado membro que normalmente é o líder, ou alguém de destaque – guerras pessoais de membros não destacados costumam não interessar para o grupo em geral.

³² Ver capítulo sobre pichação e importância das letras.

Ainda no que tange à pichação, um outro motivo de declaração de guerra é copiar a letra de uma outra pessoa. Ter uma letra diferente é motivo de destaque nos valores do mundo das gangues e portanto é necessário que haja exclusividade. Um líder relata que esse é o motivo de uma guerra histórica entre gangues de Brasília, mais uma vez ignorada pelos membros mais novos:

Agora pelo meu entendimento, que eu tava no dia, na guerra dessas duas gangues. Os novatos, hoje em dia, eles não sabem que foi em um show do estudante. O X era o garoto da gangue tal e o Y era o líder da outra. O Y tinha uma letra que era diferente de todas de Brasília, só que esse X começou a copiar a letra do Y, ate então é normal, só que ele tava imitando muito descaradamente, ai o Y pegou, riscou o nome do X e escreveu, a fama é sua mas a letra é minha. Até então, não tinha guerra entre as galeras, aí quando os dois encontraram , no dia do estudante. O Y deu um murro no X que desmaiou esse X, e os da gangue do outro queriam pegar o Y nesse dia, a partir daí que eu saiba, começo essa guerra. (Entrevista, masculino)

2.2.2.2. A lógica da vinganças, ou relendo a vendeta

Em geral, a justificativa de entrada da gangue em um dos lados da guerra enfoca a resposta de que a gangue se viu obrigada a responder a um ataque do outro. *Nada passa em branco* e a vingança, ou o *cobrar*, é relatada recorrentemente como motivação para início de uma guerra. Como disse um membro:

É igual eu falo, ele que é da primeira geração ele lembra eu falando, eu estou cansado de guerra, estou cansado de ver gente morrer, vou montar minha gangue pra ser pacífica. [...] Aí quando pensa que não, eles vinham pra cima de nós, teve uma vez que juntaram 40 deles pra bater em um parceiro nosso. Aí se indignou eu, ele, e mais alguns. Aí a gente veio na quebrada aí, tinha uns 40 deles, aí a gente parou não bateram nele, por que não vem bater em nós agora? (Grupo focal, masculino)

Em verdade, a vingança é uma maneira de perpetuação das guerras. Deixar de *cobrar* é uma afronta à própria dignidade da gangue em que a honra, a coragem e o respeito são altamente valorizados. Uma gangue perderia o respeito se deixasse *passar em branco* a morte de um de seus membros, por exemplo.

H - Perdemos um membro umas duas semanas agora. Os caras estão achando que nós vamos deixar quieto. Morreu. Esses dias mataram ele. O cara andava conosco, aí nós fomos cobrar, mas os caras não estavam, aí não vamos fica matano mãe e pai, eles não têm nada a ver, mas se for preciso invadir um barraco...

P - Mas como é que cobra?

H2 - Vamos derramar o sangue do cara para vingar o que morreu.

H - Um deles tem que morrer. (Entrevista, masculino)

Essa forma de *fazer guerra* é motivo para que os próprios membros de gangues considerem a *gangueragem* uma atividade violenta:

A gangueragem é violenta porque rola muita guerra e ninguém vai deixar barato. O cara de outra galera vem aqui e bate, ninguém vai deixar quieto, vai correr atrás. (Entrevista mista, masculino)

2.2.2.3 Cabritagem e casinha – quando as mulheres são o foco

De acordo com as regras de gangue, o relacionamento de um membro com outro de gangue inimiga é terminantemente proibido em razão de expor a gangue a perigos perante a outra rival. Sair de uma gangue e entrar em uma outra inimiga é também motivo recorrente para o início de desavenças individuais e guerras, ou seja, tomar satisfações e apenar o membro que entrou na gangue inimiga.

Isto porque esse membro pode relatar segredos e hábitos do antigo grupo, podendo resultar em um ataque da gangue rival. Segundo uma integrante: *a maioria das guerras começam porque eu sou de uma gangue e viro da rival. Aí elas ficam com raiva de mim porque eu virei. Fala que eu sou cabrita. Aí começa a guerra.*

Conforme será desenvolvido na seção sobre espaços femininos nas gangues, a figura da *cabrita*, da traidora, é construída como essencialmente feminina. Conforme os *gangueiros*, são as mulheres as principais responsáveis pela deslealdade e pelo vazamento de segredos da gangue.

2.2.3. As batalhas

Destacamos o fato de as brigas não serem a única, nem talvez a principal atividade das guerras entre gangues. Mas, com certeza, elas exercem um papel extremamente relevante para a construção da identidade do grupo, especialmente pelo fato de colocá-lo fisicamente em oposição ao outro.

Klein e Crawford (1967 *apud* MILLER 2001), assumindo uma visão funcional, sustentam que o crime – incluindo a delinquência e as guerras – serve para fortalecer a coesão do grupo. Ao se unirem para essas atividades, e principalmente contra um inimigo comum, os jovens estabelecem e reforçam a visão deles mesmos como um grupo homogêneo. Um exemplo se dá no *modus operandi* das guerras em que os membros se juntam em um mesmo ritual para que se comece uma briga:

Promovendo um desafio direto, eles [gangue rival] são percebidos como uma ameaça externa, contra a qual os membros se unem e a qual respondem. [...] Para

funcionar como um evento mobilizante, entretanto, o desafio, tipicamente, tem de ser visto como deliberado. (MILLER 2001, p. 137, livre tradução).

De acordo com o desdobramento da definição de gangue de Abramovay *et al* (1999), as brigas e as guerras possibilitam a construção de uma identidade de grupo: “pertencer a uma gangue/galera e fazer seu jogo de rivalidades são vetores de identidade grupal que podem levar tanto a novas formas de criatividade – a exemplo de *rappers* – como à prática da delinquência” (*Idem*, p. 95).

Nesse contexto, são recorrentes as referências às histórias das brigas de forma apaixonada, em que elas se tornam o mito fundador dessa forma de organização. Jody Miller chama esses eventos de “catárticos”: “Catarse aparece por meio de um evento violento como um tiroteio ou ataque a um rival” (Miller 2001, p. 138, livre tradução). Essas histórias marcam a organização da gangue tanto em termos de sua identificação como um grupo, como também marca sua hierarquia, promovendo alguns novatos a “veteranos de guerra”, ou seja, a posição de *das antiga*. Referindo-se a uma famosa “batalha” fundante de uma guerra entre duas importantes gangues, o depoimento de um líder corrobora essa afirmação: *quem estava no dia pode chegar no outro e falar: - Meu irmão, eu tava! – Aí neguinho: De rocha, você estava no dia? Como é que foi? Quem estava no dia que aconteceu aquele negócio lá vai ser lembrado pra sempre.*

O papel de membro antigo pressupõe que o indivíduo que o assuma tenha várias dessas histórias para contar. Eles as contam com grande ênfase, principalmente quanto à forma pela qual foram realizados os ataques, as formas com que conseguiram escapar de enrascadas, como se saíram bem no final. Reproduziremos algumas dessas histórias.

Eu só tenho duas cenas dentro da minha cabeça, uma é quando eu parei assim, que tentei acender, não foi o [...] que tentou acender? Eu olhei pro lado e vi o [...] correndo com uma barra de ferro que era maior que ele, e na outra eu vi um cabo de vassoura vindo quicando, pingando e pedra voando assim: “meu Deus do céu, uma dessa vai acertar em mim” – é a única coisa que eu lembro... (Entrevista mista, masculino)

Um membro conta a briga de sua gangue na Esplanada dos Ministérios, no aniversário de Brasília:

Aí eu vi só que eu tava já com o olho roxo, aí eu fui lá baixar, daí um moleque me puxou... [fulano] Aí ele falou: Quem te deu um murro foi aquele ali! Eu falei: Tem certeza, moleque? E meu olho desse tamanho assim. Ele: tenho. Fechei minha mão bem fechada mesmo e fui lá no meio de todo mundo e pã!, chega ele foi pra trás. Aí eu falei: Agora estamos quites, ele vai com o dele roxo eu também vou também com olho roxo pra casa. (Entrevista, masculino)

Outro jovem conta como se livrou de apanhar da gangue rival:

Já fomos encurralados por uma gangue rival que fez a gente acatar uma aposta lá em Taguatinga. Aí a gente marcou, aí passou por eles, tinha dois, aí chamaram um monte. Quando a gente parou, eles perguntaram: você que é o pichador? Não, nós é correria, nós já tava indo. Aí ele pensou que era verdade, aí nós falou que tava armado, aí juntou um monte e veio pra cima, vamos quebrar vamos quebrar. Aí eu falei, tô maquinado, atiral, aí os bicho foi pra trás, logo depois eles pensaram que a gente tava marrado neles, aí a gente correu pro posto e ficamos lá. (Entrevista mista, masculino)

2.2.4 As meninas e a guerra

O discurso das mulheres sobre as guerras em geral revela uma clara sintonia com o discurso dos membros masculinos, sobretudo os mais antigos. Isso porque as motivações expressadas por elas para o começo de uma guerra são as mesmas que são passadas nas reuniões pelos líderes, como não poder sair da gangue para uma inimiga, *colar* com membros de gangue inimiga, não poder aceitar ser *anarquizado*, etc.

Porém, a diferença de gênero nesse quesito aparece em dois aspectos: o primeiro manifesta-se na percepção dos meninos em relação a elas, a qual tem consequências éticas práticas; ao passo que o segundo aspecto emerge quando as meninas travam guerra com membros femininos de outra gangue, desavença que é de assunto exclusivo das mulheres.

A visão de gênero dos membros masculinos das gangues em relação às guerras tende a ser que as meninas não são imprescindíveis para levar as guerras, chegando a afirmar que elas *não aguentam*:

H1- Não aguentam nas guerra. Se ela fala que é líder, tá o moleque aqui de boa, chega quatro cara pra cobra dependendo da conversa o cara sai até de cabeça baixa entendeu, se for ela e chega quatro cara pra cobrar, ela começa a chorar na hora.

H2 - A maioria apanha, muitas já chegaram em mim e disse fulano me bateu. Por isso que nunca elas vão ter ...

H1- E uma coisa, véi, ela pode apanhar até, mas ela não consegue, uma menina dessa, medir força com um homem daquele. Não tem como.

H2 - Os camarada que tá hoje em dia na correria aí tá tudo malhando. (Entrevista em grupo, masculino)

No entanto, pode ocorrer que, em uma briga que envolva um grande número de membros, existam meninas participando. A ética que não permite que o homem bata em mulher na sociedade mais ampla tende a ser apropriada pela ética das guer-

ras das gangues. Ao ser questionando se existe uma regra a respeito, um membro respondeu: *Tem, tem. Na briga, é mulher com mulher.*

Essa visão é válida para as guerras entre as gangues, mas como analisado acima, pode ocorrer que existam guerras mais personalizadas. Isso também é verdade para as meninas que podem ter guerras apenas com a parte feminina de uma outra gangue. Nesse caso, a gangue como um todo não participa da guerra, somente a ala feminina: *Elas têm os assuntos delas, elas têm a líder delas.*

Entre as meninas da gangue, normalmente há uma ou duas que se destacam e assumem uma posição que Jody Miller e Rod Brunson (2000) chamaram de “homem honorário”, ou seja, aquelas que não são vistas exatamente como meninas, mas “como um homem, na verdade” (p. 433, livre tradução) – nesse caso podem participar de brigas masculinas. Em Brasília, essas meninas são conhecidas como *donas de rocha* e podem perfeitamente brigar de igual para igual com um menino: *essa aqui ó, ela vem em cima.... Oxê, era briga feia, é doído é?*

Em geral, na visão masculina, as meninas assumem um papel instrumental nas guerras ao usarem de sua feminilidade em benefício da gangue. O exemplo mais proeminente é o de *fazer casinha*³³, situação na qual a menina faz uma “armadilha” para o membro de uma gangue rival, fingindo estar interessada nele e o atraindo para o território inimigo: *casinha... muitas das vezes as meninas servem para fazer casinha, para cair.*

A questão da violência é largamente discutida na literatura especializada em gangues. Alguns autores vêem a violência como característica essencial da identidade das gangues (Decker e Van-Winkle, 1996 *apud* Miller e Decker, 2001; Klein e Maxson, 1989 e Huff, 1993; Miller, 2001), enquanto outros autores enxergam-na como uma dimensão social que influencia ou determina a identidade grupal em geral (Messerchmidt 1999; Abramovay *et al.* 1999; Spergel e Curry 1990 *apud* Shelden *et al.* 1997; Trasher 1927 *apud* Campbell 1984; Short 1996; Moore, 1998).

Com relação à violência, Decker e Van-Winkle (1996 *apud* Miller e Decker, 2001), por exemplo, afirmam que duas características são específicas na cultura da gangue: ela é essencialmente retaliatória e baseada na ameaça: “[...] a vida de gangue é caracterizada pela sempre-presente ameaça de violência, que molda as percepções e respostas para as atividades do dia-a-dia e facilita o conflito” (Decker e Van-Winkle, 1996 *apud* Miller e Decker, 2001, p. 126). Estando de acordo com essas duas características, sem dúvida o conflito inter-gangues, ou as guerras são cruciais ao simbolismo e ao imagético cultural das gangues.

³³ As categorias *minas de rocha* e *fazedoras de casinha* são analisadas mais detidamente no capítulo “Representações do Feminino”

Neste sentido, ressalta-se que as gangues delimitam não apenas por sua unidade intragrupal, mas também por sua oposição ao outro, um outro também guerreiro, mas com qualidades éticas, estéticas e morais inferiores. Assim, qualificar o inimigo como covarde, traidor ou amoral faz parte da guerra que se entende para além do confronto físico em si.

Esta seção buscou delinear os papéis das guerras na conformação das identidades das gangues, ocupando-se dos principais motivos desencadeadores, da importância das batalhas e do papel das mulheres neste contexto.

2.3. As drogras

Assim como a pichação e as guerras, eixos principais em torno dos quais se estrutura a cena *gangueira* no Distrito Federal, o consumo de drogas aparece como aspecto significativo do cotidiano dos integrantes de gangue. A presente seção dedica-se a analisar os sentidos e papéis do consumo de drogas entre os integrantes de gangues em Brasília, tecendo considerações sobre seu uso recreativo e diferenciando-o do tráfico de drogas.

Não há uma relação de causa e efeito entre ser parte de uma gangue, realizar pichações e usar ou comercializar drogas. Vários dos entrevistados relatam que não consomem drogas, mas todos concordam que é comum a sua utilização entre os membros da gangue, principalmente a maconha³⁴. Informam ainda, que são poucos os que praticam atividades de tráfico.

A relação entre o uso de drogas e juventude deve ser analisada com bastante cuidado. Em primeiro lugar, é necessário frisar que as “drogas” são substâncias psicoativas, ou seja, de acordo com o discurso médico, atuam no corpo humano interferindo no sistema nervoso do usuário. Essas substâncias existem em diversas sociedades humanas, variando o seu uso social, ou seja, a forma como uma comunidade regula e controla o seu uso. Em nossa sociedade brasileira existem drogas de três tipos: a) de uso permitido para crianças, jovens e adultos, como remédios (que podem ser mais ou menos controlados de acordo com uma classificação específica); 2) permitidas somente para adultos, como o álcool e o tabaco e 3) as drogas ilegais, que não podem ser consumidas por nenhum cidadão, como a maconha e a cocaína³⁵. As drogas têm, ainda, origem em substâncias vegetais que podem ser utilizadas para mais de um fim: por exemplo, a flor da papoula, que origina tanto a morfina

³⁴ A maconha, também conhecida pelos sujeitos pesquisados como *mary juana* ou *marafa*, é uma planta, de nome científico *cannabis sativa*, utilizada como fumo. Interessante notar que o seu nome científico é bastante conhecido pelos jovens pesquisados e foi incorporado ao seu léxico cotidiano, como demonstram as entrevistas.

³⁵ A cocaína é uma droga processada a partir da planta *Erythroxylum coca*. Pode ser utilizada por meio de inalação ou por meio intravenoso.

utilizada em tratamentos médicos, como a heroína, consumida como psicotrópico sem fins medicinais.

2.3.1 Drogas e juventudes

No que diz respeito ao uso de drogas pelos jovens, há diferentes abordagens relativas aos campos médico, da psicologia e das ciências sociais. Nos estudos realizados na década de 1980, associava-se o uso de drogas a causas relativas a características individuais do usuário, como “fuga de problemas”, incapacidade de resolver conflitos, ou mesmo a “problemas psicológicos”. Outros autores frisavam o modismo, a curiosidade, a necessidade de afirmar-se como adulto e as pressões do grupo de amigos, focalizando aspectos relacionados com os tipos de ambiências de micro e macro referências (ver entre outros MEDEIROS, 2006; MURAD, 1982; KALINA, 1986; VIZZOLTO, 1987 *cit in* CASTRO & ABRAMOVAY 2002)

Recentemente, orienta-se o debate a partir tanto da subjetividade do jovem como de sua inserção na sociedade, aspectos que não podem ser entendidos de maneira separada. Isto significa que o uso de drogas deve ser contextualizado para não incorrer em discursos preconceituosos e deterministas. Ressalta-se, por exemplo, reconhecendo que, como problema, o vício em substâncias psicoativas não é exclusividade de jovens pobres, nem mesmo de jovens.

No caso dos jovens entrevistados para este estudo, esse fator é de suma importância, considerando-se que as características culturais, raciais e econômicas influenciam a forma como as drogas penetram em seu universo. Há usos relacionados com buscas no ser e estar e ambiências sociais, e a própria forma como a sociedade lida com as drogas, entre apreensão fundamentada no real e construções fantasiosas e exageradas, assim como ênfase no controle.

Devemos então considerar aspectos comuns ao uso de drogas entre *juventudes*, com características sócio-econômicas e culturais diferenciadas, e aspectos próprios à presença de drogas nos espaços sociais específicos em que se pesquisou. Bologna (2000), por exemplo, observa como o controle social poderia motivar a curiosidade, a experimentação, e acrescentamos a orientação para o confronto entre regras do grupo e o legitimado socialmente, ou seja, certa orientação para a transgressão:

Quando aumentamos a censura para não experimentar, ou para não usar, é claro que também aumentamos a censura para experimentar e para usar, porque essa censura, essa obrigação de experimentar, reage contra a sua oposição (Bologna, 2000, p. 93)

Além da transgressão, pode-se destacar o fato de que, para o usuário, a droga geralmente não é entendida de acordo com o discurso médico, como fator de

dependência química e danos à saúde³⁶. Ao analisar o uso de drogas sintéticas por jovens das classes média e alta de São Paulo, frequentadores de *raves*, Abreu (2005, p. 24), investiga como a pastilha de *ecstasy* é entendida pelo grupo como parte ritual do encontro nas festas, da busca de sensações prazerosas e definidoras da comunidade de jovens em questão.

Assim, o “ser jovem” como um *ethos* social pode incluir a prática de usar drogas, e em alguns casos, membros da sociedade em geral, na qual a juventude é um valor em si, podem fazer uso de drogas em busca de uma vivência tida como jovial, para ser parte de uma geração.

No que concerne à regulamentação das drogas na sociedade brasileira especificamente, tem-se a criminalização das substâncias, daqueles que a comercializam, bem como dos usuários. Diversos são os argumentos contrários a esta forma de regulamentação, no sentido de que, juridicamente, coformam três aspectos distintos da rede de circulação de drogas da mesma maneira. Neste sentido, o usuário de drogas com menor poder econômico acaba por ser penalizado de forma mais intensa que aqueles das classes média e altas, geralmente em razão de discriminação econômica e racismo institucional das instâncias policial e jurídica.

O uso de drogas deve ser entendido, assim, como um fenômeno cultural, que possui dinâmicas próprias relativas ao significado que essas substâncias adquirem nas diferentes esferas sociais, seja o grupo doméstico, a gangue, a escola ou a sociedade como um todo.

A difusão do uso entre jovens em gangues colabora para estigmatizá-los, considerados *a priori* como ‘viciados’. Contudo, trabalhos sobre juventudes em nível internacional hoje passam, necessariamente, por chamadas sobre o comum da presença de drogas. “A maior parte do uso ilegal das drogas é recreacional. Não existe evidência para mostrar que a proibição esteja resolvendo os problemas” (Grieve, 2009)³⁷.

³⁶ Importante destacar, ainda, que nem mesmo a comunidade médica e psiquiátrica possui um consenso absoluto sobre a dependência de drogas como um fator químico. Diversos são os trabalhos que demonstram que a dependência – o vício – parece estar menos relacionada à substância em si, e mais com um potencial do usuário em focalizar o excesso, seja de drogas ilegais ou legais (VARGAS, 2001).

³⁷ Grieve, John “10 razões para legalizar as drogas” in Brasil Le Monde Diplomatique, n 26, setembro 2009.

2.3.2 O uso de drogas legais e ilegais

Os jovens entrevistados que declaram usar drogas elaboram um discurso complexo sobre suas propriedades psicoativas, sobre o entendimento de seu uso por parte dos outros membros do grupo, e sobre os significados agregados a essas substâncias como *status* e poder de gerenciamento de suas próprias vidas, entre outros. Por exemplo, a merla³⁸ é, em geral, considerada uma droga que agrega menos valor, aparecendo no discurso de maneira negativa, por causar alucinações que deixam o usuário desorientado, incapaz de raciocinar sobre seus próprios atos, *batendo até em mãe*. Assim, há uma depreciação por parte dos jovens, mesmo quando usuário de outras drogas, para com aqueles que são usuários da merla.

Ent - Além da cannabis, de que mais vocês gostam?

H1- Uma cocaína...

H2- Roupinol³⁹, cola⁴⁰, tiner⁴¹...

H3 - O velho cloro...

Ent - O que o pessoal usa mais?

H2- Cannabis.

Ent - Vocês usam todas as drogas?

H1 - Tudo quanto é tipo.

Ent - E merla?

H1 - Merla não, merla é caixão. Numa gangue o cara é desrespeitado quando ele fuma merla. O cara quando fuma merla, hoje tá bom, mas daqui a uns dias ele vai ficar doido da cabeça. Ele vai ser acostumado a fumar só de lata trancado. O cara acha um lugar e fica lá, fumando baseados e baseados lá. E nisso, vai chegar uma hora que ele vai querer dinheiro e quando pensa que não, vai roubar as coisas dos próprios amigos, como acontece; Rouba celular do amigo, dá banho, pega a bicicleta, pega botijão de gás e empenha. (Grupo focal masculino)

Pode-se perceber, assim, que os diversos tipos de drogas são submetidos a uma valorização própria ao grupo, que diferencia drogas aceitáveis e não aceitáveis. Usualmente, a não aceitabilidade social do psicotrópico está ligada aos seus efeitos

³⁸ “A merla é um subproduto da cocaína composto por folhas de coca e ácido sulfúrico, cal virgem, querosene e outras substâncias. É uma droga produzida em laboratório, sendo um produto de consistência pastosa e cor amarelada. Rapidamente é absorvida pelos pulmões, atuando diretamente sobre o sistema nervoso central”. www.mundoeducacao.com.br/drogas

³⁹ Rohypnol, vulgarmente chamado Roupinol: medicamento que possui efeito ansiolítico, sedativo, anticonvulsivante, de relaxamento muscular e indução do sono. Quando misturado com álcool, tem efeitos excitantes www.mundoeducacao.com.br/drogas

⁴⁰ Cola utilizada em geral por sapateiros. Mistura de solventes orgânicos como o tolueno e o xileno. www.mundoeducacao.com.br/drogas

⁴¹ Tiner – solvente, utilizado para pintura, especialmente em oficinas de automóveis. www.mundoeducacao.com.br/drogas

geralmente não relacionados à sociabilidade grupal. Segundo uma integrante de gangue:

Merla eu já usei já, mas eu não gostei. É uma onda assim muito esquisita. Você fica com vontade de fumar mais, e você fica agoniada, isso não é um tipo de droga pra você usar, porque você vicia rapidão. Eu prefiro fumar maconha porque maconha você fica de boa. Cocaína é mais pra merla, você fica agoniado. Mas merla é muito pior. (Grupo focal, feminino)

Algumas integrantes sugerem uma hierarquia entre as drogas, apontando somente o crack como droga pesada: *também gosto de lança, já usei benzina, a única coisa que eu nunca usei e nem vou usar é cola e merla. Das drogas pesadas, foi crack*. A chegada do crack em grandes quantidades a Brasília é relativamente nova, havendo ocorrido um *boom* desta droga no ano de 2009. O crack parece ser cercado de valorações negativas que associam seus usuários a pessoas descontroladas e fadadas à morte:

Isso daí é mais para os noiados. Eu vejo direto, velho, na rodoviária, os moleques fumando crack, tudo louco, tá ligado? Acaba com a pessoa. Eu, sei lá, não rola, não. Já vi um cabra morrer de crack, de viciadão mesmo, tá ligado? Parece que suga a vida da pessoa. (Entrevista, masculino)

Ainda que a maconha seja uma das drogas mais difundidas quanto ao uso, ela aparece no discurso de alguns dos entrevistados como *inconveniente*, devido ao mau cheiro e à não discrição de seu consumo. A cocaína, ao contrário, pode ser facilmente transportada e utilizada de forma discreta:

Os moleque fuma pra caralho. Eu já fumei, agora eu não ando fumando muito, sei lá velho, fede muito também. É muito esparra. Se tiver um *freno* na casa de alguém, vai fumar maconha, o cheirão espalha, aí nem rola. Cocaína não. Cocaína, eu levo no mocó em qualquer lugar. (Entrevista, masculino)

Os efeitos psicoativos também emergem nos relatos como determinantes de quando e na companhia de quem utilizar determinadas substâncias, já que há receio de perder o domínio de si, a lucidez, considerada necessária para quem está *em guerra*:

H2- Nós somos usuários de uma droga leve, tipo lança perfume⁴².

H1- Só lança, meus inimigos nunca vão me ver moscando, só de cara. Lança tira a lombra rapidão. O cara aponta lá longe, mas sabe que nós já estamos vendo ele.

H2- Não pode ficar muito doido. Porque se você fica muito doido, vai dar as costas pros caras. O capa chega e te mata pela costas.

H2- O Piró morreu assim, tava muito doido. O cara chegou pelas costas e ele tava

⁴² O lança-perfume consiste em um líquido desodorizador à base de cloreto de etila, acondicionado sob pressão em ampolas de vidro. Ao ser liberado, forma um fino jato com efeito congelante e alucinatório. Surge no Brasil nos carnavais do início do século XX, sendo consumida legalmente por foliões até o começo da década de 1960. www.mundoeducacao.com.br/drogas

curtindo lombra, loução da [nome da gangue] aí o cara mandou ele pro inferno.
(Grupo focal, masculino)

Homens e mulheres afirmam gostar bastante de maconha, que parece ser a substância mais popular entre os *gangueiros* entrevistados. Tal preferência se traduz em paródias de músicas populares entre os sujeitos pesquisados (“quero que o mundo se acabe em maconha, que é para eu morrer doidão”), e em frases propaladas pela internet, tais como *a marafa é a única porta para o céu*. Segundo a maioria dos *gangueiros*: *a droga melhor que tem nesse mundo é a maconha*. O ato de fumar maconha também aparece como importante momento de socialização dentro do grupo, uma atividade coletiva por excelência:

Bagulho a gente fuma é junto, com a galera mesmo. Cada vez um põe na roda, ou nós conseguimos a marafa juntos, e fumamos. É muito massa ficar lombrado junto, rindo da cara dos novatos (Grupo focal, masculino)

A segunda droga mais destacada como preferida, por muitos, é a cocaína: *Eu uso tudo, mas o que eu gosto mesmo é de cocaína. Cocaína é minha namorada*.

Já drogas legais, como a bebida alcoólica não são tão citadas espontaneamente quando a pesquisa orienta os debates para as drogas mais usadas, possivelmente pela legalidade e conseqüente não nominação como droga. Contudo, identifica-se que os jovens costumam beber com frequência. As meninas parecem obter bebida sem pagamento monetário, utilizando-se para tanto de estruturas e estratégias de gênero para conseguir que homens as paguem. Dentre as bebidas preferidas estão os chamados *ices* ou *birinight*⁴³ porque, segundo elas, *não derrubam rápido*.

O tabaco é muito consumido por vários homens e mulheres. Costumam reproduzir o discurso de que o cigarro não faz mal quando comparado com outras drogas ilegais que os jovens usam nas gangues. Parece ocorrer certa banalização do uso de cigarro que, assim como a bebida, não é considerado droga.

Os jovens consideram o uso de drogas uma forma de socialização, de marca de pertença à galera. Eles e elas costumam se drogar, em locais públicos como praças e até mesmo nas escolas, um dos locais em que declaram haver muita procura por drogas, inclusive por parte dos professores:

P - É na rua que vocês bebem?

M - Na praça.

P - Quantas vezes por dia você fuma? Várias vezes?

⁴³ Ice ou birinight são bebidas gasosas à base de vodka e refrigerante de limão, com teor alcoólico em torno dos 6.5%, superior ao da cerveja. www.mundoeducacao.com.br/drogas

H1- Eu fumo na hora que eu quero. Eu cheiro direto, quase todo dia.

M - Ah, eu é o vício, né? É como cigarro.

Ent - E cocaína?

M - Não, eu só fumo maconha, não cheiro, não fumo cigarro, não bebo.

Ent - Quantas vezes por dia você fuma? Várias vezes?

H2 - Enquanto tem...

M - Pelo menos umas 5 vezes por dia é bom, eu fumo, mas tem vezes que é menos e também eu divido...

Ent - Vocês fazem o uso da cocaína dentro da escola?

H1- Rapaz, é o que mais tem. Esse aqui, por exemplo, não vive sem. Ele vai pra escola, faz a carreirinha dele...

H2 - Não é assim não. Dentro da escola eu já usei, mas é sério. Eu uso assim, mas dentro da escola eu não estou usando não, mas vejo direto o pessoal usar. Já vi até professor comprando de aluno, e usando do lado. Tem um professor lá da escola que me dá uma força grande. Quando ele quer comprar maconha ele me dá o dinheiro... Tem um professor que chegou para mim, perguntou se eu cheirava, eu falei que não, ele falou: 'eu sei que você cheira, tem como você comprar pra mim?', eu falei 'compro'.

Ent - E como ele sabia?

H2 - Ah sei lá (risos). (Grupo focal, misto)

2.3.3 Drogas e gênero nas gangues

O álcool e o cigarro, assim como a maconha, são utilizados tanto entre homens quanto entre mulheres, sem diferenças notáveis quanto ao uso. Já a cocaína parece ser mais usada pelos rapazes. Enquanto parcela substantiva das jovens integrantes das gangues não são usuárias de drogas – envolvendo-se com o grupo, conforme desenvolvido em outra seção deste livro, por motivos como *status*, proteção e para praticar a pichação, outras integrantes buscam estar em gangues justamente pelo acesso a drogas, são usuárias e se consideram viciadas .

A troca de drogas e bebidas por favores sexuais aparece no universo *gangueiro*. Enquanto as meninas se gabam de receber drogas gratuitamente de homens, os homens o fazem por usarem tais artifícios para conseguir sexo:

A gente sempre bebe de graça. A gente nunca comprou não. É só chegar nos homens, falar que está com vontade, que eles pagam. Às vezes, nem precisa falar nada. É só ficar perto do balcão, ou de rodinha de gente bebendo, que sempre ganha uma bebida. Droga também. O que mais rola é droga, e eles sempre dão para a gente (Grupo focal, feminino)

Ao perguntar aos meninos se as meninas usam drogas, eles responderam afirmativamente, apesar de apontarem para a existência de algumas mulheres que não

as utilizam, complementando que, por vezes, há uma troca de favores e interesses sexuais:

Ent - E as meninas, usam também?

H1- Usam (risos). Elas choram por isso, choram!

H2- Pra pegar um cara que tem e só. Cheira cá, dá lá. Nada é de graça. As que gostam de usar são vida louca no meio da galera, mas elas são de boa, tem as bandinhas também. Tem umas que dão só para dar mesmo. (Grupo focal, masculino)

As jovens também adquirem drogas com os meninos em troca de algum benefício, como dar tinta, levar o *spray* ou, como já se mencionou, tendo sexo com os que fornecem (mas não se referem ao envolvimento direto com o tráfico): *lança eu nunca comprei de fábrica não, os meninos que compram e revendem, mas eu não compro não, eu pego com os meninos.*

Já os meninos acabam se envolvendo com situações de transgressão para conseguir drogas, eles roubam para obter dinheiro e comprá-las e, em poucos casos, de consumidores passam a traficantes.

A maioria dos roubos que a gente faz sempre é tudo para droga, cheirar cocaína, fumar maconha. A maioria das vezes começou porque o cara não tinha dinheiro pra comprar uma lata de *spray* pra ele, então o que ele vai fazer? Vai roubar. Aí ele rouba, vê que é fácil. Aí da lata de *spray* ele vai pra droga, pro vício também, aí ele rouba pra sustentar a droga, pra sustentar o corre dele, não trabalha também, aí já envolve as meninas (Grupo focal, masculino)

Embora no discurso anterior, o rapaz insinue que são os meninos que envolvem, as meninas em drogas e roubos, tal ideia não faz necessariamente parte do repertório das meninas. Algumas declaram que antes de entrar na gangue já teriam algum grau de dependência ou hábito de usar de drogas, chegando outras até a declarar que a possibilidade de ter drogas de modo fácil foi um atrativo para entrar no grupo.

Enquanto as meninas dividem-se entre usuárias e não usuárias de entorpecentes, a grande maioria dos garotos afirma-se usuária de algum tipo de droga. Este parece ser um aspecto importante na conformação e afirmação de suas identidades.

2.3.4 As drogas e seus efeitos

Os jovens falam sobre as sensações provocadas pelas drogas, não escondendo que algumas provocaram, ou provocam, efeitos fora de seu controle. Ao

tratar dos efeitos do Roupinol e da cola de sapateiro, uma menina deu o seguinte depoimento:

Eu, quando usei, coloquei um bocado dentro da boca, aí fiquei normal, como se não tivesse acontecido nada, só que você pula partes que sua mente esquece. Fica lerdo, igual como cheirar cola também. Os meninos cheiram cola, eu sem cheirar viajo com eles. Um dia eles estavam cheirando cola e começaram a pegar onda de macumba, aí depois um pensando que queria roubar o outro... oxente, você quer me roubar? Aí começaram a brigar. Você vê coisa que nem existe, sabe? Um dia a gente ali e eu nunca tinha usado, eu usei só uma vez: não vou fazer isso não, não vou, não vou. Daqui a pouco estava eu lá só com o saquinho na mão. Quando eu vi, saí andando bem assim oh... Aí os meninos: que passo é esse aí? Oxente mina, segura tua onda, e eu andando bem assim oh... Aí tu dá de falar... E fala, fala, quer falar e não dá conta, aí fala coisa enrolada, aí vê que tá dando mole, aí pega e cala a boca, fica quieta, e tenta seguir a onda. (Grupo focal, feminino)

Outro entrevistado comentou sobre os efeitos do Roupinol, também enfatizando a possibilidade do inesperado, de perder o controle, o que traduz a referência ao perigo como vinculado a um sentido de prazer. Isso também indica valorações variadas dadas aos mesmos efeitos, já que, como relatado anteriormente, para vários meninos drogas que fazem perder o controle deveriam ser evitadas para que se mantenha o sentido de “realidade” e não ser atacado de surpresa.

A lombra é pesada, parece que te dá um sono cabuloso, da vez que eu tomei Roupinol eu deixei de ir para um *frevô* doido, praticamente eu perdi um dia da minha vida. É doido véio, o negócio é que você faz coisas assim que é paia, que no outro dia você não lembra, você pode até matar a própria mãe. (Grupo focal, masculino)

Quanto ao lança perfume, um rapaz afirmou que *dá uma onda engraçada* e quanto à maconha ele observa que *vê a cara dos outros engraçada, começo a rir sem parar*. Disse que todas as vezes em que usa drogas fica *loução* e que isso faz parte do seu cotidiano. Outro jovem reflete sobre a mesma substância: *quando uso fico loução, só que tu volta assim, rapidão. Tu não fica doidão o tempo todo. Tu fica uns cinco minutos doidão. Você voa, você vê eu acho que até vaca voando*. Já outro integrante dá pistas sobre por que certas drogas seriam mais procuradas, ou por que se passaria de uma droga para outra em busca de um mesmo fim, qual seja, ser tomado, mesmo que instantaneamente, pela alucinação: *lança alucina, velbo. Por isso que todo mundo usa – lança, R11, benzina*. Vale notar, no entanto, que nem todas as drogas utilizadas pelos sujeitos pesquisados são de

caráter alucinatório (um exemplo de exceção é a cocaína). Segundo um integrante:

O crack acaba com a pessoa. Eu sei lá, não rola. Cocaína, eu cheiro. Naquele dia lá na festa, eu botei uma carreira lá e cheirei, eu cheirei três. Ceilândia mesmo, sábado passado, eu curti um *frevo* lá, foi aniversário de um brother meu, só deu patrão, o moleque estava com uma pedrona assim, velho, grande, velho, grande. Cheirei, fiquei louco, louco mesmo, ali eu fiquei alucinado de cocaína. Lança perfume, negro desmaia. Vixi, eu desmaio direto. (Entrevista, homem)

Tanto os rapazes como as moças concordam, ainda com a declaração de que a droga serve para *curtir o frevo, ficar loucão e sair pra picbar*. Ou seja, a droga faria parte do *habitus* de vida coletiva pública dos jovens em gangues não apenas para um prazer individualizado, mas como passaporte para o estar junto, para o lúdico, compartilhar o prazer e participar do coletivo.

Uma jovem disse que usa maconha e cocaína em diferentes momentos de sua vida, para diversas finalidades, mas distinguindo também efeitos:

Maconha me deixa mais nervosa, porque eu sou muito calma, só não aguento desaforo. Agora, quando eu fumo, assim eu não levo desaforo não. Eu gosto de maconha para ir para a escola. Agora, cocaína eu uso mais pra *frevo*, porque para *frevo* anima, porque se você for cheirar e for ficar em casa você fica agoniada, agora se você for para o *frevo*, você curte tudinho, não dá sono. E se você for fumar maconha, você dorme, come. Cocaína trava a garganta. Os dentes ficam tudo dormente, o nariz. Quanto mais você cheira, mais você quer. (Grupo focal, mulheres)

Nas gangues se reproduzem algumas ideias encontradas também entre jovens com outras referências, como os que estão na escola (CASTRO & ABRAMOVAY, 2002), tal qual a de que a maconha não faz mal porque é uma planta natural e que maconha não vicia:

H - Eu sempre preferi maconha porque é natural.

M - É, maconha é melhor porque pode ter químico, mas é mais natural. Dizem que maconha é bom pro corpo. E eu acho que maconha não vicia não. Acostuma, não vicia. (Grupo focal misto)

Roubar para conseguir droga é um costume corrente em vários depoimentos. Quanto ao valor da droga, têm-se equivalências que variam a depender da situação em foco.

Outro fato intrigante é a facilidade com que esses adolescentes e jovens conseguem certos tipos de drogas, principalmente nas farmácias. Note-se que foram mencionados elementos fora das gangues, como fornecedores, o que traduz, em certo sentido, a complexidade atual do tráfico, envolvendo pessoas em posições

bastante variadas. Um jovem explicou o procedimento para conseguir Roupinol:

Ent - Como vocês conseguem comprar o Roupinol?

H1- É a coisa mais fácil do mundo.

H2 - Que nem balinha.

Ent - Mas por que, alguém dá a receita para vocês?

H1 - Tem um cara que dá a receita que já vem...

Ent - Na farmácia?

M - Na porta.

Ent - Ai você vai e compra a receita, é isso?

H1 - Não, compra já o Roupinol .

Ent - Vocês vão à farmácia?

H2 - Na farmácia mesmo, já compra na mão deles.

H1- Compra a caixa já. (Grupo focal misto)

Qual a relação entre gangue, droga e criminalidade? Mais uma vez não se tem respostas fáceis, visto que diversos tipos de trajetórias entre os jovens em gangues são encontradas. Alguns declaram que é por meio da gangue que os jovens se iniciam em situações de transgressão. O consumo aumenta, mas não determina a possibilidade de entrar no tráfico de drogas. É mais aparente a associação entre consumo e outra forma de transgressão como roubos e furtos, já que vários jovens começam a roubar para adquirir drogas.

Ent - Como vocês fazem pra comprar droga, vocês que não trabalham?

H1- A gente rouba né. Os que roubam, compram, os que não roubam é dado.

H2- Eu não roubo. Mas antes eu vendia droga pra sustentar os meus vícios, minhas festas, minhas roupas, tudo. Eu vendia droga para isso, mas nunca fui de roubar. O problema principal é o dinheiro.

H1- A gangueragem é a escola do crime. É o primeiro estágio (Grupo focal, homens)

Reitera-se que a relação com as drogas é individualizada dentro das gangues, não sendo necessariamente norma imposta pelo grupo. Há integrantes que roubam para comprar drogas; há aqueles que não usam drogas, só picham; há outros que traficam, e a gangue, como organização, aceita essa diversidade de atividades. Algumas vezes, internamente às gangues, formam-se subgrupos (*firmas*), identificados por suas atividades que são aceitas desde que não transgridam as regras básicas das gangues, como não trair o coletivo:

Ent – Você contou um caso de um roubo? É comum a galera sair pra roubar?

M – Não, assim a galera, não. Porque tem uns que fazem e outros que não. É tipo

dividido. Tem uns que só fazem pichação e tem os fazem de tudo. Mas ninguém manda em ninguém. Cada um faz o que quiser, entendeu? Se quiser, sair, sai, se quiser vender droga, vende. Não tem muitas regras... Ninguém diz: hoje você é obrigado a pichar em tal lugar... (Grupo focal, misto)

Sublinha-se o caráter recreacional das drogas e o sentido de risco imposto inclusive pela criminalização das drogas. Gostam da sensação causada pelo perigo, e têm consciência de que o que fazem é considerado socialmente incorreto. Seus atos podem acarretar graves consequências, mas mesmo assim optam por viver sob fortes emoções, correndo o risco de serem pegos pela polícia a qualquer momento. Os nexos entre droga, crime e pichação não são deterministas ainda que representem caminhos que prometem prazer, busca da alucinação, enfrentamento do desconhecido e perigos.

Poucos se anunciaram como estando no tráfico e indicam que não é atividade comum na gangue. Afirmam ainda haver, principalmente, um *pequeno comércio* em que se vende para os colegas de gangues ou nos *frevo*s. Note-se que em Brasília são esses pequenos vendedores os mais apenados:

Em recente pesquisa realizada em processos criminais por tráfico de drogas, no Rio de Janeiro e em Brasília, foi demonstrado que o sistema penal é seletivo, e os varejistas que vendem pequenas quantidades de drogas constituem 60% dos condenados, tendo sido presos sozinhos e desarmados e recebido severas penas privativas de liberdade. Apesar de, atualmente, os condenados por tráfico de drogas serem a segunda maior incidência no sistema penitenciário brasileiro, só perdendo para os crimes patrimoniais, tal situação não acarreta nenhuma alteração na oferta ou no consumo de substâncias ilícitas (BOITEUX, 2009, p. 10)

2.3.5 Tráfico de drogas

Outra questão importante a ser ressaltada é a de que, embora o tráfico de drogas seja visto pela sociedade, principalmente por causa da forma como a mídia trata o problema, como uma questão inscrita no âmbito das favelas, dos bairros pobres e periféricos, de um tipo ideal de bandido (homem negro) que ainda permeia o imaginário da classe média brasileira, o tráfico de drogas é um fenômeno transnacional. Os jovens pobres da favela são apenas a mão-de-obra de comercialização direta aos usuários – considerando que, como todo negócio (*business*), há diferentes fases como a produção, a sintetização ou armazenamento, o transporte, a venda e posteriormente o recolhimento do recurso financeiro, que não fica nos bairros

pobres. Acrescenta-se, ainda, o fato de que a juventude da classe média é a maior comerciante na atualidade de drogas sintéticas, como o *ecstasy* (ABREU, 2005). Os fatores que diferenciam o tráfico de drogas realizado nos espaços a que pertencem os jovens pesquisados daqueles em que convivem os jovens de classe média em festas esporádicas são a intensidade do comércio, o volume de drogas, e consequentemente, a presença de armas.

Que espaços são esses? São espaços sociais particulares: o espaço doméstico, as regiões administrativas onde residem, as escolas, o trabalho e as festas. Estes espaços são constituídos não por delimitações geográficas, mas por institucionalização e processos de territorialização próprios.

Estes espaços sociais são fonte de negociações por parte de toda a comunidade que deles participa, sejam jovens, pais, professores, comerciantes, e claro, os traficantes de drogas, que possuem uma organização própria, que, vale ressaltar, não se identifica com a organização das gangues juvenis. Um dos espaços de vivências sociais mais intenso nestas localidades é a rua. Como aponta Zigoní (2004, p.42):

[...] o espaço da rua continua a ser o espaço de encontro, das conversas entre vizinhos, da vivência do lazer, das brincadeiras infantis, da marginalidade, ou simplesmente do ato de estar à toa. O desinteresse pela escola e consequente abandono dela, o desemprego, e a falta de equipamentos sociais nestes lugares, faz com que a rua seja um lugar não só de passagem, mas de ocupação, por parte de moradores jovens ou não. A rua, nas favelas, é o lugar do momentâneo e do permanente ao mesmo tempo.

Assim, confunde-se a ocupação transgressora da rua efetuada pelos jovens de gangues com a ocupação do tráfico de drogas, que usa a rua como ponto de venda. Outra questão é o fato de que os traficantes estão em busca de pequenos vendedores e compradores para os seus produtos, o que faz com que a droga penetre em territórios como a escola. Por fim, nota-se que é nas ruas que circulam os traficantes que portam armas, ou seja, a exposição a esses objetos é parte da vida cotidiana dos jovens. Assim, estão vulneráveis a uma rede de violência em seus espaços de vivência, o que a torna familiar, mas não menos amedrontadora.

São poucos os relatos nas entrevistas sobre tráfico extensivo em gangues e fica claro que há oferta ampla de substâncias ilícitas, sendo que a população de jovens em gangues não seria necessariamente apenas suprida por outros jovens em gangues. Um homem explicou como ocorre o tráfico mais organizado de drogas:

H2 - Nós abastecemos pros moleques venderem, que nem um molequim, meu parceiro, eu tenho cinco parceiro que são de confiança.

Ent - Como é que é?

H1- Abastece pros muleques venderem, dá quilos e quilos pros muleque vender.

H2- Ele tipo coloca dez gramas de cocaína na mão.

H1- Isso. O muleque vai vender pros caraa, lógico a galera vai querer uma ponta.

H2- Numa festa.

H1- Pros caras se vestirem, andar na moda, se espelhar em nós.

Ent - Mas isso é para vender, e pra usar?

H2- Para vender. Muitas vezes tira para usar também.

E- E a maconha?

H1-A gente vende maconha , cocaína, merla , mas a gente não curte nem pó nem maconha entendeu.

H2- Nós só vendemos coisa que dá dinheiro.

Ent - Ah entendi. E merla?

H2- Só vendemos mais para os noiados, que não são da gangue. Cocaína, maconha, eu vendo tudo, vendo tudo. São poucos os que querem matar os outros, que querem ficar de cara, que não querem fica moscando. Porque se tu mata alguém aqui o moleque vai ter um irmão, lógico, um tio sempre vai ter um na família pra correr atrás aí para o cara não fica moscando. (Grupo focal, masculino)

O depoimento seguinte, o de uma jovem, reflete a questão da divisão entre *gangueiros* e traficantes. Neste sentido, atividades transgressoras rotulam os indivíduos, particularmente o tráfico, indicando que as fronteiras entre tráfico e gangue existem.

Ent – Vem cá, quando você disse que as meninas que bateram em você são bandidas, o que é bandida?

M1 – Elas eram do tráfico de drogas.

Ent – Bandida é do tráfico de drogas então. Como que vocês se auto definem, vocês são o que? Como vocês dizem que são ? Vocês chamam as meninas do tráfico de drogas de bandidas e as meninas das galeras, como vocês se chamam?

M2 – Gangueiras.

Ent – Gangueiras. Quer dizer gangueira não tem nada a ver com bandida?

M1 – Não.

M2 – Pichação. Gangueira é gangueira.

M1 – Gangueira é pichar, é participar da gangue. (Grupo focal, feminino)

Apesar de alguns membros de gangues comercializarem drogas individualmente e em pequena escala, esta atividade não se confunde com a estrutura da gangue ou com seus propósitos enquanto organização.

A partir da análise dos discursos dos *gangueiros* sobre drogas, pode-se perceber certo desencontro entre as falas e saberes legítimos produzidos dentro das gangues e aqueles advindos das cátedras científicas. Os discursos médicos e psicologizantes tendem a reforçar os aspectos relacionados à saúde e à violência, além de arrolarem como principais motivações para o consumo de entorpecentes carências afetivas ou problemas no trato social (CASTRO & ABRAMOVAY, 2002).

Os jovens em gangues, por sua vez, referem-se a diferenças entre as drogas e seus efeitos e reconhecem que várias são bastante negativas para o exercício de outras atividades das gangues, como a de defesa. Em suas falas, não costumam citar a saúde. A associação entre uso de drogas e violências tende a se relacionar, porém o uso de entorpecentes tende a ser analisado de maneira equivocada. Em outras palavras, não atrelam o uso de drogas em si à violência, mas sim o uso de drogas não valorizadas em seu meio (como o *crack*) que causam efeitos reconhecidos por eles como catastróficos.

Os sujeitos em questão tampouco costumam mencionar frustrações, carências ou insatisfações como estímulo ao uso, mas sim codificam as drogas como passaporte para o prazer, para o lúdico, para o “estar juntos”. Tal desencontro entre saberes parece contribuir para a ineficácia das intervenções sociais existentes, não operacionalizando uma diminuição de riscos e a disseminação de informações que são apreendidas por esse grupo de pessoas como legítimas para si.

Esta seção procurou abordar as inter relações entre o universo das gangues e das drogas, ocupando-se da correlação entre essas e a juventude, dos usos e efeitos de drogas legais e ilegais, de sua intersecção com construtos de gênero e da diferenciação entre o uso recreacional e o tráfico de drogas. A utilização comumente destinada às drogas, dentro das gangues, está intimamente ligada à realização de *frevos*, objeto da próxima seção.

2.4 O frevo

Os *frevos*, ou festas, são parte importante no cotidiano dos integrantes das gangues no Distrito Federal, em conjunto e relacionados às pichações, guerras e uso de drogas. O propósito desta seção é analisar como *frevos* ocupam um papel tão importante na conformação das identidades dos jovens *gangueiros*. Para isto, serão levados em conta os principais grandes *frevos* da *gangueragem*, as batalhas e lutas que se desenrolam nestas ocasiões, os principais estilos de festa e música do gosto dos entrevistados e, finalmente, um tipo específico de *frevo* que vem ganhando visibilidade entre a juventude brasileira e sul-americana de uma maneira geral: o chamado *bolo doído*.

A palavra *frevo* é utilizada pelos atores entrevistados para designar qualquer tipo de festa que contenha música, dança e, preferencialmente, bebidas e drogas. Seu significado parece remontar aos primórdios da origem do nome do ritmo musical pernambucano comumente designado por *frevo*, mais do que a ele próprio. *Frevo* viria, assim, das palavras freveção (ferveção) e frever (ferver). *O frevo é onde tudo acontece. É a diversão, adrenalina, sacanagem, é tudo junto.*

2.4.1 Sentidos e rotinas do *frevo*

Os jovens das gangues apresentam muitos sentidos para o *frevo*: uma forma de obter prazer, ser reconhecido, aproveitar a vida, brigar, bater, viver momentos intensos. Por meio da transgressão, eles mostram a necessidade de ser diferente, na maneira da apropriação de espaços em uma cidade que não lhes dá lugar. Assim, *frevos* podem designar desde batalhas de *break* até reuniões de integrantes da mesma galera nas ruas ou em casa para ouvir música e beber, passando pelos poucos grandes shows gratuitos oferecidos na cidade e por festas pagas. *Curtir um frevo* aparece no discurso de muitos dos entrevistados de forma constante e com distintas interpretações e formas de ver essa atividade: *frevo é a melhor coisa que tem, meu negócio é curtir o frevo assim na manha (...) é mais ficar de boa mesmo*. O *frevo*, para alguns jovens, está associado ao rap e à curtição. Para alguns homens, o principal são as mulheres: *curti um rap, as mulheres. (risos); as mulheres são a primeira coisa que vem nesse mundo (risos); a gente gosta de ver as mulheres dançando*. O *frevo* se relaciona também com a pichação: *curtir o frevo, ficar loucão e sair pra pichar*. Pode ser, também, um ponto de encontro para *sair para marcar*. A diversão, a busca do prazer, a exaltação do desejo são signos que aparecem na nossa sociedade, levados ao extremo pelas gangues, como bem ilustram os depoimentos abaixo. Os integrantes se divertem, bebem, usam drogas, saem para pichar, fazem negócios, roubam e compram armas:

Todo sábado tinha *frevo*, todo sábado, aí tu bebe, tu faz altos negócios e de vez em quando vem, picha e volta. (...) Com salão grande aí rola altos tipos de música, aí vai um bocado de gente. (Entrevista, mulher)

Da pichação você já começa a ir para *frevo* à noite, aí tem os moleques que já fumam, que cheiram e bebem pra caramba. Outros que batem para roubar tênis, boné. Aí já tem dois parceirinhos que têm revólver, aí o outro já vai e se interessa a comprar um também, aí só vai crescendo. (Grupo focal, homem)

Nota-se que há uma corrente de significados que decola da festa, no caso o *frevo*, e que cada elo se prende a uma busca pelo prazer, pela fama, pela adrenalina, o que temos insistido em várias reflexões sobre gangues. Assim, a pichação, o uso de drogas, os *frevos* com substâncias clandestinas ou em locais ilegais e o envolvimento em guerras são todas manifestações de identidades dos gangueiros relacionados ao flerte com o risco (LE BRETON, 2000) e com o prazer (ABREU, 2005).

A busca pelo prazer e pela felicidade é um ideal, uma exigência da contemporaneidade, exacerbada no discurso das gangues, em que se busca uma sensação de satisfação renovada. Assim, o novo, o aventureiro logo se torna velho e são

necessários outros divertimentos, que parecem se relacionar com o caráter de bulimia artística e espacial das pichações e seu constante refazer, conforme aponta LaFortune (2000).

Tal *ethos* se entrelaça com a ideia de eterno presente, na qual, em alguns casos, não se vislumbram projetos, futuros, e se vive um certo medo do amanhã. Amanhã que para muitos é probabilidade remota, pois este pode não existir como mostram os depoimentos de um grupo focal de meninas:

M1 - Eu gosto de curtir a vida.

M2 - Eu não sei quando eu vou morrer. Tudo o que vem na minha cabeça eu pego e faço.

M3 - Eu também.

M2 - Tipo eu morro amanhã, aí eu nem fiz as coisas que eu gosto por medo

M1 - O que eu tenho pra fazer amanhã eu pego e já faço hoje, eu não sei se eu vou acordar amanhã sem uma perna, sem um braço ou morta (Grupo focal, feminino)

Aproveitar a vida, dormir de dia e sair à noite faz parte do ideal das entrevistadas que representam dessa forma o ritual de sua cotidianidade: *O meu dia a dia é normal. A minha noite que não é muito normal. Pichar, aí os frevos*. Estes discursos parecem se enquadrar no princípio da modelação da modernidade contemporânea que valoriza de forma exacerbada a busca do prazer na constituição da subjetividade:

M1 - Começa à noite o nosso dia. É assim: levanta, toma banho, janta e sai para a rua e volta no noutro dia, aí dorme o dia todinho.

Ent - O que vocês fazem a noite?

M1 - Vamos para os *frevos*, todo o dia tem. Troca o dia pela noite

M2 - A maioria das vezes nos dormimos o dia todo, ou dorme a metade do dia, quando não chegam chamando para um Churrasco (Grupo focal, feminino)

A fantasia de que o mundo é regido pelo prazer e pelo gozo se equaciona em um sentido hedonista que caracteriza a vida desses jovens e que é incentivada por múltiplos estímulos da sociedade. O imperativo do gozo é algo imposto aos jovens e que é marca de uma geração.

O gozo afinal é aquilo que pede para ir sempre além dos limites do prazer, nisto consiste seu vínculo com a pulsão de morte. O gozo ameaça a vida do corpo e a vida psíquica. A adolescência, na nossa cultura é a idade na qual se representam as formas imaginárias do mais-gozar. (KEHL, 2004, p.100)

2.4.2 Tipos de *frevo* e principais eventos

Um *frevo*, como forma de diversão, deve ser: *doido, esparrado, doido de curtir, massa*. É uma ocasião em que todos se encontram, onde há rap, funk, hip hop, rock pesado e reggae. Estilos musicais como o forró e o axé parecem ser alvos de controvérsias entre os integrantes, o que corrobora mais uma vez a diversidade entre os jovens dessas galera.

Os *frevos* mais corriqueiros são aqueles organizados pelos próprios membros da gangue, na casa de algum dos integrantes (na maioria das vezes, quando os pais estão viajando), em parques ou praças ou mesmo na rua.

Frevo assim, de reunir as cabeças e ficar ouvindo música, tem toda hora, todo dia. É só o bicho procurar, a hora que for, de manhã até de noite. É só descolar uns gummy, um som massa, colocar os funks pras donas rebolarem, e pronto, já é *frevo* pra nós (Grupo focal, masculino)

Outra modalidade de *frevo* acontece nas casas noturnas das cidades. Frequentar boates é uma das atividades recorrentes citadas pelas meninas. Dançar rap e funk nestes lugares parece ser um dos principais atrativos para elas. Segundo uma entrevistada, as mulheres tenderiam a gostar mais de funk devido a seu ritmo mais dançante, enquanto os homens prefeririam rap:

As meninas gostam mais de funk. E os meninos são mais o rap, eles vão em lugar que vai tocar muito rap, igual aquela boate, dia de quinta feira é só rap, e hip-hop. Agora no dia de sábado, rola funk e hip-hop ai é um lugar ideal para você ficar, pois não vai ficar o tempo todo ouvindo e dançando funk. É um lugar assim que eu adoro ir para lá no sábado. Aí tem os meninos playboyzinhos, tem os meninos bandidinhos, tem os meninos isso, tem os meninos aquilo. (Entrevista em grupo, mulher)

Chama atenção a preferência de algumas jovens pelo funk. A apologia à violência, em particular do estilo ‘proibidão’, e as possibilidades de explorar a sedução pelos movimentos do corpo acionariam usos de estratégias de empoderamento como a atração do sexo oposto e o exibicionismo do corpo feminino. O rap não daria o mesmo espaço ao corpo da mulher.

Se é verdade que existem diversas letras misóginas em seu repertório, também é verdade que o funk brasileiro e suas adeptas criam constantemente espaços de resposta das mulheres a este tipo de letras, além de propiciar espaços de criação de autonomia e agência, como atestam cantoras e compositoras famosas de funk, como por exemplo Tati Quebra Barraco e o grupo Gaiola das Popozudas, composto somente por mulheres e responsável por letras que propagam a autonomia sexual destas.

Tati Quebra Barraco, por exemplo, começa a fazer sucesso com a retomada do fenômeno nacional do funk no início do ano 2000 e desafia a própria estética lipofóbica das classes média e alta, personificando um corpo de mulher negra e gorda sexualizado em quase todas as suas letras. A sexualidade composta e cantada por Tati é permeada por agência e subjetivação (é ela quem vai “quebrar o seu barraco”, por exemplo), trazendo o desejo e a vontade postos nela, a Mc, e cantando uma certa objetificação dos corpos masculinos em uma disputa feminina, como exemplo a letra citada na epígrafe deste livro.

O predomínio de cantores homens no funk é inegável, assim como a existência de letras misóginas. Isso não significa, porém, que este estilo musical não transmita também mensagens como a valorização do empoderamento das mulheres, inclusive por meio do uso e do domínio da sexualidade.

No que concerne aos *frevos* que ocorrem em casas noturnas, cada grupo tende a circular em estabelecimentos específicos, apesar de algumas boates maiores e mais famosas agregarem integrantes de várias gangues. Este é o caso de uma antiga boate do Distrito Federal, que dedica um dos dias de sua programação ao rap (especialmente o nacional) e outro ao funk. Esta boate é conhecida por contar, entre seus frequentadores, com membros das duas principais gangues rivais da capital, além de pessoas de diversas origens e estilos.

A dinâmica do local pareceu compreender, durante uma noite de rap, uma ligeira maioria de homens, reunida em pequenos grupos em torno da grande pista de dança, conversando e quase sem dançar. As mulheres, em sua maioria, ocupam a pista de dança também em pequenos grupos de meninas, sem muitos contatos físicos entre os convivas. As bebidas e drogas como maconha e cocaína são consumidas em larga escala durante a noite.

Outro importante tipo de *frevo* é o que toma parte durante festas e shows ao ar livre nas cidades. Os eventos mais conhecidos entre os *gangueiros* são a festa de aniversário de Brasília, em abril; o Show do Estudante, realizada pela UMESB e que acontece uma vez ao ano, quase sempre no mês de agosto, e o Hallel, festa católica anual que acontece em diversas cidades do país;

Algumas atividades já são fixas: como os bailes funk, aniversário da cidade, atividade da gangue, a gente sempre tá junto. Nesse final de semana agora vai ter umas barraquinhas, a gente vai ver, reunir e colar o bonde para tudo quanto passar olhar: ‘olha lá os da gangue juntos’. (Grupo focal, masculino)

Estes *frevos* são os mais propícios, segundo os entrevistados, para serem palcos de batalhas entre gangues, podendo mesmo ser local do estopim de novas guerras entre grupos.

2.4.3 *Frevos*, brigas e batalhas

Os *frevo*s ao ar livre, como mencionado anteriormente, são um dos palcos principais do confronto direto entre membros de gangues rivais, ou mesmo entre dois indivíduos quaisquer. A grande concentração de pessoas e o não contingenciamento espacial concorrem para este fato colaboram:

Nós batendo em todo mundo e se os caras tropeçassem na gente já era um motivo! Você dava um murro e quando vinha era a tropa, aí tinha que sair correndo senão você apanhava e se caísse no chão eram aqueles pisões. (Grupo focal, masculino)

A principal expectativa entre os *gangueiros* para estes *frevo*s são as brigas e as batalhas entre gangues. Este é o principal motivo pelo qual esses as frequentam.

Na maioria das vezes, as brigas individuais partem de alguma provocação entre gangues, como afirma um entrevistado:

Este ano, no Hallel, eu vi um menino daqui da vizinhança, mas de gangue rival, só que ele é de boa com o pessoal da minha gangue da vizinhança. Eu já curti um *frevo* lá com ele. Peguei, vi ele e falei: e aí fulano, e pá e ele com a galera assim. Aí eu falei com os X aí? E ele: não isso aqui não é X e eu nem entendi assim de primeira. Aí eu falei: mas tem muito cabrito aí nessa galera. Aí ele pediu para eu olhar para trás e altos bicho assim, conspirando já no olhar e eu: cita porra! Mas aí ele falou que eu podia ficar de boa e pegou e deixar batido, eu peguei e dei a ideia no moleque aí, eu falei: ali é altos cabritos. Aí depois nós continuamos o *frevo*. Teve momento em que estávamos perto dos cabrito, só que eles não sabiam que nós éramos da gangue rival. (Grupo focal, masculino)

Conjuga-se prazer à violência, não se delimitando fronteiras. Mas sem fatalismos ou considerando que tal relação faz parte do imponderável. A sugestão é que as brigas são também fontes de prazer e animam o *frevo*. Outra marca da contemporaneidade, como enfatizado por vários autores (ver, entre outros FREIRE, 2004 e KEHL, 2004) que entre jovens de gangue aparece de forma acentuada, como sublinhando identidade, é a combinação entre pulsão de vida, cujo significante seria o excesso, o prazer insaciável, e a pulsão de morte, a briga, a guerra, o enfrentamento com pares e a polícia, que nos *frevo*s se materializa como território de encontro entre tais pulsões.

Frequentar *frevo*s é uma forma de “aparecer” socialmente, tornar-se famoso, e as brigas são um meio que os jovens têm para se tornarem conhecidos entre todos. O ato de brigar também pode se apresentar como algo divertido e lúdico:

Meu negócio é estar rolando um fuzuê, eu chegar, entrar e quebrar mesmo no pau (risos). Nisso aí eu sou linha de frente, e nos *frevo*s por aí, se rola um pau eu pulo pra dentro mesmo, não deixo ninguém para trás. (Grupo focal, masculino)

Um dos objetivos de se ir ao *frevo*, considerado pelos *gangueiros* como legítimo, pode ser brigar ou arranjar guerras. Como explorado na seção sobre guerras entre gangues, este é, um propulsor possível: *á noite se junta e se der pra ir junto pra uma festa, muitas vezes vai pra curtir, muitas vezes vai para arrumar confusão*. Além dos três grandes *frevos* anteriormente mencionados, existem alguns shows de bandas específicas, especialmente de axé, que são notórios por suas brigas entre gangues: *no show do Asa de Águia, juntamos a galera para bater, pra brigar mesmo. No show do Asa não falha, já vamos sabendo que é pra brigar*. A territorialidade é também demarcada aqui, quando alguns shows são famosos por estarem repletos de integrantes de gangues específicas. O antagonismo é vivenciado em suas atualizações: shows de bandas consideradas concorrentes são apropriados por gangues rivais.

Ainda no que concerne à territorialidade, é interessante analisar os diferentes discursos sobre a segregação social e espacial nos *frevos*. Um dos depoimentos de meninas residentes no Plano Piloto sobre as festas parece indicar uma mudança significativa na geografia das gangues. O que há dez anos tinha um caráter de sentimento de discriminação dos jovens de gangues pelos chamados *bodinhos*⁴⁴, tornou-se no atual discurso algo secundário, sem muita relevância: *tudo é misturado. Do mesmo jeito que tem os meninos lá da Asa Norte, Asa Sul, Sudoeste, Cruzeiro, tem menino lá no São Sebastião, tem na Estrutural, e se dão super bem, assim*. O mais importante é a fama e espaço próprio que as gangues conseguiram deslocar para as cidades satélites, inclusive com a concentração de lideranças e os divertimentos no final de semana:

Final de semana a gente vai pra cidade satélite. Final de semana aqui você pode arrancar a roupa e sair pelado, porque você não vê ninguém. Então, a gente vai sempre pra cidade satélite (Grupo focal, feminino)

Por outro lado, outros depoimentos apontam para hierarquias de valor entre os diversos espaços de *frevo* e diversão nas satélites. Assim, boates localizadas na Ceilândia, por exemplo, são consideradas inferiores, por membros de algumas gangues, àquelas localizadas em Taguatinga. Do mesmo modo, denominar integrantes da gangue rival de playboys é atribuir-lhes a pecha de mimados e despreparados para as verdadeiras batalhas.

Os *frevos* podem ser, também, espaços de encontros entre gangues rivais, espaço de competição, mostrando que algumas gangues são maiores e mais poderosas e que as brigas muitas vezes dão medo e têm graves consequências:

É até meio estranho, diferente da gente, porque em todo *frevo* a gente leva a maior galera e eles não, levam pouquinho gente, a metade e ainda ficam mexendo com

⁴⁴ Bodinho é a qualificação de classe média pelos jovens de gangue, é visto como mané e esnobe, segundo Abramovay *et al.* (1999).

as pessoas erradas, e aí acabam levando um pau cabuloso.

Pô a gente chega em festa neguim fica perto da gente, aí com medo de acontecer alguma coisa assim, igual uma festa aí, neguim encontrou os muleque aí que era da galera rival, e... a outra gangue estava em peso, aí na hora da gente, dos muleque vê lá um lado com os caras, neguim saiu fora, neguim da nossa galera apanhou. Teve gente que levou uma facada aqui ó, justamente por isso, se tivesse ficado todo mundo junto né, não ia acontecer isso né, sei lá talvez pudesse... Nem ter rolado briga né, sei lá se os cara aproveitou. (Grupo focal, misto)

As narrativas sobre esses encontros assemelham-se a verdadeiros contos de batalhas, por vezes retratadas como sendo a luta do bem contra o mal, mas, em sua maioria, reproduzidas como contendas entre espertos e otários:

Tinha um moleque lá, playboy, tirando foto com as meninas, sem camisa, bombadinho, aí eu vi: *caramba, vou passar lá do lado desse moleque, velho*. Aí nós passou. Aí os moleques, um já puxou o boné, o moleque ficou todo assustado. Aí, eu: *não moleque, tá de boa*. Aí o B, gordão, cabuloso: *tu quer ir embora, quer? Então toma*. Aí, pow, deu no moleque. Teve um lá que fez coco na calça, teve um lá, tá ligado? De medo, velho. O moleque começou a bater nele, no chão, aí ele se borrou todinho. Aí os moleques: *üüühh...* Começou a vaia. Eu não aguentei, eu ri pra caralho. (Entrevista, masculino)

Este tipo de conduta não é unanimidade entre os *gangueiros*, sendo mais comum entre os mais novos nas gangues. Os entrevistados mais velhos, que já foram líderes, tendem a não sair mais na rua para brigar, deixando esta tarefa para os chamados *novatos*: (...)
nosso dia-a-dia mesmo é só esse, não tem negócio de juntar neguim pra catar galera não, sempre a gente se encontra em show, em festa e tal, dá aquela briguinha, mas agora a gente sair na intenção disso, nunca fez não.

As brigas acontecem mais com os rapazes, já que basta em um *frevo* olhar a cara do outro para começar uma briga: *você está ali no frevo, só olha na cara do outro na galera já começa (...)* eu olhei para a cara dele, não gostei, já rola pancada aqui e pronto. Mais uma vez, fica patente que o que importa aqui não são as causas, motivos ou intenções, mas a briga e o espetáculo em si.

Chama a atenção que as garotas entram nas brigas, principalmente, quando acontecem em espaço público, onde as diferenças de gênero são reelaboradas e se desconstrói o estereótipo do feminino frágil que não pode apanhar, especialmente de homens: *eles pegou as guria lá e começou a balançar a cabeça lá, de um monte de menina doida veia lá. Um montão de cara segurando o pescoço dela assim.*

No entanto, bater em mulher ainda causa indignação, e efetivamente os jovens apontam defender as meninas como motivo para entrar em brigas:

Foi bicho. Por causa das meninas, eu fiquei indignado. Eu tava indo embora e aí tinha uma lá que tinha um namorado que foi em cima das menina. Pra quê? Aí os

caras começou a bater no cara também () Aí eu peguei um bicho lá e comecei a chutar ele, aí o bicho foi... Do lado assim... Me deu um murro e eu não vi. Eu sei que ficou uma bolona aqui grandona. (Entrevista, masculino)

A defesa das meninas pode também se relacionar ao estereótipo de que essas são frágeis, e, dessa forma, elas mais atrapalham que ajudam nas brigas

Neguinho também quando vai pro *freno* de bonde véio, já dá instiga de sair quebrando qualquer um também, tá ligado? Mas viu que nem se nós juntasse os bonde indo com as meninas não ia dar nem pra dar o primeiro combate mesmo se as menina fossem fortes. (Grupo focal, masculino)

Mais uma vez, as mulheres são colocadas na posição de fracas e pouco úteis para o propósito das gangues. Outra posição atribuída às mulheres durante os *frenos* é a de *caçadoras de confusão*, por vezes mentirosas:

Safada, bandida. A bicha é cachorra demais, ela ferra mesmo. Lá na Esplanada, na festa, ela falou para os moleques: *Pô velbo, o cara pegou na minha bunda, tentou me agarrar, velbo*. Eu olhei para cara dela assim: *Caralho, tu é uma baita de uma vagabunda*. (Entrevista, masculino)

Há ainda um outro tipo de *freno*, no entanto, que é retratado como dependendo exclusivamente da presença e do desempenho das meninas: o chamado *bolo doído*.

2.4.5 *Bolo doído* – um tipo específico de *freno*

Entre todas as espécies de *freno* existentes, destaca-se no discurso dos sujeitos pesquisados o que eles chamam de *bolo doído*, ou seja, *frenos* em que performa-se sexo grupal alegadamente consensual, além do uso intenso de bebidas e álcool: *orgia*, *putaria* e *drogas*. Acontece, frequentemente, nas casas de integrantes homens, na ausência das famílias:

Meu pai viajou quatro dias, no apartamento, uma quitinete foi a maior galera. Esparrou ainda chamou até a polícia os vizinhos, teve vizinho que foi até embora do prédio. (Grupo focal, masculino)

Se o pessoal lá em casa viajar e eu passar a semana todinha, só, em casa, é a semana todinha de *bolo doído*. (Entrevista, masculino)

É, é orgia, só rola orgia. *Freno* mesmo... mas na hora que a polícia invade também, meu irmão, vai todo mundo em cana; se tiver algum de maior, está lascado. (Grupo focal, masculino)

Vale notar que o *bolo doido* não é uma atividade específica das gangues. Durante pesquisas realizadas sobre violências nas escolas do DF, por exemplo, os jovens citam o *bolo doido* como algo corriqueiro, que faz parte da sociabilidade de alguns. Também não é específico dos adolescentes e jovens brasileiros, havendo menções a festas parecidas entre estudantes argentinos⁴⁵.

Os *gangueiros* entrevistados afirmam sair, muitas vezes, da escola ou faltam aula para ir aos bolos doidos veja:

É um *freno* em que os moleques matam aula e vão todos para um barraco. Todo mundo fica doido e rola sexo à vontade. É do grupo, e for de fora apanha. Não existe ninguém de fora no meio da gente. A gente não aceita o cara e de fora ele vai atrapalhar: vamos quebra esse cara que ele é intruso. (Grupo focal, masculino)

A dinâmica dos bolos doidos envolve, na maior parte, um lugar isolado e vazio como base, conseguido usualmente por um jovem mais velho. Outra parte importante da estrutura é a relação entre o número de homens e mulheres: *eu nunca participei porque é tipo orgia. Quando tem bolo doido vai umas três mulheres para seis homens.* É também muito comum a presença de álcool em abundância e de psicotrópicos como o roupinol. Nas palavras de um *gangueiro*, fã assumido de bolos doidos:

Eu sempre vou em *bolo doido*, porque moro na frente de uma escola. O esquema é descolar um barraco, muitas vezes na hora da aula os pais estão trabalhando. Aí, a gente combina com um ou dois brother, e parte para a porta da escola. Aí é só ecolher as meninas com mais cara de safada, chamar para um *freno*, e elas vão. Mas elas vão porque gostam mesmo, porque querem dar. Aí é muita cachaça, roupinol se tiver, marafa, de tudo mesmo (Entrevista, homem)

Mas não há um só modelo de festas, e o *bolo doido* é um tipo dentro de uma diversidade de *frevo*s. Uma das entrevistadas afirma que nas festas há muitas formas de se comportar, de agir:

Se você for em qualquer festa, se você procurar, você acha alguém se drogando, você acha alguém bebendo, você acha alguma menina dando pra alguém. Você sempre vê, tanto pessoas se drogando, bebendo. Eu acho que em todo tipo de festa você vai ver tudo o que você precisa ver. Falar assim: Ah, eu nunca vi ninguém se drogando. Tudo o que você quer, você vê. Festa é desse jeito, pelo menos as que a gente frequenta. (Entrevista, mulher)

⁴⁵ Informações sobre uma espécie de *bolo doido* promovida por estudantes que cabulavam aula em um córrego próximo à escola foram veiculadas pelo jornal *El Clarín* de 27 de outubro de 2008.

Sem referir-se especificamente ao *bolo doído*, outras jovens dão depoimentos de festas cotidianas:

Na hora da escola, é tipo matou aula, nós vamos nas casa e faz o *frevo*, as mães vai trabalhar ou os menino também vão lá na escola e falam: hoje minha mãe não ta em casa! E tem dia que nós vamos para o *frevo* e do *frevo* já saímos para pichar.
(Grupo focal, feminino)

Por vezes, os *bolos doídos* são filmados nos celulares dos participantes, e acabam em sites da internet, podendo configurar uma prática chamada de *happy slapping*, ou seja, a filmagem ou fotografia de alguém em situação que possa causar embaraço e sua posterior veiculação, à revelia dos indivíduos nela retratados.

A prática dos *bolos doídos* parece ser uma das características da geração mais jovem de adolescentes, que exercem sua sexualidade em práticas grupais e orgiásticas. Polêmicos por abordarem com valores morais bastante arraigados na sociedade, como o caráter privado dual da atividade sexual, a virgindade e a monogamia, *bolos doídos* são alvos de duras críticas, sendo seus participantes muitas vezes presos e indiciados por estupro presumido, mesmo em casos como o acontecido em Luziânia⁴⁶, em que a menina tinha 13 e os meninos 15 anos.

Frevos desta espécie também se tornam polêmicos ao violarem o direito dos participantes à privacidade de sua imagem, quando são filmados e veiculados sem o consentimento das meninas. Parecem constituir, nesses casos, uma forma de violência e agressão contra mulheres. Outra questão a ser considerada é o nível de entorpecimento dos participantes, especialmente das mulheres, e se este nível permite o consentimento claro à ação. De todo modo, essas são algumas das questões aí imbricadas, entre diversas outras que merecem diversos estudos e pesquisas sobre este fenômeno relativamente novo na juventude.

O *frevo* pode estar relacionado, como demonstrou esta seção, com uma espécie de afirmação ritual de masculinidades (GIRARD, 1990) e identidades de modo geral, o que está vinculado ao fato de *frevo*s virem acompanhados de brigas, pichações, utilização de signos proibidos, ou “mal vistos” socialmente, como drogas, bebidas, orgias., sendo essas as representações mais banalizadas do masculino, reconhecidas e vivenciadas pelas jovens mulheres entrevistadas.

Esta seção propôs-se a analisar os significados e sentidos atribuídos pelos diversos *ganguinhos* aos *frevo*s, versando sobre os tipos de *frevo*s existentes, sobre as principais festas nas quais se desenrolam batalhas e guerras e sobre os *bolos doídos*, *frevo*s de um tipo específico.

⁴⁶ Fonte: Correio Braziliense, 7 de maio de 2008.

2.5 Gangues e internet

O objetivo desta seção é discorrer sobre os papéis desempenhados pela internet no universo da *gangueragem*, a partir da contextualização da internet na revolução da comunicação e da análise dos meios e recursos mais utilizados pelos *gangueros*, além de uma tipificação das imagens mais utilizadas.

Os membros de gangues recorrem com frequência à comunicação via internet, usando diferentes recursos. Valores como *fama*, *reconhecimento*, *respeito* perpassam as mensagens oferecidas pelas imagens e textos postadas por eles na rede.

2.5.1 A internet e a revolução na comunicação

As inovações tecnológicas sempre foram instrumentos de grandes mudanças sociais. Muitas delas foram responsáveis por revoluções nas sociedades no decorrer da história.

Como pano de fundo à análise da internet, Castells (2003) fala em uma verdadeira “ruptura cívica” da sociedade atual, largamente individualizada, na qual os processos de participação foram enfraquecidos. Concomitantemente a essa revolução tecnológica, foram criadas redes de relacionamento na internet, ou comunidades virtuais, que possibilitaram uma compensação dessa individualização, potencializando sociabilidades construídas na rede.

As comunidades virtuais oferecem uma democratização da informação, na medida em que elas são transversais: os símbolos de estigma como raça e classe social são reposicionados pela interação virtual, visto que não é mais necessária a presença física para se passar a informação a um grande número de pessoas. No campo da linguagem, em que há uma delimitação de classe em espaços não-virtuais – a separação entre quem conhece a norma culta e quem não a conhece, esta estigmatização se dá de maneira distinta. Já em campos virtuais em que a linguagem usada nas comunidades pode ser democratizada, no momento em que é constante a criação e a recriação de um vocabulário específico na internet, todos têm acesso de aprendizado e de uso. Segundo Castells (2003):

Os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente dispersos (...)

Na mesma linha argumentativa, mulheres e outros grupos sociais oprimidos parecem tender a se expressar de forma mais aberta devido à proteção do meio eletrônico (...) (p. 446)

As possibilidades democráticas de ser conhecido, comunicar-se e fortalecer a fratria são construtos básicos para entender o papel da internet nas trocas entre

as gangues. Comunidades como o *Orkut* e o Flogão são editadas e reguladas pelos próprios usuários, os quais permitem ou proíbem comentários dos visitantes do perfil, que nesse momento se tornam o público da mensagem. A interação virtual transforma-se em um espaço de grande importância de relação, onde os signos são ressignificados e coletivizados.

Assim, as comunidades virtuais são um meio de “comunicação horizontal e uma forma de livre expressão” (CASTELLS, 2001, p. 49). Essa livre expressão é patente no sentido de não haver formas de repressão de opiniões, na medida em que os usuários, criadores e reguladores se confundem (CASTELLS, 2003, p. 69).

Portanto, o acesso e a vinculação a determinadas comunidades virtuais são de escolha livre, e baseada nos interesses em comum dos usuários. Esse meio de comunicação, por meio das comunidades virtuais, permite uma expansão dos vínculos sociais.

2.5.2 As gangues e a propagação das identidades

As polêmicas criadas em torno da internet referem-se ao uso “negativo” e “positivo” da rede. Um dos usos que causa discórdia é o que permite a representação de papéis pela interação virtual, vistos por muitos como “um mal” causado por este meio, pela falta de veracidade nas relações.

O fato é que a internet permite uma formação de identidade extremamente fluida e flexível, sendo possível a representação de diferentes papéis. Na internet “você é o que diz ser” (CASTELLS, 2001, p. 109).

Os membros das gangues pesquisadas utilizam-se largamente desse instrumental disponível para propagar a identidade segundo os valores das gangues, tendo como fim último a *fama* – remetem-se à coragem, à valentia, fidelidade, disposição para pichar e marcar o nome da gangue pela cidade. A internet possibilita situações que podem não guardar semelhanças com a realidade externa. Esses materiais são ilustrativos dos objetos e signos que conferem *status* aos membros.

Quando postado na internet, tudo transforma-se em informação. Os membros de gangue, ao fazerem uso da internet, tornam-se produtores de informação cuja natureza remonta da identidade pessoal e coletiva a ser propagada, tendo como material informativo seu capital simbólico.

A informação sempre foi imprescindível para o funcionamento social, na medida em que não pode haver sociedade sem linguagem – a linguagem serve de meio para a troca de mensagens e informações, caracterizando a comunicação. Os atores sociais, portanto, sempre foram codificadores de informação e sempre a transformaram. No entanto, hoje, os atores sociais são também produtores de informação. Esta não é só matéria-prima, ou seja, o meio, mas também o fim: “a informação

designa hoje a sociedade pós-industrial. É o que a gera e sustenta” (KUMAR, 2006, p. 46).

Os meios de comunicação como a Internet têm o poder de transformar as palavras, sons, fotos, filmes e imagens em informação. Ou seja, os materiais são reformulados de acordo com a mensagem que se quer passar e a que se quer receber. Latour discute a formação de uma realidade abstrata para que seja possível seu transporte com fins de se comunicar com outra pessoa, ou *in*-formação (LATOURE 1999; 2004).

No universo das gangues, os receptores dessa informação, ou o público, caracterizam-se principalmente pelos pares. Segundo Canclini (2008), o “público não nasce, mas se forma” e, no caso das comunidades virtuais, forma-se pelos interesses em comum. A informação propagada pelas gangues nas comunidades virtuais é dirigida fundamentalmente para outros membros de gangues, na maioria das vezes para rivais, mas também para os aliados. As pichações são um exemplo de que as mensagens não são exógenas, mas endógenas: pessoas não socializadas neste código encontram grandes dificuldades em conseguir decifrar as letras de pichações. As pichações servem para transmissão de mensagem, e é preciso que sejam divulgadas o máximo possível, daí a necessidade de fazê-las em locais de destaque e alcance, como a internet.

Os receptores dessa informação não são passivos. As comunidades utilizadas pelos membros de gangue possibilitam que haja uma interação na qual os “internautas”⁴⁷ podem deixar comentários acerca das fotos e das palavras postadas pelo dono do perfil.

2.5.3 Os principais meios de comunicação online das gangues: MSN, Flogão e Orkut

Uma pesquisa recente em escolas públicas do DF (ABRAMOVAY, CUNHA & CALAF, 2009) mostrou que o uso de Internet entre os jovens é de fato generalizado: 53,5% dos alunos disseram usá-la “muito ou sempre”. No que se refere aos recursos mais usados na rede, desses que atestaram ser usuários, 72,6% deles afirmaram utilizar o *Orkut* e outros sites de relacionamento, enquanto 58,6% o MSN e outros programas de conversa instantânea. O uso da Internet pelos membros de gangue reflete essa realidade, visto que são esses os recursos mais utilizados por eles, moldados também para fins institucionais do grupo.

⁴⁷ Canclini (2008) separa os consumidores de cultura em três: leitores, espectadores e internautas (nessa ordem talvez por questões históricas). Segundo convenções, o primeiro é intelectualmente ativo e o segundo mais passivo; o internauta é o mais ativo na medida em que abarca os dois primeiros. Ou seja, quem é internauta é também espectador e leitor e tem um papel ativo em seu consumo cultural.

Uma das categorias fundamentais para a cosmologia das gangues é a questão do território. Essa categoria também é observada na internet. Os membros de gangue formulam seus territórios em perfis de comunidades virtuais que se tornam espaço demarcado de interação entre membros de gangues aliadas e inimigas. Os membros inimigos podem “invadir” o espaço, deixando mensagens de enfrentamento, xingamentos, etc.

As duas comunidades mais usadas por eles são o *Orkut* e o Flogão. Para que essa interação *online* funcione, é necessário que haja um grande número de perfis de membros de gangues criados em cada comunidade, possibilitando comunicação.

Cada uma das três finalidades expostas acima – a comunicação das atividades da gangue, socialização e divulgação do capital simbólico – podem acontecer nos três meios, mas percebe-se uma prevalência do primeiro e do segundo no MSN e o terceiro, sem dúvida, no Flogão e no *Orkut*.

a) MSN

O MSN é o principal instrumento de mensagens instantâneas utilizado pelos membros para a comunicação entre si. Segundo uma jovem: *eu tinha um MSN que tinha umas mil e duzentas pessoas. Sabe o que é uma gangueragem sinistra na internet? Era meu MSN, eu entrava era festa na certa, chega meu olho brilhava...*

O MSN é um *chat* íntimo em que só são possíveis conversas entre pessoas aceitas pelo dono do perfil, ou seja, pessoas conhecidas em que haja um mínimo de confiança. Portanto, no MSN dos membros de gangue, normalmente são adicionadas pessoas da mesma gangue, de gangues aliadas ou pessoas neutras, que não participam deste universo. As conversas são mais informais e descontraídas.

Nele, as mensagens são instantâneas, possibilitando um diálogo em tempo real. Isso faz com que os principais acontecimentos no mundo da gangue sejam repassados aos outros membros da forma bastante veloz. Marcação de reuniões e *frevos*, comunicação do andamento das *guerras*, marcação de saídas para pichar e outras atividades são normalmente feitas por meio do MSN.

O MSN também possibilita que se fortaleçam os laços entre membros, visto que esses passam grande parte do seu tempo no *chat*, conversando com os indivíduos adicionados nos perfis pessoais.

b) Flogão

O Flogão é uma comunidade brasileira na qual se cria um perfil com uma página pessoal que interage com outros perfis. Nessa comunidade, é possível perso-

nalizar quase tudo: as cores de fundo, o tipo da letra, colocar música para os visitantes; escolher os usuários “favoritos”, que normalmente são membros de gangues aliadas. O mais importante, no Flogão, é a possibilidade de postar uma foto por dia, com um comentário textual abaixo. Os visitantes também têm a oportunidade de inserir comentários sobre a foto do dia, podendo fazer isso de forma anônima ou não.

Isso faz com que o Flogão seja o principal meio de divulgação da gangue. Lá, são postadas fotos dos membros portando armas, drogas e são divulgadas as pichações recentes. Os comentários são de diversos tons. Aparecem desde mensagens de apoio de membros da mesma gangue, ou de gangues aliadas, até mensagens provocativas, xingamentos, marcação de brigas, ou seja, mensagens que fazem parte do que as gangues chamam de *guerra*. *Veja o exemplo abaixo:*

1. P... G... o líder em 11/03/2007 - 14h20m escreveu:

*nunca vi nem um desses nomes nem de carvão nub beco
bando de vermes cebosos seus parasitas uh quem saum vcs msm heim...*

Aqui, a mensagem foi postada pelo líder de uma gangue em um Flogão da gangue rival. O autor da mensagem ironiza a foto que trazia pichações da gangue do dono do perfil. Trazendo à baila a questão da fama, a expressão *carvão no beco* refere-se tanto à precariedade dos materiais utilizados (carvão no lugar da tinta *spray*) quanto ao suposto lugar da pichação, escondido e sem destaque.

Mensagens de apoio também são comuns. Elas fortalecem os laços de aliança inter e intra-gangue. Veja:

5. K...---G...___ em 11/03/2007 - 14h32m escreveu:

*passando pra deixar um salve ai pra tu mlk, que merece..
G...*

Em contraste com o *Orkut*, o Flogão é utilizado pelos usuários de forma mais “institucional”. O nome do perfil é criado com o nome da gangue ou com o apelido do membro; as fotos são postadas com os membros da gangue e aliados. No Flogão, o espaço pode ser “invadido” e comentários ameaçadores e de enfrentamento acontecem com maior – frequência. No *Orkut*, ao contrário, o espaço tem um cará-

ter mais pessoal e é mais respeitado por membros rivais.

No Flogão, a linguagem é bem específica das gangues. Os apelidos, gírias e histórias somente conhecidas no meio são o tom principal. Os comentários dos visitantes não-anônimos normalmente são postados com o apelido, seguido da sigla da gangue.

c) Orkut

O Orkut é utilizado pelos membros como espaço de socialização pessoal, contendo menos referências ao mundo das gangues do que o Flogão. No Orkut, os membros de gangue fazem seu perfil com seus próprios nomes – mesmo que, por vezes, coloquem seus apelidos ou a sigla da gangue entre parênteses – e possuem uma variedade maior de amigos. As fotos postadas no Orkut podem conter membros da família, festas familiares, amigos não-gangueiros e outros. Foram observadas poucas ameaças e trocas de insultos relacionados a gangues neste meio, quando comparado com o Flogão.

A principal forma de socialização no Orkut são as comunidades. Vale notar que isso é bem diferente de existirem perfis diretamente relacionados às gangues, na medida em que esses perfis são pessoais. No Orkut existem comunidades de gangues específicas, como, por exemplo, “(LUA) Legião Unida pela Arte” com 603 membros, “(GAP) Galera da Arte Proibida”, que conta com 320 membros, “(AG) Anjos Grafiteiros”, 52 membros, entre outros. É difícil saber quantos desses membros da comunidade virtual são de fato membros da gangue e quantos são “simpatizantes”. Existem também as comunidades sobre as gangues no DF em geral, como, por exemplo, a “Pichadores do DF”, que conta com 420 membros e a “Ex-pichadores do DF”, com 37 membros⁴⁸.

2.5.4 O espaço virtual

O discurso dos membros de gangue sobre o uso da internet sugere dois eixos: comunicação inter/intra-gangue e práticas geracionais. O primeiro é instrumental e também marcado por uma ambivalência; se por um lado os membros de gangue expressam que a internet é um facilitador nos processos de comunicação e organização da gangue, por outro que ela dificulta as relações.

A facilidade refere-se basicamente ao encurtamento das distâncias e à diminuição do tempo que a informação leva para chegar ao destino. É consenso entre os pesquisadores do tema que a internet reconfigurou a noção de espaço/tempo. Não é mais necessário se deslocar fisicamente até o outro para se comunicar e, no caso

⁴⁸ Estes números foram coletados em julho de 2009.

das gangues, levar uma mensagem, marcar reuniões, falar sobre as guerras, etc. A proximidade geográfica não é mais necessária para se estabelecer uma forte relação social (CASTELLS 2001; 2003). Segundo Canclini (2008, p. 44) “mesmo sentado, o corpo atravessa fronteiras”.

Appadurai (1997), ao analisar a questão da soberania e territorialidade dos países, comenta da desnecessidade de um agrupamento físico – antes requisito para o conceito de nação – para o estabelecimento de uma identidade territorial. O autor utiliza a expressão “translocalidade” que depende fundamentalmente de uma organização não-estatal de interesses em comum em “mapas de fidelidade e afiliação” (APPADURAI, p. 40).

As gangues aproveitam esse potencial oferecido pela Internet para facilitar a organização e a mobilização – principalmente para a marcação de reuniões e *frevos* e propagação das notícias sobre as guerras. *Hoje em dia você é riscado aqui, o cara entra na internet, já bota todo mundo na mesma conversa (...) e avisa todo mundo, na mesma noite todo mundo já sabe o que aconteceu.*

Um componente negativo da Internet é a superexposição, levando ao fácil acesso às informações pessoais dos membros, principalmente por parte da polícia. Isso pode parecer um paradoxo, na medida em que eles utilizam a Internet para se mostrar, se exibir, para a aquisição de *fama*. Essa ideia, em verdade, não é contraditória uma vez que essa exposição, além de servir para a notoriedade, é também uma forma de se colocarem em situações de risco, um meio de ativar a *adrenalina* e mostrar coragem: *internet agora está meio estranha para conversar, vai por telefone mesmo (...) [antes, era] pelo MSN. Porque pela internet, quando marcava a reunião e chegava no dia que estava todo mundo, policiais invadiam, queriam [nos] levar presos.*

O uso da Internet para *fazer guerra* é, em verdade, mal visto por muitos jovens de gangue, ainda que, na maioria dos casos, a crítica seja referida ao outro. É recorrente no discurso desses jovens o menosprezo pelos *gangueiros* que fazem uso da Internet dessa forma. Esses são chamados de *pichadores online*. A coragem possui uma alta cotação na escala de valores das gangues e a Internet possibilita que se façam ameaças e se comecem *guerras* sem ter de enfrentar o inimigo face a face. Outra crítica feita aos *pichadores online* é que eles não picham na rua e não enfrentam o perigo de serem pegos. De acordo com o depoimento de uma jovem: *na internet todo mundo é malandro.*

O segundo eixo que orienta o discurso crítico dos jovens em gangues sobre a Internet tem relação com as gerações. Tal diretiva é muito mais presente na fala de membros mais antigos, os quais participaram da fundação das gangues de que são normalmente líderes. A internet mais se destaca para a construção simbólica do que

eles chamam da *terceira geração* das gangues⁴⁹ de Brasília.

Essa taxonomia da história das gangues indica certo desprezo que os *da antiga* têm pelos mais jovens, da *terceira geração*. Os *pichadores online*, por exemplo, são frutos dessa nova geração.

É desse jeito aí a guerra dos meninos, porque depois que a internet começou a rolar aí, entendeu? Apareceu muito moleque aí de internet, não é pichador, não é gangueiro, é tipo os menino da internet; arruma um apelido... on-line, é os pichadorzinho online, arruma um apelido e começa a botar o nome dele na internet. (...). (Entrevista, homem)

Ainda segundo os membros mais antigos, a Internet provocou uma mudança nas exigências da gangue para o recrutamento de membros. Antes era mais difícil entrar na gangue por causa do acesso a cada etapa do processo: conhecer um membro, ser respeitado pela gangue, conhecer o líder e finalmente passar pelo ritual de entrada – normalmente, eles se referem ao “corredor polonês”, que é doloroso. Hoje, a internet possibilita que os aspirantes à gangue contatem e se socializem com os membros de forma mais acessível, assim pavimentando a entrada com mais facilidade.

A internet facilitou muito, muito, muito pra esses moleque aí facilitou, entendeu? Ficou muito fácil pra esses moleques, hoje em dia ficou muito fácil você entrar numa gangue; antes era mais difícil, antes pra você entrar na galera, você tinha que ir na roda pedir pra entrar, ser indicado por alguém que já é da galera, falar: - Não, o moleque aqui é meu! Tô trazendo ele aqui pra entrar pra galera; pegava um corredor polonês, entrava na porrada, saía do outro lado em pé, falava: - Aí, ainda quero ser! (Entrevista em grupo, mista)

Como discutido acima, as imagens, palavras ou depoimentos, quando postados na internet, transformam-se em informação. Vale lembrar que esta é tornada pública no ambiente virtual, sendo possível um relativo controle do alcance que essa comunicação terá, dependendo do tipo de instrumento utilizado na internet. Na medida em que a intimidade do usuário pode ser devassada com mais facilidade, a socialização nesse tipo de espaço pode servir também para o controle por parte dos líderes em manterem a fidelidade às regras da gangue. No caso, por exemplo, da sociabilidade ‘intergangue’, a internet fornece informações importantes para os líderes, no sentido de se inteirarem se seus subordinados estão socializando com membros de gangues rivais por meio dos “amigos” adicionados no Orkut e depoimentos via Flogão.

⁴⁹ Para mais detalhes sobre as gerações de gangueiros do DF consultar o capítulo Cenários.

[...] ele [o líder] entrou no meu Orkut quase novecentos amigos, para ver quem era e achou esse menino lá, e falo que tu tinha o... no Orkut, que ele é seu amigo, ele nem perguntou se o cara era meu amigo, ele já veio me acusando, “logo você com um *capa* adicionado no seu Orkut. Eu falei: “olha ele não é meu amigo, eu não adicionei ele, ele me adicionou com outro nome e agora que eu vi que foi ele, aí ele fala que isso é imperdoável. [...] e ficou de conversa, e a (*nome da gangue*) como vocês devem ter ouvido ou sabem, não é uma galera de internet, não é uma galera que faz a fama na internet, a (*nome da gangue*) tem a fama na rua, nos muro, na festa tem em tudo, ele pega e vem me tirar por causa de internet. Eu falei ..., isso é bo-beira, é fuleragem, internet é ilusão, nada a ver. (Grupo focal, homem)

2.5.5 Tipologia das imagens postadas pelos meninos na internet

As imagens colaboram para a apreensão da cosmologia das gangues, na medida em que criam, mostram e propagam identidades, sugerindo que os construtos de gênero são fundamentais na formatação da tipologia imagética. *Fama, respeito e reconhecimento* são falas recorrentes dos membros de gangue e as fotos postadas traduzem os meios para que se possam adquirir esses atributos.

A tipologia a seguir apresentada refere-se às comunidades criadas pelos meninos de gangues. Posteriormente, serão analisadas as comunidades mantidas pelas meninas para fazer um contraste nas diferenças de gênero nas maneiras de interação pela Internet.

a) Exibição de armas

Diversas imagens postadas no Flogão mostram integrantes em posições desafiadoras, com a cabeça levantada, os braços cruzados, portando pistolas. Os bonés também são típicos dos *gangueiros* do DF, um pouco levantados, colocando o cabelo para trás, mostrando a testa.

A arma promove a ideia de que eles têm meios acessíveis de se defenderem e de atacarem. É necessário que essa capacidade de proteção, como também a força que a gangue possui em situações de conflito, seja propagada e solidificada (MILLER e BRUNSON, 2000).

Outra forma bastante comum de exibir armas consiste em colocar uma ou mais pistolas rodeadas de balas, que por vezes são distribuídas a fim de formarem a sigla da gangue à qual pertence o dono do Flogão.

b) Exibição de dinheiro e artigos de consumo

A exibição de dinheiro é recorrente, principalmente no Flogão. Usualmente as notas são dispostas em grossos maços em forma de abano ou formando pequenas esculturas. Elas são normalmente seguidas de comentários acerca da onipotência que o dinheiro pode trazer e também sugerindo que este foi originário de algum ato de transgressão em que a coragem foi determinante.

São também comuns fotos que agregam diversos artigos de consumo, como tênis, bermudas e mochila de marca, exibidos como posse do usuário. Comentários sobre os fãs” é também bastante recorrente, sugerindo que esses artigos trouxeram fama ao seu dono, o qual possui meios de ser reconhecido.

Anne Campbell (1999), uma das principais estudiosas de gangue feminina nos Estados Unidos, mostra que a pobreza é uma característica que os jovens rejeitam. Assim os membros de gangue enfatizam o uso das marcas certas de roupas, tênis, álcool, equipamentos de som, etc. (CAMPBELL (1999) in CHESNEY-LIND e HAGEDORN, 1999).

c) Exibição de drogas

Aqui, o comportamento transgressor é enfatizado e propagado – a publicidade desse comportamento é ainda mais transgressora. Nas imagens, os integrantes costumam aparecer consumindo (ou sugerindo o consumo de) drogas como a cocaína e a maconha. Costumam aparecer também bebidas. Vale notar que os integrantes que aparecem nas fotos tendem a estar usando roupas de marca, cuidadosamente escolhidas.

d) Exibição de pichações

Fotos de pichação também são recorrentes na internet. Quanto mais difícil for o lugar pichado, maior o troféu. Essa é uma maneira de provar a coragem, a adrenalina e a disposição para divulgar o apelido e a sigla da gangue.

Outro tipo de imagens se compõe da exibição de latas de *spray*. Elas são caras e para comprá-las é exigida a apresentação de documentação para comprovar a maioridade. Além disso são símbolos da atividade principal de transgressão da gangue, a pichação. Portanto, as latas são consideradas um troféu.

e) Exibição de mulheres

Enquanto *pegar mulher* é um dos motivos expressos para entrada nas gangues, a

exibição de uma vida sexual ativa e que envolva o maior número possível de mulheres é parte importante da construção do masculino nas gangues.

Mulheres bonitas são por vezes exibidas como “troféus” para os meninos, principalmente para os líderes, e “melhoram” a imagem da gangue.

2.5.5.1 Fotos postadas por meninas de gangue

As meninas de gangue utilizam-se das imagens tradicionalmente atribuídas à feminilidade para construir suas próprias formas de entender e vivenciar gênero e poder. Atributos como a malícia e a sensualidade são apropriados por elas para comporem sua identidade de gênero. Veja:

Basta ser mulher pa sabe o ke e maliícia !!!

(Texto extraído no Orkut de líder F de gangue)

Em geral, as imagens postadas por meninas na internet estão mais relacionadas com o corpo e com a sensualidade. Mesmo em fotos em que signos tradicionalmente masculinos estão presentes, como as armas, por exemplo, as meninas aparecem em poses e expressões sensuais. O corpo, portanto, é bastante valorizado nas fotos. Existem também tentativas das meninas de transgredir os limites da feminilidade tradicional. James Messerschmidt (1999) acredita em uma forma de construção de feminilidade a partir de signos tradicionalmente masculinos. Ele argumenta que isso não quer dizer que as meninas estejam tentando construir ou se aproximar de modelos masculinos, mas construindo uma forma específica de feminilidade (MESSERSCHMIDT, *idem*). Considerações mais aprofundadas sobre o assunto serão tecidas na seção sobre os espaços das mulheres nas gangues.

São comuns, por exemplo, fotos de meninas segurando pistolas de diversos tipos. Assim como acontece com os meninos, mostrar disposição para a “guerra” é importante para adquirirem respeito dentro da gangue. Ainda segundo Messerschmidt (*idem*), a imagem de “*bad girl*”, de loucura, pessoa sem limites, temeridade e audácia são as qualidades que fazem uma menina ser reconhecida pelas outras. A habilidade e a disposição de brigar conferem respeito na medida em que criam relacionamentos de poder entre as meninas (*idem*).

Também há a coletivização das “guerras” pessoais das meninas. O que difere as meninas dos meninos no quesito “guerra” pela internet, é que elas tendem a mostrar suas rivalidades de forma mais personalizada. Ou seja, as fotos e as ofensas fazem menção a pessoas específicas e não a gangues e grupos.

Os xingamentos normalmente utilizados parecem sugerir que as meninas aceitam as imagens depreciativas tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino, desde que essas imagens estejam coladas à outra, inimiga, e não a si mesma.

Anne Campbell (1999) afirma que as identidades das meninas na gangue são formadas a partir da rejeição do comportamento que não se aplica a si.

[...] essa depreciação dos outros é um componente crucial para o estabelecimento da auto-imagem. Acusar mulheres de uma gangue vizinha de serem putas ou viciadas indica claramente que a pessoa nega a aplicabilidade desses termos a ela mesma. A análise da vilificação dos outros não é somente uma ferramenta metodológica útil, mas esse processo de rejeição simbólica pode estar no bojo de como as gangues femininas chegam a sua autodefinição (CAMPBELL 1999, pg. 102).

As meninas também escrevem textos de valorização da gangue a que pertencem, com mensagens destacando a coragem, a onipotência e a periculosidade de suas gangues. A troca de mensagens ofensivas entre meninas girando em torno do pertencimento à gangue rival é muito menos frequente do que entre os meninos.

Outro tema comum para as meninas são as postagens sobre os namorados. O que mais chama atenção neste ponto são os textos que acompanham as fotos, que são de vários tipos: declarações de amor, textos sobre a felicidade oferecida pelo namorado, textos sobre a tristeza do fim do namoro e também ameaças a outras meninas interessadas no namorado. Uma das maiores motivações para a “guerra” entre meninas são o *pé-de-pano*, ou seja, “ficar” com o namorado da outra.

Entre as meninas, a gravidez também aparece como acontecimento publicizado pela internet. Fotos de exames, do enxoval, da barriga e outros são postados no Orkut e no Flogão com a finalidade de comprovar a veracidade da gravidez. As meninas escrevem textos referindo-se ao “milagre” de ser mãe, e sobre como isso poderia melhorar suas vidas.

Tal comunicação parece ser, principalmente, de três tipos: 1- a troca de informações entre os membros, sobre a gangue e suas atividades; 2- socialização: fortalecimento de laços entre *os aliados* e meio de “fazer” *guerra* contra os inimigos; e 3- divulgação dos *materiais de guerra*, como as armas, das pichações feitas pela cidade, do dinheiro e artigos de consumo etc.. A exibição do corpo delas, de drogas e dinheiro por eles e elas, de roupas de marcas, principalmente por eles, são valores de uso e troca que constituem um acervo imagético bastante veiculado pela internet.

A análise por gênero da imagética virtual de jovens em gangues reafirma um dos paradigmas do feminismo sobre sexualidade (JAGGAR & BORDO, 1990), qual seja como as mulheres não somente se inscrevem, mas escrevem, falam pelo corpo. Rapazes e moças buscam fama e poder, mas se formatam de forma diferente. O corpo construído pelos homens continua em armas, drogas, projetam-se em vio-

lências. Elas estimam tais símbolos, mas se usam jogando sexo, barriga, formas, territorializando violências em si também. Trocam de sinais os signos impostos socialmente para o feminino, o que era considerado como mulher objeto, pela sedução-fragilidade, por essas jovens é mulher sujeito, mesmo que tão estereotipada quanto: é sedução-poder.

Esta seção dedicou-se a explorar, no universo das gangues, a comunicação pela Internet, partindo de considerações teóricas sobre suas diversas facetas e sobre os principais meios virtuais utilizados pelos gangueiros, antes de proceder a uma breve topografia das imagens por eles exibidas na internet. A internet aparece, pois, como derradeira atividade gangueira a ser estudada, antes de se proceder à análise das principais instituições que envolvem a gangue, quais sejam: a polícia, a família e a escola.

3. INSTITUIÇÕES DE REFERÊNCIA, NO PÚBLICO E NO PRIVADO

Algumas instituições se destacam muitas vezes sem estímulo direto por parte dos pesquisadores, nos relatos dos jovens sobre suas vidas, como a família, a escola e a polícia. São instituições também comumente citadas nas notícias veiculadas pela mídia como relacionadas ao ser das gangues (em particular, a família e a escola). Aparentemente, para o senso comum, são essas as instituições mais preponderantes nas vidas dos jovens, e portanto, as que mais teriam condições de contenção e reorientação.

O propósito deste capítulo é analisar as três instituições sociais mais presentes nas falas dos entrevistados, a partir de seus discursos e de diversos aportes teóricos. Neste sentido, discorrer sobre as relações familiares, as conexões entre gangues e escolas e as interações entre aquelas e a polícia torna-se necessário no escopo do esforço por compreender o universo desses jovens homens e mulheres.

De fato a família é uma importante instituição para os jovens, e não somente para os que circulam em gangues, como vem provando ampla literatura sobre juventude (SARTI, 2000; SINGLY, 2007; KEHL, 2004, entre outros). Neste capítulo, diversas dimensões sobre família serão abordadas. Os jovens frisam os sentidos de seus estilos de vida para os pais, especialmente as mães. As estratégias de negociação mútuas combinam-se a preocupações e reflexões dos sujeitos sobre seus efeitos. Os jovens extrapolam o âmbito da consanguinidade e referem-se às gangues como suas famílias de rua, o que permite certo paralelismo e trânsitos entre o público e o privado.

A escola é lugar de aprendizagem e socialização, independentemente da participação em gangues. Sendo instituição social obrigatória, marcas ficam e marcas são deixadas. A escola aparece no discurso dos jovens em gangues muito menos como local de aprendizagem, ainda que seja lá que aprendam as primeiras letras de pichação, e mais como lugar em que são atores, em que ditam regras, que aparecem, transformando. Então a escola é palco e lugar para criar platéias, encenando espetáculos que muitas vezes derivam em violências. Não é um espaço de escuta, o que tende a influenciar na conformação das culturas juvenis que se apresentam de forma antagônica ao paradigma escolar. Conflitos, brigas, desavenças, tanto entre estudantes como entre esses e diretores e professores estariam indicando a falta de receptividade desse espaço para com a diversidade de jovens.

As relações entre gangues e polícia não estão, teoricamente, apenas conectadas à punição, no ideário da reforma, mas também envolvem esta última como instrumento de possível agência da lei a impor limites e contribuir para reorientações de

vidas. Não é isso, porém, o que se percebe nos vários testemunhos dos pesquisados sobre relação gangues e polícia. Menos o aspecto de punição e mais o de abuso de poder e até de tortura é o que denunciam jovens em gangues. Ressalta-se a conduta contra lei de vários de seus agentes, forjando flagrantes, xingando, pintando cidadãos, vendendo armas e assediando as jovens, entre outros abusos e arbitrariedades.

De comum nos relatos sobre circulação no privado e no público, nas relações familiares, com a escola e com a lei, o vazio de referências institucionais de respeito. Os pais são amados, mas não necessariamente escutados; a escola é importante, mas não ensina e a lei que lhes chega pela polícia não funciona quer de forma preventiva quer de forma punitiva justa, de acordo com normas civilizatórias. Não ao azar, os modelos de referência são os amigos, a família de rua, a gangue.

Neste sentido, a primeira seção deste capítulo discorrerá sobre a importância da família no cotidiano dos pesquisados, analisando as relações entre os integrantes de gangue e seus pais, permeada pela opinião dos últimos sobre a *gangueragem*. Também serão analisadas as dinâmicas que se instauram quando os *gangueros* constroem novas famílias, e a caracterização das gangues como famílias de rua.

A segunda parte, por sua vez, investigará as interrelações entre escolas e gangues, versando sobre os motivos pelos quais os *gangueros* frequentam estes estabelecimentos, as ligações entre a fama e a existência de gangues e integrantes de gangues nas escolas e as brigas, entre outras violências que tomam parte nestes locais.

Finalmente, a última seção tratará das visões dos *gangueros* sobre a polícia. A partir de diversos relatos sobre os momentos de interação entre esses dois grupos, foram avaliadas as relações entre *gangueros* e polícia, as opiniões sobre conduta policial e as interações entre pichação e polícia.

3.1 A família

A família figura entre uma das mais importantes instâncias de sociabilidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos. O objetivo deste capítulo é analisar as relações entre os sujeitos pesquisados e suas famílias, discorrendo sobre as opiniões e reações daquelas segunda às gangues, além de tratar da categorização de gangue, pelos pesquisados, como família de rua.

A maioria dos jovens em gangues vive com suas famílias, comumente constituída por mãe e irmãos, em alguns casos com a presença de um pai ou padrasto, ou por avós. Alguns poucos já constituíram nova família, referindo-se a este fato como responsável por sua saída da *gangueragem*.

Não se observou associação entre tipo de família e vida em gangue ou envolvimento em contravenções. Isso vem questionar a comum culpabilização das famílias

pelas transgressões cometidas pelos jovens, estigmatizando-as como “desestruturadas”, ainda que se registrem alguns casos de envolvimento dos pais com drogas e com o crime.

A maioria dos testemunhos indicam que os familiares sofrem e rejeitam o tipo de vida dos filhos, sentindo-se, frequentemente, impotentes para intervir nas histórias dos jovens. Neste âmbito, tendem a se resignar com o papel de cuidar dos filhos quando suas escolhas conduzem a consequências negativas, como acidentes ou detenções.

Os destaques dados a seguir ao verbo dos *gangueiros* sobre suas relações com a família, seu apreço e crítica, advertem sobre a humanidade desses jovens e sobre a contribuição da família como símbolo e referência para tal humanidade.

3.1.1 Relações com os pais

As relações com a família são muitas vezes condicionadas pela ambiência de pobreza. Apesar de presentes desde a infância, muitos destes condicionamentos só são compreendidos em etapa de maturidade, como indica um jovem de 25 anos de uma das gangues abordadas. Esta compreensão pode resultar na recomposição do vínculo afetivo, importância de ter *quem confiar e que acredite na gente*.

H - Quando eu tinha um ano de idade minha mãe me deu pra minha tia, fui só entender isso quando eu tinha uns sete ou nove. E era quando eu estava começando a ficar revoltado porque minha mãe tinha me dado. Ai com uma idadezinha maior, doze anos, fui saber o porque. Porque minha mãe não tinha condições, aí ela deixou eu ir mora com minha tia para não passar fome. Quando minha mãe fez isso à pessoa que ela mais ama nessa vida, eu perdoei ela de boa. Hoje minha mãe é uma pessoa que eu colocava na frente de tudo nesse mundo. P - Você sempre teve contato com ela? H - Sempre tive contato com ela, morei dois anos com ela. Hoje, moro sozinho, pago meu próprio aluguel, trabalho muito e ajudo ela, com três irmãos. (Grupo focal, masculino)

Pode-se nota-se que, para alguns dos entrevistados, a revolta parece derivar da incompreensão, especialmente no âmbito familiar. Atitudes inicialmente consideradas erradas podem se tornar compreensíveis e até mesmo louváveis quando justificadas. Incompreensões mútuas transformam-se em desentendimentos e sensações de não pertencimento: *a minha mãe não me entende. Também, ela não me ouve!* Escutar e ser escutado parecem ser umas das maiores reivindicações destes indivíduos, nos diversas esferas em que se inserem. Ainda que hajam casos de pobreza e necessidades,

raros são os acontecimentos de envolvimento dos pais com o tráfico ou atividades criminosas. O relato seguinte de uma menina é único:

A mãe de X [nome de outra menina em gangue] libera que os meninos vai pra lá. Agora que ela se separou e que o pai das meninas foi embora, ela está passando por necessidade, ela guarda drogas dos meninos na casa dela, deixa os meninos ficar lá para comprar coisas para eles comer, ela faz um monte de coisas..Ela está sobrevivendo disso. Aí os meninos dá R\$ 50,00 por semana para ela guardar as coisas na casa dela, mas também ela está pensando nas filhas dela, porque tem duas meninas pequenininhas. (Grupo focal, feminino)

Em pesquisas sobre juventude é comum se destacar o lugar dado para a família entre os jovens, geralmente tida como a instituição que mais se confia, em que pessem divergências quanto a orientações e conflitos (ver entre outros ABRAMOVAY e CASTRO, 2006). De fato, a maioria dos entrevistados destacam seus vínculos com a família: *minha mãe e a minha avó são as pessoas mais maravilhosas que eu tenho nesse mundo*. A afetividade em relação à família, personificada nas figuras da mãe e da avó, é bastante sublinhada por esses sujeitos: *polícia não me abala, droga não me abala, a única coisa que me abala é minha mãe*.

Os jovens reconhecem que suas vivências em gangues trazem preocupação para a família: *é bom ficar na rua porque tem frevo, amigos, mas também tem a outra metade que é a parte ruim, que é o desgosto da mãe, que a minha mãe pra mim é tudo*. Há inclusive os que admitem que o sofrimento dos pais por sua vida em galeras lhes amarga a existência. Muitos destes são aqueles que caracterizam uma vida que envolve drogas, roubos, brigas e riscos como um vício, o que independeria de suas vontades:

A cara, o rosto [dos jovens em galeras] é diferente. Você não vai ver a gente rindo toda hora, a maioria do tempo é neguinho com a cara fechada, não tem graça da vida. Não está entrando do jeito que a mãe quer ser ajudada. Não só negócio de dinheiro, na alegria mesmo, porque normalmente a mãe não quer dinheiro, a mãe quer a alegria do filho. Muitos daqui não dá. Eu mesmo sou um que só fiz mandada. (Grupo focal, masculino)

O sofrimento da família, longe de ser recebido com indiferença, parece ser motivo de culpa, apesar de não ser necessariamente visto como sendo de reponsabilidade própria, mas sim atribuído à agência maior sobre a qual se tem poder reduzido. Virtualmente, no entanto, o sofrimento materno seria suficiente para deixar a vida nas gangues, já que frequentemente os atores referem-se a casos de pessoas que abandonaram as gangues por este motivo.

3.1.2 Reações parentais à *gangueragem* dos filhos

São varias as estratégias de mães, pais e filhos para a convivência com o estilo de vida destes. Há jovens que temem a reação dos pais, principalmente pelo sofrimento dado a esses, como ilustra uma menina sobre a preocupação dela com a mãe ao ser presa:

Um dia que eu fui pra DCA [Delegacia da Criança e do Adolescente]. Me pegaram que eu tinha roubado e pichado. Aí minha mãe foi lá, me tirou e eu fui pra casa, fiquei com medo. Medo da minha mãe, não era medo, era medo de dar desgosto pra ela. Porque da polícia não tenho medo porque eu sou de menor. E também dos cabrito (membro da gangue rival) que tinha lá dentro. (Grupo focal, feminino)

Muitos, principalmente as jovens, tratam de esconder dos parentes com quem convivem, suas andanças e hábitos. Segundo uma garota, *minha mãe não libera não [sair para pichar], mas a gente sai escondido, dá o perdido.*

A. representa uma típica menina de gangue. Não trabalha, só estuda, vive com a mãe, que trabalha em ocupação de serviços no setor formal. A. também consegue, com suas *virações*, algum dinheiro, mas é basicamente sustentada pela mãe que não sabe que ela continua relacionada a gangues. Há algum tempo, quando soube de seu pertencimento a organizações desta espécie, sua mãe pediu para que ela saísse da gangue e ela disse à mãe que tinha deixado de sair com pichadores. Da entrevista com A:

M - Para ela [a mãe], eu já parei. Para ela eu nem ando por aqui.

Ent - Para ela você anda onde? Quando você chegar em casa você fala que está vindo de onde?

M - Do Shopping.

(Entrevista, mulher)

Manter este segredo, porém, não é considerado tarefa fácil pela maioria dos pesquisados. Em seus discursos, as mães aparecem como detentoras da habilidade de mapear as intenções de seus filhos, intuindo se eles estão fazendo algo reprovável: *minha mãe, só de olhar para a minha cara, sabe que eu estou mentindo.* A utilização de meios de comunicação, especialmente da internet, também dificultaria a manutenção do segredo: *a minha mãe sabe porque ela descobriu pelo Orkut. Ela viu e mandou eu sair, eu falei que já sai faz tempo.* Eles também afirmam que as mães conseguem reconhecer sua corporalidade sob qualquer disfarce:

Você viu aquela reportagem lá, que o rosto está desfigurado com uma tarja, ela bateu o olho, minha mãe falou: é tu! - Que eu, mãe, como você sabe? É você O

detalhe da boca, o olho. – Mãe, eu não estou vendo nem olho, nem boca nesse negócio aí. É você, eu sei que é! Você sabe como é mãe, reconhece mesmo, reconhece, não tem como esconder não. (Grupo focal misto, masculino)

A revelação da participação em gangues nem sempre é explícita. Por vezes, segundo os entrevistados, as mães sabem de suas atividades, mas escolhem não discuti-las. Por outras, fingem não saber, por reconhecer de antemão sua impotência diante do fato:

H - Mas eu boto fé que a mãe nunca acredita, ela finge que acredita pra mim. O que ela quer descobrir de mim ela descobre. Eu achava que ela nunca ia descobrir essas coisas minhas aí, mas ela descobriu algumas coisas aí. Mas eu boto fé que mãe e pai sempre sabe.

Ent - E por que ela finge que não sabe?

H - Pra não ter desgosto. Tipo, minha mãe sabia que eu fazia tudo, né, droga... Mas meu pai não, meu pai ficou sabendo que eu falei pra ele. No dia que eu briguei com ele e saí fora de casa. (Grupo focal misto)

Há jovens que recorrem a meia mentiras, quando as amigas colaboram na camuflagem sobre o que estariam fazendo. Normalmente, dizem que vão passar a noite fora, mas não dizem fazendo o quê. Nesses casos os pais são considerados *liberais*. Outros pais, principalmente as mães, por se considerarem impotentes, não tentam proibir os filhos, sendo vistas por esses como *liberais* e assim conseguindo exercer uma vigilância indireta. Veja o depoimento abaixo:

Ela acha que é melhor saber, pois se acontecer alguma coisa ela já vai estar ciente, pois se os canas pega nós e eu rodo, pelo menos ela já sabe, né? Ah, foi por isso, aí não vai ser um pânico maior para ela. Ela sabe. Ela não gosta, mas também ela não proíbe, porque se ela proibir vai ser pior... Se ela não deixar, eu vou sair sem ela deixar. Vou sair escondido. Porque é assim, quando a mãe não deixa, os filhos fazem escondido. Ela acha melhor ser liberal, deixa eu fazer as coisas que eu quero. Deixa eu sair, voltar a hora que eu quiser. Se eu sair, avisando que estou indo e voltando e ligando se eu não for voltar, já tá bom. (Grupo focal, feminino)

A repressão direta aparece, nas falas dos *gangueiros*, como pior estratégia para tirar os filhos deste mundo. Ela estaria relacionada à falta de diálogo e ao totalitarismo, e estaria quase fadada a resultar na vontade do jovem de reafirmar sua autonomia.

Fazer referências de forma afetiva e com respeito aos pais, principalmente à mãe, não identifica propriamente obediência a estes. Ao contrário, o recorrente é declarar que pais e parentes com quem vivem não apóiam o envolvimento dos jovens em gangues. Sofrem e se preocupam com tal tipo de vida, mas não têm como

impor autoridade. Alguns ressaltam que os pais não têm muita opção e que punições como bater ou castigo não resolveriam

M1 - Minha mãe sabe [que ela participa de gangues e comete roubos]. Minha mãe não gosta não. Minha mãe chora. É igual à dela, elas duas sofrem demais, mas o que a gente pode fazer?

Ent - Sofre, mas dá apoio?

M1 - Não, ela não dá apoio. Ela simplesmente fala. Ela pode fazer o quê?

Ent - Ela não te bate?

M1 - Não. Ela não me bate. Ela é normal. Eu nunca apanhei.

M2 - Apanhar é pior, às vezes o filho faz é se revoltar. A mãe bate, aí as vezes ele até acostuma. Vou apanhar de qualquer jeito... (Grupo focal, feminino)

Vários pais só se apercebem que os filhos estão envolvidos com atividades de gangue que podem significar riscos em estágio avançado do processo. O depoimento seguinte mostra um tipo de reação da mãe, que busca se aproximar dos amigos dos filhos e assim acompanhar mais de perto o que o seu filho faz:

[No início] era mais de boa, porque ela pensava que era um negócio bem mais tranquilo. Eu mostrava era as letras para minha mãe; eu falava: Ei mãe, esse L aqui é legal? Esse N aqui é legal? Ela falava: - É, esse L aqui é legal, sei o que lá, esse aqui não parece muito não. Aí eu: não, de boa, então eu vou botar o outro e tal. Ela era tranquila. Aí depois que começou a pesar muito o bagulho, entendeu? Quando ela viu que estavam meio feias as coisas, polícia, gangue, tudo envolvido, aí ela não gostou, começou a gostar muito não. Aí ela ficou meio insegura, aí ela ficou meio assim. Aí quando ela descobriu que neguinho puxava o bonde mesmo... Ela pensava que era coisa passageira, coisa de moleque. Quando ela foi ver a situação mesmo, que os policiais estavam indo lá em casa: - Cadê teu filho? Por que? Ele é líder de gangue, isso, isso e aquilo outro. Ela: 'Não, o meu filho não é não! Ah, não é não? Blábláblá, mostra uns negócios pra ela lá Ah, meu Deus do Céu, é mesmo! Aí ficou doidinha. Ela tipo me pedia pra ficar na moral, pra não ficar se envolvendo muito. (Grupo focal, masculino)

Apesar de a quase totalidade das mães dos entrevistados não aprovar sua participação em gangues, as reações e comportamentos destas para lidar com a situação não são homogêneos. Enquanto algumas esforçam-se em estabelecer um diálogo para dissuadir seus filhos desta vida, outras empenham-se em reprimir diretamente todas as ações que possam conectá-los com este universo. Segundo afirmam entrevistados:

H2 - Ela era tão gente boa que conversava até com a gente. Ela conhece, ela sabe tudo da nossa vida, a mãe dele, pô.

H1 - Ela tem o conhecimento. Dava conselho.

H2 - Ela tava ligada das coisas tudo. Ela é uma mulher inteligente, não é uma

mulher perdida. Ela não quer o mal dos filhos, ela já quer tirar do mal, entendeu? Ela fala só aquela coisa: - Não, pra que vocês entraram nisso? Vocês já estão mais velhos, deixa essas coisas pra esses meninos, esses meninos tinham que acabar com essas coisas; não sei porque essas coisas ainda existem?

P – Você escuta? Como é que é quando a sua mãe fala?

H1 – Ô, neguinho baixa a crista é lógico, vai desrespeitar a mãe do cara? (Grupo focal, masculino)

Por vezes, a falta de diálogo ou de referências compartilhadas por ambas as gerações ocasiona, nos pais, a sensação de que a repressão é o único modo de tirar seus filhos da situação:

Se deixar ela te quebra no meio da rua. Não é mentira não, a mãe dela é daquelas, tipo, se ela souber de uma parada, ela vai lá na delega e aponta neguinho. Ela caguetá; Ah, aquele X [nome dele] lá é Y [apelido dele de gangue] e ele mora em tal canto, e fica mal para a filha dela, tá ligado? (Grupo focal, masculino)

Há casos em que o pai e a mãe reagem de forma singular. No caso seguinte, o pai sabe e se conforma com a vida da filha, inclusive considerando que são tantos os riscos, que o estar em gangue, para a filha, seria menos negativo que uma gravidez.

Mas o meu pai, ele me prefere na rua do que com namorado. Ele fala assim: A rua não vai acabar com a tua vida, te engravidando, fazendo você perder seu tempo. Eu acho que é porque ele fica com medo de eu me iludir demais com a pessoa e, um dia, eu acabar sofrendo muito, acabar com um filho, nas costas, sem ninguém. Meu pai fala: 'As suas amigas não vão te engravidar'. Mas o meu pai ele é meio assim, sabe, ele é meio nervoso, porque ele era do exército e tal, então ele era bem nervoso; aí, depois, foi passando o tempo e ele foi ficando mais de boa. Eu conto assim, de tudo, pra ele: Ah, pai, eu estou com a arma de um moleque ali, eu posso guardar aí? Ele fala: Não, não, aqui não, dá um jeito, não deixa isso aqui não, porque, já pensou se acontece alguma coisa? Ele fica todo preocupadinho, sabe? Eu falo: Então tá, pai. Tudo bem! Meu pai é engraçado, ele é gente boa. (Entrevista em grupo, feminino)

Já para a mãe, a menina prefere enganar para não preocupá-la. Nota-se também no discurso da jovem uma sugestão que se encontra em outros depoimentos, qual seja, a mudança de muitos pais em relação ao comportamento dos filhos indicando um processo de não aceitação, de convivência menos conflitiva.

Não. Hoje em dia, ela não me procura mais não. Antigamente, se eu saísse do portão pra fora, a minha mãe ia atrás. Só que assim, nunca adiantou; e, eu... eu, antigamente, pensava que a minha mãe era chata, que a minha mãe só me atrapa-

lhava, que minha mãe isso e aquilo. Hoje, eu vejo que ela se preocupa realmente comigo, com o meu bem. Ela quer que eu trabalhe, que eu estude, que eu me dê bem na vida. Hoje em dia, eu aviso aonde eu vou: Mãe, vou ali, amanhã eu volto, vou dormir na casa de uma amiga minha. Tá certo que eu não vou ali, pra casa de uma amiga minha, só, e, amanhã eu volto. Eu vou sair, vou curtir, vou ver quem não presta, vou pra boate de quem não presta. Mas assim, amanhã, ela já vai dormir mais calma, pensando assim: Ah, ela vai dormir na casa de uma amiga e, amanhã, ela está de volta; realmente, amanhã, eu vou estar de volta, mas eu não vou ter ficado na casa de uma amiga minha, exatamente dormindo; pelo menos pra acalmar ela, porque eu já dei muito trabalho pra minha mãe, dela ter que ir me buscar em delegacia. Nossa Senhora, já dei trabalho demais. (Entrevista em grupo, feminino)

De fato não são muitos os casos em que a família convive sem reclamar com o tipo de vida das filhas. Há, no entanto, diferentes estratégias nas relações entre mães e filhas para lidar com a vida em gangues das meninas. Elas fazem parte de um processo, no qual muitas vezes as jovens vencem por cansaço ou porque as mães não vêem outra saída senão se acomodar ao modo de ser ou estar das filhas:

Da primeira vez você sente assim, se minha mãe descobrir isso ela vai me matar. Vou ser presa ela não vai me visitar e eu to lascada. Aí depois você faz a primeira vez, gostou e já era. Dinheiro fácil. Minha mãe pergunta onde você arrumou esse dinheiro, eu falo mãe, é que tinha uma menina que tava me devendo ali e me pagou, mas ela fala toma cuidado que se a polícia te pegar você tá lascada, que eu não vou te visitar não. Ela desconfia que eu roubo né. (Grupo focal, feminino)

Algumas mães que se “acomodam” ao fato das filhas estarem em gangues e assumem a estratégia de vigilância consentida e negociada para sua proteção, para poderem lhes ajudar, principalmente em caso de prisão ou acidentes, abdicando da repressão ou imposição da autoridade também pelos limites de uma proibição.

As estratégias de relações dos pais para lidar com a vida dos filhos impõe rotinas de cotidianidade que muitas vezes implicam uma dupla vida: uma na escola e na família e outra na rua - ou acomodações entre formas de viver a vida no privado e no público, durante o dia e durante a noite. Segundo uma menina: *o meu dia é normal, minha noite é que não é muito normal*. Transita-se entre o legal e o ilegal, geralmente com perdas para a vida no privado - inclusive o estudar, o dormir, interagir com os familiares e ajudar nas atividades de casa. Mas não há um só modelo em tais combinações:

M1 - Volto da escola, vou para casa rapidinho e falo: mãe, vou ali e volto só a noite.

M2 - Eu fico em casa de manhã, de tarde vou para a escola e de noite para a rua.

M3 - Eu de manhã fico em casa arrumando a casa, de tarde para a escola e de

noite vou para a rua.

M1 - Minha mãe acho que até sabe, mas finge que não vê.

M2 - Desconfia porque a gente chega com dinheiro.

M3 - É como se nós tivéssemos duas famílias, duas vidas.

M4 - Acordo por volta das onze, vou pro computador, tomo café, saio pra dar um “rolé”, dez horas eu estou em casa.

M4 - É “massa”, lá na escola todo mundo sabe o que eu sou, mas agente não mistura muito. Eles sabem por causa das letras olha meu caderno, minha mochila, que esta até suja aqui atrás. (Grupo focal, misto)

Não há indícios sólidos de que a aparente ou real aceitação das mães à vida pública das filhas envolvidas em gangues seja por indiferença ou desleixo, mas sim por certo sentido de impotência associado à intenção de exercício de alguma proteção. O caso de R. é emblemático. R. está grávida e a mãe, que antes tinha que conviver com a rotina da filha, agora passa a impor maior autoridade, para melhor proteção da filha e pela condição de grávida, o que é mais aceito pela filha, ainda que sob protesto, isso sugere também consciência de sua maior vulnerabilidade e necessidade de proteção:

Ent - Como vai a sua gravidez?

M - Está indo. Eu só fico em casa agora, não aguento mais. Vejo todo mundo saindo, fazendo altas coisas e eu só em casa. Não saio porque minha mãe não deixa. Ela fica me torrando o dia todinho. O telefone toca e ela fica: Quem é? quem é? Ai no outro dia ligou o pessoal, aí ela atendeu o telefone e disse: a Rosa está dormindo, vai e desliga. Às vezes eu estou no banheiro, só escuto o portão batendo, ai eu vejo todo mundo saindo ai eu vou dormir.

Ent - Mas antes também ela falava coisas para você e você fazia o que queria. Como é que é agora?

M - Ah, mas agora por causa da neném. Ela fala: ah, você vai sentir fome e ninguém vai pagar lanche para tu; você vai querer ir no banheiro, ninguém vai te acompanhar você vai lá sozinha, ficar ai saindo e se tu cair, não sei o quê, se alguém te machucar, se os canas te bater, não sei o quê. Fica só torrando e eu fico cansada de ouvir ela falar que eu pego e vou dormir mesmo. Ante ontem, eu aprontei mesmo, eu tomei 3 remédios para dormir, só para não escutar a voz dela, ai eu pá, dormi. (Grupo focal, feminino)

Também entre os rapazes há os que escondem dos pais sua vida na gangue, reproduzindo a divisão casa x rua:

H1 - Minha mãe não sabe não, ela só vem pra cá dia de sábado. Antigamente, eu fazia reunião quando tava meu irmão e minha irmã e eles nem sabiam o que era, nem imaginavam. São de boa todo mundo aí de casa, de vez em quando eu faço umas bagunça aí com meu irmão e tudo, até minha mãe de vez em quando é de boa. Só que ela nem imagina, vem pichador de fora dormir aqui em casa, altas ve-

zes no final de semana que eu ligo e aí eles vem, e ela não sabe que são pichadores.
H2 - Para minha mãe, até hoje, eu sou santinho na frente dela e sangue bom. Nas costas dela ,é drogas, armas e tudo. (Grupo focal masculino)

No caso dos rapazes, há mais imposição, por parte deles, de um estilo de vida quer aos pais quer à família constituída, sem muitas sutilezas ou negociação. Se os testemunhos anteriores, de meninas, indicam que as mães não sabem ou se omitem porque desconfiam e se sabem são impotentes para mudarem rumos da vida das filhas, no caso dos rapazes, muitos homens nem tentam esconder de seus pais seu envolvimento com gangues, justificando-o como uma situação de irreversibilidade, com um certo fatalismo;

H1- Minha mãe sabe. Eu me sinto meio constrangido, mas sei lá. Já está dentro, agora é tarde para correr. O que ela pode fazer se é o mundo que eu quero viver?

H2 - Todos os dias na hora de deitar ela toma remédio, ela ora quando estou na rua pra voltar pra casa. O negócio é que a gente não alisa ninguém, nós somos os primeiros a entrar na briga. Não queremos saber se apanhamos.

H1- Que nem eu falo pra minha mãe: se o cara quiser me bater, se vier na mão eu vou logo meter um tiro na cara. Para o cara nem triscar o dedo em mim, nem de macho eu gosto.

Ent - E você se dá bem com a sua mãe?

H1- Me dou muito bem. (Grupo focal, masculino)

Apesar de ambos os discursos, tanto o masculino quanto o feminino, enfatizam a impotência da mãe para impedir a *gangueragem*, os homens parecem fazê-lo de uma maneira mais assertiva e autoritária. A afirmação de suas identidades e masculinidades está acima do desejo da mãe.

O sofrimento e angústia dos pais e das mães cujos filhos estão envolvidos em gangues que se enfrentam em guerras e envolvem-se em brigas, armas, roubos e drogas são muito pouco retratados no noticiário, que comumente culpabiliza a família pela vida dos filhos sem refletir sobre os limites desta. Aos familiares, principalmente no caso dos filhos, resta o artifício, como a avó da citação a seguir, de compactuar com a esquizofrenia de dividir espaços negando a existência da pessoa *ganqueira*, que atende por seu apelido, em oposição ao neto, que atende pelo nome:

Minha avó já sabe do meu movimento no meio da rua. Os moleques já sabem que se me chamarem pelo meu apelido de Z [apelido] ela diz: Não tem nenhum fulano aqui não, não mora nenhum fulano aqui não. A minha casa quando não era pintada era toda pinchada meu quarto é todo riscado de jet. (Grupo focal, masculino)

A autonomia dos jovens é ampla quanto à circulação pelo público, o que se respalda na impotência dos familiares para impor limites nesse espaço, quando mais forte é a *família da rua*, como o pessoal de gangue se refere carinhosamente à seu grupo. Mas os jovens se apóiam na *família de casa*, outro comum vocabulário de sentido próprio. Sentem-se dependentes afetivamente e se precisam de ajuda em caso de prisão ou acidente costumam recorrer à família: *com minha mãe é jogo aberto ela sabe já foi na Promotoria comigo, negócio de pichação, em delegacia, em escola*. A família é também uma das principais fontes de sustentabilidade, mesmo quando se conhece o envolvimento dos filhos em atividade não aprovada, como as gangues:

Ent - Como vocês conseguem dinheiro?

M1 e M2 – mãe e pai

M1 – Eu recebo mesada do meu pai

M2 – Eu tenho dinheiro no banco que minha avó deixou pra mim, aí quando eu preciso eu vou lá e pego

M1 – Quando ela [a mãe] não me dá, eu fico fazendo drama, ‘a senhora não gosta de mim’, aí ela me dá

M3 – Eu não tenho nem mamãe e nem papai pra me dar

Ent – Como você faz?

M3 – tenho que trabalhar

Ent – Você está trabalhando?

M3 – De vez em quando. (Grupo focal, feminino)

A dependência financeira não acarreta, absolutamente, em obediência aos pais, ou mesmo em uma escuta mais cuidadosa de suas opiniões e conselhos. Como afirma um entrevistado de 25 anos:

Ent - Como você vive? Quem te dar dinheiro? Você rouba?H: Não faço isso não, minha mãe que me sustenta até hoje. Até hoje e eu tenho a pensão do meu pai que é finado.

Ent - E ela sabe que você é de gangue?

H - Sabe, até hoje xaropa no meu ouvido. Ela sabe que desde pequenininho eu já mexia com isso daí. Quando ela vê lata lá em casa, eu falo que parei, mas aqui ou ali ela vê umas pichação no caderno, umas lata de *spray* e ela começam a me torrar, porque a maioria dos meus amigos que morreu ela conheceu. Ea sabe quando eu entrei, que logo que eu entrei nesse negócio de gangueragem já me esparguei, fui preso pichando. (Grupo focal, misto)

Os jovens em gangues relatam histórias variadas sobre vida familiar, não necessariamente sugerindo reproduções intergeracionais da “delinquência” ou a predominância do que se costuma ideologicamente chamar de “famílias desestruturadas”. São muitos os casos de famílias recompostas, integradas por mães, padrastos

e outros parentes. Alguns entrevistados relatam violência familiar, referindo-se quase sempre à sua agência dentro das contendas: reagem contra injustiças, protegem suas mães, revoltam-se ou saem de casa. Ao estímulo dos pesquisadores para que ela falasse um pouco dela, uma jovem prontamente se referiu aos pais, o que já indica como a família é uma referência importante em sua vida:

Resumindo, eu moro com a minha avó desde pequena, porque quando eu nasci minha irmã tinha 11 meses, aí minha mãe não teve condições de me criar e ia me dar, aí minha avó pegou e me criou. Com 9 anos eu perdi meu pai, por causa de droga, ele usava cocaína aí deu a maior insuficiência respiratória, parada cardíaca, morreu e eu tinha 9 anos. Depois disso minha mãe ficou doída, casou com um cara lá que vive batendo nela, inclusive no dia que eu perdi o neném foi ele que me empurrou, entendeu? Ele estava batendo nela e eu fui entrar no meio, ele me empurrou e eu caí sentada. (Entrevista, feminina)

Como já anteriormente analisado, a maioria dos jovens indica a mãe como a figura de referência, ou a avó, dado que sugerem a convivência em família, monoparental ou recomposta. Em alguns poucos casos se reproduz o estereotipo de atribuir ao tipo de família, o fato de *aprontar*. *Eu não tenho pai, tá ligado? A maioria das vezes o cara que apronta é que não tem pai, tá ligado?* A história de vida de um outro rapaz que declara ter se iniciado em crimes aos sete anos, também vai se encontrar no mesmo diapasão:

H - O negócio também não é só traficar ou matar os outros, é crescer revoltado com pai e mãe. Meu pai se matou quando eu tinha sete anos. Já daí mesmo veio minha vida louca, com sete anos já passei a roubar.

Ent - Como e que é? Fala mais da família aí, você mora com sua mãe?

H - Moro com minha mãe, um padrasto meu, minha irmã e meu sobrinho.

Ent - Você tem um bom relacionamento com eles?

H - Tenho, até tenho, mas não é a mesma coisa que a mãe sente pelo filho. Perdi um pai com sete anos de idade, um pai que você gosta muito você fica, aí tua mãe vai e arruma um cara que você não gosta, eu vou é matar ele. É rebeldia moço.

Ent - O que elas acham desse negócio de gangues?

H - Minha mãe é mais revoltada, minha mãe fica doída. Todo dia na hora de chegar tem que ouvir alguma coisa, pior que é a mesma coisa. Minha mãe é boa mas ela nunca me deu o que eu quis, tá ligado? Mas pra minha irmã ela já dava tudo. Foi mais um motivo d'eu virá vida louca. Eu mesmo queria roubar pra conseguir minhas coisas, pra qualquer coisa ela querer controlar, até é a hora que a mãe vai conhecendo os erros também. Não é só o filho que erra, mãe tem hora que dá uns erro. (Grupo focal, masculino)

Alguns são críticos dos pais e os culpam pelo envolvimento com gangues e vida de crimes, associando o tipo de vida que levam a conflitos familiares. Veja:

M1 - Na maioria das vezes é por causa da família sim. Também tem gente que procura a maioria das vezes, neguinho entra em gangue por causa da família sim. Conflito dentro de casa, pais que não ligam. Porque dá revolta. A maioria das pessoas aqui tá com revolta. A mãe não dá atenção aí já vai dando revolta. E a mãe fica sabendo que você só fez uma coisinha assim já desiste de você, e fala você faz o que você quiser, a vida é sua. Aí você precisa do dela e ela nem faz questão mais, tudo gera revolta. Quanto mais tu tem desgosto mais parece que o filho faz coisa errada.

M2 - Se você não tem uma relação boa com a família, você não vai ter responsabilidade pela vida. Oxi, eu não quero nem saber, quero usar maconha, quero fumar, quero cheirar, e não tô nem aí. Hoje ela [a mãe] não quer saber mais nada, se eu estudo, se eu trabalho. Ela não deixa eu sair com meus irmãos, ela não deixa eu conversar com eles. Eu sou indigente dentro de casa. (Grupo focal, feminino)

Se os pais suportam a *gangueragem* dos filhos, principalmente as mães, este não é o caso dos irmãos, que quando não fazem parte também de galeras costumam rejeitar os que estão nesta vida: *tenho seis irmãos, e o único que fala comigo é o fulano.*

Os depoimentos anteriores indicam conflitos familiares pelo estilo de vida dos filhos. A saída de alguns pais por impor limites seria a repressão ou impor restrições, o que pode provocar a busca por fugas: *a gente já até fugiu de casa pra casa de amiga, passou 3,4 dias.* Outra garota que também optou por fugir de casa reconhece que as mães querem o melhor para os seus filhos, ou seja, que os conflitos não necessariamente se dão por desatenção dessas: *a mãe fala 'vai fugir de casa pra quê? Você não vai ter o que você tem dentro da minha casa na rua. Mãe faz as coisas querendo o bem do filho, mas muitos filhos não escutam isso.* E há conflitos que se dão pela falta de condições da família de sustentar os gastos dos filhos, recorrendo esses a roubos, como no caso de uma menina que assim se justifica: *a gente precisa de tudo, se nossa mãe não liga pra gente, a gente tem que se virar pra comprar uma roupa, um creme, um desodorante.*

Vários dos jovens entrevistados de ambos os sexos avaliam como negativo o seu comportamento, justificando assim os conflitos familiares: *a mãe tinha confiança, mas a confiança na gente acabou.* Outra menina reconhece que não há como estar bem com a família: *a gente não está bem com a família a gente só quer saber de ficar na rua, fumando maconha.* Na maioria dos casos, mais que relações amistosas, há persistência das mães por mudar os filhos, intensificando os momentos de brigas ou uma postura de *deixar para lá, ela já nem me liga.* Já a reação das filhas é lamentar, mas continuar com seu estilo de vida. Segundo uma menina: *eu não me arrependo não porque minha mãe ainda não brigou comigo. Já aconteceu de eu fazer alguma coisa e eu chegar perto dela e ela*

ficar de cara fechada só que ela continua sendo a mesma pessoa. Há outras entrevistadas que se arrependem, especialmente pelo sofrimento impingido à mãe:

Eu me arrependo de muita coisa e estou até querendo mudar. Estou estudando, chegando cedo. Que nem ela [outra menina no Grupo focal] falou: que a mãe parou de conversar com ela por causa da vida que ela leva. Já fiz minha mãe passar por cada coisa... Ir me buscar em delegacia, ir me pegar no hospital quando eu tomei uma facada. Acho que ela até mudou comigo por causa disso. Acho que mãe nenhuma pede pra passar por isso. Que ela já foi me buscar em delegacia, que eu tava usando droga e me pegaram. (Grupo focal, feminino)

3.1.3 Opiniões dos *gangueiros* sobre seus pais

A entrada para o mundo das gangues não pode ser explicada univocamente. Os motivos e causas que concorrem para que o jovem faça esta opção estão presentes em diversas esferas de suas vidas e das estruturas sociais, inclusive nos tipos de relações estabelecidos nas famílias. Se é bem verdade que não se pode relacionar por os tipos de família caracterizados como “desestruturados” e a entrada de jovens em gangues, também o é que a família se configura em uma das principais fontes de referência para crianças, adolescentes e jovens. Até aproximadamente a metade do século XX, o modelo de vida dos pais costumava ser o almejado pela maioria dos jovens. As referências estavam dadas, e segui-las era, se não compulsório, socialmente requerido.

A gama de possibilidades de trajetórias vem se expandindo com a pós-modernidade (BAUMAN, 2005). Assim, conforme aponta Le Breton (1991):

A entrada na vida é um momento de prova, de crise, de luta e de renúncia, durante o qual o jovem das sociedades ocidentais é confrontado com uma multitude de papéis possíveis, livre por uma parte para realizar suas escolhas pessoais, ao mesmo tempo que limitado pelas condições sociais (sua origem de classe, etc.). (LE BRETON, 1991, p. 94)

Neste processo, parece ocorrer, entre os *gangueiros* entrevistados, uma espécie de falta de reconhecimento dos pais como referência de tipo de vida a ser seguido. Seus pais ou avós não partilham de *status* social, nem costumam referir-se ao lazer e ao prazer como valores ou direitos a serem desfrutados. Segundo uma entrevistada:

Eu tenho muita pena da minha mãe pelo que eu faço a ela, pela preocupação que eu dou. Mas eu tenho pena também da vida dela. Começou com o que meu pai fazia com ela, o jeito que ele tratava ela. Hoje em dia ela é doméstica, trabalha a semana toda na casa do patrão. Dia de fim de semana vem para a casa, volta na segunda. É essa mesma vida sempre, de ser capacho. (Entrevista, feminino)

Por vezes, a admiração pela força de vontade da mãe não é suficiente para criar uma atmosfera de respeito mútuo. Admiram seus pais pelos sacrifícios que fizeram, mas não pensam que isto dê a eles o direito de ditar sua vida.

Minha avó [com quem vive] é a para de muita coisa, sabe? Ela sabe que eu picho, sabe do meu irmão, ela sabe que ele picha, sabe tudinho... Ela diz: Para com isso, tão bonitinha fazendo essas coisas, para com isso, mas não adianta, né? Depois que isso entra no ouvido, para sair é difícil (Entrevista, feminino)

Esta espécie de falta de referências parece ser suprida, em alguma instância, pelo apelo imagético da vida pública, pelo risco: ser corajoso, aventurar-se, ser esperto, famoso e temido parecem ser novos parâmetros a seguir, plenamente contemplados na vida *gangueira*.

Neste sentido, são narradas duas principais opiniões sobre os pais, em especial as mães, pelos sujeitos pesquisados. A primeira relaciona-se à culpa por fazê-los sofrer e se preocupar com a *gangueragem*. A segunda tem a ver com o que eles veem como uma espécie de desistência da mãe em acompanhar-lhes os passos e a vida. Por vezes, meninas entrevistadas relatam uma espécie de negligência por parte das mães.

M1 – A minha mãe não pergunta não. Mas, minha mãe nem tá com mais moral, nunca teve.

P – Por quê?

M1 – Sei lá. Eu falo: ‘mãe estou saindo’. Ela liga ou pra mim ou pro namorado e pergunta se eu vou dormir em casa. É de boa, minha mãe não está nem aí pra mim não, eu acho.

M1 – Eu não, eu falo a verdade. Minha mãe me ligou e eu falei que estava na Esplanada; ela falou: Cuidado. Eu falei: Que cuidado, rapaz, cuidado com o que? Ela me ligou de manhã: ‘mãe, eu estou na casa da ..., me deixa dormir, tchau!

M1 – Todo sábado eu durmo fora, feriado. Quando eu saio à noite arrumada, é porque eu vou dormir fora. (Grupo focal feminino)

Os jovens *gangueiros*, ao mesmo tempo em que reclamam da vigilância dos pais e de suas constantes brigas ocasionadas pelo estar em gangues (*minha mãe vive xaropando, é chato demais. Não tenho um minuto de paz na minha casa*), ressentem-se da falta de cuidado quando os pais não exercem esta vigilância. É interessante notar, como demonstrado no próximo tópico, como eles se portam ao se tornarem pais e mães e constituírem uma nova família.

3.1.4 Formando famílias, tornando-se pais

Quando os jovens são pais e mães, a avaliação própria sobre suas vidas tende a se modificar. Um dos fatores passa a ser como se mostrar para os filhos: *minha filha, ela nem sabe, eu já aprendi e rabisco o nome dela, mas eu não quero isso pra ela também não*. Busca-se esconder dos filhos o envolvimento em gangue, e mais que combinação, predomina a separação entre as esferas do público e do privado, como também ilustra o depoimento de um rapaz:

É muito doido esse negócio de envolver a família com a gangue. Não tem como não envolver a família, mas eu prefiro deixar minha família afastada. Esse negócio de gangue, família, eu e meu moleque aqui. Procuo não deixar ele saber, entendeu. É daquele jeito, se eu for fumar maconha eu não quero isso pra ele, mas se ele fumar né, quê que eu posso fazer? Vou dar uma ideia para ele, massa e tal. Eu deixei eles lá agora. Minha mulher ficou com a cara fechada. Eu falei, que eu posso fazer? Eles me chamaram, tem nem jeito. Ela junta com a minha mãe pra tentar me tirar dessa vida. Você tenta sair, aparece um camarada precisando. (Grupo focal, masculino)

Quando se transformam em pais, surge o questionamento sobre o sentido de seus caminhos. Também costuma se alterar a visão de que não é possível deixar a *gangueragem* e a pichação pela família. Muitos declaram que há os que o fazem.

Muitas das vezes, o que faz um pichador parar de pichar é o filho. A maioria dos pichadores parou por causa disso. Tiveram filhos ai tiveram outras cabeças. Ou quando chega a maior idade também. (Entrevista em grupo, masculino)

A reflexão crítica sobre o seu modo de vida é mais encontrada entre os mais velhos e principalmente entre os que já constituíram família, como no depoimento seguinte:

Eu tinha, no início, um pé na gangueragem e outro pé nessas ações sociais. Aí, no decorrer do tempo, cai a ficha e vê que é tudo falho, esse negócio de pichação é tudo falho, um dia cai a ficha que a vida não é só isso, fora o atraso. Um adolescente normal vive e estuda normal, já tem uma serie de dificuldades na fase adulta, agora imagina um adolescente que viveu no crime, na pichação na fase adulta, as dificuldades vão vir em dobro. Nessa hora que sente na pele, pichando: ai oh, abandonei os estudos por mais de três anos, por causa da pichação, do crime, agora que eu tenho filha, eu vejo que isso não é vida para ninguém. Minha filha também foi um dos meus refúgios também, fora o resto para abandonar a pichação, fora os amigos que já morreram. (Grupo focal, masculino)

Em outro Grupo focal também com gangue houve testemunhos do apego aos filhos e a intervenção de situações de necessidades materializadas em condições de vida:

Ent - O que quê vocês queriam que acontecesse na vida de vocês, pra vocês mudarem de vida?

H1 - Me dar um milhão de reais que tudo tá resolvido, tá tudo certo.[Risos]

H2 - Eu queria minha esposa e meus filhos juntos comigo, e arrumar um serviço, a única coisa que eu queria nesse mundo. (Grupo focal, masculino)

A família entra simbolicamente na racionalização sobre estar ou deixar a gangue. Ainda que muitos, como a menina de uma gangue a seguir apresentada indica, afirmem que largariam a gangue pela família, a declaração de intenções não é necessariamente seguida por atos de fato. Muitos entrevistados afirmam que o estímulo familiar condiciona um desejo menor que o outro, o de continuar na gangue.

Ent - E pela família, vocês largariam a gangue?

M - Só pela minha mãe porque pelo resto... Se minha mãe me pedisse com jeito. Mas parar de uma vez assim é difícil.

Ent - Então nem pela mãe?

M - Olha, eu acho que eu só vou parar mesmo quando quiser mesmo. (Grupo focal, feminino)

Se rapazes e moças observam que vir a constituir uma família própria pode ser um estímulo para deixar a vida de gangue, é na fala de uma menina que se tem a sugestão da maternidade como trânsito entre identidades:

Acho que isso [de sair da vida de gangue] depende do tipo de pessoa. Mulher é assim quando vai chegando nos 17, 18 anos e aí já vai pensando em outra coisa. Numa família mesmo pra ela, viu... Filho. Aí vai parando, vai largando. E aí a pessoa chega assim e fala: E aê fulana! Mas só que ela já não é mais o seu apelido, ela é só o seu nome verdadeiro, entendeu? (Grupo focal, feminino)

3.1.5 Família de rua

A importância do sentido da família para os jovens, como rede de afeto e proteção, mais que propriamente de vínculos tecidos por consanguinidade, transparece na maneira em que se usa o termo família para destacar a importância das gangues. Faz parte do vocabulário de sentidos desses jovens, o termo *família de rua*⁵⁰. Essa

⁵⁰ Interessante notar que este termo é largamente utilizado entre pessoas em situação de rua (CALAF,

família se expande por vários territórios, sendo a referência maior a gangue:

A gente não fala nem que é gangue, a gente fala que é família, que aqui o vínculo é forte. Só a minha galera, se contar a primeira geração até hoje, passa de 300. Uma família imensa. (Grupo focal, masculino)

Alguns afirmam lealdades entre a família de casa e a de rua, declarando que têm vínculos fortes com os pais, mas nem por isso deixam a gangue. Outros comparam a família de casa com a da rua, separando esferas de circulação. A família de casa de fato mais se afirma em casos de cuidados, como colaborar na criação de filhos.

Ent - Você falou da sua mãe, falou da polícia, da escola, da igreja. Tem algum desses lugares que vocês confiam? Em que vocês confiam?

M1 - Só em Deus e em mim também.

M2 - Eu confio em Deus e na minha mãe.

Ent - E nos meninos da galera vocês não confiam não?

M1 - Confiança, confiança, só em pai e mãe. Em pai e mãe você pode confiar neles pra sempre, porque eles nunca vão te abandonar. Guerrinha, essas coisas de briguinha, é com os meninos. Agora problemas assim, igual, tô com problema com a minha filha, tenho que confiar na minha mãe, porque a minha filha não vai sair da casa dela para ir lá em casa e chamar a fulana [amiga de gangue] para eu ir pro hospital.

Ent - Esse é o primeiro filho seu, é? Quem vai criar?

M1 - Eu. Eu e minha mãe.

Ent - Tem gente que diz que a galera é ainda mais importante que a família. Você acha que não?

M1 - Eu acho que família é família, tudo é seu sangue, né? Agora, tem gente na galera que a gente nem conversa, tem uns que você confia, tem uns que você conversa. Tem gente que quer ser mais que os outros, sempre tem um né? Que quer ser mais que os outros. (Grupo focal, feminino)

Neste sentido, os jovens referem-se a vidas distintas e paralelas: uma na família de casa, outra na família de rua. Por vezes, isto ocasiona o sacrifício do investimento em tarefas benéficas a saúde, como o sono, deixando de lado o desempenho escolar e a cooperação em casa. Repetindo o padrão da sociedade englobante, as mulheres são as que mais relatam envolvimento com as atividades domésticas. Veja:

Eu levanto tarde, mas agora não estou levantando mais não porque minha avó está meio doente aí eu tenho que fazer as coisas. Eu levanto, faço o almoço, aí dou uma volta por aí, converso com os moleques, aí a tarde fico na internet, aí volto faço janta, tem dia que eu limpo a casa, tem dia que é meu irmão, aí de noite, umas 4 vez na semana, saio para pichar. (Grupo focal, feminino)

2007), o que parece revelar relações e superposições entre público e privado que um simples esquema de oposição não conseguiria abarcar.

Para alguns a família de eleição, a família da rua é o porto de proteção que pode vir a se tornar mais importante que a *família de casa*. Veja:

Quando eu fui expulsa de casa, procurei família e me viraram as costas, igrejas me viraram as costas, amigos, amigos mesmo de família viraram as costas. As únicas que me ajudaram, ia dar um mês que me conhecia, minha companheira de gangue me colocou dentro da casa dela, me deu comida, roupa, me ajudava no meu vício, porque eu não podia parar de usar drogas, se eu parasse eu dava epilepsia e ela me ajudava, me dava dinheiro. Até hoje ela é madrinha do meu filho. (Grupo focal, feminino)

As identidades pessoais, dentro de galeras com perfiliação semelhante quanto a hábitos e vínculos são ressaltadas não somente em relação à família de casa, como também em relação aos outros, da rua ou de outras gangues. A produção de identidades nas gangues se reafirma na diferenciação entre os que são de ‘dentro’ e os que são de fora: *a gente não aceita o cara de fora, ele vai apanhar, vamos quebrar esse cara que ele é intruso. A gente tem trezentos amigos, vai para a casa de um, para a casa de outro. A solidariedade gangueira tende a ser fortalecida quando existem situações de conflito familiar:*

Eu mesmo já fugi de casa quando era muleque milhões e milhões de vezes, os amigos meus nunca me abandonou, nunca, sempre me deram a mão, quando você briga com sua mãe lógico que você não vai ficar na rua, tem sempre um amigo seu ali da sua galera que vai falar vamo lá pra minha casa e te entende. (Grupo focal, masculino)

É a denominação *família de rua* a responsável por demarcar a diferença entre os companheiros de gangue e quaisquer outros amigos, de bairro ou de rua. A gangue vem conferir ao grupo uma identidade grupal legítima, que reafirma e valoriza a solidariedade.

Não tem como comparar não [gangue com amigos de rua]. Na gangue a gente é uma família, neguim na rua não tem regra, vira seu amigo pra te roubar teu tênis ou vai matar você, ou fazer casinho pra você. Quando eu mudei prá cá, o cara ali matou seu próprio irmão por causa de droga, na galera não rola isso. (Grupo focal, masculino)

O sentido de ajuda mútua, de proteção contra os outros, especialmente as outras gangues, sedimenta a rede que fortalece a família de rua. A proteção mútua é mais um demarcador entre o “nós” e o “eles”:

M1 – Porque a gente é mais unida que as outras e porque gente pode não ter muita picha, a gente pode não ser igual, não ser uma galera grande, mas a gente tem mais união e mais atitude. Porque a gente é unida moço, mexeu com um, mexeu com

todos e elas não, elas não são assim.

M1 – Perguntam da gente e sabem e as outras ‘donas’ não é assim porque as outras donas podem ter uma quadrilha grandona delas na nossa frente, se tiver a nossa gangue toda elas correm da frente.

Ent - Elas têm medo?

M1 – Não é medo, é respeito. Elas sabem que a gente é unida e que uma não deixa a outra na mão. Por que a gente tem mais atitude; elas são patricinhas e a gente não, a gente nasceu foi aqui na Ceilândia, não é só pichadorinha assim...

M2 - de beco, de luguete. Os meninos da minha galera não querem saber se eu fiz algo de errado, eles querem saber o que você está fazendo comigo, porque eles não deixam. Eles não querem saber se eu estou errada ou não, porque se eu sou da galera, eu sou da galera. (Grupo focal, misto)

Mais que a proteção por tradição, obrigação e dever de parentesco, a família de rua se sustenta por gostar de estar junto, fazer coisas juntos, cultivar a amizade: *porque os Z [a gangue] são os maiores e mexeu com um, mexeu com todos, é família.* Segundo uma outra menina: *eu gosto da pichação, mas mais do que a pichação eu gosto dos meus amigos, o que importa para mim não é escrever meu nome na parede, mas as minhas amizades. Eu gosto deles serem a minha família, eu gosto deles demais.*

As famílias de rua se formatam não só por companheirismo *a gente se vê todos os dias* - e proteção, mas também por regras, códigos de pertença e de lealdade. Mas se a gangue por metáfora é referida como família, não necessariamente reproduz a família de casa, e para muitos jovens há diferenças básicas entre as duas:

Ent - Qual é a diferença entre família de rua e família de casa?

M1 - Bem diferente. Dentro de casa é tudo certinho e na rua o que vier pra nós está bom. Pra mim, é mais importante a família de casa é claro, mas tem gente que prefere os amigos. Tem um cara da minha gangue mesmo que ele é louco. Ele já não liga para as pessoa de dentro de casa, ele quer saber do que está acontecendo lá fora. Tipo, aqui é tudo, tipo guerra, pichação é a vida dele. Agora negócio de dentro de casa, ele não está nem aí.

M2 – Têm muitos também que esquece a casa, não tá nem aí pra mãe, a mãe fala...

M1 – Então, a família Z [a gangue] pra mim é mais unida do que a família de casa. A gente briga todo dia, mas a gente volta a se falar rapidinho. Lá em casa não, quando eu brigo com alguém lá de casa, eu fico é anos sem falar. Eu já briguei com elas [companheiras de galera] tantas vezes, a gente briga de cinco em cinco minutos, mas a gente volta a se falar em cinco minutos também. (Grupo focal feminino)

Alguns fazem referência à ajuda mútua nas galeras e recorrem, como o jovem cujo discurso foi transcrito a seguir, a comum comparação entre tipos de família, mais favorável à família de rua, isso pode indicar uma racionalização para justificar a preferência por esta:

É por isso que eu falo que a gente é uma família. Por exemplo, quer a atenção da mãe, pra falar de um problema, mas muitas vezes a mãe tá estressada por causa do problema dela. Aí a gente não entende, porque adolescente quer a solução do nosso problema e vai querer buscar a solução do problema se precisar. Esses amigos, o que eu não encontro em um irmão em casa, eu encontro em um irmão na rua. Chega as contas um irmão tá com 50 reais, e você tá pedindo 1,50 para ir de um lado para o outro da cidade, você tá a pé e o irmão não dá. Chega nesse aqui, ele tá de carreta e fala 'bóra lá', nem precisa por gasolina não, 'bóra lá.' Por isso a gente fala que é família. Se acontecer alguma coisa com esse, é uma frota, se apanhou você pode ter certeza que vai ter umas 80 pessoas na porta do colégio, na porta da casa dele no mínimo. Se foi tiro, ou se não for na mesma hora, nós vamos correr atrás. É uma família mesmo, o vínculo é pesado. (Grupo focal, masculino)

As meninas de galeras enfatizam que a tendência de relações entre os sexos na mesma gangue é se transformar em amizade com o tempo, influenciadas pelo companheirismo que desenvolvem, sendo então elas cuidadas por eles.

Quando entra menina nova, tem umas que eles crescem, eles ficam doidos. Agora, as mais antigas assim que eles tipo já conhecem, fica na amizade. A gente vai para as festas com eles e eles xaropam se a gente ficar com qualquer menino. Não deixam nós ficarmos. É igual irmão mesmo. (Grupo focal, feminino)

Importante ressaltar que a amizade e a fratria não se estruturam apenas por afetividade. Estão também presentes outros fatores, como o valor instrumental corporativista e a segurança. Pondera uma menina: *se acontecesse alguma coisa com você, alguém da sua família ia te dar segurança, não ia? A gente se junta mais por segurança. A comunicação flui mais fácil entre pares, apoiada no vínculo geracional: nem tudo a gente pode conversar dentro de casa, e com o povo da rua pode. O reconhecimento e o prestígio conferidos pelos pares, assim como a identificação com o igual, são outros valores a favor da família da rua.*

Eu não vou falar com a minha mãe: 'mãe, vamos fumar um?'. Eu acho que o que faz a gente andar junto é pela consideração. Eu não quero uma pessoa falsa do meu lado e as pessoas vê que você é uma pessoa de boa, você não cabrita, não faz mal com eles, e eles confiam em você e não cabritam com a gente também. Como se fosse irmãos. (Grupo focal, feminino)

O diálogo e a identificação mútua aparecem, mais uma vez, como responsáveis pelo respeito, escuta e admiração. Reconhecem nos pares uma identidade e partilham de admiração para com eles. Esta parece ser uma das questões concernentes às querelas no âmbito familiar: os *gangueiros* não reconhecem nos pais trajetórias nas quais se podem espelhar. Apesar de relatarem admiração pela garra das mães ao

criá-los em meio a dificuldades financeiras e emocionais, não almejam histórias de vida semelhantes.

Ao mesmo tempo, a ausência de referências familiares não é suprida pelas escolas, cuja estrutura é falha na transmissão de capital cultural. Estas referências são, pois, construídas a partir de seus pares, baseadas em valores veiculados midiaticamente, como o gosto pelo risco como afirmação de uma existência que não faz mais tanto sentido na família (LE BRETON, 1991).

Os jovens em galera consideram que a identificação com os amigos de gangues é mais sólida que com outros de diversas ambiências: *pode ter outros amigos, mas você nunca vai ficar mais com os outros amigos do que com os da gangue*. A fratria constituída nas galeras estaria dada pelos *habitus* compartilhados, o que se confunde com a identidade coletiva, de ser gangue, o gregarismo que não é independente dos construtos dessa formação. Perguntado ‘por que é mais forte o laço com os amigos da gangue do que com os amigos lá fora’, um jovem observa: *porque a gente sai pra picar, a gente fica a madrugada inteirinha na rua, a gente é uma tropa de gente. Todo dia a gente se encontra, na quebrada, a gente vê uma galera na pracinha, rapidinho tem muita gente*.

Os conflitos com os familiares por conta do estilo de vida e o desgaste das relações contribuem para uma idealização e reforço da vida em gangue. Como se pode inferir do discurso seguinte de um jovem, convive-se com a ambiguidade entre a certeza de que se magoa a mãe com seu comportamento e a expectativa de *compreensão* e apoio dela. A incompatibilidade entre lealdade com a família de rua e os valores da família de casa permeia ambiguidades.

Eu acho que eu não tô satisfeita porque no meio de droga, eles [companheiros da gangue] são os únicos que me consideram, nem minha família. O que eu mais queria hoje é que minha mãe me considerasse. Ele me chama de indigente, menina que não tem jeito, drogada e que não tem como. Ela não confia em mim, ela não quer mais saber, ela não me considera mais como filha dela. Hoje em dia eu to na casa da minha mãe, a gente mora no mesmo teto e a gente não tem aquela conversa de filha e mãe, a gente não tem uma amizade, e é desse jeito. Eu acho que se eu me envolvi nisso é porque eu quis, e isso é uma consequência. Eu não vou poder apagar da minha mãe o que ela já viu, eu não vou poder apagar o que ela sabe de mim. Isso é muito ruim, entendeu? Desde pequena, eu não tive pai, e eu morei na casa da minha vó, e ela também me largou e eu cresci com meus avós, depois de um tempo ela voltou. E quando ela voltou, eu me revoltei. Hoje, eu queria um apoio dela e não tenho. E é ao contrário, ela faz é ficar contra mim. E isso na vida é muito ruim, ainda mais porque é mãe, e mãe é pra vida inteira. A gente nem se fala direito, a gente só conversa o básico. Hoje não adianta mais tentar conversar com ela porque eu já fiz muita coisa. (Grupo focal, feminino)

Outro jovem recorre, na comparação entre famílias, à alegria das relações entre os iguais, sem autoridade e cobranças. A positividade da família de rua é cons-

truída também pela crítica aos problemas tecidos com a família de casa, vinculando tal preferência à falta da figura do pai, idealizada pela perspectiva do diálogo e não da lei. Veja:

É o exemplo que eu uso aqui. Aqui não é só ‘vamo roubar, vamo pichar’, isso tem um lado ‘vamo curtir, vamo beber uma cerveja’. Que nem teve uma vez que teve uma reunião, aí a menina falou ‘vamos, quem tem dinheiro aí?’ ‘Ninguém? bôra’. Cada um montou em uma bicicleta, fomos daqui até lá longe, naquela alegria, todo mundo cansado, caindo, pneu furando, mas fomos. É isso que falta na família. Aqui eu tenho certeza que todo mundo tem um problema na família, com o pai, o pai e a mãe separou e principalmente pra mãe hoje, que sente muita falta do pai para conversar.

(Grupo focal, masculino)

Gênero é reelaborado no plano da família, reconhecendo os jovens que as relações familiares quando se está na *gangueragem* são mais tensas e conflitivas no caso das meninas, considerando-se que as mulheres se impõem mais proibição quanto à circulação no público e que, no caso dos homens, se a preocupação dos pais mais se manifesta no sentido de proteção contra perigos e não pelas saídas à noite.

Com certeza, para mulher é mais difícil. Homem sai o tempo todo, sai de casa a hora que quiser, mulher tem que inventar um caso, falar que vai dormir na casa de uma amiga, agora homem tudo é mais fácil, homem, a mãe vai achar que tá com alguma mulher que tá com amigos, e mulher, ou tá dando ou tá fazendo besteira.

(Grupo focal, feminino)

A fratria é arranhada pelos códigos de gênero. Ainda que muitas meninas também se refiram às gangues, todas mistas, como a família da rua, os rapazes sugerem que as mulheres não teriam a mesma capacidade de lealdade que os homens. Nota-se que as meninas presentes no grupo não revidaram à acusação de que as mulheres *passam pano e cabritam* (traem e passam para gangues rivais):

H1- Entrei porque eu já sabia também, tanto que a gente temo convívio com muita gente, quando o cara sai da adolescência, a amizade continua, sabe, a gente vai na casa deles, a gente procura saber como é que está as coisas, mesmo que ele tenha saído do movimento a gente tá sempre em contato com eles, então para mim isso aí não tem nenhum problema.

Ent - Agora é muito masculina essa família, tem muito homem, não?

H2 - Nada, é poucas donas que fica, vê a R [menina da gangue] aí vê, ela tá na galera até hoje. Altas donas que tinha aí, agora tá tudo nas galera rival aí, passando o pano.

H1 - Na maioria das vezes as mulheres são muito fracas, deixa se levar por coisa pouca ali, se levar por um camarada bonitim da outra galera, cabrita já passa pano.

(Grupo focal, misto)

Insiste-se que não há propriamente inconsciência sobre riscos e sobre sofrimentos que se causa aos pais entre os jovens que vivem em galeras, pichando. A tônica, porém, é valorar o prazer imediatista, certo fatalismo e ter a *gangueragem* como uma etapa que se larga ao se constituir família, quando se passa a conviver com o medo de que a história irá se repetir quando tiverem filhos e que estes com alta probabilidade, também serão de gangues. Meninas e meninos refletem que não gostariam da mesma vida para os filhos, mas que, como seus pais, também não saberão como impingir um caminho alternativo:

Ent - Você pensa em casar?

M1 - Penso.

Ent - O que você acha que pode acontecer quando você tiver filhos?

M1 - Depende, não tenho ideia.

Ent - Você tem medo que eles se envolvam em alguma galera?

M1 - Tenho muito medo o bom só foi as pessoas que eu conheci que hoje parou de pichar também. Minha mãe é doente hoje por minha por causa toma remédio, ela esta até encostada e tudo por minha causa

Ent - Ela sabia que você era de gangue?

M2-1 - Sabia porque quando eu comecei eu sair de casa eu conheci um menino que era pichador e esse menino morreu aí quando ele morreu eu comecei a me envolver muito com os pichadores, briguei com minha mãe, ai eu saí de casa. Um dia meu pai me encontrou na rua e pediu pra mim voltar pra casa, ai eu disse: 'pai eu volto mas falo logo pra vocês eu to pichando' porque eles não deixava eu ir pra rua, minha mãe é evangélica, ai eu falei que tava pichando e hoje eu vou pra um *frevô* e essa é minha vida, não vou mais pra escola, só vou pichar e ir pra *frevô*, nem sei o que vai ser quando eu tiver filho.

Ent - Você tinha quantos anos?

M1 - 15 anos. (Grupo focal, feminino)

A humanidade de jovens transitando por transgressões, violências e riscos mais se mostra na discussão sobre vínculos, quer com a família consanguínea, quer com a família construída - a de rua, o que sugere que há caminhos, ainda que não transparentes nem fáceis, de estes jovens virem a se envolver em atividades com outros sinais e mais voltadas ao bem comum, estruturadas na solidariedade, em relações aos afetos, por fratrias que relacionem o público e o privado.

A pesquisa não sustenta inculpações da família pelas trajetórias de seus filhos, ainda que haja casos, poucos, de pais e mães em trajetórias também de transgressões. A pesquisa, quando se estende para compreender ambiências familiares, mais desvenda redes de vulnerabilizações que se condicionam, vitimizando muitos. As mães, principais esteios de famílias na pobreza ou fora dela, lidam com obstáculos pela sobrevivência material, com o fato de serem mulheres chefes de família em sociedades e comunidades em que mulher não chefia nem o próprio destino. Muitas

vezes, as mães têm que conciliar trabalhos em distintas esferas, ou o desemprego, tem que batalhar para dar apoio afetivo e investir em capitais vários para seus filhos, como a formação em valores apreciados como os 'do bem'. Nem sempre tais desafios podem ser conciliados, sacrificando-se presença, atenção e cuidados que não são supridos por outras instituições.

Não se estaria diante de clássicos casos de pais que não impõem limites aos seus filhos, mas de pais, e principalmente mães, que impõem limites em meios de tantos apelos ao prazer sem limites, para possivelmente não deixarem seus filhos sem proteção contra perigos que fogem ao seu controle. São muitas mães e alguns pais que têm que lidar com muitos limites, sem rede de segurança social pública e que sofrem com os riscos que cercam seus filhos e filhas, mas o estigma de não serem 'boas mães ou bons pais' pela vida que os filhos se enveredam.

A ausência de referências não está, pois, na esfera de responsabilidade dos pais, mas na conjuntura social específica desta parcela da população: jovens da periferia. Os jovens de classe média e classe alta, que não têm a família como referência para trajetória quanto a valores e estudo, tendem a contar com a escola para lhes transmitir capital cultural ou instâncias legítimas de construção de outras referências. Os jovens entrevistados, por sua vez, ao não encontrarem parâmetro a ser seguido na vida dos pais (em grande parte, por consequência dos valores especulatórios veiculados pela mídia), tampouco encontram subsídios para a construção de outros modelos que não passem pelo risco e, em certo sentido, pela transgressão.

Esta seção buscou proceder à análise das relações entre os *gangueiros* e suas famílias, pesquisando as interações entre os entrevistados e seus pais, a reação destes à vida nas gangues por parte dos filhos, as opiniões dos filhos sobre seus pais, as famílias constituídas pelos próprios *gangueiros* e seus filhos e a gangue construída e pensada como sendo uma família de rua.

3.2 Escola

Depois da família, a escola tende a ser a primeira instituição social com a qual crianças, adolescentes e jovens mantêm contato direto. Em idade escolar, indivíduos geralmente tendem a passar mais tempo na escola do que na convivência de seus familiares. Neste sentido, é mister analisar as influências conjuntas entre gangues e escola na vida dos sujeitos pesquisados, sendo este o propósito desta seção. Serão aqui analisados os motivos de atração pela escola, por parte dos jovens, a fama neste ambiente, a existência de gangues nos colégios e as brigas e demais interações violentas que figuram nestes locais.

Não há um perfil único entre os jovens das gangues quanto a escolaridade. Em geral, os mais jovens frequentam escolas, a maioria escolas públicas e muitos entre os mais velhos (mais de 14 anos) abandonaram os estudos, mas declaram a intenção de voltar a estudar, principalmente por meio do curso supletivo. Segundo uma menina: *eu tenho 16 anos e vou começar o supletivo no ano que vem, esse ano eu estou parada, mas vou começar no ano que vem o supletivo, mesmo.* É comum a declaração de intenções de voltar a estudar, fazer um curso superior. Nesse sentido é emblemática a declaração de uma outra menina: *eu já parei de picar, mas da galera nunca sai, quero voltar a estudar e trabalhar, mas abandonar a galera jamais. Penso fazer faculdade de Administração. Vou fazer o supletivo no ano que vem.* A educação, segundo Delors *et al* (2006), traz a possibilidade de um desenvolvimento mais harmonioso, de combater exclusões, entender mecanismos de racismo, homofobia e opressão. No entanto, segundo depoimentos dos jovens que frequentam ou frequentaram a escola, este espaço tornou-se *um inferno, a escolinha é triste*, um local que não promove o sentimento de pertencimento e concentra violências e que colabora, inclusive por inércia por parte dos adultos, para que estas se reproduzam.

Ent - Como é a escola?

H1 - A escola é como um inferno.

H2 - Já, é bagunçado das antiga. Escolinha é triste. Dessa escola, onde eu fui expulso. Já tinha tomado mais de 15, 20 suspensão.

M1 - Neginho fumava maconha na frente da diretora. Eu mesma já quase fui expulsa.

H2 - Atrás da caixa d'água era neginho cheirando cola, cheirando tinner e fumando maconha e bebendo.

Ent - E como reagiam os diretores?

H2 - Ah, não dava em nada. (Grupo focal, misto)

3.2.1 Motivos de atração pela escola

No mundo das gangues, a escola desempenha um papel importante na ordenação de seus cotidianos e ambições. Quando perguntados sobre os motivos que os levavam a ir à escola, as respostas foram variadas, apesar de a maioria arrolar causas relacionadas às teias de convívio social:

M1 – Quase todo dia eu ia para escola porque eu gostava.

M2 – Eu também, vou para escola porque eu gosto.

Ent – Do que você gosta?

M2 – Eu gosto porque. tenho amigos lá; eu gosto de aprontar.

M1 – E porque ela tem que ir mesmo.

M2 – E porque eu tenho que ir.

Ent – Você tem que ir porque?

M2 – Eu vou porque eu gosto, e porque é preciso também. Porque é preciso vigiar o namorado da minha amiga aqui. Se der um passo em falso ali, já é um murro na cara.

Ent – Mas, vocês chegam a estudar ou vocês vão levando?

M2 – Estudo. (Grupo focal, feminino)

Um consenso se observa, qual seja, o descrédito em relação à escola lugar que quando apreciado é mais qualificado como ponto de encontro de amigos, de iniciação às *letras*, indicando o caminho para a pichação, e de exibição de força e fama, quando se é de gangue, o que se impõe a colegas e ao corpo docente. A inércia ou opacidade da intervenção de diretores e professores é ilustrada no depoimento seguinte, em que o jovem se envaidece de contar com *certa cumplicidade do diretor*:

H1 - Z, Escola do capeta. Agora você quer sabe por que eu não fui expulso de lá? Por causa da moral que eu tenho com o diretor. Quem não tem moral é expulso. Ele aqui ó, foi dos primeiros a pichar de Jet lá dentro da escola lá.

H2 - Ano passado eu era de outra escola X. Aí eu fui lá pra Y. Aí começamos. Aí fomos os primeiros a por detona de Jet lá.

H1 - Eu sou o único pichador que tem pichação na escola, a única que tem lá é minha. Dentro e fora da escola tem pichação minha. (Grupo focal, misto)

Ilustra-se a seguir que a escola não tem poder competitivo para atrair os jovens, quando comparada às galeras. A escola é tida com um lugar em que *você chega lá infeliz, já querendo sair para a rua*, enquanto a gangue, como se discute em vários trechos desta pesquisa, é lugar de adrenalina, diversão e prazer.

Ent – Ninguém estuda mais?

M - Poucos, muitos já estudaram, mas saíram

Ent – O pessoal acaba saindo da escola, como é que é isso?

M – Uai, porque você vai para a porta da escola, você chega lá infeliz, carteirinha, caderno na mão, aí vai entrar aquela penca de gente: e aí bora ali, bora beber, bora pro shopping, bora não sei pra onde.

Ent – Na porta da escola?

M – Na porta da escola. Você vai preferir ir pra onde? Aí a maioria vai, mas eu não fui [deixar de ir para escola] por causa disso não.

Ent – Por que você saiu?

M – Por causa desse negócio que eu estava grávida, aí eu comecei a faltar aula, aí os meninos perderam a minha carteirinha e o meu caderno, aí tava minha carteirinha na 8ª via eu acho, aí cada vez você paga vinte reais na carteirinha, aí eu tinha receber, eu só ia receber depois, aí eu perdi a semana de prova do 3º bimestre. Eu fui até o 3º bimestre do ano passado, aí eu perdi a semana de prova todinha.

Ent – Do ano passado?

M – É, aí não adiantava mais. (Grupo focal, feminino)

A última observação da fala também sugere que a escola não tem uma estratégia para insistir que os jovens permaneçam nesse espaço. Ao contrário, no caso anotado, a burocracia dificulta inclusive que se fique na escola e acaba por expulsar os alunos.

Já outros entrevistados dão testemunho de que as gangues buscam a escola por ser lugar privilegiado para encontro de jovens, pela possibilidade *de curtição e aprontação*, assim como forma de exercício de poder. É também o local em que o recrutamento de novos integrantes, principalmente das mulheres, existindo, ainda, lugares em que determinadas gangues *dominam* certas escolas.

O que mais influência as mulheres a gostar de pichação é nas escolas. Às vezes as gangues fazem isso, por exemplo, picham na escola. Onde tem uma escola tem uma gangue, onde tem uma gangue tem curtição, onde tem curtição tem aprontação. Na porta da escola é onde as gangues de pichação se encontram. (Grupo focal, masculino)

A escola é um local de encontros, de socialização, e pichar é tido como uma maneira de ser conhecido e *considerado*: *eu nem estudo lá e todo mundo lá é meu fã, fazer o quê?* De fato, não necessariamente a escola é recusada em sua totalidade por todos jovens. Por vezes, é apreciada por possibilitar o contato com pares, e desse modo modelar culturas, por vezes orientada para a transgressão: *tudo começou na escola, os amigos da escola, tudo. Droga, briga, pichação, tudo começou dentro do colégio.*

Há ainda alguns integrantes de gangue que afirmam gostar de estudar, apesar dos conflitos com professores:

Até eu estava estudando, mó milagre. Até o professor falou, ‘a Z está estudando’. Porque nos dois anos que eu estudei lá, só zuava. Eu estava estudando, estava fazendo aceleração lá, estava estudando “de boa”. Mas, eu discuti com a professora, ela quis colocar moral em cima de mim. Eu falei ‘cala a sua boca, sua...’. Foi o maior rolo, aí eu não podia ficar em sala nenhuma; aí eu fui para a sala dela, foi pior ainda. (Grupo focal, feminino)

A escola se destaca nos discursos dos jovens como um lugar de iniciação na atividade de pichação e na trajetória de muitos, entrada para gangues, na trajetória de muitos. Segundo um menino: *tudo começa mesmo é na escola. As primeiras letras que o professor ensina ele já que fazer diferente. Ao que outro complementa: é o alfabeto.* Interessante notar como a pichação, mais uma vez, está relacionada a tendências enraizadas no início da vida dos sujeitos, o que reitera seu caráter de vocação.

O realce para escola como estímulo à entrada na gangue está na relação social intergeracional de jovens, influência da fama dos mais velhos. O fato de que ser pichador é motivo de admiração para muitos, atrai as meninas:

Na escola, eu comecei a estudar à noite, lá tinha uns moleque das antigas de gangue..Foi eles que tiveram a ideia:’ê vamos pichar, vamos?”. Comecei a pichar com eles, aí parei um tempo, me afastei, foi quando eu me mudei.Mas no começo de tudo mesmo foi na escola, banheiro, canetão, tudo combina. (Grupo focal masculino)

Eu entrei na gangue por meio da escola mesmo.Tinha um moleque lá que estudava na escola, ele tinha acabado de trazer a gangue para cá.Aí eu conheci o líder das antigas,só que eu ainda não pichava.Aí ele me deu a ideia e eu fui e entrei, aí eu fui achando legal conheci altas pessoas. (Grupo focal, feminino)

Mostra-se a habilidade na pichação desenhando letras nos cadernos, pichando os muros da escola e cita-se o banheiro como um dos lugares alvo de pichações. É interessante notar que a escola tem capacidade de despertar o interesse de crianças, adolescentes e jovens, pela caligrafia e para as letras. Este potencial, no entanto, não é necessariamente aproveitado no despertar destes indivíduos para a linguagem escrita, e outros conhecimento relacionados ao “saber ser” no plano formal.

H1- Minha primeira letra foi na escola dentro do banheiro.

H2 - Dentro da escola. [risos] Foi, moço, o cara levou, chegou com spray na segunda- feira e pá, o moleque disse: ‘vamos ali no banheiro, vamos lá ,vamos ver’.Tinha um negocio de dar descarga, tinha uma caixinha de ferro, os moleque jogou lá, eu falei’é bom, vai cheirar, moço’ [risos]. Só ouro (Grupo focal, masculino)

Comumente se começa a pichar na escola na pichação, antes dos 14 anos, tendo se identificado casos de jovens que começaram aos 8 anos:

H1-Comecei na infância mesmo, com uns oito anos de idade pichando o banheiro da escola.

H2 - Comecei com treze.

H3 - Dez ou doze, eu já destrui o banheiro da escola.

Ent - Com que, com caneta?

H1 - Com pincel atômico. (Grupo focal, masculino)

O sentido da escola para jovens em gangues não é unívoco. A escola é citada como o lugar em que se aprende a *fazer letra*, lugar onde se associam a outros. É também um local de múltiplos significados e alguns em disputa, como se exhibir, fazer fama, ser reconhecido como importante. E fama e reconhecimento, como enfatizado ao longo da pesquisa, são fonte de combustão básica na própria identidade de gangue:

H1- O pessoal mais aqui da vizinhança, a gente se encontra e tal, fica na esquina trocando ideia, vai na porta de escola ver as meninas e tal.Issso aí é a rotina mesmo

da gente, só essa mesmo.

H2 - É, hoje em dia a galera nova que entra, os novato que a gente chama, já vai mais pra pinchar mesmo, pra mostrar o nome, fazer fama, vai em porta de escola...

Ent - A escola é o local de fazer fama?

H1- Porta de escola é o local de fazer fama de pichador. (Grupo focal, masculino)

Entre os mais antigos, a referência à escola como lugar de reunião de jovens em gangues ganha outra conotação. Ainda que reconhecendo que a escola opera platéia, alimentando a fama que buscam, consideram os mais velhos que *isso é coisa de novato*, e se referem com certo desdém aos que costumam se agrupar na porta de colégio para *ganguear*:

H1 - Na escola muita das vezes já tem um moleque mais velho de gangue, tipo o cara quer pertencer àquela gangue e já fica olhando outros cara e as vezes ele já entra na gangue para a gangue defender ele dos outros camaradas, e quer pegar tipo uma moral com os cara mais velhos. Aí é isso mesmo, começa tudo na escola, e os point tem sempre um lugar pra gente se reunir sei lá, tipo o point do flipperama, do boteco em frente o colégio. São sempre os moleques novo que estão entrando agora na galera que gostam de ganguear. Esses esses pichadores que estão no momento, picham ali, querem inovar com seus treze anos sai pinchando tudo aí, ficam em frente a escola pras menininhas fica idolatrando eles (risos). As menininhas gostam entendeu?

H2 - Ganguear é tipo assim é aqueles camaradas que gostam de ir para a porta de colégio e tipo o que eu te falei, ficar se exibindo naquele montinho o dia todo com a caneta, rabiscando as paredes, fala das tretas o dia todo. Eles não têm outro assunto ganguear é aquele que não tem outro assunto, a não ser a pichação. Agora nós não nós, já é diferente, a gente fala sobre mulher, frevo, bailes entendeu? Já é outra coisa, eles é o dia todo na mesma coisa e é só isso. E quando não é na porta de colégio é na Internet o dia inteiro cochichando, fofocando aí fala uma coisa outro já fala outra pra outra pessoa coisa que não tinha nada a ver daí começa as guerras. (Grupo focal, masculino)

3.2.2 Fama e existência de gangues nas escolas

Não há consenso quanto a existirem ou não gangues organizadas nas escolas. Para alguns: *gangues mesmo formadas não tem. Mas sempre tem integrantes de cada gangues, em toda escola tem*, declara um menino. Isso resulta em casos de violência na escola, pelo enfrentamento entre jovens de grupos rivais, principalmente na porta da escola.

Esses dias mesmo a gente pegou dois meninos que eram da gangue rival na hora da saída, eu nem bati não porque eu já conhecia eles de vista. Porque eles foram de uma gangue e entraram para a rival, então todo mundo fala que é cabrito, então os meninos bateram neles. (Grupo focal, masculino)

Para alguns entrevistados, os professores e diretores sabem da existência de meninos de gangues na escola ou desconfiam: *não sabe, mas de vez em quando pega um pichando o banheiro e desconfia*. Algumas brigas nas escolas estão orientadas a legitimar o empoderamento nesses estabelecimentos das meninas e meninos que são de gangues, ocorrendo também aquelas por proteção que jovens em gangues dão para outros meninos que não são de gangues, em troca de *pedágios*, o que também serviria de indicador a sedimentar a desconfiança dos professores e diretores.

M1 – Saía da escola e brigava todo dia.

Ent – Com quem?

M2 – Com as mina folgada lá da escola.

Ent - Você brigou dentro da escola?

M2 – Dentro da escola, eu peguei e fui expulsa.

Ent - Porque as meninas são folgadas?

M1 – Oxê, porque só quem pode ter folga ali dentro daquela escola somos nós. A gente bota as novinhas para correr. Porque tem três anos que a gente estuda lá, e chega as novinhas e quer botar moral.

M2 – As novinhas chegam e já querem dirigir o baú, não quer nem sentar na janela.

M1 – Mal entrou no ônibus e já quer chegar dirigindo... bota essas novinhas pra correr! (Grupo focal, feminino)

Interessante notar como o adjetivo *novato* é sempre usado pejorativamente em relação ao outro. Enquanto os *gangueiros* mais velhos desqualificam aqueles que utilizam a escola como local de suas ações *gangueiras*, também alguns destes *gangueiros de escola* afirmam serem os outros, que acabaram de chegar, os novatos. Ser novo significa, em certo grau, ser ignorante e não possuidor do conhecimento que qualifica e torna especiais os membros das galeras. A porta da escola é ponto de encontro de jovens, que pertencem a gangues e estão estudando, com outros que não estudam, e vão em grupos grandes, já que o andar junto e com muitos é um traço que os caracteriza. Este é um dos traços principais reconhecidos por professores e diretores como sendo diacrítico dos membros de gangues. No entanto, nem sempre os grupos que andam junto se reconhecem ou são reconhecidos por outros jovens como gangues, como atestam as falas abaixo:

M1 – [Na escola] Eu não falo com ninguém lá não, eu sou “mó” chata. Aí, foi um monte de gente me buscar lá fora a. Umas cinco pessoas. E a diretora ligou para minha mãe, falou que eu tinha levado uma gangue lá e não sei o que, aí eu

parei de ir.

Ent – No primeiro dia?

M1 – Primeiro dia.

M2 – E nem foi gangue. A gente foi buscar ela lá, só porque ela pediu.

M1 – É, e porque eu fiquei brincando de porrada também com o moleque.

M2 – Mas é brother nosso. (Grupo focal, feminino)

Outras meninas de gangue sugerem que se tidas como tal na escola com a maior probabilidade serão estigmatizadas principalmente pelo corpo docente e os funcionários, mas por outro lado, há grandes chances de serem respeitadas pelos colegas.

M1 – Parece que eu sou alguma coisa, porque na escola tudo o que acontecia era eu ou ela. Chutaram a porta da professora, foi eu ou ela.

M2 – Esses dias jogaram giz na professora, eu não sei quem foi...

M1 – Foi tu mesmo.

M2 – Aí eu comecei a fazer escândalo, eu e ela estávamos de calça jeans e de chinelo. Agora eu vi que só eu e ela que usa calça jeans e chinelo aqui. Ôxe, que tinha sido eu, aí ela falou que foi ela, aí ela começou a rir, aí eu falei, para de rir, vão me denunciar. E tudo o que acontecia naquela escola, ou era eu ou ela.

M1 – Mas, também a gente tinha moral. Quer dizer, eu continuo tendo.

Ent – Mas, vocês tinham moral com quem?

M1 – Com todo mundo. A gente chegava assim, paga isso aqui pra mim, neguinho ia lá e pagava, pega isso aqui pra mim.

Ent – Mas, por quê?

M2 – Por que eles têm medo de apanhar.

Ent – Mas, tem medo de você ou tem medo da gangue?

M2 – Tem medo da gente, porque é a gente que bota o terror dentro daquela escola. Até hoje, fora da escola “neguinho” respeita ela. Pega, leva balinha pra ela no portão, ela está do lado de fora, o pessoal leva lanche pra ela.

Ent – Mas, é para não apanhar?

M2 – Deve ser.

M1 – Não, não é para ela não apanhar, é para gente defender ela quando tiver uma briga. (Grupo focal, feminino)

Como este, são muitos os casos em que a fama do jovem de gangue na escola, relacionada a seu envolvimento com brigas e demonstração de violências, é usada por esses para pedir *pedágio* para proteção de outros jovens:

Ent - E por que eles te dão [dinheiro]?

M1 - Porque senão vai apanhar.

H1 - É porque, como eu sou conhecido, se tiver uns moleque querendo bater nele, eu protejo ele. (Grupo focal misto)

Fazer fama é um dos principais objetivos de *gangueiros*, de modo que a escola é

um dos lugares mais frequentemente citados para este propósito. Alguns contam estórias de múltiplas expulsões e ressaltam que o fato de *aprontar* na escola, inclusive com atos de violência, é um dos motivos de criar fama.

Ent - E a sua fama vem de onde?

M1 - A minha vem lá do colégio.

Ent - E por quê?

M1 - Quem mora lá sabe o que eu aprontei.

Ent - E a sua fama?

H1- A minha fama vem disso aí também, por causa de escola...

H2 - Todas as escolas que eu estudei eu fui expulso, só a última que eu estudei que não, mas o resto.

H1- Eu nunca fui expulso, só fui convidado a me retirar.

M1- E um colégio, eu estourei uma bomba no banheiro, o outro eu entrei na escola com uns moleques pra pichar a noite. Isso aconteceu no ano passado, a outra era por causa que eu brigava demais.

Ent - E aí te expulsavam e te mandavam pra outra escola?

M1 Sim, da T do Bandeirante também, eles não me expulsaram eles me convidaram a me retirar. (Grupo focal, misto)

Ser reconhecido por alunos, professores e diretores como importante e influente, mesmo que isto seja negativamente valorado por alguns, é motivo de orgulho de grande parte dos entrevistados. A transgressão e a coragem de desafiar a norma instituída norteiam os discursos dos *gangueiros*:

M1 – O diretor me expulsou da escola, porque ele falou que eu estava induzindo os alunos da escola toda, olha só?

M2 – Eu botei o colégio abaixo. Eu era de botar o dedo na cara do diretor, e tinha a unha bem grande, e virava, e cortava, e ele ficava puto comigo. Antes, ele era meu amigo; e, até hoje ele não fala comigo. Ficou puto. (Grupo focal, feminino)

Mas o respeito dos colegas, advindo da pertença dos entrevistados a gangues, não necessariamente se traduz em camaradagem e algumas meninas se queixam do isolamento e do estigma que sofrem por parte dos outros alunos. Isso contribui para a reclusão aos pares, os de gangues, e faz com que eles não mais se identifiquem com a escola:

M1 - Eu não consigo me envolver muito com o pessoal de lá [da escola] porque eu acho que eles têm uma mentalidade bastante diferente da minha e eu não consigo me relacionar com eles. Acho que eles vêem a gente como pessoas erradas que só querem saber de drogas, que a gente apronta pra carai.

M2 - Eu nunca usei droga na escola, mas o pessoal é da redondeza e conhece a gente também, já ouviu falar.

M1 - A gente conhece muita gente ali eles conversam com as pessoas que conhece a gente e aí sabe que a gente é de gangue. Muitas vezes eles falam coisas erradas da gente e a gente é de boa. (Grupo focal feminino)

Neste sentido, a fama tão almejada pode não ser considerada positiva em todas as situações. O ser de gangues é uma faceta importante na construção identitária destes sujeitos, não sendo sempre possível, deste modo, suspendê-la quando conveniente.

3.2.3 Brigas nas escolas

Os conflitos com os colegas podem, de fato, estar embasados em práticas violentas por parte de jovens de gangues envolvendo a imposição de seu poder e força, o que é reconhecido por alguns deles, como o jovem que observa que há roubos nas escolas e menciona as diferenças de situações de classe entre os alunos. O medo dos alunos que não são de gangues colabora para que os *gangueiros* pratiquem roubos e exibam o produto como símbolo de prestígio. Assim, esses impõem o reconhecimento pela sua aparência e consumo e os *gangueiros* pela auréola de poder. Veja:

Ent - Mas eu não entendi quando você falou dos meninos na escola. Que coisas roubam?

H - Tipo eu tenho um tênis um Adidas A3. Então, um moleque de gangue que esta usando um All Star, ele vai querer me roubar, vai usar a gangue pra me meter medo e me rouba. Só na pressão, sem arma, eles tomam o tênis. E porque a escola é o ponto onde os jovens que mostrar que tem roupinha bonitinha, que tem *status*, que tem fama com a mulherada e os gangueiros dominam os colégios, todos os colégios desde de quando e apareceram as gangues. (Grupo focal, masculino)

Os jovens contam espontaneamente, sem estímulo de perguntas, seu envolvimento na escola em brigas e casos de punição por seu comportamento. Isso o que parece indicar que a presença de jovens de gangues nas escolas pode ter certo potencial de interrupção das atividades da instituição. Há probabilidade de que alguns desses relatos sejam fantasiosos, mas indicam o desejo por fama e o meio como consideram básico para conseguir tal fama, sugerindo violências. Não se distinguem claramente marcas de gênero no comportamento de jovens, de gangues nas escolas nem em seus estímulos. Apesar disso, é possível afirmar que homens relacionam a fama à possibilidade de atrair meninas, enquanto este não é um ponto relevante para elas mulheres, que indicam querer se impor tanto a garotos como a garotas. Os conflitos nas escolas não se dão apenas entre alunos. Vários membros de gangues contam casos de brigas com professores e diretores e até a recorrência, por parte destes, à intervenção policial:

M1 - Briguei com ela, ela é muito idiota. Eu estou do lado de fora da escola e ela vai, a vice-diretora, vai com uma camerazinha tirar foto minha.

M2 - Para levar para D.C.A.

M1 - A última vez, estava eu, a fulana e uma menina aí, a gente entrou dentro

da escola e a Jéssica começou a bater na vice-diretora. Foi no último dia de aula. Chegou e falou: não quero você tirando foto minha e já dando altos bicudos; ela foi e se escondeu atrás da cadeira, ela chutou a cadeira, foi doido, velho.

Ent - Agora, é uma bagunça na escola?

M1 - Quando eu estava lá. Também. Porque tem uns gangueiros lá no colégio também. O namorado dela é gangueiro e está lá. Tem uns moleques da gangue tal e eu colo com eles na hora do intervalo, a gente fica tudo lá trocando ideia, fumando um cigarrinho.

Ent - A diretora sabe que vocês são gangueiras?

M1 - Sabe sim. Ela foi lá na D.C.A denunciar, todo mundo sabe. (Grupo focal, feminino)

Apesar do caso citado, os embates diretos entre alunos *gangueiros* e diretores não passam, em sua maioria, pela violência física. Estão aí imbricados, por outro lado, diversos tipos de violência, como a ameaça por parte dos *gangueiros* para com os diretores e a discriminação por parte dos diretores para com esses alunos. No exemplo anterior, a tentativa da diretora de denunciar a entrevistada valendo-se de meios anti-éticos, como a fotografia sem consentimento, foi respondido com o apelo à violência física e à simbólica.

A tendência, segundo a base empírica da pesquisa, é de que a *gangueragem* acabe por intervir negativamente no aprendizado. Uma menina relata: *parei na 8ª. Era pra eu estar no 1º junto com ela, só que ela foi e eu fiquei.* A que outra complementa: *é, tipo matou aula.* Se as atividades de gangue provavelmente atrapalham a dedicação aos estudos, não há determinismos de causa e efeito, existindo diversos entrevistados que estudam no primeiro e segundo graus, e alguns que possuem o ensino médio. Segundo uma integrante: *vou para o curso de computação de manhã, de tarde vou para escola e de noite, o frevo.*

O abandono escolar muitas vezes se dá em razão de brigas, o que ocorre independentemente do gênero. Comenta uma menina de 15 anos que parou de estudar na 7ª série e agora faz o supletivo: *parei de ir, não gostava, comecei a entrar numas fria, várias brigas.* Segundo uma outra menina, também de 15 anos: *eu estudava, mas eu parei porque eu briguei na escola, e aí fui expulsa e aí não estou mais estudando, mas ano que vem eu volto a estudar.*

Outros deixam a escola por violências sofridas, como o caso da menina que foi hospitalizada após apanhar de várias outras na escola, que não pertenciam a gangues:

Ent - Porque você deixou a escola?

M1 - Tipo assim, na escola, na primeira semana, tudo bem. Aí você vai conhecendo pessoas diferentes, você não entra mais dentro da sala, aí sempre tem alguém pra te chamar para você ficar lá fora e aí tu prefere ficar lá conversando do que

estudar. Por isso é que eu começo e paro, começo e paro. Ai eu não vou voltar mais, vou fazer supletivo.

Ent – E você está estudando?

M2 – Eu não tenho cabeça pra estudar mais não. Se eu entrar na escola eu já crio pânico já. Eu não consigo estudar em colégio publico de jeito nenhum. Não sei porque. Não consigo, eu presto atenção mais é em colégio particular. Ai, depois que aconteceu um negócio comigo no SESI da Ceilandia [briga na escola]. (Grupo focal, feminino)

Mesmo as tendências gerais também são contrariadas por trajetórias singulares, como a de uma menina em gangue que ganha a acolhida da mãe, justamente por sua dedicação aos estudos: *ai eu comecei a andar com as pessoas erradas e acabei entrando nessa vida [de gangue]. A única coisa que minha mãe tem o orgulho mesmo meu, é dos estudos porque os estudos eu nunca deixei de faltar, só tiro nota boa, é isso.* Outra menina também corrobora a ideia de que a família indiretamente negocia com os filhos, sendo mais flexível sobre a circulação desses no público em troca de um bom desempenho escolar: *a escola é normal, eu não mato nenhum dia de aula, meu caderno é completo e é por isso que minha mãe deixa eu sair. Pelo menos isso a gente faz, a gente vai pro colégio.*

Mesmo que não estivessem frequentando a escola no momento da pesquisa, os entrevistados têm, em sua maioria, um discurso que valoriza a educação como capital cultural e simbólico. Sempre se referem ao desejo de voltarem a estudar, apesar de diversas tentativas frustradas. Vários sujeitos relatam trajetórias que envolvem matrículas no início do ano escolar e subsequente abandono, seguida por nova matrícula no ano seguinte. Também fazem questão de afirmar sua escolaridade e serem reconhecidos por ela:

A mulher lá colocou no jornal que eu não tinha nem ensino fundamental completo, aquela pirada. Eu tenho é o ensino médio, guardo meu diploma e tudo, bem direitinho. Ficam querendo retratar a gente como ignorante (Entrevista em grupo, mista)

Se a influência dos colegas pode ser negativa pelas *aprontações*, mais uma vez se observa a complexidade do real, não permitindo associações deterministas. Há casos em que os jovens se interessam pela escola justamente porque lá estão os companheiros de gangues, como sugere uma menina ao observar que: *eu entrei no curso de computação porque a maioria dos meninos entra na escola. A maioria são pichadores e eu me interessei e entrei.* Há também jovens que separam o modo de estar em gangue com o modo de estar na escola, não necessariamente trazendo comportamentos violentos para a instituição:

M1 – Na escola todo mundo é de boa, tipo lá eu vou pra estudar, quer brigar vai pra fora da escola

M2 – Eu vou com esse pensamento. Lá tem alto integrantes da minha gangue,, altos capas também, mas todo mundo fica de boa

M1 – O negocio é fora, é em *frevô*. (Grupo focal, feminino)

Nem todo abandono da escola se relaciona com a vida em gangue. Muitos jovens indicam obstáculos para continuar os estudos em razão da situação de classe e da falta de condições econômicas para se preparar para seguir carreira via escola. O seguinte depoimento é emblemático do cenário de limitações, que muitos jovens entrevistados enfrentam e que faz vários desistirem de prosseguir os estudos, quando a escola não tem qualidade para lhes garante qualidade e uma trajetória acadêmica mais ousada:

Aí, eu nunca tomava rumo na minha vida, eu sempre pichei, sempre fiz essas parada. Aí quando chegou no 2º grau, ralei, tive o estudo que o governo pode me dar. Porque o seguinte, nosso estudo da escola não dá pra tentar fazer uma faculdade, alguma coisa assim. O camarada, querendo ou não, tem que fazer um cursinho ou pra entrar na faculdade, ou pra fazer um concurso público, e pra fazer faculdade tem que pagar porque a faculdade que o governo dá, aquelas de graça são pros rico, não adianta. O cara que só tem 2º grau, que não tem um cursinho, ele nunca vão conseguir entrar nessa faculdade que eles falam que são dos pobres. O pobre vai usar uma faculdade que paga, não existe esse negócio. Aí foi que eu parei porque não tinha dinheiro pra pagar um cursinho, foi passando o tempo e fui esquecendo as coisas e já era. (Grupo focal, masculino)

Outro jovem se refere a mais um fator estrutural: a discriminação por racismo sofrida na própria escola, como desestímulo para frequentá-la. As repetidas violências sofridas por negros nas escolas são motivos, tão ou mais recorrentes do que o pertencimento a gangues, para o desânimo com relação aos estudos. Seu depoimento também ilustra que não há determinismos, apontando a importância de não generalizar a crítica à escola, uma vez que há diversos tipos de estabelecimentos de ensino. Apesar de ser o racismo prática recorrente nas salas de aula de Brasília (56% dos alunos relatam terem conhecimento sobre cenas de discriminação racial nas escolas, enquanto 12,6% afirmam já ter sofrido violências deste tipo⁵¹), o pesquisado em questão encontrou, finalmente, uma escola em que tais práticas não ocorriam:

Eu parei de estudar por causa da discriminação. Sempre gostei de estudar, mas tinha uma professora que ria da minha cara, professor, diretora. Teve uma vez lá que a professora me chamou de negão, eu falei ‘qual é, me chamar de negão pro bem eu aceito, mas racismo não.’ Aí eu fui e dei uma cadeirada nas pernas dela. Aí eu fui e mudei de escola. Aí o cara ficou maltratando o menino, a diretora não

⁵¹ A fonte das estatísticas é uma pesquisa realizada em 2009 com cerca de 10 mil alunos e três mil professores das escolas públicas do DF (ABRAMOVAY, CUNHA & CALAF, 2009).

ia com a minha cara e falou que era eu, chamou a polícia, eu apanhei várias vezes na escola e quando parou, veio o moleque colocou a gente frente a frente e viu que não era eu. É sempre assim a discriminação. E hoje eu estou em um colégio ali que não tem discriminação, todo mundo é igual a todo mundo. As pessoas não querem saber quem você é, de onde você é, a cor, essas coisas assim. (Grupo focal, masculino)

De fato o desajuste entre escola e jovens não é associado no discurso de muitos ao envolvimento em gangues, mas por críticas em relação à escola, à qualidade de seu ensino, às relações com os professores e à falta de sensibilidade da escola para a cultura juvenil. Veja:

Tem que agradecer a Deus hoje, por estar tocando Rap nos intervalos das escolas do Brasil, porque nem isso acontecia antes. Tinha uma escola aqui em Brasília que acabou em 96 que os bons professores elevaram a moral dos alunos. É bom a gente estar com sala de aula, é bom a gente estar com professor, mas é bom ter professor que dá atenção pros alunos que fala ‘parou’ e você fala ‘vou parar’. Não existe mais isso aqui em Brasília. Hoje você está na escola e pode até ser espancado por um professor aqui em Brasília. (Grupo focal, masculino)

Alguns jovens reclamam da falta de reconhecimento institucional da diversidade de clientela básica, os jovens, como por exemplo a omissão quanto às necessidades de conhecimento do povo negro e da sua história.

A escola é de trabalho pro Governo. O governo ensina só aquela mentira, nunca ensina a causa certa das coisas. Os heróis que eles dão pra gente aí, o Pedro Álvares Cabral. Nunca é um negão igual Zumbi dos Palmares, Malcom X, esses cara aí. É só uma parada cabulosa, é só uma mentira, entendeu, do camarada que tem dinheiro. (Grupo focal, masculino)

Discursos deste tipo revelam o interesse por conhecimento da maioria dos jovens em gangues, e sua busca por fontes alternativas à escola, já que esta não está preparada para atender demandas. O que se observa, nesse caso não é uma falta de interesse pelo saber, mas a não atratividade de conhecimentos congelados e não reconstruídos.

O fato de que muitos jovens de gangue deixam a escola, não necessariamente para trabalhar, os singulariza em relação a outras juventudes. Pesquisas realizadas com jovens entre 15 a 29 anos indicam que o principal motivo para que os jovens no Brasil deixem a escola é o trabalho (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006). Entre aqueles que estão em gangues, alguns ficam na categoria dos que não trabalham e não estudam.

- Ent - Você estuda ou trabalha?
H - Não estudo e não trabalho, não. Vou fazer 20 anos agora.
Ent - Você terminou os estudos?
H - Terminei o 3.º grau.H1: terminei tudo já.
Ent - E o que você faz durante o dia aqui?
H - Na rua, passo o dia todinho na rua. (Grupo focal, masculino)

O panorama colhido junto a jovens em gangues na escola remete a outras pesquisas sobre essa instituição e representações dos alunos (ABRAMOVAY *et al* 2009; ABRAMOVAY e CASTRO, 2006; DEBARBIEUX, 1996 e CHARLOT, 2002, entre outros): críticas ambivalentes sobre o lugar da escola em seus discursos, apreciando-a por possibilitar encontro de pares e muitas vezes dos professores, mas questionando as relações sociais com colegas ou professores e o ambiente escolar.

Poucos referem-se à qualidade do ensino, ainda que para jovens e seus familiares o valor simbólico para inserção na sociedade e certa possibilidade de mobilidade sejam destacados. Reafirmam-se reflexões de Payet (1997) para quem contrariamente aos estereótipos existentes na nossa sociedade, os adolescentes e jovens em suas famílias investem na escola como meio de promoção social.

Mas sugerem-se, principalmente quando a pesquisa dirige o olhar para observação de práticas e seus relatos, dúvidas quanto a sua importância da escola na formação quer do “aprender a fazer”, do “aprender a ser”, do “aprender a estar”, do “aprender a conviver” (DELORS, 2006) e aprender a criticar de forma construtiva os caminhos trilhados e as vulnerabilizações sociais.

Mais uma vez se constata a incapacidade da escola de recorrer à dialógica para mudanças positivas e desconstrução de estilos de vida, de lidar com culturas juvenis; o desamparo de diretores e professores para fazer frente a violências e proprial para outros tipos de relações, assim como para usar o poder da razão contra indicadores de barbárie. Os impactos mais marcantes da vida escolar dos jovens muitas vezes vêm de seus colegas, e pouco referem a papéis significativos em suas vidas por professores ou conhecimentos ministrados na escola. A relação dos alunos com a escola tem afinidade com seu cotidiano e suas experiências na escola, muitas vezes, não estimulam expectativas relacionadas à aprendizagem, a socialização e a novos tipos de convivência, distanciando saberes construídos de saberes em uso.

Nesta seção, portanto foram abordadas as relações entre escolas e integrantes de gangues, analisando como aquelas que se dão nestes ambientes impactam profundamente a vida dos entrevistados. Ênfases foram dadas às considerações sobre os motivos pelos quais os *ganguinhos* vão à escola, as relações entre fama e gangues nestes estabelecimentos e as brigas e as violências que existem nestes locais.

3.3 Polícia e violência: não tem mocinho nem mocinha nessa história

A polícia aparece como uma das instituições estatais mais presentes no discursos dos integrantes de gangue do Distrito Federal, além das referências às famílias e às escolas. Esta seção tem por objetivo explorar as visões e representações dos sujeitos pesquisados sobre a polícia, prestando especial atenção às relações e embates diretos entre os dois segmentos.

Antes de proceder às análises do capítulo, é crucial entender que foram ouvidos apenas os *gangueiros*, não tendo sido nenhum policial entrevistado. O propósito deste capítulo não é revelar a verdade absoluta do que acontece entre polícia e gangues, mas apontar as visões dos pesquisados sobre a polícia, instituição de contato entre o Estado e esta população. Para tanto, foram analisadas as interações entre pichadores e policiais, as opiniões sobre as condutas destes agentes da lei e as relações entre *gangueiros* e polícia. O Estado democrático, promotor de direitos humanos e, tem papel importante a ser exercido, especialmente em sociedades como a brasileira, que se encontra em elevado grau de desigualdade social e crescente violência. No entanto, diante deste quadro, as instituições do Estado não têm assumido de forma plena a responsabilidade da promoção dos direitos humanos, buscando a ordem social por meios nem sempre legítimos.

Os relatos de jovens, meninos e meninas, em gangues sobre a polícia, a instituição do Estado que tem o exercício legítimo da força, tende a seguir a mesma tônica de outros relatos de jovens pobres em bairros periféricos, qual seja, o da crítica à atuação dessa instituição (ver, entre outros, CASTRO *et al*, 2001; FEFERMANN, 2006, ATHAYDE e MV BILL, 2007).

3.3.1 A pichação e a polícia

Os jovens protestam contra arbitrariedades, abusos de poder, corrupção e co-nivência com o crime por parte de policiais (como, por exemplo, a venda de armas, por parte dos agentes, para os entrevistados). Entre as várias arbitrariedades que os sujeitos pesquisados apontam como tendo sido cometidas por policiais, aquela de castigar os jovens pichadores, dando-lhes “banhos de tinta”, é uma das mais citadas. Este tipo de ação envolve uma complexa gama de violências, que vai desde a violência simbólica personificada na humilhação até a discriminação e a violência física, que se revelam em episódios de tortura e agressão física. Conta uma menina:

Quando a gente estava voltando, tinha uma lata cheia ainda, aí os canas pararam a gente. Aí os canas pararam, pintaram os meninos tudinho. Esse pequenininho estava com o pito na boca, aí o cana falou: ‘Cadê o pito? Se vocês não derem, eu vou pintar vocês sem o pito e vai ser pior, porque eu vou estourar uma lata por uma na cara de vocês’, não sei o que, mais eles já andam com os pitos já dentro da viatura já, os policiais, e o menino com o pito na boca. Aí o policial: está na boca do pequenininho, aí deram uns tapas na nuca dele, aí ele cuspiu, aí o cana colocou, pintou a cara dos meninos tudinho.... (Entrevista, feminino)

Outra transcrição revela tentativas de pintar os olhos de *gangueiros* com *spray* de tinta:

Na vez que nós andamos no Plano, tava indo uma galera e tava com uma lata na mochila aí descemos numa parada lá na frente e quando chegamos em frente o Cine Brasília, estavam os policiais, pegaram a lata queriam pintar o olho do moleque só que o moleque não queria abrir o olho, aí pintou mesmo só a cara, aí da vez que pegaram nós no Riacho pintaram a nossas cara, as roupa, mochila e o tênis. Anotaram nossos nomes (Grupo focal, misto)

Além das violências citadas, pintar cidadãos violando a Constituição Federal e as convenções de direitos humanos também envolve um componente de discriminação de classe e repressão econômica. Integrantes de gangues são conhecidos por usarem roupas de marca, e a pintura nestas roupas as inutiliza permanentemente. Estragá-las seria uma maneira de reafirmar que pessoas pobres não teriam o direito de consumir bens desta natureza.

Ent - Porque eles pintam ao invés de levar para a Delegacia?

M – Vixi, porque esses meninos andam tudo com bermuda de 190 reais, blusa de 90, 100. Aí eles pintam a roupas com tudo, boné, tênis, as canelas, fica todo mundo brilhando. Nesse dia eu comecei a rir, mas eles nunca me pintaram... Aí ele, tu ta rindo, bonitinha? Da próxima vez eu pinto você também. Aí os meninos ficaram tudo indignado porque não me pintaram, foi o maior arrocho esse dia. (Grupo focal, feminino)

Histórias de confronto entre pichadores e polícia se repetem, sendo a pintura um dos mais frequentes desfechos. Tal prática punitiva, segundo os entrevistados, seria utilizada por alguns policiais para contornar a proteção aos menores de idade, burlando assim o ECA⁵².

Ent - E polícia? Você não tem medo da polícia?

H1 - Polícia se pegar, só apanha um pouco.

H2 - Eles perguntam você quer apanhar? Ser pintado? Ou apanhar e ser pintado? E corre o risco de apanhar e ser pintado.

H1 - A maioria pergunta. Mas tem uns que nem pergunta, já leva pra delegacia.

Ent - Já ocorreu de você ser pintado?

H3 - Eu lembro que uma vez eu fui preso , com o irmão deste aqui, eu paguei uns trezentos polichinelos, quebraram um cabo de vassoura na minha costa, eu fazendo flexão e ele com o pé em cima, falava levanta, levanta, como é que levanta com um coturno daqueles, eu não levantei, ele quebrou um cabo de vassoura nas minhas costas, me pintou, roubou o dinheiro que disse que eu não merecia, fui todo quebrado pra casa.

Ent - Por que vocês acham que a polícia faz isso?

H2 - Safado mesmo.

H1- Porque eles acham que se levar para a delegacia, o delegado vai é zombar da cara deles. Porque não vai acontecer nada, principalmente se não tiver a lata de spray.

Ent - Alguém já foi pego de maior aqui?

H1 - Se for maior leva e assina o vandalismo.

H4 -Já me pegaram de maior e não me levaram não, só me bateram. (Grupo focal, masculino)

Espancamentos como o citado anteriormente também são bastante frequentes nas falas dos *gangueiros*. A revolta ocasionada por ações arbitrárias e totalitárias deste tipo é, por vezes, acompanhada por sentimento de impotência, combinados à atribuição de covardia por parte dos policiais: *é que nem diz aquela música: 'você com revólver na mão é um bicho feroz, sem ele anda rebolando e até muda de voz'. Eles só têm coragem com ferro. Tudo um bando de covardes.*

3.3.2 Opiniões sobre a conduta policial

Há ainda relatos de apreensão de drogas usadas ou comercializadas pelos jovens. Segundo esses, os entorpecentes não seriam encaminhadas para a delegacia,

⁵² Estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com o ECA os atos infracionais são condutas ilícitas, como os crimes e contravenções penais, porém praticadas por crianças e adolescentes. Ações como lesão corporal, porte de arma, ameaça, Tráfico de entorpecentes, dano ao patrimônio, pichação, entre outras, são considerados crimes ou contravenções penais e são apenados com medidas educativas de vários níveis, nenhuma envolvendo, obviamente, agressões físicas.

conforme disposições legais, mas sim utilizados para consumo próprio por parte dos agentes de polícia, o que os jovens caracterizam como corrupção.

H1- Policial é tudo safado.

H2 - Tudo corrupto.

H1- Fui lá na frente, busquei cinquenta gramas de bagulho, to lá na praça lá trabalhando o bagulho, os cana chega, 'cadê o bagulho', 'cadê o bagulho', eu dei pra menina, ela colocou dentro da blusa, os cana manda tirar o bagulho, ela tira a blusa tava lá a pedra, lá dentro, eles mandaram ela tirar a blusa, ela tava com uma blusa de frio aí tirou... aí acabou que ele pegou a maconha, disse: 'dá uma acendida aí', e saiu para fumar o bagulho, e me deixou lá, na mão. (Grupo focal, masculino)

Outros contam casos de flagrantes de fato forjados para que, segundo os narradores, a polícia mostre serviço:

As polícias querem mostrar serviço para o governo, ainda mais quando o governo arroxa a polícia. Aí eles pegam qualquer um. Você está de bobeira na madrugada e eles: está pichando'. Te pega lá aí já vai sujar seu nome, e bota pra assinar tudo, te bate, te tortura até você assinar. Tem policial que vê o cara pichando, e pode até forjar né, mata o cara e joga uma arma que ele ganhou e fala, ele tentou reagir. (Grupo focal, masculino)

Relatam também casos de suborno de autoridades inclusive para a entrada de drogas na prisão:

M – Eu já fui na Cascavel, ver meu irmão, aí no SIAB, no CEZAN. No CEZAN e no SIAB é tudo a mesma coisa, as revistas, e mesmo assim entra droga. No dia que eu cheguei lá eles tinham acabado de fumar.

Ent. E como é que entra?

M – É o monitor que leva e usa também, aí fala: 'você me dá 50 gramas para eu levar, você pega 25 e eu fico com 25, entendeu?' Paga pedágio.

Ent. É incrível porque tem uma revista brava lá né?

M – Tem. Abaixa três vez, assopra, olha a boca, ouvido, balança cabelo, levanta perna. (Grupo focal, feminino)

As revistas policiais, os famosos *baculejos*, são mencionadas sem estímulo de pergunta, lembradas como momentos de humilhação, como no episódio em que a revista ao jovem foi feita por uma policial mulher: *eu não tava fazendo nada, só estava de bobeira. Aí a viatura parou, aí umas donas mandou a gente ajoelhar a policial, mulher. É humilhante xingando as nossas mães, chamando a gente de viado e batendo.*

A revista é aproveitada por policiais para abuso de poder: *tomei 6 bacú [baculejo] no mesmo lugar, cada um como uma viatura e policiais diferentes. Eles ainda pegam meu*

*celular, 'opa, caiu no chão' e joga na lama, carteira 'opa, caiu no chão' e joga na lama. De fato os casos de revista também indicam arbitrariedade policial e há os que atribuem o fato de serem constantes alvos de *baculejo*, serem parados para revista pela polícia e abordados de forma violenta por discriminação racial:*

Eu nunca fui preso não, mas um dia aí a polícia tava na rua e começaram a me bater, discriminar só porque eu sou preto entendeu. Tem altos branquinho lá metendo assalto e quem vai pra parede é eu. Umas três semanas atrás eu tava naquele lá na 6, em 15 minutos eu levei 6 bacú da polícia. Bacú não, humilhação né, humilhação porque minha virilha ficou doendo uns três dias. Eles batem. Não descaradamente mas bate. Pede pra abrir a perna, 'abre mais', se não tiver do jeito que ele quer ele vai dando bicudo (chute) na canela, tapa na cabeça, é negão, é folgado, preto, racista mesmo. Tem uns que é tranquilo, mas tem uns, vou dar ideia. (Grupo focal, masculino)

Depoimentos desta natureza reafirmam a discriminação racial e social patente na construção do “suspeito ideal”: homem, pobre, negro (SEGATO, 2003). Também corrobora a citação da poesia de Mano Brown, dos Racionais MC's: “Eu me formei suspeito profissional. Bacharel pós-graduado em tomar geral” (Racionais Mc's, *Em qual mentira eu vou acreditar*).

Enfatizando discriminações, classe entra no discurso de alguns jovens também, ressaltando-se descaso do governo para com as cidades satélites, os pobres: *Pois é, em vez do governo investir em contratar 50.000 policiais, ele devia investir em contratar profissionais da escola, o governo ia ter mais benefício com escola. Ele quer o que, que o trabalhador fica preso, que nós fique é preso. Para outros há discriminação da polícia não por serem de gangues, usuários de drogas ou mesmo traficantes, mas por classe social, já que seriam poupados os donos do tráfico, os que investem na compra das drogas para revenda.*

A polícia é daquele jeito né, olha como ela trabalha errado. Eles vão atrás do usuários, eles não vão atrás do cabeção. Porque com certeza o pessoal não tem dinheiro pra trazer 1 tonelada de cocaína. Quem tem esse potencial? É o rico, o rico só joga coisa ruim pra periferia. Isso vem deles pra cá. Porque nós não tem condição né, eu não tenho condição não, de comprar uma tonelada. (Grupo focal, masculino)

Outros jovens que também protestam contra o fato de serem diversas vezes alvo de revistas ou de abusos por parte da polícia, atribuem a *perseguição* ao Estado, seu suporte a desigualdades devidas ao território de residência, que já estigmatizaria jovens em galeras:

H1- Próximos, é ponte, novo museu, biblioteca, um bocado de coisa bonito. Agora pra nós é polícia, polícia. Aqui na Ceilândia, da última vez que o Roriz deu

aquelas viaturas, aquelas X-Terra, foi dividida 10 pra uma não sei quantos pra outras, pra Ceilândia veio 40 viaturas. Pra que isso?

H2-Parece que só na Ceilândia tem 600 policiais, só pra Ceilândia.

Ent- vocês vêem essa polícia na rua?

H2- Ixi. E como. Muito. A gente que anda assim é muito discriminado. Pessoas que tem prestígio pode andar em qualquer lugar, pode estar armado, com drogas que não acontece nada.

H1- Você andar no plano tem aqueles negócio de polícia não te parar muito né, se pegar é mal né, aí você já vê a diferença já. Por que que no plano não tem tanta abordagem de policial e tem violência lá, mas a violência lá é abafado e por que aqui a polícia maltrata tanto a gente? (Grupo focal, masculino)

Os jovens vivem inúmeras experiências de discriminação e preconceito. Para Crochik (1997), o preconceito “(...) é engendrado pela cultura e que se caracteriza pela hostilidade manifesta ou sutil dirigida àqueles que são considerados mais frágeis”. Nesta relação os jovens são considerados mais frágeis.

Contam alguns também com algum orgulho casos de violência contra a polícia, principalmente os jovens integrantes mais antigos das gangues:

H1- A pior gangue é a gangue de polícia eles tem uma gangue.

Ent - E eles não vêm atrás não?

H2- Vão mas dependendo da pessoa eles nem encontram.

H1 - Se você não dá mole, ai ele mexeu contigo na tua quebrada e vê que você não deu mole ele não vai mais folgar aqui porque o moleque não deu mole.

H2- E se for fardado pior. Tem que ver se entra fardado também, se ele entra fardado e de viatura vai ter mais uns três. Se não der tiro nele de perto, dá tiro na viatura. Eles saem correndo vai querer chamar reforço pra encerrar de novo. Eu conheço neguinho de gangues que já matou polícia pra roubar o ferro dele, pra toma o revólver. (Grupo focal, masculino)

Estórias sobre enfrentamento contra polícia são, no entanto, mais raros, considerando o espírito de corporação o seu poder de fogo. Considera-se que uma afronta contra um policial é o mesmo que assinar a própria sentença de morte:

Eu perdi foi minha paz, quando pichei a casa de policial, você é doído? Tive que parar de estudar, tive que sair da casa da minha mãe, se não fosse meu irmão... meu irmão conhecia um cara que conhecia o policial e foram lá, e o cara 'não, eu quero pintado e quero falar com seu irmão'. Meu irmão me levou lá, ele colocou o dedo na minha cara, 'queria era te matar meu irmão. Ia dar tiro dos pé à cabeça, só pra brincar.' Na frente do meu irmão. Viatura policial indo direto na minha casa. Na minha casa não ia muito polícia. Na primeira vez que foram acharam 3 caixa de bala de .32 que era do meu amigo, acharam minha arma, um bocado de coisa. Cadê que era da delegacia, era polícia militar que não podia, mas minha mãe é inocente deixou eles entrarem. (Grupo focal, masculino)

Alguns não sugerem ser desproporcional a punição arbitrária impingida por policiais quando estão nessa atividade: *o pessoal tava grafitando e olha os cana: eles meteram um saco na minha cabeça e jogaram para eu falar quem era o líder.*

Nas relações entre gangues e polícias não há vítimas ou culpados absolutos. Apesar de inseridos em posições de poder distintas, ambos os lados parecem ser responsáveis pela perpetração de violências de modo ilegal. De fato, não há bom ‘mocismo’, é violência legal usada contra violência ilegal e não necessariamente de forma legal, as representações dos jovens, o que pode não corresponder aos fatos, há analogias entre polícia e gangue pelo uso da violência, afirmando-se que o histórico de vida de muitos jovens em gangues estaria recheado de prisões e crimes.

A posse de armas entre alguns grupos em gangues, modela formas de relacionamento entre polícia e jovens nessas galeras, além de estar relacionada aos lugares ocupados por mulheres nas gangues. Em muitos casos as meninas têm o papel de levar o *spray* e as armas, justamente porque costumam ser menos revistadas pelos policiais quando os grupos ou pares, que fingem ser namorados, são abordados. Isso parece sugerir o estereótipo de que as mulheres estariam menos envolvidas em atividades de contravenção, compartilhado pela sociedade geral, inclusive a polícia, é utilizado pelos jovens em gangues, em uma reapropriação de valores e construtos sociais. A arbitrariedade policial contribui para desmoralização da lei e alguns jovens declaram inclusive que isso os estimula a serem mais violentos:

Ent – Elas funcionam como uma espécie de proteção para você. O que mais elas fazem, além de levarem a tinta, elas andam armadas?

H1 – Anda. A gente sempre leva arma e aí bota as mulher para levar porque os policiais não param elas, só param a gente, aí elas levam as latas, armas disfarçadas. Muitas vezes de boa, a gente nem pichava, nem fazia nada e os policiais abordam a gente na rua e ao invés de serem educados... tem uns que são educados revistam e desculpa aí, porque é meu trabalho mas têm outros que já chegam metem a mão, não falam nada, perguntam aonde é que você mora? - cadê, o que você está fazendo aqui? - cadê a droga?. É desse jeito, e essa é a minha revolta, por isso que a gente destrói e picho até quartel policial para eles ficarem espertos. (Grupo focal, masculino)

3.3.3 Relações entre gangueiros e polícia

A diversidade dos perfis de gangues e de jovens que estão em gangues questiona generalizações sobre o grau de envolvimento com outros crimes além da pichação, como observado durante a pesquisa. Vários jovens já foram enquadrados no 157 e até no artigo 12, e o uso de armas é relatado por vários como a maior justificativa para a ação policial, sua desconfiança em relação a jovens em gangues. Mas

muitos contam histórias que incriminam policiais, como uma das fontes de venda de armas para os jovens em gangues e no tráfico. Os relatos seguintes são ilustrativos:

Ent - Todo mundo tem arma aqui? Como vocês conseguem arma?

H1 - A própria polícia vende.

H2 - A gente rouba e compra, de uma pessoa na rua.

H3 - Ele tá falando o seguinte. Dentro das comunidades, ele conhece um cara e fala e aí, você não sabe quem tá vendendo não?, Sei. Aí rouba pra comprar arma. A polícia prende a bandidagem, aí ele pega eu e ele aqui armado. Leva pro meio do mato, dá um chá de arara, solta nós e a arma já vai ser vendido pra outro bandido. A maioria é a polícia.

H1 - Eu to te falando o canal certo, é a polícia. Policiais aposentados por exemplo, os próprios traficantes. Mas na maioria das vezes, você pode ter certeza que a arma vem da polícia. Como que vai entrar com uma carga de 80 armas aqui? Sem a polícia saber, não tem como. (Grupo focal, masculino)

Ent - E onde você conseguiu a arma? Como é que consegue? Empréstada? Comprada?

H - Não, era minha. É. Na feira do rolo ali. Chega lá e se quiser até um fuzil, eles vende.

Ent - E quanto? Na época que você comprou?

H - 400, 350. (Grupo focal, masculino)

De fato, a banalidade do acesso a armas impressiona – *arma é que nem pão, onde chegar acha* – interessando mais identificar as fontes de abastecimento dessas para os *gangueiros* estudados. Alguns policiais seriam uma entre várias outras fontes *por contatos*, colaborando para confundir as fronteiras entre a lei e a contravenção:

Ent - Vocês andam armados?

H1 - De vez em quando.

H2 - É só quando precisa.

Ent - Como conseguiram as armas?

H1 - Fácil, arma é que nem pão, onde chegar acha.

Ent: As pessoas falam que arma hoje são muito mais caras.

H1 - É verdade, antigamente na época que eu comecei na gangue era barato, o que eu paguei numa arma em 2000 hoje é o dobro.

Ent - Com quem você compra?

H1 - Ah não sei. Os contatos que nós tem, a gente que vive nessa vida tem muito contato. Da polícia também, mas não gosto de me envolver com a polícia As pessoas acham que são bonzinhos que tão aí pra ajudar, mas nem sempre é assim.

H2 - Em Brasília daqui uns dias só vai ter polícia da gangue.

H1 - Com fé em Deus.

Ent: Por quê? Foram bem preparados?

H1 - Ainda não, mas está a um passo.

Ent: Às vezes vocês brigam de braço ou de arma?

H1: Hoje em dia esse negócio de arma tá mais tranquilo, só se for alguma coisa sé-

ria mesmo aí neguinho mete bala. Agora quando nós tromba assim uma cabeçada deles e uma cabeçada nossa, aí é no braço mesmo, não tem troca de tiro não, não vi uma só vez pra eles falar que nós passou mal deles, eu quero é ver qual foi a vez que nós passou mal com esses bicho aí hoje em dia, nunca. (Grupo focal misto.)

Ent - Como vocês conseguem a arma?

H1- Em qual quer canto se quiser arma mesmo sempre vem de um policia.

Ent- De um polícia?

H2-Sempre tem um corrupto pra passa uma arma pra nós, a gente tem porque malandro mesmo tem. Camarada nosso tá com uma arminha lá menor que esse celular aqui, a arma é da Alemanha ou Européia, sei lá, de onde um cara vai conseguir arrumar uma porra dessa? Se ele for lá comprar com o dinheiro, ele não compra não.

Ent- Qual o calibre dessa?

H2 - É vinte e dois, o calibre dela roda ao contrário o tambor, achar uma porra dessa é a coisa mas rara no mundo. (Grupo focal, masculino)

A visão sobre a polícia está longe de ser de respeito e de admiração pelo trabalho de proteção à população. Ao contrário, são vistos como perpetradores e potenciais algozes dos *gangueiros*. As meninas contam casos de assédio sexual por parte de policiais. E algumas, assim como os meninos ressaltam inclusive o envolvimento de alguns agentes com droga, apreensão de armas para uso não legal, além do apelo à violência, o que se traduz em muita revolta por parte dos jovens:

M1 – Eles pensam que eles que mandam e não é bem assim, porque bandido também mata policial; eles pensam que eles mandam na cidade e saem batendo em todo mundo. São drogados também “os policial”.

M2 – Muito mais que os pichadores.

M1 – Muito mais que a gente.

M2 –Falam que a gente é errado, tem gente que chama a gente de porco imundo, que a gente fica se escondendo atrás dos apelidos, mas não é isso.

Ent – Quem é que fala?

M2 – Os policiais. Meu tio mesmo que é delegado ele chama a gente de porco imundo.

M2 - Eu e duas parceiras minha fomos curtir um “frevô”... antes eu usava cocaína demais, o que eles fizeram? Perguntaram se a gente queria cheirar, se queria isso se a gente queria.

M1 – Eles, os policiais. Estava eu, ela e outra dona que não vai escutar não por que ela não estar aqui. Tipo, a gente estava no “virado”, um barzinho bem ali e aí eles chegaram chamando a gente para cheirar.

M2 – E levaram a gente para o rumo da barragem.

Ent – E vocês sabiam que eram policiais?

M1/M2 – Sabia. A gente estava dentro da viatura.

Ent – Dentro da viatura? mas o que vocês estavam fazendo dentro da viatura?

M2 – A gente estava cheirando com eles.

M1 – A gente deu um “teco” e eles foram levando a gente para o rumo da barra-

gem, já começamos a discutir com o policial.

M2 – A gente falou que ia pular do carro. A gente ia falar o quê? A gente vai ligar para polícia? Eles são a polícia.

Ent – Mas, por que vocês foram, gente?

M1 – A gente queria dar um “teco”.

Ent – Mas isso tudo é muito perigoso.

M1 – Perigoso? Eles são tudo um bando de safados Mas, como é que eles querem proibir os outros de cheirar, os outros de usar drogas se eles mesmos fazem. Você acha que ele pega “uma dolinha” aqui, ele vai lá e entrega na delegacia? Não, não vai não.

M2 – Quando pega alguém com revolver você acha que eles entregam? Eles batem nas pessoas e pegam para eles. Quando tem aquelas apreensões de drogas, grande, eles vendem e ficam é rico. (Grupo focal, feminino)

A narrativa seguinte, além de remeter a arbitrariedade policial, indica que um dos efeitos da violência policial seria justamente o não esperado estímulo para que os jovens mais apelem para a violência:

Eu vou falar aqui pra você, a coisa aqui em Brasília o que leva um adolescente, um jovem a essa vida é família e polícia. Por exemplo, tá nós aqui, eu e o menino aqui saímos o colégio, e é um menino do bem, não tamo fazendo mal pra ninguém, leva uma abordagem da polícia, do nada ‘cadê maconha?’, bate na gente por nada, chama a gente de filha da puta, aquela humilhação, não pode falar nada que se a gente falar é abuso [desacato] de autoridade, se for de menor vai pra DCA e se for de maior vai pra delegacia. Uma mentira de polícia em Brasília vale mais que 10 realidades de qualquer outro cidadão. (Grupo focal, masculino)

Não são relatos pontuais, mas estórias que se repetem, como a que conta um rapaz de outra gangue: *estava eu, X, Y e o Z e a gente estava com 8g de cocaína. Não deu nem tempo de dispensar, eles pegaram e falaram assim: ‘pode ir embora que essa a gente vai cheirar hoje. Entraram dentro da viatura e se foram*

A convivência de policiais com a contravenção não se daria de forma esporádica, mas constituindo-se em prática estabelecida de cobrar ‘mesada’, o que lembra também relatos de outros pesquisadores, como Athayde e MVBill (2006) sobre pactos de policiais com o tráfico em outras regiões do país, isso potencializa o significado quase estrutural, sistêmico em apoio a singularidades locais, que vem fazendo parte do repertório de protesto dos movimentos sociais contra a situação dos órgãos de segurança do Brasil:

Fizeram essa mesma coisa aqui com um parceiro nosso, encontraram armas, cocaína, maconha e mais algumas coisas. Eles pegaram falaram assim: ‘eu só não vou levar você preso porque eu sei onde é a bocada agora. Toda vez agora eu vir atrás buscar o dinheiro. Toda vez agora ele vem atrás do dinheiro e pegou dois

mil e cacetada de um parceiro meu e da L que é daqui da 09. Eles são os próprios bandidos. (Grupo focal, feminino)

Ao descrédito em relação à polícia, soma-se a opacidade do horizonte de confiança quanto à intervenção do Estado. O que fortalece o papel da gangue como referência de proteção, de pertença. Mais do que a ausência do Estado, da lei, os jovens questionam o tipo de intervenção deste nas suas comunidades:

M1 – Tipo assim, a gente não tem policiamento, a gente não tem segurança. Dentro de casa às vezes a mãe fica enchendo o saco e a gente vai para nossa galera que é tipo nossa família; não tem lazer, não tem porque as quadras daqui são tudo umas bostas. Você não pode confiar em ninguém, não tem saúde, não tem nada.

P – Vocês confiam em vocês?

Todos – Eu confio.

M2 – Eu confio em mim e nos meus parceiros

M1 – Eu confio mais neles no que na polícia. Por que se vier me roubar alguma coisa eu sei e vou pegar de volta a minha coisa que roubaram de mim. (Grupo focal, misto)

O conflito entre polícia e gangue é admitido como parte de uma situação de gueto (WACQUANT, 2008), em que o estigma do território e a má qualidade de vida condicionariam tal enfrentamento: *a gente não tem como se expressar, aí aqui a gente se expressa contra a polícia porque é a nossa vivência. Aí teria que ter uma vivência conosco pra você ver como você não ia ser como nós.*

Contudo alguns jovens singularizam casos, referindo-se a maus elementos na polícia, sugerindo, assim, que não necessariamente desvalorizam a instituição como um todo:

Ent – E o X era da polícia?

H – Da polícia civil.. Ele é doido, ele batia em todo mundo, mas ele já morreu já, ele era um mau elemento. As bocas de fumo tinham que dar dinheiro para ele, os pichadores tinham que dar dinheiro pra ele. Ele comandava a quebrada todinha, o X todinho. (Grupo focal, masculino)

Como apontado ao longo deste capítulo, identificam-se algumas diferenciações de gênero quando se discutem violências, nas gangues e como a polícia lida com meninas em gangues. Também não é consensual, mesmo nas narrativas das meninas, como são tratadas pelos policiais quando pegas pichando ou em outras infrações. As meninas, segundo alguns relatos, parecem ser poupadas do vexame de ter suas roupas e corpos pintados, pelos policiais, e com a maior probabilidade não são levadas para a delegacia. Contudo, se algumas dizem que nunca foram pintadas,

outras relatam casos de sofrerem tal punição, de assédio sexual por alguns agentes e também outros tipos de violência policial:

A gente tava lá, ia marcar uma festa e quando pensa que não, só veio o BOPE com umas metralhadoras, 'todo mundo no chão!'. Quando pensa que não, já veio um bocado de polícia, um ônibus e duas viaturas pra essa reunião nossa. Daí a X, aquela que falou com vocês de manhã, levou um tapa na cara de um, a Y [apelido de outra menina Pequena] levou um chute na cabeça de outro. Depois ficou com aquela humilhação com a gente. Mandaram os de menor ir, ficou uns de maior lá, eles ficaram humilhando e bateram em um homem lá, que ele tava fumando maconha. (Grupo focal, misto)

M1 - Um dia eles pegaram nós, botaram nós três lá dentro da viatura e apertaram mó *spray*, nós morrendo lá dentro, no fim levaram nos lá pro IML, bateram na cara da X [apelido da menina da gangue].

Ent - Mas os policiais eram homens ou mulheres?

M1 - Homem, levando seis mulheres lá pro IML, botaram todo mundo na parede, passamos a noite todinha.

M2 - Mas depois não aconteceu nada, apanhamos, fomos presos, só porque estávamos dentro do carro roubado

H - Alma sebosa esses polícias. (Grupo focal, misto)

Note-se, no relato anterior, expressão que aparece em outras falas sinalizando para certa banalização da violência policial, quando a jovem anota que não teria acontecido nada, só apanhado da polícia. Se a contravenção é apreciada pela adrenalina, o sentido de aventura, também dá medo, inclusive da polícia. Mas ao que parece tal medo não compete com o desejo de correr perigo, do prazer de ser de gangue, como indica o relato de algumas meninas, a seguir apresentado, o que leva a questionar o efeito dos métodos de repressão usados por alguns policiais, como pintar, bater e até torturar:

Ent - E pichar é legal é? Qual a sensação.

M1 - Adrenalina. Adrenalina demais

M2 Mas que dá medo dá. Quando a gente vê os canas a gente pira. É bom, mas dá medo, não é medo de rodar, mas dos canas pegar nós e pintar a gente...

M1 - Bater.

Ent. Porque eles pintam?

M2 - Pintam. Pintam o olho, os dentes, pintam tudo. Teve um dia que eles pegaram os meninos lá e fizeram eles andarem até o P Norte de calças abaixadas.

Ent - Eles fazem isso com meninas também?

M1 - Tem vez que pinta. Só que eu nunca fui pintada não!

M2 - Eu também, nunca fui pintada, só tomei choque para dizer quem era o líder. Com uma maquininha dessas assim, para dizer quem era o líder da galera.

Um discurso encontrado entre meninas, mas não identificado entre meninos, diz respeito à avaliação da ação violenta dos policiais contra jovens em gangues como correta. Várias mulheres justificam a ação policial por certa divisão social de trabalho, reconhecendo que eles estariam fazendo seu papel e que os jovens nas gangues estão errados. Comumente, entretanto, quer entre meninas e meninos as reclamações contra a polícia não seriam por suas ações punitivas, mas pelo abuso de autoridade:

M1 - Eles [policiais] batem.

M2 -Tá, eles batem mas eles têm o direito.

Ent -Vocês acham que eles têm o direito de te bater?

M3 - Eu acho que não, porque além de ele ser homem, a gente sendo de menor a maioria das vezes quem bate é a mãe. Não é crime homem bater em mulher? Só porque eles são policiais têm o direito de bater na gente? E ainda de menor, eu não acho certo não, mas batem.

M1 - A gente não pode reclamar, a gente tá errado também né. A gente não tem o direito de reclamar das atitudes deles. (Grupo focal, meninas)

M1 - Não é uma questão de confiar na polícia, eles fazem os serviços deles, né? É o ganha pão deles, né? Não é errado o que eles fazem, não

Ent- É pão deles, mas essa deles pintarem a cara dos outros você não acha errado?

M1 - Mas a gente está errado...

Ent - É certo eles pintarem a cara dos outros?

M2 - Não. Mas quem é errado é nós...

M1 - Não é certo a pessoa trabalhar o mês inteiro para comprar uma tintas para pintar a casa dele e uma pessoa que não faz nada na vida, chegar e picar, eu não acho certo não!

Ent- Não é melhor eles darem castigo, levar pra prisão, chamar mãe, chamar pai?

M2 - Tem muito cidadão ai que eles param, que dão bacú, batem, é evangélico também. Eu já vi várias vezes, eles dando bacú em evangélico. Isso é errado, não tá vendo que está com a bíblia.

M1 - Eu também acho que não está certo não, mas também não está certo o que a gente faz.

Ent. E Porque você faz?

M1 - A gente se acostumou com o errado. Acostumou com o errado, fazer as coisas erradas, eu sei que não é certo não. Eu penso assim, o cara trabalhou um mês inteiro para pagar tudo aquilo e nós vai e em um dia a gente acaba com a parede dele.

M2 - Em cinco minutos...

M1 - Em cinco minutos nós acaba com a parede dele. Ai você vai saber como que ele conseguiu aquele dinheiro: o que ele estava fazendo? O que ele fez? Às vezes o homem passa o mês todinho catando papelão para construir as coisas dele e nós vai lá destruir. (Grupo focal, feminino)

Os textos construídos por jovens demonstram em sua representação da polícia, a falta de dialógica, de comunicação entre essas instituições – gangue e a polícia - e não tanto pelo cumprimento do dever legítimo da polícia de punir a contravenção, mas sim pelos atos arbitrários, abusos a ela atribuídos por conta da ação de muitos policiais contra jovens em gangues, principalmente nas cidades satélites.

A falta de fronteiras entre o modo de ser violento de muitos jovens em gangues e de vários policiais mais contribuem para a falta de horizontes sobre alternativas quanto a modelos de respeito, apreciação pela autoridade e a não violência, princípios que eticamente deveriam se distanciar da repressão e da corrupção. Porém, isso não significa, necessariamente, um apelo por parte dos jovens pela punição.

Junto com a desmoralização da polícia, a desmoralização do Estado e a deslegitimação da lei, são combustíveis de alto risco para potencializar o desencanto dos jovens, e corroborar para uma postura de transgressão às regras estabelecidas.

Segundo Calligaris (1998), “membros de uma sociedade moderna — se forem excluídos de seus benefícios ou mesmo do sentimento de pertencer a sua comunidade — não têm como reconhecer a autoridade de uma lei que, na representação moderna, é fundada justamente no consentimento da comunidade da qual eles permanecem excluídos”. Assim, o transgressor que, por não poder reconhecer a lei de uma sociedade da qual se sente excluído, encontra-se ainda mais excluído pela resposta repressiva, recebida não como manifestação da lei, mas como mera violência ou vingança.

Insiste-se que a violência por parte de muitos policiais contra jovens em gangues não estaria surtindo o efeito de tirar os jovens desse estilo de vida, de competir com o que oferece a gangue para muitos jovens: pertença, sentimento de fama, reconhecimento, resgate de um poder e vozes negados pela sociedade à juventude. Mesmo que tais sentidos se alicercem na transgressão, no perigo, na morte e na violência contra os próprios pares.

Esta seção propôs-se a realizar um breve panorama das visões e expectativas dos jovens de gangues com relação à polícia. Foram analisadas as ligações entre pichadores e policiais, sobretudo as opiniões dos *gangueiros* e *gangueiras* sobre condutas policiais.

4. GÊNERO

Discussões acerca da temática de gênero no universo das gangues configuram-se como essenciais dentro do espectro de compreensão e análise a que se propõe esta pesquisa. Tais discussões tornam-se complexas ao se enfocarem mulheres em um *ethos* considerado como predominantemente masculino, como parecem ser as gangues. Essas mulheres, muitas vezes, não se adequam aos estereótipos sobre feminilidade sem necessariamente desestabilizarem assimetrias de poder. Os sujeitos se constroem em uma relação social, pedra angular do conceito de gênero, apresentado performática própria que não se ajusta a quadros fixos, o que vem matizar considerações sobre construção de masculinidade, de ser mulher em gangues, das relações e dos vários tipos de mulheres que circulam nesse meio. Ou seja, a construção do feminino pelos atores em questão, tanto homens como mulheres, comporta a diversidade de tipos sem necessariamente deixar de impor nomeações.

A primeira seção analisa como se dá a construção da masculinidade nas gangues, a obtenção de prestígio e valor por meio do *ser macho*, mostrando coragem e uma certa depreciação do feminino, sendo os homens a referência principal nos discursos dos jovens. Fama e prestígio se dão por meio da conquista, *pegação*, virilidade e do pichar.

A segunda seção mostra as dissimetrias de gênero nas gangues, o papel da líder “F” e as brigas coletivas e pessoais das jovens, que dão prestígio dentro do grupo. Assim representações sobre o feminino como *donas de rocha* ou *cabulosas*, *armadoras de casinha*, *bandas* ou *franguitas*, *cabrita* e *pé de pano* são também analisadas.

A última seção refere-se às estratégias que utilizam as meninas para permanecer no grupo, tais como adotar comportamentos “adequados”, não ficar com meninos das gangues e nem de grupos rivais, não *fofocar*, entre outras.

Se insistirmos que a construção da masculinidade se realiza em contextos e relações de gênero específicas, cabe mais explorar o lugar das meninas nas gangues, suas atividades e como elas são representadas por homens e mulheres, bem como suas estratégias para sobreviver em um universo predominantemente masculino.

4.1. A construção das masculinidades nas gangues

Esta seção se ocupará da delimitação das diversas representações sobre masculinidades entre os sujeitos pesquisados. Para tanto, proceder-se-á a considerações sobre as principais características e atividades construídas como masculinas, como a coragem e o uso da violência para dirimir conflitos, além de serem estudadas as relações entre o ser homem em gangues e sexualidade.

É comum a ideia de que há uma relação univitelina entre gangue e um estereótipo sobre masculinidade que orientaria as relações de gênero de acordo com a identificação entre violência e ser homem. Mostrar coragem, usar a agressão como comunicação, *pegar mulher* (ou exibir um currículo de muitas mulheres como namoradas), não ter medo de polícia, ou o que em linguagem de senso comum, caracteriza-se como *ser homem*.

No caso das gangues, a relação entre os homens é também um norte de orientação na construção de estilos de masculinidade. Ser corajoso aparece como aspecto bastante importante entre as construções sobre ser homem entre *gangueiros*, sendo importante apresentar-se como quem enfrenta riscos, principalmente que possam ter como desenlace um conflito com a polícia ou com rivais. Pichar em lugares difíceis, exercitar o controle (quando se é líder) e *pegar mulher* são elementos que apresentam grande reforço da masculinidade.

De fato, mostrar-se *macho* parece ser princípio básico para obter prestígio em gangues, envolvendo inclusive condutas sexuais específicas, como expressa a demanda por relacionamentos com várias mulheres. Ainda neste âmbito, alguns entrevistados declaram, com desprezo, que em raros grupos se admitem homossexuais, o que é comparado à aceitação, também por parte de poucos grupos, de comportamentos tidos como femininos, como analisado ainda nesta seção.

As próprias meninas admitem que, quanto mais mulheres contabilizam no currículo afetivo – assim como mais delitos somam – mais fama têm os homens nas gangues e entre as meninas. Segundo um líder, *mulher gosta de bandido* – o que nos remete à noção de que o gênero torna-se investido de significados nas próprias relações entre mulheres e homens (e entre seus pares). Isso reforça a premissa feminista de que a construção da masculinidade não se reproduz apenas pela interação com a violência, mas nas próprias relações de gênero, sendo o feminino co-produtor dos padrões de virilidade.

A relação da violência com a afirmações identitárias é também bastante manifesta, sendo interessante menciona-la antes de seguirmos em um diálogo com os ‘achados etnográficos’ das gangues. Entrar em brigas, em espaços sociais diversos e também nos *frevos*, é uma constante nas falas masculinas:

Meu negócio é quando está rolando um fubuê eu chegar, entrar e quebrar mesmo no pau (risos). Nisso aí, eu sou linha de frente, e nos *frevos* por aí se rola um pau eu pulo pra dentro mesmo, não deixo ninguém pra trás não. Meu negócio é assim: é só ficar mais na manha. Tem vezes que eles me chamam e eu não gosto de ir, fico meio sem graça de ir assim, mais os muleque é de boa para mim.. mas meu negócio e curtir o *frevo* assim na manha, se pegar pra eles pega pra mim. E eu sei que se pegar pra mim eles vão por mim também, meu negócio é mais ficar de boa mesmo. (Grupo focal, masculino)

Como se discute no capítulo de Histórias de Gangues, ainda que os mais velhos e mais antigos comentem sobre seus envolvimento em guerras e brigas, é comum se atribuir aos novatos e aos mais novos maior predisposição para se envolverem nesses atos. Nas relações entre homens, de distintas gerações, os mais velhos se atribuem o papel de disciplinar os mais jovens. Declara um *da antiga*: *esses novatos que entraram aí só querem saber de arrumar confusão, ficam arnaquizando os outros, entram em uma roda ali e acham que estão abafando. O dia que a gente pegar ele moscando, nós vamos arrupiar ele no pau* (risos).

A homofobia, a interdição do outro considerado diferente, é alardeada como mérito do estilo de ser de gangue: *you nunca viu ninguém da nossa gangue alisar o cabelo, não existe isso*. Mas se admite que algumas organizações *gangueiras* não seriam tão estritas, aparentemente em tom pejorativo:

Ent - Na galera de vocês tem gente que faz isso, rouba?

H1- Nossa, é o que mais tem, os ladrão gosta de pichar também.

H2 - A gente não separa, na nossa galera tem de tudo, tem pai de família, tem pichador, tem moleque que estuda...

H2 - Tem corno (risos).

H1 - É, tem corno tem tudo (risos). Só não tem viado igual à galera lá daquela cidade, que tem viado, moço! É louco é! (Grupo focal, masculino)

Coragem seria construído anunciado com orgulho, pelos homens em gangues, uma construção coletiva, gestada na vida em grupo. Ter coragem seria ter *atitude*, e um tipo de atitude seria a defesa, pela violência, dos companheiros e companheiras *gangueiros*. Seria um divisor de águas entre os respeitados e os outros. Contudo, ter coragem, entendida como dispor-se a usar a linguagem da violência, seria mais próprio do ser de gangue do que um atributo exclusivo dos homens, considerando que as meninas também reivindicam sua participação nessa forma de ser, como atesta o excerto seguinte:

H1- Eu aprendi que tem que ter atitude, entendeu? Tem os muleques que têm coragem de fazer e os que não têm... Mas, tipo assim, os moleque que têm coragem para fazer e os que têm atitude, os que não têm coragem de fazer tudo, se mexer com um moleque com todos é igual formiga, mexeu com um moleque com todo o mundo. Nós é conhecido mais como galera de esfaqueadores.

Ent.- Vocês fazem muito isso?

H2- É.

M- Pega os de menor, nós dá facada mesmo, se não tiver com revólver, eles apanham mesmo na pedrada, murro, chute o que encontrar na frente. (Grupo focal, misto)

Faz parte da cultura de gangue a depreciação do feminino – englobando-se aqui não apenas o homossexual, categoria concebida como ‘menos masculina’, tal qual trazido anteriormente, como também a mulher. Ainda que eventualmente defendam uma ou outra companheira de gangue, há um imaginário geral que imprime às mulheres a propensão a serem influenciadas por outros (são *fracas*) e a traírem a sua gangue (*cabritam*).

H1- Poucas donas ficam [na gangue]. Vê: a fulana aí, véi, ela está na galera até hoje. Altas donas que tinha aí, estão tudo nas galera rival, passando o pano [traindo, armando emboscadas para os da gangue rival].

H2 - Cabritou com ela, cabritou comigo.

H1 - Na maioria das vezes, as mulheres são muito fracas, deixam-se levar por coisa pouca, se levar por um camarada bonitinho da outra galera, cabrita, já passa pano [traí, faz emboscadas]. (Grupo focal, misto)

A fratria desestabiliza estereótipos, mas com limites, como o de se referir à mulher genericamente como traiçoeira (*cabrita*) – o que exclui as mulheres companheiras de gangue, que podem ser namoradas, amantes e até consideradas irmãs. De certa maneira, na cultura de gangue, mulher parece não ser considerada assunto sério (notem como os debates sobre o feminino são frequentemente acompanhados de risos), construindo-se as identidades masculinas também pela depreciação da mulher. O ser feminino é rotulado como aquele que só gosta de *frevo* (festa), que não tem sentido de lealdade e que se atrai pela fama dos líderes e dos pichadores, inclusive de gangues rivais. A mulher, para ser respeitada, tem que se igualar em qualidades ao que se entende por ser homem de gangue – mesmo que, implicitamente, ser homem ainda seja considerado superior.

Ent - Como é que vocês vêem as meninas na galera de vocês?

H1 - Na maioria das vezes, vem as donas, elas não cabritam e... tem o ponto positivo: na maioria das vezes viram namorada ou...entendeu? Vira até mulher, se não cabritar, vira até mulher do líder, ou um bagú, assim, fica ali do nosso lado e vira até irmã, é bem considerada mesmo na galera, a gente considera mesmo bastante a pessoa.

Ent- Pode uma facção feminina dentro da galera de vocês? E como é que lidera a facção feminina?

H2 - As meninas é engraçado... Elas entram hoje, e pá: não passa nem dois meses na galera e passa para outra. E tem dona também que era rival e foi para uma aliada nossa. Aí, tipo assim, pensa numas donas mesmo que só gostam de *frevo!* Pensa numas donas que gostam de caras que picham e as donas que se vê, muleque, é *frevo* direto.

H1 - É as Maria-jet, tá ligado? (risos) As que gostam de pichador.

H2 - É as Maria-jets, as bandas rolam no pau de todo mundo (risos).

H1 - A maioria são só problema.

Ent - Tem que ter passagem para entrar na galera? Tem diferença entre homem e mulher na galera, ou todo mundo entra do mesmo jeito ou paga do mesmo jeito?
H1 - As meninas têm um pouco de regalia por ser mulher, tem que ser bonita, embelezar a galera, e ficar do nosso lado ali. Mas, tipo assim, na maioria das vezes a gente cobra pedágio das donas, quem fica responsável para cobrar é a fulana, ela cobra lata ou o que ela quiser. (Grupo focal, misto).

Observe-se que o diálogo anterior se deu com a presença de uma líder “F” da gangue, que não expressou nenhuma reação crítica à forma como seus companheiros se expressavam em relação às mulheres, sugerindo, talvez, sua cumplicidade na construção da masculinidade e do que se entende por mulher, no geral, em gangues. Esse tipo de situação parece ocorrer com frequência – como observado em campo – em discussões ou conversas mistas, em que a mulher que está presente não demonstra discordância das opiniões masculinas – seja por realmente concordar com tais concepções ou por preferir se calar – e logra ser percebida como uma mulher diferente. Ela seria quase uma deles (ver seção sobre atividades femininas nas gangues).

No entanto, mesmo as mais bem conceituadas em termos de espaço na gangue, como as líderes, podem ser enquadradas nas categorias das *bandas*. Integrantes homens de uma outra gangue assim se referem ao papel de sua líder na gangue: *para nós a fulana era só para jogar menina na nossa mão, é para jogar menina na mão, é só isso*. Mas tal visão depreciativa sobre as mulheres pode ser igualmente um ato performativo, havendo possivelmente certa afirmação da masculinidade na objetificação das mulheres. Desse modo, em tal concepção, um homem efetivamente viril deve exibir-se como aquele que trata o feminino como objeto de realização de seu desejo sexual, estando sua superioridade essencialmente afirmada na medida em que recusa a dar-lhe o *status* de uma ‘igual’, ou seja, de uma parceira de gangue a ele semelhante. Em tais discursos, as mulheres, mesmo a líder, não estão no grupo para fazer aquilo que os homens fazem, mas para *embelezar* a gangue ou participar dos *frevos*. Nesse caso, a diferenciação de gênero, longe de ser suavizada, opera no sentido oposto, apresentando-se nitidamente acentuada e de modo a reinventar dentro da própria gangue profundas hierarquias entre homens e mulheres.

A participação feminina nas curtições (*frevos*) é algo comum à quase totalidade das gangues. A variação principal entre os coletivos parece estar no que diz respeito a pichar e a brigar: enquanto em algumas gangues há mulheres que picham e brigam, em outras essas atividades praticamente inexistem no universo feminino. Desse modo, a própria cultura de gangue comporta diversidade nas formas de ser homem e ser mulher, podendo os enquadramentos de gênero apresentarem variações e, nesse sentido, tem-se que em algumas o leque de ações do feminino pode ser maior do que em outras.

A violência masculina parece aliar-se ao companheirismo e à lealdade, sendo dois lados de uma mesma moeda: se por um lado o rival deve ser tratado com desprezo e agressividade, por outro preza-se a fratria, os *brothers* da gangue, a fidelidade no estar junto não somente em brigas, mas também nas pichações e nos *frevos*. O companheirismo junto aos pares pode ser igualmente uma marca de masculinidade, por vezes sobressaindo-se perante a agressividade demonstrada aos inimigos, e sendo a principal característica apontada como essencial para um líder:

H - O cara não pisa na bola, cola com a gente, tem que ir vendo a galera e vivendo o problema da galera, vivendo a galera mesmo, curtindo com a gente, indo pra *frevo* direto, saindo com a mulecada. E aí, muleque, está de boa e tal, vamos ali pro *frevo*, vamos curtir? Vamos pichar essa noite?. Nas outras galeras não, os camaradas que são considerados são aqueles que aprontam, que pra ser líder tem que matar alguém, tem que cometer um crime assim. (Grupo focal, misto)

A *masculinidade*, embora seja antes uma categoria analítica do que categoria nativa, parece se vincular, de fato, ao cerne do *modus operandi* das gangues: a referência principal nos discursos é a dos homens, falando-se na necessidade de *virar homem*. Pouco espaço existe para a dúvida, o choro, o medo, o receio. O reconhecimento advém em grande medida desse *ethos* masculino violento, embora seja eminentemente penoso perder um companheiro de gangue, especialmente os mais próximos. Ainda assim, ser *gangueiro* é ter muita coragem e pouca apreensão, além de ser uma pessoa atenta aos riscos de cada situação, diferente do *moscão*, que não se protege e acaba se colocando em situações excessivamente vulneráveis.

Ent - Você já falou várias vezes que escapou da morte, você não tem medo de morrer?

H - Medo nós temos, moço, mas a morte é para qualquer um. Desde 1994 já tentaram me matar várias vezes, o negócio nosso é que a gente não gosta de ficar moscando, porque quem morre é os moscão. O cara que tem guerra não vai ficar moscando em outra quebrada. (Grupo focal, masculino)

É comum ser afirmado que o violento, quem gosta de matar, é o outro, da outra gangue: *os rachas, para eles o mérito é matar os outros... Eles falam muito, eles se idolatram muito porque mataram o moleque. Quando morre um deles, aí já põem o nome no flogão [em homenagem]. Só sei que no final é matar por diversão.* Outro ponto chama atenção nessa última fala: a importância de trazer a memória daquele que se foi prestar-lhe homenagem.

4.1.1 Pegar mulher: masculinidade e sexualidade

Fama e prestígio emergem como estratégia de diferenciação masculina, marca de que se está *no auge*, utilizados também como instrumento de conquista: *tem a questão feminina, porque na periferia tem muita menina que vê que o cara é pichador, que vai num monte de guerra, aí elas querem... Quando eu pichava mesmo, que era mais no auge, não faltava menina dando mole não.* A fama adquirida com os nomes no muro, com a construção de uma imagem viril de si mesmo, é vista como atrativo valorizado pelo público feminino e como uma das principais vantagens adquiridas pelo masculino em decorrência de se fazer parte da *gangueragem*.

Esse padrão seria sustentado pelas próprias dinâmicas que envolvem as relações entre homens e mulheres, tendo em vista que, segundo discursos recorrentes, as mulheres teriam preferência por homens que, de algum modo, destacam-se por estarem em gangue e, sobretudo, por aqueles que ocupam espaços de liderança.

H1 - Elas já entram na galera com interesse de entrar e pegar um estrela, um famoso, muitas delas querem entrar até mesmo para ficar com o líder.

H2 - Elas querem entrar na gangue para ter fama, para ter nome até mais que nós.

Ent - Ficar com o líder dá fama para elas?

H1 - Dá, elas têm respeito no colégio, onde tiverem. (Grupo focal, masculino)

Vale notar, nesta fala, a surpresa pela ambição feminina à fama: não apenas mulheres serem mais famosas do que homens é pensado como impossível para vários dos entrevistados, mas também o próprio almejar, por parte das mulheres, parece causar espanto. *Gangueiros* tendem a se referir às mulheres em gangues como inferiores, não tão sérias ou respeitáveis como eles. Parte desta estereotípia parece estar ligada à alegação do desejo por se relacionar afetivo-sexualmente com membros de gangue como um dos motivos para a entrada de meninas nestes grupos.

Os mais antigos membros, líderes, vistos como os que apresentam maior prestígio e destaque são referidos como os mais cobiçados: *as meninas, não todas, mas a maioria, por exemplo, quer ficar com o Y porque ele é o líder geral, quer ficar com o Z porque ele foi o criador [da gangue], quer ficar com o W porque ele já era líder também... Então querem ficar com os que já estão lá e já são mais antigos.*

Ao mesmo tempo, *pegar mulher* parece ser um dos eixos importantes da *gangueragem*, chegando, para alguns, a vir antes mesmo da própria pichação: *minha ideia era sempre pegar mais mulher possível, e para eles [companheiros da gangue] não, era sair para pichar.* Endossando esse aspecto, outro interlocutor narra que: *os meninos, para falar a verdade, é assim, só vão para a reunião geral por causa das meninas. Pode perguntar para qualquer um: 'por que você vai para a reunião geral?'. Ele: 'Ah, porque tem altas mulher'. Porque isso,*

porque aquilo, mas eles sempre vão colocar esse ponto: 'porque tem mulher'. O diálogo seguinte também aponta para a *pegação* como um dos eixos definidores do que seja participar de gangue:

H1 - Gangueragem é o prazer de pichar e o crime de ganhar dinheiro.

H2 - E ter altas mulher. (Grupo focal, masculino)

Em algumas falas, há a menção às *Marias Gangureira* ou *Maria Jet*, como mencionado no diálogo abaixo:

H - Uma coisa que incentiva muito os pichadores a pichar são as meninas que gostam, as Marias Gangureira. Maria Jet, Pirigute.

Ent: Elas são Marias Gangureira?

H - Vixi, essa aqui nem falo. Essa ali é que eu conheço há pouco tempo e essa aqui eu que trouxe pra essa vida também.

M - Se liga, otário.

Ent - Isso leva vocês a picharem mais?

H - Com certeza. (Entrevista em grupo, mista)

As *pegações* aparecem, ainda, como um ritual de iniciação do masculino no meio das gangues, uma marca que sinaliza a entrada nesse tipo de coletivo e a identificação com os demais companheiros. Para os homens, *pegar mulher* faz parte do código de conduta, delineando limites identitários entre os que pertencem e os que não pertencem ao meio, ressaltando uma suposta virilidade compartilhada.

Os *da antiga* podem se colocar no papel daqueles que conduzem essa atividade ritual para os novatos, promovendo eventos que poderão imprimir as marcas nestes que ainda não foram devidamente inseridos: *a gente gosta, sempre quando entra muleque novo na galera, a gente bota para pegar mulher, ele vai ter a chance de pegar...*

Por outro lado, é necessário manter à distância o risco de que o novo integrante, ainda não acostumado com as práticas de *pegação* das gangues, venha a se envolver afetivamente com alguma garota: *às vezes ele acha a dona até bonitinha e quer casar, aí nos não deixamos.* Há o esforço de caracterizar a conquista masculina como encontros fugazes e fundamentalmente sem compromisso. Em determinados casos, essa falta de compromisso pode chegar a apresentar aspectos de misoginia, sugerindo um desprezo masculino atrelado ao desrespeito:

H - Eles [colegas da gangue] pegam as meninas, rodam na mão de toda a galera, depois ainda roubam elas e pronto.

Ent - Roubam o que?

H - Roubam as donas: câmera digital, celular, essas coisas assim.

Contabilizar muitas *ficadas*, exibir um currículo grande de mulheres, é algo que traz prestígio, sendo importante, inclusive, divulgar para o grupo as conquistas realizadas. Nesse sentido, haveria uma diferença entre comportamentos masculinos e femininos. Se os primeiros tendem a tornar públicas as *ficadas*, as mulheres apresentam muitas vezes, a preocupação de não chamar atenção para tais práticas, não *esparrar*. Uma integrante comenta, por exemplo, que: [as mulheres] *comentam, mas entre a gente... por exemplo, se eu ficar com esse menino, eu vou chegar e dizer para a X: 'eu fiquei com fulano', vou contar para ela, mas não para toda a galera. Já os meninos não, vão querer ficar esparrando... contam para todo mundo.*

A afirmação da identidade de *gangueiro* caminha junto com a afirmação de virilidade. Demanda-se nessa socialização masculina, como em outras, a demonstração de masculinidade na relação pública com os pares, exigindo “constante reafirmação e repetidas provas de que o sujeito em questão não é criança, nem mulher, nem homossexual” (GIFFIN & CAVALCANTI, 1999). Da mesma forma, é comum também em práticas de iniciação sexual masculina a “formação sexual ‘de rua’, que transcorre em grupo, e longe da intimidade” (*idem*) – isso remete a um aspecto menos privado de várias de suas atividades, em particular as que trazem prestígio.

A perene disposição dos *gangueiros* para se engajar em encontros sexuais parece vir ao encontro de uma construção mais geral do masculino, presente também entre indivíduos brasileiros que não participam de gangues, como apontam extensas pesquisas realizadas sobre sexualidade entre jovens (HEILBORN *et al.*, 2006; BOZON, 2004).

Determinadas mulheres de *gange* criticam a *pegação* masculina. Para elas, esse comportamento dos homens é produtor de uma valorização ‘artificial’ – porque não considerada legítima por grande parte das mulheres dos grupos – dos garotos, causa e consequência também da rivalidade entre as meninas: *tem um menino, sabe, que fica com quase todas as mulheres; ele vai lá e pega duas da mesma quadra e, daqui a pouco, pega duas de outra quebrada; quando chega no dia da reunião, as meninas querem brigar por causa dele... E ele é podre, feinho, coitado. Ele vira o gostoso!*

4.2 Atividades femininas nas gangues

Como já mencionado, os participantes do estudo afirmaram que não existem no DF gangues formadas exclusivamente por mulheres. Declararam que, em outros períodos, a cidade já contou com esse tipo de organização, como a *Atitude Feminina*, mas que elas foram posteriormente desfeitas. No caso desta última, boa parte de suas integrantes teriam se incorporado a outras gangues, de caráter misto. De fato, a maior parte das gangues pesquisadas são mistas, embora tenham sido encontrados coletivos que não aceitam integrantes mulheres (como parece ser o caso da GDF).

No entanto, o caráter misto destes grupos não implica em uma divisão de gênero plenamente simétrica. Pelo contrário, as gangues são desigualmente formadas por homens e mulheres, havendo um número bastante maior de *gangueiros* do sexo masculino. Além de estarem em minoria, as mulheres nem sempre atuam em todas as esferas de atividades realizadas pelos homens. Nesse sentido, as gangues encontram-se perpassadas por significados que atribuem a determinadas ações uma diferenciação marcante entre homens e mulheres.

A questão da pichação – *marcar* – é uma das que mais aparece como diferenciando as atribuições femininas e masculinas. Esse tema foi abordado no capítulo Pichação, sendo as pichações referidas como uma ação tipicamente masculina e que caracteriza, talvez, o principal eixo de atividades das gangues. Porém, algumas mulheres entrevistadas afirmam que saem para pichar, não tendo seu papel restrito a carregar latas de jet ou a “disfarçar” (já que um grupo misto, e não exclusivamente masculino levantaria menos suspeitas da polícia).

Um dos argumentos dessa diferenciação de gênero estaria, de acordo com algumas opiniões, no fato de que a liberdade feminina para *sair na madrua* para pichar é comparativamente muito menor. Costumam dizer que *os meninos são mais soltos*, que é muito difícil para as meninas conseguirem sair de casa, pelo fato de o controle da família ser muito maior. De acordo com essa perspectiva, deixar de pichar de modo algum corresponde a uma simples recusa ou falta de interesse por parte das mulheres, mas de uma construção social de gênero que restringe sua liberdade.

A resistência da família parece ser um obstáculo a determinadas atividades, o que leva muitas integrantes a adotarem estratégias alternativas para conseguir contornar essa dificuldade. Algumas declaram que, apesar dessa limitação, aquelas que querem participar das atividades do *frevô* e da pichação *dão um jeito e enrolam a família*. Outra expressou opinião semelhante, mas deixa claro que sempre há que se adotar uma estratégia para burlar as resistências em casa:

A maioria das meninas pensam assim: ‘minha mãe não vai deixar eu sair de madrugada para a rua, minha mãe isso, minha mãe aquilo’. Então a maioria é desse jeito, a maioria, mas não são todas Não são todas... Eu nunca fui assim, eu falo: ‘mãe, estou indo ali’. E ela: ‘então tá bom’. E saio logo. Se não, ela não deixa eu sair, entendeu? Ai eu pego e vou... Uma lata de Jet é R\$ 10,00, aí eu pego, compro uma lata e desço para rua. (Entrevista em grupo, feminino)

De fato, o controle da família sobre as mulheres parece ser recorrente. Uma afirmou que:

M - à noite eu falo: ‘Ah, vou pra casa da minha avó’, sabe. Aí passa uma semana, uns dias fora de casa. Já aconteceu, a gente vai pros *frevo*s, sai pra pichar. Outras [garotas] esperam a mãe dormir e pulam a janela, outras já falam pra mãe delas, quando já é mais liberal. (Grupo focal, feminino)

Há membros que afirmam que as funções mais difíceis e que exigem maior esforço e coragem pertencem aos homens, devendo as mulheres participar em outras esferas. Outras atividades, como os *frevos*, contam com a presença de ambos os sexos, de modo que as mulheres, assim como os homens, saem, escutam música, dançam, conversam, usam drogas e bebem. Os *frevos* são eventos que geram aproximação, podendo trazer novas integrantes à gangue: *eu conheci altas pessoas, comecei a curtir no frevo com eles e gostei, aí fiquei até hoje* [na gangue].

Contudo, apesar da prática comum da invisibilização do envolvimento feminino nas brigas – particularmente em falas masculinas –, várias participam também de confrontos físicos, tendo sido relatadas inclusive situações bastante violentas. A seção seguinte aborda essa temática, trazendo experiências de mulheres nas brigas.

4.2.1 Elas e as brigas

As brigas são um dos pontos básicos das atividades das gangues – tanto no segmento masculino quanto no feminino. No geral, as mulheres brigam entre si, sendo mais raras as brigas que envolvem homens e mulheres, de modo que muitos dos conflitos são percebidos como devendo ser resolvidos entre elas mesmas. Dentro da gangue, as cobranças de mulheres são, via de regra, feitas pela líder ‘F’; nas questões entre gangues, por sua vez, também ficam nítidas as rivalidades – que muitas vezes desembocam em agressões físicas – entre o segmento feminino de um coletivo em relação ao outro. Entre duas gangues não são raras as agressões: *eu perguntei quem foi, foi uma menina... Aí na hora que eu vi ela, vooi em cima dela, aí veio ela e mais três amigas dela para cima de mim, aí vieram as meninas e entraram também... Eu machuquei o nariz dela, ela saiu com a cara toda rasgada.*

Há falas que remetem à separação de gênero nas brigas, colocando como uma regra do meio o não-envolvimento masculino nos confrontos entre mulheres e vice-versa:

M1 - Na guangueragem, homem não bate em mulher.

Ent - Não bate?

M1 - Não, não bate.

Ent - É uma regra?

M1 - É uma regra.

M2 - É muito raro bater.

Ent - Quando tem uma briga entre meninas os meninos não entram?

M3 - Não entram.

Ent - Nem para separar?

M1 - Nem para separar, tem que acabar.

M2 - Briga até uma das duas pedir arrego

Ent - E quando eles brigam entre eles?

M3 - A gente não entra. Quando é briga de homem, é com homem. (Grupo focal feminino)

Mas também há casos, embora em menor frequência, de brigas que envolvem ambos os sexos. Elas podem ocorrer, entre outros, em eventos na cidade em que é sabido que estarão muitas gangues reunidas, nos quais são comuns confrontos com várias pessoas. Em algumas dessas brigas coletivas, chega a ser difícil discernir de quem partiram as agressões, que podem acarretar em consequências mais graves: *eu apanhei de homem e de mulher... desmaiei, acordei no hospital, não sabia nem o que estava acontecendo.*

Dentro da gangue, companheiros homens nem sempre se mostram abertos à participação feminina nos embates corporais travados em nome da sigla, afirmando que briga *é coisa de homem*, e que elas *atrapalham*. Admitem que as mulheres participem das brigas que dizem respeito aos ‘assuntos femininos’; contudo, frequentemente se opõem à sua presença nas ‘brigas gerais’. Mas em algumas situações, mesmo com recomendações masculinas de que elas se mantenham distantes dos confrontos, elas podem desafiar esse tipo de resistência e acabar entrando no conflito:

Eles geralmente acham que a gente vai atrapalhar, vai apanhar. Teve uma vez que começou uma briga, tinha só eu e uns cinco moleques, aí de repente começou a maior briga, eu não sei da onde que era, aí eu vi os meninos brigando. Tinha uns cones assim, aí estava eu e uma amiga minha, aí a amiga minha também entrou, pegamos os cones e começamos a bater nos meninos. Depois que terminou, que juntou a galera todinha, os meninos: ‘xx velho, se não fosse aquela menina lá, naquela hora lá, eu tinha levado o maior murrão. (Entrevista em grupo, feminina)

Memórias de brigas vivenciadas fazem parte das narrativas também das garotas. Os acontecimentos costumam ser contados com ênfase nos aspectos de risco, coragem e astúcia, simbolizados como elementos valorizados nessas situações e que fazem parte igualmente das experiências femininas. Para muitas, é importante recusar atributos que remetam à fragilidade, de modo a transmitir força e não vulnerabilidade. As cenas descritas trazem a marca do perigo e reconstróem os momentos mais tensos surgidos no desenrolar dos fatos.

Olha aqui, está vendo isso aqui? Foi uma mordida, no sábado. Estava no *frevo* sábado, aí uma guria não gosta de mim não, por causa desse negócio de pichação, nós já tinha brigado outra vez. Nesse *frevo* ela veio pelas costas, me puxou pelos cabelos, aí eu caí sentada. Ela veio para chutar a minha cara, aí eu coloquei a mão numa lata, peguei e levantei e foi mal para ela, a cara dela ficou todo cortada... eu achei uma latinha no chão, a latinha estava amassada assim oh, aí eu fui e furei a cara dela todinha. Para eu soltar ela, que ela não estava aguentando, ela me mordeu, mas nem soltei não, quando eu soltei foi quando chegou o segurança que separou. (Entrevista individual, feminina)

Há relatos que indicam certo ‘gosto’ por brigas, as quais não necessariamente surgem somente com a entrada da pessoa na gangue. Determinadas interlocutoras chegam a traçar um histórico indicando as agressões como atividades que podem vir desde a infância: *antes eu tinha medo, agora eu acho massa brigar. Desde pequenininha eu sempre gostei de brigar. Quando eu estudava, não tinha problema de comportamento, nem nada. Era só briga, só briga na escola.* Outras atribuem o gosto pela briga à liberdade feminina conquistada ao longo do tempo, às transformações no leque de atividades permitidas às mulheres: *agora mulher tem mais poder do que antes, faz o que dá na cabeça, quer brigar, vai lá e briga; quer roubar, vai lá e rouba; quer matar, vai lá e mata... antigamente mulher não fazia isso.*

As brigas na escola – como já mencionado na seção sobre Escola – dialogam também com as motivações para se entrar em uma gangue. Por um lado, o grupo emerge como proteção para aquelas que já possuem histórico de brigas no estabelecimento. Por outro, fazer parte de uma gangue evita ataques futuros de outras estudantes, tendo em vista a lealdade do grupo em *cobrar* as agressões sofridas por uma de suas integrantes. Assim, também para as meninas o fato de participarem de gangues pode se reverter em mecanismo de proteção: *pode ser a menina mais fulerinha, todo mundo quer bater nela, mas se ela chegar assim e falar ‘eu sou da gangue tal’, eu quero ver quem vai me bater, ninguém mais vai mexer com ela.* Estar na gangue, por sua vez, pode implicar, ainda, em prestígio entre colegas de escola, decorrente de fatores como a fama adquirida pelo apelido ou pela pichação, a popularidade relacionada à socialização na gangue e o interesse de proteção que os demais colegas possam demonstrar:

Quando eu entrei na escola nova, aí eu entrei e já e fechei a cara para todo mundo. Aí no outro dia veio uma colega e me disse: ‘olha, aqueles ali disseram que vão te bater’. Aí eu entrei na sala, virei e disse: quero ver quem é que vai tirar onda comigo, eu sou é da gangue X. Aí no outro dia, você precisa de ver o tanto de menina pagando pau para mim! Ah, você é da gangue? Você conhece não sei quem? Quando eu entrei no Colégio não tinha ninguém que eu conhecia. Ah, você é da gangue?. Eu já ouvi falar de você! Você é a fulana, me adiciona [no MSN, Orkut], não sei o que! É tudo desse jeito! (Entrevista em grupo, feminina)

A gangue pode representar proteção não apenas de quem faz parte do coletivo, mas também daqueles que são próximos a seus membros ou que tenham oferecido vantagens em troca de sua defesa:

M2 – Teve uma menina lá, pra você ter noção de como a gente bota moral naquela escola. Chegou na gente e falou assim: se eu der 50 conto pra vocês...

M1 – ...se eu der dinheiro pra vocês...

M2 - ...se eu der dinheiro pra vocês, vocês me protegem; se alguém vier me bater, vocês me defendem?

M1 – Eu falei, pode crer 50 conto.

M2 – 50 conto, 25 pra mim, 25 pra ela. No outro dia ela levou R\$ 50,00 pra gente.
(Grupo focal, misto)

A questão da auto afirmação é também evidente em outras falas, sendo o confronto corporal na escola uma forma de garantir espaço, de demonstrar autoridade e *botar moral*. Percebe-se um padrão competitivo nas relações entre estudantes, o qual torna a rivalidade e o enfrentamento símbolos de poder e instrumento de reconhecimento entre os pares:

M2 – A gente saía da escola e brigava todo dia.

Ent – Com quem?

M1 – Com as mina folgada lá da escola.

M2 – Só que teve um dia que eu estava dentro da escola e aí uma guria pegou e deu um soco na boca de uma guria lá, e eu falava com a menina que ela deu o soco na boca. Aí eu falei: X, no final da aula você bate nela. Eu fui falar com a menina, falei que no final da aula ela ia trocar no mano com a X; ela falou não vou não. Quando ela falou isso, eu voltei e ela ficou olhando para minha cara e eu falei: tá olhando o que, sua desgraçada? Ela falou: desgraçada é a sua mãe! E eu comecei a bater nela lá. (Entrevista em grupo, feminino)

Para além da escola, a proteção ou *cobrança* de brigas é recorrente nas falas, sendo solicitado que o grupo responda por agressões que elas tenham sofrido: *quero saber agora quem vai lá cobrar minha guerra? Aí os meninos: ‘pode falar quem é, que eu vou lá’. Eu não sabia nem quem era, tinha apanhado tanto que não sabia nem quem era. Mas, pelo menos, na hora que eu precisei, eu pude falar assim: ‘vai lá cobrar?’*

Agressões físicas e enfrentamentos mútuos são referidos em falas femininas como elemento integrante do código de conduta da *gangueragem*, parte fundamental das atividades e do cotidiano desse meio. Nesse ponto, existiriam imperativos coletivamente compartilhados sobre como se comportar ao longo de uma briga, como, por exemplo, o dever de partir para o confronto com a condição de não utilizar o recurso à polícia como instrumento de auto-defesa. Uma declaração é ilustrativa desse aspecto: *a menina estava com a cara toda sangrando, aí ela queria [chamar a polícia], né? Aí eu falei: ‘ah, agora você vai pedir pano pros canas? Para que que tu quer gangueragem, então?’*. Aí ela ficou de boa e nós tudo foi embora.

4.2.2 Representações do feminino

Algumas categorias sociais sobressaem nos discursos tecidos em torno do ‘feminino’ nas gangues. As mulheres, de acordo com *o que fazem e como se comportam* – e a forma pela qual essas mesmas ações são publicamente interpretadas – podem ser enquadradas em uma ou mais dessas categorias. Pertencer a elas tem consequências nas relações com o meio em que convivem, estabelecendo seu espaço dentro do co-

letivo. Algumas tipificações são valorizadas, enquanto outras são percebidas como prejudiciais e capazes de produzir estigmas indesejados. Entre as principais estão:

1. *Donas de rocha* ou *cabulosas*: destemidas, confiáveis, leais;
2. *Armadoras de casinha*: realizadoras de emboscada, por meio da sedução de inimigo;
3. *Bandas* ou *franguitas*: mulheres que ficam e/ou fazem sexo com muitos homens diferentes;
4. *Cabritas*: traidoras;
5. *Pé de pano*: ficar com o homem de outra.

Dentro de um ambiente majoritariamente masculino e regido por padrões muitas vezes machistas, as mulheres são facilmente desacreditadas e enquadradas nas categorias de menor valor social. Os significados são traçados de acordo com esse cenário permeado por relações de poder, de modo que algumas práticas de significação podem sobressair sobre outras, de acordo com a posição ocupada. Nem sempre o significado dado por elas mesmas tornam-se os significados mais hegemônicos dentro do grupo, reproduzindo-se uma ordem na qual a capacidade de validar sentidos deriva também do poder que se tem nessas interações. Desigualdades de gênero se relacionam com desigualdades em termos de reconhecimento e, por sua vez, disparidades também no que tange às oportunidades. Por outro lado, há também um ambiente competitivo entre as próprias mulheres, o que parece contribuir para que elas próprias participem do processo de estigmatização de suas colegas.

Foi identificada, nesse ponto, a dificuldade encontrada por várias garotas participantes do estudo de conquistar e manter o *status* de *donas de rocha*, a categoria mais apreciada de todas. Encontrou-se grande preocupação, por parte delas, em não ter seus méritos rebaixados e não comprometer sua imagem perante os pares. O manejo de impressões costuma ser, assim, recorrente, especialmente ao se levar em conta o risco de estigmatização. São várias as categorias negativas possíveis para o feminino, podendo-se afirmar que seja talvez mais fácil estar em uma delas do que naquelas mais prestigiadas.

A seguir, serão abordadas cada uma dessas representações mais recorrentes, analisando-se o imaginário que se constrói sobre o feminino no universo das gangues. Inicia-se justamente com a mais ‘empoderada’, a que traz maiores vantagens e reconhecimento: *donas de rocha*

4.2.2.1 *Donas de rocha ou cabulosas*

Essa categoria abrange as mulheres que se destacam pela audácia e coragem, qualidades que fazem uma garota obter reconhecimento pelos integrantes da gangue. Esse aspecto se estende também no quesito de habilidade e disposição para brigar, o que as distancia da imagem de fraqueza, comumente associada ao feminino. De um modo geral, o prestígio relacionado às *donas de rocha* ou *cabulosas* lhes confere respeito e admiração.

Uma *dona é cabulosa* ou *de rocha* quando consegue se colocar de modo intimidatório, mostrar-se destemida, temerária ou *de resposta*, seja por meio da briga em si, seja pela postura assumida diante dos outros: *as gurias tipo têm medo, entendem? Os meninos dizem: 'pô, a fulana é cabulosa'.* (mas) *eu nunca briguei tantas vezes igual eles falam, tudo é no psicológico! Eu falo: 'oxente, demorou! Se tu quiser (brigar) eu quero em dobro!'. Aí os meninos ficam falando, mas nem é isso tudo, entendeu?*

Empregar o *psicológico* é saber *colocar pressão* quando é necessário, não dar espaço demais para as outras meninas, ser *marrenta* com elas, ter fama e conseguir manter a imagem de quem não foge de briga nenhuma – apesar de não necessariamente a imagem corresponder ao que realmente acontece. Outro integrante reafirma que o importante é demonstrar atitude, relatando que essas mulheres mais respeitadas são aquelas que *não ficam dando ousadia para qualquer um, o cara bica e ela já pergunta 'o que quê que é, meu irmão'.*

Às *donas de rocha* é conferido respeito por colegas da gangue, muitas vezes inclusive, do segmento masculino, sendo demonstrado apoio nas brigas que possam vir a ocorrer: *tipo assim, tem as donas de resposta, tá ligado... Todo mundo respeita, se triscam a mão nela, está todo mundo junto.* Outras são referidas como *irmãs*, como na fala de um integrante: *tem uma menina aí que é muito resposta, é como uma irmã nossa.* As mais corajosas são lembradas pelos demais, mesmo que já não estejam mais na gangue, como no relato de uma gangueira: *tinha a S. que não tinha medo de nada, a dona era muito doída.*

Apresentar-se como destemida também pode exigir certos imperativos. Um deles é ser *marrenta*, não *dar bola* para qualquer pessoa, não ser excessivamente *boazinha*, não sair conversando com todo mundo. Às vezes é necessário 'fechar a cara', ficar séria. Uma integrante afirmou: *meninas de gangue sempre são mais marrentas (...)* *elas são mais, assim, pra frente, são mais metidas.* Outra comentou algo semelhante: *eu não dou ideia, nem bola para elas [outras integrantes da gangue], mas aí é que elas 'pagam pau' mesmo.* O ideal, segundo essas opiniões, é não deixar as pessoas se enturmarem demais: *eu não gosto muito de ficar me enturmando muito não, entendeu? 'Essa mulher é mó marrenta, não sei o que'... é mais de boa isso do que você ser a maior trouxa, de conversar com todo mundo: 'essa guria é cabulosa, não conversa, não sei o que...' , aí é de boa.*

Ser *marrenta*, muitas vezes, estende-se também à possibilidade de namoro com integrantes de gangue, sendo esse tipo de comportamento empregado também com o público masculino do grupo: *a maioria desses meninos de gangueragem acha que eu sou marrenta, que eu sou chata, que sou isso e aquilo, porque eu nunca fui de ficar dando mole para menino de gangue. Menino de gangue para mim não serve para ser meu namorado.*

As *donas de rocha* incorporam um comportamento valorizado entre os integrantes de gangue de um modo geral, sendo possível observar que o imperativo de ser *marrento* é válido também para os homens. A forma de se relacionar com quem é de gangue acaba sendo bastante diferente de outras interações sociais, como afirmou um dos líderes entrevistados: *na verdade, eu não estou sendo o X [apelido da gangue] aqui, porque se eu estivesse vestido de gangueiro seria outra pessoa, mais enérgica, e não uma pessoa que fica se abrindo, rindo, brincando, nem conheço vocês e já vai brincando, ia ser outra pessoa diferente. É importante saber portar-se, saber manipular os papéis de acordo com o contexto, e saber com quem e quando agir de forma mais enérgica.*

Por outro lado, é fundamental demonstrar lealdade e *não deixar ninguém na mão*, de modo que apresentar-se como *marrenta* não implica em adotar uma atitude de indiferença com relação às comparsas. Em verdade, fugir de brigas ou não defender um companheiro ou companheira tende a ser bastante criticado.

A ousadia pode ser demonstrada nas pichações, nos obstáculos enfrentados, nos riscos corridos. Uma integrante relatou que é respeitada pelos outros da gangue por passar por situações arriscadas: *nós já subimos em tanto lugar, ave maria, porque para mim não tem tempo ruim não! Ontem mesmo, tem uma torrezinha bem ali e tinha que subir em cima do muro e do muro levantar ele [amigo]. Aí eu fui em cima do muro, levantei ele, mas aí é de boa.* As mulheres *de rocha* são as que têm atitude, embora nem todas mereçam o ‘título’:

H1 - Para pichar mesmo só a K.

Ent: Ela picha?

H1 - Picha. A C. também.

H2 - A C. é de rocha.

H1 - Têm muitas [mulheres], mas com atitude são poucas. (Grupo focal masculino)

Ter atitude, como afirmado no comentário anterior, seria um elemento que diferencia aquelas que estão na gangue por gostarem da vida de gangue e aquelas que entrariam apenas para ter fama e conhecer pessoas. O próximo diálogo é ilustrativo:

Entr – Por que as meninas entram [na gangue]?

M1– Acho que é para conhecer, entram mais pra conhecer os meninos, por causa de fama, pra dizer: ah! Eu conheço o fulano. Ah, eu conheço o X, o X é famoso,

eu sou da galera dele. Para se achar. E tem outras que já entram mais porque está no sangue: é gangueira mesmo.

Entr – Mas o que quer dizer ser gangueira?

M1 – Ah, sair para pichar, ficar em turminha, esquina, com um bocado de gente contando sobre pichação, quem bateu, quem apanhou. [...] E se tiver alguém, tipo se aparecer alguém, tipo junta umas tropa de gente da mesma galera pra bater na pessoa, entendeu?

Entr – Homem e mulher?

M1 – Homem e mulher. (Grupo focal, feminino)

No geral, somente as que são consideradas *donas de rocha* tornam-se líderes femininas: *eu entrei, aí os moleques com 6 meses que eu estava já, aí os moleques falou: 'oh, a gurria é mó de boa'... tipo não deixa ninguém na mão não, tá ligado? Se é, é ou não é. Aí os moleques: 'a gurria é de boa, põe ela na liderança. Aí eles foram e botaram. As de rocha ou cabulosas são referidas como as que se envolvem nas atividades da gangue, como sair na madrugada, mesmo que nem sempre cheguem a pichar:*

H - Tinha umas gurias que valiam a pena ter na galera assim porque se chamasse para sair na madrugada – pelo menos para contenção do abraço na hora dos cana – elas estavam lá. Agora tinha gurria que não podia ficar nem na rueira, aí é paia, pra mim não é nem da ala “F” não. (Grupo focal, misto)

Para além das pichações e brigas, participar de atividades mais arriscadas, como roubos e assaltos, também é citado como denotação de coragem: *tem gente que me admira. [...] eu roubo hotel, aí tem gente que fala assim: 'aí, é muito doida, é corajosa, é dona de rocha. Já tem gente que fala: 'que danada, véio, essa dona aí fica roubando... não é coisa para mulher não!'*

Algumas enfatizam também a questão da independência feminina frente aos homens, recusando o papel de submissão e obediência, seja dentro da gangue, seja fora dela. Chegam a falar da recusa em obedecer namorados, maridos ou os pais: *eu não quero casar, não... Tipo, homem, ele quer muito mandar, sabe. Nem meu pai manda em mim, vem um homem lá não sei de onde...*

A fama é narrada como sendo recorrente para aquelas que se destacam na gangue e são vistas como *de rocha*: *todo lugar aonde você vai, tipo conhece muita gente, todo mundo conhece a gente por mais que não conheça de falar 'tudo bem', sabe quem é. Várias vantagens decorrem da construção da 'fama' e da aquisição de respeito e prestígio no grupo: todo mundo te conhece, todo mundo paga pau, vem as meninas de carro, 'bora ali lanchar'? 'vamos, uai!', e elas pagam altos negócios.*

Ter várias *fanzinhas* (garotas que *pagam pau*, muitas vezes que não fazem parte do meio da *gangueragem*), é uma característica das garotas *cabulosas*. As vantagens decorrentes dessas relações são várias, incluindo as materiais, como o pagamento de

lanches, bebidas e roupas: *altas gurias falam: 'e aí, vamos para o frevo?'. 'Bora, mas eu nem tenho roupa aqui em casa'. 'Aí elas falam para eu me arrumar na casa delas, pego roupas delas, falo: 'depois eu devolvo quando eu enjoar'. 'Não, tá de boa, de boa'... Tenbo altas coisas aqui e nada aqui é meu, véio.*

Apesar destes benefícios, ser uma integrante de atitude e envolvida com as questões da gangue nem sempre é fácil. A dedicação ao grupo, aos *frevo*s e às *pi*-*cha*ções pode implicar a exigência de se saber administrar esse envolvimento com as demais atividades dos meios que não estão diretamente relacionados à gangue. Pode ser penoso, por exemplo, lidar simultaneamente com o mundo da *gangueragem* e os outros espaços sociais, como no caso daquelas que namoram com pessoas *de fora*: *atrapalhava muito o nosso namoro, a gente não podia fazer nada porque eu estava sempre envolvida com a gangueragem, na internet, na rua, ele odeia boate... eu, se pudesse, estava lá todo dia. Outra fala reforça essa observação: atrapalhava completamente a nossa relação... tipo hoje, sábado à tarde, em vez de estar com ele, eu podia estar em uma reunião, uma coisa assim, atrapalhava completamente... Sempre na gangueragem.*

Por outro lado, a autonomia e o respeito a seus interesses como integrante de gangue são também referidos como elementos dos quais elas não querem abrir mão. Nesse sentido, elas falam em evitar a interferência excessiva de outros (namorados, familiares, etc.) sobre os assuntos relacionados ao envolvimento com o grupo: *ocê é meu namorado, a gente tem uma coisa pessoal e o que eu faço na rua e o que eu deixo de fazer é problema meu. Outra estratégia adotada é o controle de informações sobre o que elas fazem no meio da gangueragem, não tornando plenamente transparente todas as suas ações relativas a esse domínio: o meu namorado é uma pessoa totalmente diferente, ele não é desse mundo das gangues... Ele sabe, mas não tem a verdadeira noção do que é.*

Tornar-se uma *dona de rocha* não é, portanto, tarefa simples. Além da resistência masculina a admitir espaços de poder para integrantes mulheres e das várias 'provas' socialmente demandadas sobre sua ousadia, coragem, lealdade e atitude, é necessário saber lidar com os demais integrantes da própria gangue – exibindo uma postura que equilibre o atributo de *ser marrenta* com o imperativo de demonstrar certa 'irmandade' com os pares. Há também a necessidade de administrar as intervenções daqueles que não fazem parte do meio das gangues no que tange ao seu envolvimento e dedicação. De qualquer modo, as vantagens em termo de respeito e reconhecimento conquistados promovem grande entusiasmo e incentivos para que não larguem a *gangueragem*.

4.2.2.2 *Armadoras de casinha*

Elas [as meninas] fazem casinha, carregam as armas, as drogas, as latas. Entre os papéis tipicamente femininos, como afirmado por esse interlocutor, está justamente a atuação nas *casinhas*, as quais são vistas como atribuições quase que exclusivas das mulheres. O seguinte comentário de uma integrante traz uma definição do que são as *casinhas*:

Typo assim, naquela mesa ali está um monte de inimigo, aí os moleques [da galera] falam assim: naquela mesa está cheia de cabrito, vai lá pegar o telefone deles e não sei o que, para depois a gente quebrar eles lá embaixo. Aí falo: então tá, vai embora que eu vou lá. Aí os meninos vão embora, eu vou sentar lá na mesa: oi, tudo bem? Vocês são o maior gatinho, e não sei o quê, bora ali comigo? Aí os meninos falam: vamos! Aí chegam ali, os meninos estão tudinho lá, eles apanham e a gente vai embora todo mundo. (Entrevista em grupo, feminina)

As *casinhas*, como ilustrado na fala anterior, correspondem a emboscadas elaboradas contra os inimigos da gangue, obedecendo a uma dinâmica na qual as mulheres são colocadas como pivôs dos acontecimentos. Nesse mecanismo, elas são concebidas como ardilosas “espiãs” que se infiltram na gangue inimiga e servem como espécie de isca – de forte apelo sexual –, sendo peças fundamentais no início e desenvolvimento das *guerras*.

São vários os discursos que colocam as mulheres possuindo uma capacidade talvez intrínseca de participar desse tipo de emboscada, uma habilidade que seria inerente ao gênero feminino. Nesse sentido, elas corresponderiam sempre a potenciais *armadoras de casinha* (*fazer a cama*), algo que, como relatado por um integrante, não seria característica do masculino: *o homem eu acho que não tem capacidade de fazer [casinha]... Porque nós aqui é amizade, quando é amizade é amizade. Mas menina cabrita. Eu não tenbo coragem de fazer a cama para ninguém. Homem é difícil, homem é diferente de mulher.*

De fato, nas estratégias utilizadas pelas gangues durante as *guerras* que as constituem identitariamente, as *casinhas* desempenham papel primordial. São em grande parte as armadilhas feitas o que possibilita o derrubar dos inimigos – além dos embates diretos. A *casinha* parece ocupar uma dupla posição no imaginário dos *gangueiros*: ao mesmo tempo que é apontada como uma estratégia importante nos momentos de *guerra*, representa também a possibilidade de traição das próprias companheiras de grupo. A *guerra* entre as duas maiores gangues da cidade é apontada como tendo se iniciado com a morte de um dos membros, fruto de *casinha* armada por meninas da própria gangue, que depois se bandearam para a gangue rival.

H1 - [as mulheres] cabritam. Geralmente porque as donas se apaixonam pelos inimigos dos caras, aí tudo o que o cara pede para a menina fazer, ela vai fazer,

independente de gangue, porque ela vai estar é apaixonada.

P2 - Menino não apaixonou?

H1 - Tem uns casos aí, normal, independente de gangue o ser humano aceita fácil um por outro.

P1 - Não rola de menino cabritar porque se apaixonou por uma menina?

H1 - Não, menino não cabrita assim não. (Grupo focal, masculino)

As casinhas tendem a ser vistas, assim, com enorme receio, assim como as mulheres, já que historicamente levaram não apenas a brigas, mas também a mortes, como demonstrado no relato abaixo:

H1 - A primeira morte foi por causa de mulher. Tinha duas meninas que eram integrantes na nossa gangue, que começaram a andar com os caras de lá, aí elas foram e trouxeram os cara de lá pra matar, derramar sangue. O moleque, ele não tinha nada a ver com a guerra, era até de outra gangue, já tinha até parado de pichar também, dezesseis anos, não viveu nada da vida... Por causa de mulher ele morreu. Aí todo mundo se revoltou e não entra mais mulher na galera não. (Grupo focal masculino)

O perigo é quando as mulheres resolvem *fazer casinha* para os meninos da própria gangue, por terem se aproximado do inimigo. Aqui pode-se traçar um paralelo com o duplo-espião, que é seduzido pela causa inimiga e trai seu primeiro apoiador: *a maioria das meninas muda de galera muito rápido*, tendo em vista que são vistas como pouco fiéis ao grupo:

H - A casinha das mulheres é o seguinte, elas vão com quem faz mais pichação. Por exemplo, se a gente der um tempo aqui por algum motivo, e os caras de lá começam a mandar [pichar] muito, elas já começam a dar mole para os caras... E se os caras tiverem procurando a gente, elas já falam: eu sei onde fulano mora, vamos lá que eu sei onde os caras estão, eles me conhecem, nós vamos ficar lá na esquina e quando vocês chegarem, a gente sai e você mete bala neles. (Entrevista em grupo, masculino)

Nesse caso, a casinha armada contra o inimigo pode se voltar contra a própria galera originária, levando à traição ou *cabritagem*. Situações como estas são descritas também por outras gangues: *tinha umas meninas aqui da cidade, eram muitas meninas, e aí as meninas pegaram e começaram a ficar com os meninos da galera rival, e aí os meninos resolveram banir as meninas... falaram: não vai ter mais menina nenhuma*.

É interessante notar que nas falas, afirma-se que as meninas devem ficar de fora da gangue não por serem fracas, medrosas ou delicadas, o que poderia ser igualmente enfatizado, uma vez que tais aspectos também correspondem a fortes estereótipos de gênero. Nesse caso específico, não é tanto o 'sexo frágil' que faz efeito, mas uma outra face do feminino, também bastante tradicional, e que se expressa

na recorrente menção às *casinbas*: parece ter precedência uma operação na qual o feminino fica acoplado à figura da traiçoeira.

As mulheres traem, fazem armadilhas, utilizam a sedução para enganar os homens. De acordo com o imaginário geral, em mulheres não se pode confiar. Trata-se de um ícone da representação (artifício, simulação), nunca se sabe qual máscara ela está utilizando: relacionar-se com elas é terreno movediço. O feminino, “senhor absoluto do reino das aparências” (BAUDRILLARD, 2001, p.13), possui o poder de absorção e de fascinação. Ressalta-se que a sedução é considerada também sua principal arma e seu grande diferencial. Se por um lado esse poder é interessante, já que a gangue como um todo se beneficia das *casinbas* armadas contra um inimigo, por outro ele é também temido.

Teme-se a *casinha* armada pelas meninas de gangues inimigas, teme-se também que as meninas saiam da gangue e se relacionem com as gangues inimigas (e isso é falta grave) e teme-se que uma aliada simplesmente se torne *cabrita*. Se os garotos devem provar constantemente sua masculinidade, e isso inclui a afirmação de uma “disponibilidade absoluta, (...) prontidão permanente para se ter a mulher como objeto de relação sexual” (MACHADO, 2001, p.7), esse sinal de “macheza” pode se converter também em sua grande fraqueza: é fácil ser seduzido, mostrar-se *pegador*, e cair nessas armadilhas.

A *casinha* corresponde, portanto, à fisgada do masculino: *elas te beijam, te abraçam, te roubam e depois te matam*⁵³. Outro completa: *é na casinha que entram as ‘dona’... elas ficam, levam e trazem...* Onde elas estiverem, o inimigo está em maus lençóis: *o cara falou mal de nós lá longe, mas sempre tem uma delas lá perto... elas sempre falam entre elas e cai na boca da gente.*

A *casinha* pode ser armada sem a finalidade de agredir os inimigos fisicamente, sendo uma ferramenta utilizada também nas atividades que não tenham relação com guerra nenhuma, como nos roubos: *a vida das meninas é diferente, tem umas que trabalham, outras já que andam com nós para entrar na vida louca... armam casinha ali, ela finge que quer ficar com o cara, o cara chega, aí a gente rouba. Tem uma que o dia-a-dia é roubar também do mesmo jeito que nós, que ganha dinheiro da mesma forma.*

Mas nem todas as integrantes concordam com as *casinbas*. Algumas afirmaram que nunca fariam esse tipo de armação: *eu não tenho coragem de fazer uma casinha para ver o mal do moleque que nunca me fez nada grave, entendeu?* De qualquer forma, o estereótipo pode respingar sobre todas elas e, mesmo aquelas que se recusam a participar desse tipo de atividade são facilmente enquadradas nessa categoria. De fato, o estereótipo da *armadora de casinha* é tão forte que ainda que não tenham qualquer tipo de envolvi-

⁵³ Parodiando a famosa música do grupo de rap Racionais Mc’s, que afirma que *a confiança é uma mulher ingrata que te beija, te abraça, te rouba e te mata* (Vida Loka, Parte 1).

mento com uma briga, podem ser percebidas como as grandes responsáveis por ela. A culpabilização, seja ela decorrente das frequentes suspeitas ou da simples procura de um ‘bode expiatório’, é comum:

H - Muitas vezes as mulheres fazem a casinha sem saber. Assim: eu estou aqui com uma menina, ela é de outra galera, a gente está conversando aqui. Se eu estivesse sozinho aqui e os moleques passassem e me batessem, ia ser normal. Agora, só o fato de ela estar aqui comigo, ela é de outra galera, se me batem aqui, eu conto para todo mundo que foi ela que armou com eles. Você pode estar em qualquer buraco, se te viram com ela, é taxada de fazer a casinha. (Entrevista em grupo, misto)

Há uma ambiguidade nas percepções sobre as *casinhas*. Ora, as mulheres nas *casinhas* são vistas como um recurso de todo o grupo, inclusive sendo interpretadas como peças manipuladas pelo coletivo, como um todo, na realização das *guerras* gerais. A *casinha* é, assim, elaborada por eles e elas, sendo uma atividade na qual todos participam, com benefícios conjuntos. Ora, as *casinhas* são colocadas como atributos intrínsecos e exclusivos do feminino, um recurso do qual somente as mulheres, por apresentarem certa essência “traíçoeira” ou “pérfida”, seriam capazes. Nessa ambiguidade, é sempre possível manipular os sentidos que as *casinhas* podem assumir, podendo-se tanto trazer os logros possivelmente adquiridos para o ‘grupo’, quanto imputar a elas os reverses e infortúnios.

4.2.2.3 *Bandas* ou *franguitas*

Essa terceira categoria dialoga diretamente com uma ótica sexista a partir da qual são vistas as práticas femininas relacionadas aos campos do desejo e da sexualidade. Segundo um integrante de gangue: *bandas são as mulheres que não valem nada, pega só por pegar... Depois: pega o beco minha filha, não volte nunca mais*. Outro completou: *toda gangue tem uma banda, aquelas que entram pra pegar todo mundo, que dão pra todo mundo*.

Nas categorias que compõem o conjunto de enquadramentos possíveis para o feminino, as práticas sexuais não são um mero detalhe. A sexualidade emerge como terreno arriscado para as mulheres, no qual o risco de estigmatização torna-se evidente. Atitudes tidas como reprováveis, geralmente relacionadas ao fato de se mostrarem mulheres “licenciosas”, podem comprometer a imagem projetada perante os demais integrantes da gangue. Uma lógica social bastante arcaica sobre a sexualidade feminina é, assim, reatualizada, recaindo sobre elas a poluição simbólica de uma conduta sexual considerada excessivamente permissiva. Esta mesma lógica parece presumir que, enquanto ao masculino cabe a perene disposição para o sexo, ao feminino caberia o papel de refrear o anseio masculino, agindo como controle e ponderação (HEILBORN, 2006).

Uma líder de gangue comentou sobre a assimetria de gênero encontrada nesses padrões sociais, declarando discordar da diferenciação que ela própria observa no meio das gangues: *com homem, tudo é mais fácil. Homem que pega muito é garanhão, menina que pega muito é galinha. Homem está com calor no meio da rua, vai e tira a blusa; homem quer mijar, mija no meio da rua... para mulher gangueira é feio. Mulher é uma desvantagem muito grande!*

Com quem e com quantos ficar é sempre um aspecto que gera receio nas integrantes, tendo em vista a fronteira tênue entre ser respeitada e ser depreciada no coletivo. Ao longo do tempo, relacionar-se com um número considerado inadequado de colegas pode gerar má fama, havendo certa preocupação *de que povo ficar sabendo*:

Ent - Você já ficou com algum menino que fosse aliado da sua gangue?

M - Uns seis ou sete por aí, mas que o povo sabe mesmo foi uns quatro, se não a galera chama de “cama de bamba”, que é quando fica com todo mundo da galera, ficar “pagando pau”.

Ent - E as meninas ficam com fama de “cama de bamba” muito fácil?

M - Se ficar com uns cinco meninos já é, quando você fica no meio de pichação todo mundo fica sabendo da sua vida, tudo que acontece com você às pessoas ficam sabendo.

Ent - E te incomoda?

M - Com certeza. (Entrevista em grupo, feminina)

Ficar difamada, virar *banda* ou *cama de bamba*, é algo que pode inclusive atrapalhar a convivência da garota na gangue, de modo que algumas decidem largar o grupo por terem ficado *queimadas*:

M - A menina fica com um aqui, outro alí, e a galera no outro dia já fica chamando elas de “cama de bamba”.

Ent - É por isso mesmo que elas saem?

H1 - Também.

H2 - Altas eu já vi sair por esse motivo aí, ficam queimadas aí decidem não andar mais com os meninos. (Entrevista em grupo, mista)

Não são raras as vezes em que determinadas integrantes são referidas por seus colegas como *banda*, *vagabunda*, *cachorra* ou *bagaceira*. Mas a condenação às mulheres que têm vários parceiros não é verificada apenas nas falas masculinas, a desvalorização ocorre também entre as próprias garotas. Em tom de reprovação, uma integrante afirmou que: *tem uma menina aí, que a bicha é a maior fã... vou dar um exemplo, a gente apresenta um amigo nosso e a bicha já chega: e aí, bonitinho, vou pegar vêi. Mal conhece o cara e já vai querer dar*. Algumas chegam a comentar que é necessário ter cautela, com receio de que o parceiro saia divulgando para os colegas. Torna-se importante, assim, *não ficar com qualquer um*, além de apresentar discrição ao se relacionar com alguém, para *não ficar falada*.

Os homens, por sua vez, como já comentado em outro momento, apresentam um comportamento díspare, tendendo a publicizar suas ‘conquistas’ e a se vangloriarem de um currículo que contabilize várias mulheres. Por um lado, os gangueiros parecem depreciar as mulheres que estão na gangue para ficar ou namorar; por outro, valorizam a si próprios por atraí-las em razão da fama por eles adquirida. De fato, há nas gangues a reprodução de um padrão social de controle sobre a prática sexual feminina, sendo o feminino que corre o risco de ficar difamado, ter sua moralidade posta em dúvida: é sobre elas que recai a poluição simbólica.

4.2.2.4 *Cabritas*

Entre os estereótipos tradicionalmente vinculados ao feminino e que são frequentemente reproduzidos nas interações das gangues está o de que as mulheres não são confiáveis. Como mencionado sobre a categoria das *armadoras de casinha*, é comum considerar como atributo desse gênero a disponibilidade para a traição, para a produção de intrigas e de fofocas. Também a categoria de *cabrita*, traidora ou *capa de pistola*, dialoga com tais aspectos.

A perfídia é uma das características mais atribuídas ao feminino. A possibilidade de traição ronda as meninas das gangues, que potencialmente tanto podem utilizar esta característica em prol do grupo, fazendo armadilhas para membros de gangues rivais, quanto podem *cabritar*, ou seja, trair os seus.

Esse estereótipo sobre o feminino pode ser compartilhado por homens e mulheres, havendo relatos de garotas que reproduzem esse tipo de representação. Por vezes, amigas femininas e amigas masculinas são diferenciadas: *a amizade de meninas gera muita fofoca. Mulher é, tipo assim, você conta uma coisa para ela, ela já conta para outra e inventa mais um pouco... Com os meninos é melhor para conversar.* Uma participante do estudo afirmou, nesse sentido, ser *unha e carne* com os garotos, acrescentando que, no geral, não se identifica com as meninas, concordando que essas são traçoeiras, apesar de ela não ser como as outras, sentindo-se muito mais próxima do que para ela corresponde ao masculino:

M - Eu não ando com menina. Menina é falsa véio, você está conversando aqui, ela está olhando sua roupa, está olhando seu brinco. Aí vira as costas e: tu viu não sei o que?, aí começa... Já vi tanta fofoca com meu nome! Por causa disso, falei assim: só vou andar com menino, com menino é diferente. Eu acho que era para eu ter nascido homem. Por dentro eu sou homem, eu faço tudo igual menino, falo as coisas mó sem vergonha de nada. Eu gosto mais de andar com menino, me identifico mais com menino. (Entrevista individual, feminina)

Passar a *colar* com os inimigos é uma grande traição. Pode trazer profunda desaprovação da gangue e levar a cobranças pesadas, como relata uma líder “F” sobre a traição de uma componente do segmento feminino:

M – Ela tinha uns 12, e eu tinha 16. Era tipo assim, estava perfeito. Aí eu peguei, dei uns contatos para ela de uns meninos que são cabrito, sabe, que são rivais. Aí eu falei: tenta trazer esses meninos aqui para a gente bater neles. Aí ela pegou e virou amiga dos meninos! Ela virou mó *brother*, sabe, aquele coisa: os meninos iam para a casa dela, eles vinham pra cá. Trazia os meninos aqui. Isso é uma coisa que não pode nunca! Os meninos entravam aqui e os meninos pichavam aqui, e eu: gente, da onde é que esses meninos estão aparecendo?. E ela sumiu. Quando eu entrei na internet, eu vejo altas fotos dela no Orkut dos meninos: ah, minha amiga, olha só com quem eu estou andando?. Gente, essa menina levou trinta tapas na cara, um por dia, na porta do colégio.

Ent – Na porta do colégio?

M – Na porta do colégio. Ela saía do colégio, já estava todo mundo esperando. Ela teve que sair [da escola]. Ela saía do portão e eu pá na cara dela, aí virava: amanhã, eu te dou outro. Todo dia, todo dia, até que a mãe dela tirou ela da escola.

Ent – Tirou ela da escola?

M – Tirou ela da escola. Ela estava preocupada, mas eu só ia dar tapa na cara dela. Não tem coisa pior do que levar um tapa na cara, eu acho. Ela botava o pé pra fora da escola e eu pá na cara dela. [...] quando eu fico com raiva de uma pessoa, eu fico com muita raiva, muita raiva. Eu acho que da gangueragem todinha essa foi a pior decepção que eu tive, a pior, a pior, a pior. (Entrevista em grupo, feminina)

O ato de *cabritar*, dependendo do conteúdo, é, de fato, visto como inaceitável, a ponto de ser severamente punido pelo grupo, obrigando os líderes a fazerem as cobranças necessárias. Assim, como no comentário anterior, outra líder apresentou um relato referente à *cabritagem* de integrantes do segmento feminino da gangue, afirmando ter feito a cobrança em uma das reuniões. Observe:

Chegaram duas meninas que eu não gosto delas de forma alguma, elas são cabritas, são capa de pistola, elas entraram na galera faz pouco tempo... Outro dia na rua eu vi o nome delas na parede com o nome dos meninos com quem a gente tem guerra. E elas são assim: banda, banda, banda, vadias. Uma vez eu e a X fomos até atrás delas, mas a gente não achou, e ficou por isso mesmo. Aí eu estou lá na reunião, quando chegam as duas na maior farrá! Eu falei: hoje eu pego elas. (Entrevista em grupo, mista)

Em algumas gangues, há falas sobre a rigidez da regra de não se relacionar com integrantes de grupos inimigos, sendo esse tipo de proibição referido como um elemento básico a ser respeitado dentro da moralidade da gangue. A distinção entre aliados e inimigos é, nesse sentido, bastante nítida, sendo perceptível também

o impacto do controle social do grupo sobre tal conduta:

Ent - Você fica com meninos da sua gangue ou de outras gangues?

M - Da minha [gangue] já fiquei com um.

Ent: Mas como é em geral? Tem alguma regra ou você pode ficar com quem quiser?

M - Posso, só não posso ficar com meninos de outra galera que é inimiga, mas se for aliado tudo bem.

Ent - Quem controla isso, quem fica sabendo se você ficar com alguém de outra galera?

M - Todo mundo.

Ent - Por quê?

M - Porque alguém vai lá e fala. (Entrevista em grupo, feminino)

Em concordância com a fala anterior, outro membro declarou ter receio do risco apresentado pela proximidade de suas colegas de gangues com seus rivais: *nas reuniões nós falamos que é para elas ficarem com os meninos da própria galera, para não namorar com as gangues rivais, para não ter desavença. Porque se ela namorar com um cabrito, se ela namorar com o cara da gangue rival, ela vai querer proteger o cara, ou dar o pano da gente para ele.*

Contudo, apesar de contrariar as regras da galera, nem sempre o grau de organização permite que as cobranças sejam feitas e, nos casos em que a gangue é *bagunçada*, quem *cabrita* pode não ser punido: *a galera dele é grande demais, entendeu? Só que as meninas que são da galera dele são tudo banda... Ficam com os meninos tudinbo, com um bocado de gente, ficam até com cara que ele tem guerra e ele não cobra porque é bagunçada a galera dele.*

A *cabritagem*, além de uma traição no sentido de aproximação aos *gangueiros* rivais, pode englobar também a falta de lealdade no momento de uma briga. Entrar no *rolo* e não deixar o resto da galera na mão é preceito importante que, quando contrariado, torna-se uma falta inadmissível. A falta de lealdade de uma integrante provoca, ainda, o rompimento do círculo da dádiva, perdendo-se qualquer compromisso dos demais em defendê-la nos *rolos* subsequentes: *vou te falar por que a menina é cabrita... porque quando a gente tem rolo, a gente chama ela para entrar e ela não entra; mas aí quando ela tem rolo, ela chama a gente para entrar e a gente também não entra. Se quando a gente tem rolo ela não entra, por que a gente vai entrar nos rolos dela?*

De acordo com a manipulação das impressões sobre si, são frequentes as falas de integrantes que procuram manter à distância qualquer dúvida sobre seu comprometimento com o grupo. O receio de ficar difamada é grande, sendo necessário demonstrar lealdade e confirmar o respeito que julgue merecer dos pares. No caso, como verificado em comentários anteriores, o risco é não apenas moral, mas também material, sendo a falta de reconhecimento um dos efeitos negativos, além do risco de sofrer agressões físicas, particularmente nas *cobranças*. Uma integrante ressalta o respeito adquirido por nunca ter *ttf*: *na galera me respeitam porque eu nunca*

cabritei, estou junto tem tempo... Eu namorava um cara que era o líder, mas tanto que quando ele saiu [da gangue], aonde eles iam eu ia junto, e estou até hoje. Quando precisam, estou junto, só não dou mais da minha vida porque não tem como.

Ocupar um espaço valorizado na gangue requer, portanto, exorcizar o estigma de *cabrita*, aproximando-se ao máximo da imagem social da *dona de rocha*, aquela que é *de responsa* e em quem se pode efetivamente confiar.

4.2.2.5 *Pé de pano*

Quando perguntada sobre o que é *pé de pano*, uma integrante de gangue respondeu: *quem rouba o namorado da outra*. A questão da lealdade emerge mais uma vez como um ponto fundamental nas identidades femininas e, de fato, a categoria *pé de pano* parece comunicar com outras anteriores, a da *cabrita* e da *armadora de casinha*. Essa recorrência é, sem dúvida, indício de que a questão das rivalidades, das guerras e da lealdade são pontos que perpassam a socialização como um todo, adquirindo grande relevância a temática da ‘confiança’ – para ambos os gêneros, mas para o feminino em especial.

Com relação à categoria de *pé de pano*, ela se torna inteligível quando analisado o jogo de conquista de parceiros e a condução dos relacionamentos. Estes são percebidos como dimensões importantes e que envolvem um equilíbrio nem sempre estável entre amizades, reconhecimento dentro do grupo e administração das rivalidades que possam surgir. Se por um lado é interessante para o currículo masculino apresentar um grande número de mulheres, por outro parece ser importante entre o segmento feminino mostrar-se como alguém que é valorizada entre os homens – cujo *status* é de namorada, com espaço reconhecido e respeitado. Esta dinâmica parece reproduzir o que autores como Heilborn (2006) e Bozon (2004) chamam de dupla moral sexual vigente na sociedade brasileira: enquanto para os homens a sexualidade é socialmente modelada para significar algo em si, portadora de sentido em si mesma, com intrínseca qualidade instrumental, para as mulheres, o sexo deve aparecer como dimensão profundamente relacional por meio da qual serão estabelecidos laços outros, sendo, portanto, os laços e relações afetivas considerados cruciais.

Reproduz-se um padrão social tradicional em que apresentar múltiplas parceiras é um ponto de afirmação de masculinidade, enquanto que para o feminino essa mesma liberdade tende a se reverter em prejuízos identitários – como retratado na categoria de *banda* – havendo interesse feminino em afirmar-se com o *status* de namorada e sobressair sobre as demais. Neste sentido, parece haver interesses diver-

gentes nas estratégias de conquista, o que também tende a implicar em competição entre mulheres.

Alguns elementos parecem agravar essas formas de conflito entre mulheres. Primeiramente, tem-se o fator mais evidente, que é a percepção de que as amizades entre mulheres não são plenamente verdadeiras, caracterizadas, em contrapartida, pelo desrespeito e pela inveja. Em segundo lugar, aparece a culpabilização do feminino diante de uma ficada, de modo que as mulheres são referidas como as grandes responsáveis por uma traição masculina. A agência masculina nesses casos é minimizada, talvez como reflexo de certa naturalização da propensão dos homens a cederem diante de provocações femininas. É recorrente, nesse ponto, a percepção de que o desrespeito ao espaço de uma mulher é consequência da ação de outra mulher, a *pé de pano*, cuja amizade não é verdadeira:

Ent - Com os meninos, acontece de eles brigarem por causa de meninas?

M1 - Não, é meio difícil, porque a maioria das vezes quem é safada é a mulher, porque sempre o homem não leva a culpa.

Ent - O que vocês acham disso?

M1 - Mas a maioria das vezes quem é a safada é a mulher. [...]

Ent - Quer dizer que os meninos respeitam a namorada dos outros e as meninas não?

M2 - As meninas não respeitam.

Ent - Você acha que isso é só na galera ou é em todo lugar?

M2 - Em todo lugar sim.

Ent - E porque vocês acham que isso acontece?

M2 - Porque elas não são amigas verdadeiras. Pode ser o mais bonitinho que for, a menina já chega olhando com olhar de pecado para ele, querendo ficar com ele e sabendo que é namorado dela, sabendo que ele gosta dela. Se está com ela é porque gosta dela, então não atrapalha. Comigo parece que eu tenho sorte: todo menino que eu fico, essas mesmas meninas daquela quadra ficam com eles.

M1 - Não sei, eu acho que não tem nada a ver com beleza não, pode ser o mais feio que for. Acho que isso é inveja, porque as pessoas não conseguem ser felizes, não querem ver a felicidade dos outros. (Entrevista em grupo, feminino)

As dinâmicas de desrespeito feminino e traição masculina são recorrentes nas falas de muitas integrantes de gangue. São parte dos relatos sobre seu cotidiano, e expressam o espaço ocupado por suas relações afetivas no próprio envolvimento com a gangue. A questão da competição e da inveja é bastante citada: *tem uma donas aí, que eu vou te contar, só querem pegar os caras que têm namoradas*. Outra completa: *mulher tem muita falsidade, muita inveja... as meninas são assim porque já é o instinto, só gostam do que é dos outros*.

Determinadas narrativas são enfáticas no sentido de que essas rivalidades despertam raiva, indignação e mesmo levam a agressões verbais e físicas, não sendo raras as vezes em que brigas envolvendo namorados levem a situações de violência: *foi uma dona tentar sentar no colo do meu namorado... Foi mau pra ela, ela quase morreu de chorar pedindo para eu não bater nela... A sorte é que ele saiu, porque se ela tivesse sentado, eu ia bater nela*. Em outras situações, as amigas mais próximas podem também sair em defesa daquela que foi traída: *ontem tinha uma dona lá, abraçando o namorado dela [aponta para a amiga], eu que ia bater na dona, mas ela não quis deixar*.

Aquelas que desrespeitam devem pagar pelo que fizeram, e *bater em menina folgada* é entendido como algo legítimo dentro do universo feminino das gangues: *eu nem conhecia ela, ficava mandando recado para o meu namorado na net, no Orkut... aí quando eu a vi, ela veio pedir desculpas... Aí eu bati nela, mas não bati muito não. Tem menina que é muito folgada, aí tem que bater, né*.

Em algumas gangues, os casos em que uma integrante fica com o namorado de outra são considerados assuntos relativos a todo o grupo, ou seja, a todo o segmento feminino ('F'). Assim, cabe ao coletivo de mulheres – a ala masculina fica excluída – deliberar sobre os assuntos relativos a essa questão, ficando responsável por decidir sobre os conflitos e sobre quem deve ser punido, dando também os devidos encaminhamentos quanto às sanções a serem aplicadas. As *cobranças* podem incluir *corredor polonês* e várias agressões físicas:

M - A reunião F significa mais para falar das meninas, para falar assim, o que a gente vai fazer para as meninas, por exemplo: a X ficou com o namorado da Y, aí a gente vai resolver só nós, a gente não vai botar os meninos no meio, porque os meninos não vão poder cobrar, quem vai cobrar é as meninas.

Ent - Como é que vocês resolvem isso?

M - Aí passa pelo corredor [polonês]. (Entrevista em grupo, feminina)

No entanto, muito embora as brigas sejam referidas como causadas por namorado, percebe-se que nem sempre a questão principal é, de fato, o sentimento nutrido pelo ex-companheiro. Em determinados casos, a briga parece estar relacionada primordialmente ao caráter de *humilhação*. Trata-se de ter o espaço desrespeitado, de sofrer certa desonra. O constrangimento público é um dos pontos mais ressaltados. Uma integrante, narrou, neste ponto, que: *às vezes não é nem por causa de homem, eu nem ligo, eu não quero nem saber de homem. Mas ela... sabe quando quer se amostrar, passeando de mão dadas... Aí eu fico chateada, né?*

O *pé de pano* 'masculino' é narrado como sendo algo comparativamente raro, mas que implica falta grave, principalmente quando se *pega* a mulher daquele que está preso: *você tem que ser certo no crime, não dever a ninguém, não caguetar ninguém e não*

pegar a mulher do outro. [...] Porque é o seguinte, o que eles dizem de ser pé de pano é pegar a mulher dos outros, é o cara estar preso e o cara pegar a mulher do cara.

A partir das cinco categorias abordadas – quais sejam: 1) *donas de rocha* ou *cabulosas*; 2) *armadoras de casinha*; 3) *bandas* ou *franguitas*, 4) *cabritas* e 5) *pé de pano* – é possível traçar estratégias adotadas por mulheres nas gangues para administrar seu espaço no grupo, fugindo de potenciais estigmas. A próxima seção dedica-se justamente a essas estratégias.

4.3 Estratégias femininas para sobreviver em um ambiente masculino

Pierre Bourdieu (1986), em sua *teoria da prática*, enfatiza a necessidade de se atentar para a *agência* dos sujeitos em meio às disposições e regras sociais. Os sujeitos envolvidos em determinado contexto não obedecem mecanicamente a regras e imperativos; eles exploram suas possibilidades de ação, as possibilidades estratégicas existentes, visando a obtenção das posições almejadas. Eles ‘analisam’ aquilo que é demandado, no sentido de disposições ou de *habitus* (e não de um cálculo consciente), avaliando os riscos e vantagens das ações tomadas. Bourdieu faz uma alusão a um ‘jogo’: imersos em um ‘jogo’ social, os atores vão tecendo estratégias de ação e, de acordo com as ‘cartas’ que possuem em mão, procuram evitar atitudes e comportamentos que lhes sejam prejudiciais e dar ensejo a ‘lances’ de seu interesse. Esse aspecto “pressupõe a constante invenção, uma improvisação absolutamente necessária para o sujeito adaptar-se a situações que são infinitamente variáveis” (*idem*, p. 112 – livre tradução). Os elementos ao alcance são constantemente manipulados ou negociados.

De certa forma, o espaço social das gangues também requer que os sujeitos envolvidos sejam capazes de adotar ações que lhes permitam entrar e permanecer no grupo. Mesmo para sair do coletivo, é necessário saber ‘jogar’ de acordo com alguns requisitos, sob pena de ‘ferir’ preceitos que possam desembocar em consequências desagradáveis e mesmo violentas. As atitudes necessárias, contudo, ainda que *em tese* respondam a um quadro relativamente *fixo* de ‘regras’, na prática variam substancialmente de acordo com uma série de elementos, relativizando, assim, as regras próprias em questão. As condutas são flexibilizadas, por exemplo, pela posição ocupada na gangue, pelo nível de amizade conquistado e de quem se é mais próximo, pelo tempo de convivência com o grupo, pela geração na qual se insere, pela fama possuída e, certamente, também pela marca social de gênero.

No caso ora analisado, são trazidos pontos relevantes sobre a inserção e permanência das mulheres no contexto de suas gangues, buscando-se compreender algumas das situações por elas enfrentadas no cotidiano da *gangueragem* e as estratégias

femininas adotadas como forma de sobreviver nesses ambientes caracterizados por serem majoritariamente masculinos. Para as meninas, é também demandado saber utilizar as regras do grupo, bem como manipular as suas imagens e discursos, agindo estrategicamente de modo a conquistar ou manter seus espaços.

Fazer parte de uma gangue nem sempre é fácil para mulheres. Esse coletivo marcadamente masculino opera segundo dinâmicas que frequentemente são pouco abertas para a inclusão de garotas. Algumas gangues inclusive já passaram por deliberações que optaram pela não participação de mulheres, de modo que seus membros afirmam categoricamente que elas não são bem-vindas como integrantes. Outras gangues, por sua vez, aceitam a participação feminina, mas geralmente empregam valores que dificultam o acesso a posições de maior poder ou prestígio. Fazer-se acreditada e respeitada torna-se, assim, um processo laborioso e que exige das meninas um esforço extra.

A resistência pode vir de várias formas, por vezes sutis. As mulheres podem ser vistas como despreparadas: *nos dois, três primeiros anos que eu entrei para a gangueragem, eu nunca tinha ido numa reunião, dizendo os meninos que eu não estava preparada para ir à reunião, não sei por quê*. Se a admissão de mulheres no coletivo já aparece como uma concessão, ser liderado por uma é algo inimaginável:

Ent - Já existiu alguma líder mulher, de homem e de mulher, sem ser líder "F"?

H2 - Você tá doido véio.

H1 - Isso não tem lógica não.

Ent - Você não seria liderado por uma dona?

H2 - Nem pela minha mãe.

Ent - Você também não?

H1 e H2 - não.

H1 - Porque, tipo assim, vai deixar uma dona ser líder geral tipo de uma galera, a maioria de guerra que tem é por causa de dona.

Ent - É?

H1 - É a maioria.

H2 - De rocha.

Ent - E por quê?

H2 - Porque as mulheres são pilantras. (Grupo focal, misto)

As mulheres devem, dentro desse contexto, conhecer os mecanismos que orientam as relações dentro da gangue, ponderando suas próprias ações com as representações hegemônicas tecidas em torno do feminino. Se, como abordado anteriormente, existem categorias de feminino que operam nos espaços das gangues, o desafio está justamente em se aproximar das categorias de maior prestígio e se distanciar daquelas que possuem prejudicar.

Um caso emblemático dessas estratégias está nos conselhos proferidos por uma líder feminina às outras mulheres da gangue, nos quais ela traz a sua experiência ao longo de aproximadamente sete anos no grupo. Segundo essa líder “F”, as garotas que entraram mais recentemente devem tomar bastante cuidado com o que fazem, prestando atenção a determinados pontos que seriam, segundo sua opinião, fundamentais: *eu durei muito tempo e vou durar muito ainda por causa dessas minhas ideias. Agora, quem não quiser ouvir, daqui a um, dois, três meses, ninguém não vai nem lembrar que essa pessoa existiu*. A líder deixa claro que seguiu um tipo de “plano de carreira” no grupo, tendo ela sido esperta e seguido alguns princípios básicos importantes para ter chegado aonde chegou. Sua posição como líder é frequentemente referida como sinônimo de *status* e prestígio, bastante valorizada tanto por ela quanto por outros *gangueiros*, mostrando enorme seriedade nos assuntos da gangue, quase como uma profissão.

Adotar comportamentos adequados pode ser o fator decisivo para se dar bem ou mal na *gangueragem*: *eu falo: ‘olha, se você quer se dar bem na gangueragem, não vai ficar aprontando... Fica na sua, escuta mais do que fala, tenta levar tudo como se fosse assim uma escola’*. Essas formas de se portar devem ser incorporadas, aprendidas, como remete a referência à escola. É necessário ir com calma, sentir o ambiente e saber onde se está pisando.

Alguns dos princípios a que ela se refere são *não ficar com os meninos da gangue* (nem de outras gangues, principalmente rivais), *não deixar os meninos participarem das reuniões das meninas*, já que eles atrapalham e *vão lá só pra ficar dando em cima, não faltar às reuniões, não ficar amiga de pessoas das gangues inimigas, não fofocar e não falar além da conta*.

As reuniões de mulheres são importantes eventos nos quais esses conselhos são dados. Para essa líder ‘F’, é preferível que os meninos não tomem conhecimento de quando e onde será a reunião, para que não apareçam só pra paquerar. Ela disse, de modo bastante crítico, que na última ou penúltima reunião feminina, curiosamente *deu mais menino que menina*. Foi perguntado como as meninas respondiam à presença dos meninos e ela disse que ficam *de gracinha com eles*, ao invés de encarar a reunião com seriedade. Como líder, ela pode e deve ser brava e *dar esporro* quando necessário.

Os encontros podem englobar comunicados sobre *frevo*s que ocorrerão e outros temas, além, e, sobretudo, cobranças e castigos acerca de atitudes das lideradas que são consideradas reprováveis, como informa outra líder “F”:

[Nas reuniões femininas] gente fica sabendo das tretas que houve, quem quer quebrar fulano, vai ter um *frevo* em tal rua e é para todo mundo ir... nós ficamos sabendo que tem uma fulana que saiu da galera e que está colando com os capas, os cabritos, que tem dona fazendo casinha para outra, tem dona que pegou o namorado da outra, tem dona que fugiu de casa para ver o que está acontecendo, é isso. (Entrevista individual, feminina)

A líder pode cobrar das demais integrantes e dar conselhos sobre algumas malandragens que os meninos costumeiramente tentam aprontar contra as integrantes que teriam se inserido na gangue recentemente. Tendo em vista a facilidade com a qual uma mulher pode, nas gangues, ser categorizada como *banda* ou *franguita*, por apresentar uma postura considerada ‘liberal’ em demasia no que tange a ficar com garotos, torna-se indispensável ponderar sobre as eventuais consequências de uma ficada:

Eu comento com as meninas em toda reunião eu falo: gente, não vai ficar com esses meninos gangueiros, gente, gente.. muitas não dão ouvido, mas as pessoas que eu mais considero me escutam. (Entrevista em grupo, feminina)

Hoje em dia o que eu tenho que fazer com as meninas? Eu tenho que colocar na cabeça delas o seguinte: não vai ficar com todo mundo porque daqui a uma semana, duas, todo mundo vai achar legal, só que com o passar do tempo você vai ser chamada de piranha, que você não vale nada e isso e aquilo. Pode perguntar para as meninas se eu não faço isso com elas. Igual que eu fiz com a “X”. Ela foi ficar com o “Y” e eu falei para ela: ele fica com as meninas e daqui a pouco ele está falando mal de você. Ai ela: ah, não, ele é de boa, é meu amorzinho, meu bebezinho. Ai eu: pára! Amorzinho o caramba! Ele não estava nem aí para ela! Não deu uma semana eles terminaram. Adiantou eu falar? Não adiantou! Mas eu estou fazendo a minha parte, quando vêm perguntar o que que eu acho, o que que eu penso... e eu sempre fiz isso com as meninas. (Entrevista em grupo, feminina)

Essa líder “F” comenta que teria sido talvez bastante proveitoso se, quando ela entrou na gangue, ela pudesse ter contado com os conselhos de uma mulher mais antiga, como ela vem atualmente fazendo com as garotas que entraram depois dela. Na época, quem acabava lhe dando algumas instruções sobre relacionamentos dentro da gangue eram amigos mais próximos, que a alertavam sobre o risco de se envolver com pessoas específicas:

Quando eu entrei, eu falei: caramba, será que eu vou ter que ficar com aquele menino ali porque é o bom?. Porque poucas pessoas assim vinham falar: olha, não é assim que você vai ter que fazer, se você ficar com todo mundo, você vai ficar mal falada e acabou a sua historinha e pronto. Acabou para você, a gente vai te tirar da galera, porque já é esparrada na galera. Então, eles ficavam no meu pé. O X e o Z falavam: não fica com tal pessoa e tal, faz o seguinte... Então, até hoje, na minha vida todinha, se eu fiquei com 5 gangueiros foi muito, muito mesmo. (Entrevista em grupo, feminina)

Uma líder afirma: *discuto muito [com as outras integrantes], às vezes até brigo: ‘Gente, acorda! Isso não vai levar vocês ao auge não!’. Vocês têm que ter o respeito, não é assim, de ficar com qualquer molequinho bonitinho que vocês vêem não.* A questão de conseguir obter

e manter o respeito – tanto de mulheres quanto de homens na gangue – é primordial. Qualquer deslize pode levantar suspeitas sobre a sua pessoa, de modo que para mulheres, facilmente enquadradas como traidoras e *bandas*, parece ser importante ter cuidado redobrado.

Saber com quem e com quantos homens se envolver é um ponto importante. Ficar com muitos integrantes do grupo pode ser extremamente desvantajoso para a imagem da mulher. Porém, se envolver com figuras de maior prestígio pode se reverter em algumas vantagens: *elas entram [na gangue] com intenção de que se fulano é famoso, o elas vão ficar com ele*. Em alguns casos, são obtidas regalias, fruto da relação com líderes como, por exemplo, a dispensa da doação de latas para entrar na gangue por ser a mulher do líder:

M2 - Eu consegui entrar na gangue sem dar lata porque eu fiquei com o líder dessa gangue.

Ent – Mas você ficou com o líder para poder entrar na gangue?

M2 – Tipo assim, eu já estava pensando em entrar na gangue, aí ele pediu para ficar comigo, eu peguei e fiquei com ele. Eu perguntei como se entrava e ele falou que eu já podia entrar. Eu peguei e entrei. E ela (aponta para a amiga) para entrar teve que dar eu acho que foram três latas.

M1 – Cinco

M2 – E eu, como já tinha ficado com o líder, ele pegou e me deixou entrar. (Entrevista em grupo, feminino)

Se na reunião feminina a aproximação com as integrantes é vantajosa para a líder – a fim de conquistar não apenas o respeito, mas também o afeto das demais, além de ser uma oportunidade para orientá-las sobre as melhores atitudes –, em outros momentos torna-se estratégico justamente não demonstrar tanta proximidade com as mulheres. Desse modo, a líder deve orientar as garotas e, por isso, protegê-las. Mas não a ponto de se arriscar demais, e enquadrada como *mais uma menina*, particularmente quando em uma interação com homens.

Pode-se observar uma situação em que esse aspecto ficou bastante evidenciado. Em uma reunião geral, que contou com a participação apenas de duas mulheres (além de uma pesquisadora), configurando-se assim como um evento fundamentalmente masculino, assistiu-se a uma situação na qual os homens começaram a falar muito mal das mulheres. Aproveitando a oportunidade de estarmos presenciando os desdobramentos dos fatos – o que traz elementos diferentes daqueles levantados nas entrevistas –, nossa atitude foi de observar como as duas *gangueiras*, especialmente a líder, reagiria aos ataques bastante agressivos que foram lançados às demais integrantes da gangue. Para nossa surpresa, porém, as duas permaneceram inertes, sem pronunciar quaisquer palavras. Não se opuseram e nem retrucaram.

Para além de uma leitura simples desse acontecimento, imaginamos que não se tratou de uma traição às colegas, mas de uma estratégia de sobrevivência. Talvez se calar seja também uma ação estratégica. Uma forma de mostrar que ela se identifica menos com as mulheres do que com os homens – que ela é ‘uma deles’. Assim, demonstrar muita sororidade – *sisterhood* – ou irmandade feminina, pode vinculá-la demais ao “grupo das mulheres”, enquanto ela luta por ter um espaço mais neutro de gênero na gangue.

A ‘sobrevivência’ de uma mulher na gangue parece estar, como exposto, na capacidade de saber analisar as situações, mensurando até que ponto se torna conveniente determinado tipo de atitude e quando é necessário adquirir outra postura. Deve-se saber dos benefícios e prejuízos vinculados às ações tomadas, cuidando para não correr os riscos que podem fazer o feminino se enquadrar nas categorias negativas que tão fortemente estão presentes nas gangues.

Um dos ativos acionados para garantir autonomia e fama é o corpo, o que se traduz nas singularidades quanto à aparência - entre os meninos aparece bastante a questão da *logo*, da marca da roupa. De fato, em termos de aparência e demais elementos estéticos, também ocorre diferenciação entre o masculino e o feminino, partilhando ambos do mesmo norte, sugerido pela sociedade: ter fama, poder, ser admirada/o. Assim, em relação aos homens, a questão da aparência tende a apresentar um forte vínculo com símbolos de distinção social, sendo mais comum para o masculino embora não exclusivamente, a valorização de objetos de consumo como roupas de marca.

As mulheres são, no geral, bastante vaidosas e muitas vezes apresentam-se de modo sedutor. Ao contrário do que ocorre em determinados contextos internacionais, como o americano, em que mulheres em gangues comumente incorporam uma estética masculina ao seu visual, aproximando-se do modelo das *tomboys*, no meio pesquisado a tendência certamente estava em adotar uma aparência mais tradicionalmente vinculada ao feminino. No Brasil, elas vestem-se com roupas comuns às demais adolescentes, não havendo itens que façam acentuada distinção em relação às outras mulheres da mesma idade e dos mesmos bairros. O aspecto que talvez chame maior atenção é justamente o enfoque dado ao corpo.

Socializadas com a busca por poder, como tantos outros na sociedade contemporânea, as mulheres em gangue mobilizam os ativos à disposição no meio em que circulam, tais como o uso da violência, transgressões e fama. Busca-se autonomia, entretanto, mesclando parâmetros tradicionais a outros, e assim insinuam outra performática do ser mulher, quebrando estereótipos, ainda que não necessariamente as hierarquias, misturando as *Evas, Marias, donas de rocha, cabritas, armadoras de casinha, bandas e pés de pano*.

Este capítulo buscou, portanto, analisar os construtos e relações de gênero produzidos e produtores do universo *gangueiro*. Para tanto, versou sobre construções de masculinidades entre as gangues e sua relação com a sexualidade, além de analisar as construções, atividades e representações sobre as mulheres, ocupando-se ainda de suas estratégias de convivência, relacionamento e sobrevivência neste meio.

5. REFLEXÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 Futuro, nas palavras deles e delas

Eu tenho uma espécie de dever, de dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espectador de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E, assim, me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis.

Fernando Pessoa

Tal como narrado por Fernando Pessoa, é também assim que o jovem integrante de gangue tende a projetar o seu futuro, sendo a partir do presente e do seu modo de estar no mundo que se vai construindo sua própria vida de forma espetacular. É o espetáculo da sua vida – ora trágico, mas muitas vezes também alegre e divertido – que possibilita os sonhos de um futuro eventualmente incerto, que revela parte de suas visões de mundo e seus valores.

As palavras de uma jovem expressam esse sonho/desejo sobre seu futuro: *brilhante... no meu futuro muita paz e amor, quero estar do lado de uma pessoa que eu goste, que me respeite, me considere*. O futuro é o espaço para a construção de um *projeto de vida* e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que *coisa* se fará no futuro, também, paralelamente, *quem* será. Todavia, é necessário questionar como essa construção se realiza em um clima social contemporâneo, no qual incerteza tende a dominar e onde fermentam as vivências contingentes (BECK, 1999; BAUMAN, 2001).

E esta perspectiva pode configurar as formas que as histórias de inúmeras vidas juvenis são definidas. O futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e indeterminável*, governado pelo risco. Assim, quando as mudanças tendem a ocorrer de forma acelerada e o imediatismo tende a ser o *modus operandi* de resolver os problemas do cotidiano, investir no futuro e adiar a satisfação torna-se quase impossível. Nesse cenário, há cada vez menos espaço para dimensões como segurança, controle, certeza.

A perspectiva de futuro dos jovens pesquisados está estritamente vinculada ao cotidiano por eles vivenciado na *gangueragem*. Na maioria das vezes, vivem o presente, com toda a intensidade com que ele se apresenta – o que dialoga também com essa identidade atual mergulhada no imediatismo e no risco, eventualmente tornando-se até um de seus protótipos.

No discurso de muitos jovens pesquisados pode-se perceber uma perspectiva positiva, principalmente nas mulheres. Boa parte das jovens acredita que “têm futuro”, esperam sair da gangue, estudar e trabalhar. Narram que não terão um futuro se continuarem na gangue e, para mudar a realidade em que estão inseridas, é necessário buscar outras opções e estudar. Nessa questão, também pesquisas mais abrangentes sobre o perfil de jovens brasileiros (ABRAMOVAY & CASTRO, 2006 e ABRAMO & BRANCO, 2005) têm identificado uma recorrente visão positiva, mais do que negativa, sobre a vida por parte dessa população. Outros estudos apresentam igualmente uma série de convergências com esses discursos juvenis em várias regiões do Brasil (em especial estudantes do Ensino Médio) (DADOORIAM, 2003; PANTOJA, 2003; PAREDES & PECORA, 2004; CABRAL, 2003).

É importante ressaltar que, embora os jovens que participaram desta pesquisa costumem ingressar nas gangues como forma de transgressão e maneira de ressignificar valores, ao falar dos seus projetos e sonhos para o futuro tenderam a reproduzir imperativos sociais e a construí-lo de forma relativamente tradicional. Inseridos na sociedade do risco e do agora, respondem com seus comportamentos exemplarmente às expectativas atuais e, por outro lado, buscam transgredir nesse cotidiano as leis e as regras de uma sociedade que não os reconhece.

Em relação ao seu futuro, apresentam perspectivas conservadoras e mantenedoras de valores ainda bastante hegemônicos: pretendem se casar, constituir família e ter filhos. Oscilando entre a realidade concreta do seu cotidiano e os seus sonhos, a expectativa de trabalho aparece desde ser traficante (ou mulher de traficante) até desembargador(a). A escola e o estudo, por sua vez, ainda aparecem com uma das formas de ascensão social, embora a permanência nessa instituição encontre uma série de percalços e dificuldades, inclusive quanto à manutenção de seu interesse em a estudar.

As marcas do cotidiano destes jovens estão inscritas nos seus corpos e mentes. Isso é demonstrado pela dificuldade que muitos apontam em sair da vida das gangues, contudo se apóiam nos seus sonhos e aí estão as possibilidades do futuro. Ao falar dele, as jovens não fazem referência ao papel por elas desempenhado na gangue, nem do que seria complementaridade ou de similaridade. Apesar de certa negação do papel tradicional feminino encontrada nas atividades das mulheres integrantes – como observado também em gangues estadunidenses por Campbell (1999) –, as jovens de Brasília, ao pensar sobre o futuro, distanciam-se dessa negação. Imaginam um futuro no qual sobressai o enquadramento no feminino tradicional, retomando como eixo central os papéis de mãe e esposa. Esperam ter filhos – e muitas os têm ainda na adolescência – e demonstram a expectativa de serem reconhecidas como boas mães.

Assim, se as jovens utilizam a gangue como forma de transgredir os limites da chamada *feminilidade enfatizada*⁵⁴ – no sentido de romper com comportamentos tradicionais como o de chegar cedo em casa, a monogamia, etc, tal qual analisada abordada por Messerschmidt (1999) em outros estudos –, essa mesma predisposição à transgressão parece não estar presente com relação aos seus caminhos futuros. Sonham em constituir uma família tradicional: *todo mundo vai ter o mesmo futuro aqui, só não vai ter a mesma condição. Todo mundo aqui está pensando em casar, ter filho, nem todo mundo vai ter a mesma profissão*. Os filhos fazem parte de um horizonte possível na vida de muitas, sendo a maternidade valorizada:

Eu quis engravidar, eu amava ele... eu vou fazer 20 anos, então eu já curti demais (...) já fui pichadora, já roubei... então eu queria ter uma filha, e eu achei que ele era o cara certo. Então, minha filha é bem-vinda, é um milagre. (Grupo focal, feminino)

P1 - Quais são seus planos? Como você se vê no futuro?

M1 - Com cinco filhos.

M2 - Não, com cinco filhos, eu não digo, porque eu não posso mais engravidar; mas eu vou estar casada, feliz... (Grupo focal, feminino)

O cotidiano de brigas e violências nas gangues também são responsáveis por alteração nos planos, de modo que, em determinados casos, a gravidez então iniciada pode eventualmente ser interrompida por um confronto físico no qual a integrantes se envolva: *eu já estava com a cabeça muito bem, muito grávida, com a perspectiva de casar, ter filhos e tudo mais, viver de amor para sempre... aí meu sonho foi embora por causa da minha gangueragem, em meia hora. O médico falou que eu não ia mais poder engravidar, só pra você ter noção do tanto que apanhei*.

Aquino (2003) e Heilborn & Bozon (2006), entre outros, afirmam que, em uma série de contextos sociais, particularmente em camadas populares, é recorrente a valorização da gravidez e da maternidade em adolescentes. A gravidez é investida de um simbolismo que a associa à transição para o que seria uma fase adulta, uma fase de construção da autonomia da pessoa. Além disso, é um recurso para se obter uma identidade socialmente respeitada, a de *mãe*, promovendo mudanças no estatus social da jovem.

Pantoja (2003) afirma igualmente que, por diversas vezes, ser mãe aparece como parte de um projeto de vida, uma espécie de “passaporte” para se ingressar na vida “adulta” e ser reconhecida pela família e por colegas da escola como tal. Outro ponto ressaltado é a maternidade como um projeto de ascensão social, “pois é a partir dela que os esforços passam a se concentrar na vontade de *ser alguém na*

⁵⁴ Entendida como as formas tradicionais de exercício a feminilidade.

vida para garantir um futuro melhor aos filhos” (p.13). Estudos de Dadoorian (2003, p. 07) entre mulheres adolescentes e jovens identificou, por sua vez, o desejo de ser mãe como motivado pela busca de feminilidade, verificando-se uma “valorização da maternidade, onde ser mãe equivale a assumir um novo *status* social, o de ser mulher”. Surge, assim, o “trinômio: adolescente-mãe-mulher, onde a gravidez é a via de acesso à feminilidade”.

As jovens integrantes das gangues estão inseridas em uma sociedade que valoriza um determinado papel feminino, papel que é transmitido a elas, influenciando as suas escolhas e os seus projetos de vida. Assim, muitas reproduzem a modelagem do futuro pela forma mais tradicional ao universo feminino, muito centrado no casamento:

Ent - Casar pra vocês não é importante?

M1 - É, não agora, mas é.

M2 - Meu sonho é entrar na igreja de branco.

M3 - Eu já tive esse sonho, mas hoje em dia eu não tenho mais.

M2 - Para mim é importante, eu penso que eu vou ser a noiva (Entrevista em grupo, feminino)

Mas nem todas se afiliam a tal parâmetro, e há as que questionam a instituição e em particular o ritual:

M1- Ah, eu não quero casar não, viu! Ainda mais de noiva. Eu acho paia.

M2 - É muita vexa.

M3 - É. Eu acho bom assim, mas... Casar de vestido de noiva, não quero, não. (Grupo focal, feminino)

A importância de constituir uma família e ter filhos também faz parte do repertório de determinados jovens. O significado que atribuem ao fato de se tornarem pais, nesse caso, é grande e, muitas vezes, depositam grande expectativa no filho como impulsor de uma *mudança de vida*:

A única coisa assim que eu tenho vontade é de ter um filho, só isso mesmo. Eu acho que se eu tiver um filho, eu mudo de vida, mudo meu jeito de pensar, tá ligado, o jeito de agir... se tivesse um filho, teria mais responsabilidade, porque eu me amarro num pivete. Ou tenho um pivete e fico pior, isso aí eu não posso afirmar. (Entrevista em grupo, feminino)

O lugar do provedor, do homem responsável, daquele que pode dar o exemplo, fica explícito no discurso de alguns integrantes. A perspectiva, ou a concretização da paternidade, possibilita a ressignificação da vida – o que não corresponde

necessariamente ao abandono da gangue. Assim, aparece a possibilidade de dar o melhor para os filhos:

Ent - O que vocês pensam para o futuro?

H1 - Pela minha parte eu queria dar coisa melhor para o meu filho.

H2 - Igual eu: tenho um casal, um tem três anos e a menina que vai fazer sete meses agora. Eu quero dar uma coisa boa para eles, não quero que eles sejam o que eu sou agora. Não quero ver eles em galera batendo nos outros.

Ent - Todo mundo aqui e pai?

H2 - Só eu, ele e ele. (Entrevista em grupo, misto)

Constituir família torna-se uma possibilidade de transformar o futuro e projetar para os filhos outra trajetória, depositando nesse fenômeno uma perspectiva de mudança. Algumas comentam sobre a necessidade de proteger a prole a fim de evitar o seu ingresso no universo das gangues, embora fantasiem que contar futuramente para os filhos seus casos e aventuras juvenis possa ser interessante:

Ent - Como você se vê daqui a uns anos?

M1 - Daqui uns anos, eu vou estar na minha casa, com a minha filha, contando as minhas histórias para ela.

Ent - E se sua filha quiser seguir os mesmo passos que você?

M1 - Eu vou deixar ela seguir a vida dela, só que eu vou falar o que é certo e o que é errado e só que simplesmente eu não vou deixar o que aconteceu comigo, porque eu entrei por uma forma de sobrevivência, eu tenho o meu porque ter entrado, porque precisava me proteger, com ela não vai acontecer. Ela não vai querer, eu vou proteger ela! Com certeza não vai acontecer isso com ela. Agora, se ela quiser entrar numa galera aí eu vou explicar: é isso tal, tal, acontece isso e isso. (Grupo focal, misto)

No discurso de outros integrantes, mulheres e homens, aparece o desejo de novos caminhos a serem trilhados pela geração futura, embora reconheçam que existe a possibilidade de que seus filhos reproduzam os passos dados por eles mesmos durante a juventude. Assumem inclusive que terão de enfrentar as mesmas limitações com que seus pais se deparam para alterar caminhos 'escolhidos' pelos filhos: *a gente quer ensinar para os nossos filhos, os dois caminhos, o do bem e o do mal. Se ele quiser seguir o do mal eu não vou poder fazer nada, porque se eu dei desgosto para minha mãe, meu castigo vai ser com um filho.* Outro integrante completa que: *quando eu tiver um filho, eu vou ensinar o certo pra ele, mas se ele não quiser, tem 18 anos, eu já não tenho nada a ver com isso.*

Se por um lado a família, a paternidade, a maternidade e os filhos são projetados como uma perspectiva de mudança de vida, isto é, uma saída das gangues, por outro aparece no discurso de muitos deles a dificuldade de abandonar a pichação.

Apontam para o prazer de pichar, a adrenalina, a fama, a importância de estar em grupo, ou seja, as gratificações que a vida em gangue provoca:

H1 - Tipo assim: uma hora a gente para de pichar. Uma hora a gente para com essas coisas. Mas enquanto a gente ver um (nome da gangue) ali na parede a gente vai...

H2 - É muito doido.

H3 - A gente vê os nomes, a gente sempre vai estar ali, entendeu?

Mas há também aqueles que afirmam não pensar no futuro, comentando que vivem o hoje. E esse hoje estaria relacionado com *o maior dos vícios*, o ato de pichar. Mesmo com planos de mudança, deparar-se com um *spray* seria algo tentador, aproximando novamente a pessoa ao meio da gangueragem. Nesse sentido, dizem que é extremamente difícil parar de *marcar*, que, na realidade, o que ocorre é que o sujeito *dá um tempo*:

Ent - E o futuro de vocês, o que vocês sonham?

H1 - Eu vivo o hoje, eu não penso no futuro não. Já não penso no futuro há muito tempo.

H2 - Também não penso no futuro não... às vezes bate a saudade, aí a gente vê as paredes na rua, vê um prédio limpinho...

H1 - É que nem o cara fala que vai parar, mas o cara não para, dá um tempo e depois volta. Só acaba quando acaba o *spray*. No dia em que acabar o *spray* e as tintas. Se não tem *spray*, tem tinta e manda de rolinho. O dono da Polar Tintas enricou com quem? Pichador, né? (Grupo focal, masculino)

Ent - E você, como se imagina daqui a dez anos?

H1 - Nem imagino.

Ent - Vocês pensam o que, uma hora vocês vão sair da gangue?

H5 - Não. Sair não, só dar um tempo. Pode estiar, mas sair não, sair não.

H3 - Pode ter 50 anos.

H3 - Eu já tentei parar, mas não consegui.

Ent - Mas dar um tempo grande, vocês pensam em uma hora dar um tempo grande?

H4 - Eu já dei um tempo de quatro anos sem nem pegar em uma lata de *spray*. Estava uma vez ali, os homem estavam ali, a gente estava na frente da igreja, o moleque me mostrou a lata de *spray*, eu me lembrei dos velhos tempos, eu tomei da mão dele e não quis entregar mais para ninguém. Aí eu saí na outra rua metendo o gás. (Grupo focal, homens líderes)

A pichação aparece como fascínio difícil de se desvincular, tanto que, mesmo formados, trabalhando, maiores de idade e com família constituída, muitos jovens que foram pichadores, continuam a pichar: *quase toda sala é pichada... tem uns que estudam, se formam, mas não param de pichar não. Conheço um cara que é doutor, tem um escritório odontológico bem ali, e que na frente é pichado, tem o próprio nome dele lá*. Em concordância

com esse tipo de observação um integrante admite que: *eu pretendo me formar e continuar pichando, vamos ver.*

Uma série de falas demonstra certa ambiguidade nas percepções de jovens sobre as perspectivas de futuro e o envolvimento com gangues. Por um lado, relatam que esse meio pode gerar consequências que comprometem os dias vindouros, por outro gostam da adrenalina, do risco, da aventura que o pertencimento a uma gangue produz. São jovens que vivem a perplexidade e ambivalência, que alternam dúvida e construção de certezas:

Ent - Vocês têm 13 anos. Como é que vocês vêem a vida de vocês daqui para frente?

M1 - A minha vida, eu sinto que, pelo o que eu estou fazendo agora, sei que o meu futuro, se eu não acabar parando com isso, o meu futuro vai ficar péssimo, vai ficar horrível.

Ent - Por quê?

M1 - Porque dá pra ver. O que eu estou fazendo não está certo e é isso que eu estou tentando melhorar. Eu estou tentando melhorar porque eu sei que no meu futuro, se eu continuar desse jeito vai ser horrível, eu não vou conseguir nada desse jeito. Então, eu melhorando, no futuro eu vou poder ter alguma coisa.

Ent - Mas melhorar no quê?

M1 - Tipo, parar de mexer com essas coisas, fazer as coisas direito. Tem hora que eu me arrependo de tudo o que eu faço, eu sento na cama e me arrependo de tudo, mas aí quando você está na rua, já vem aquele impulso e já vem tudo de novo.

Ent - A vontade de continuar?

M1 - Aquela ansiedade. (Grupo focal, feminino)

Todavia, se existe a adrenalina e o prazer decorrente do ato de pichar, ao mesmo tempo, o mundo da *gangueragem* é um mundo imprevisível, em que há possibilidades de acontecimentos problemáticos, arriscando-se inclusive a própria vida. A negatividade em relação ao futuro é, nesse ponto, expressa por referências próprias às suas culturas musicais: *tem que aproveitar enquanto está aqui... Igual ao Mano Brown, que diz 'a vida é loca'*. Para alguns, embora minoria, estar na gangue bloqueia a possibilidade de ter um futuro, sendo mais palpável vir a ser ou estar morto a qualquer hora:

Ent - Como é que vocês acham que vai estar a vida de vocês daqui a 10 anos?

H1 - Se estiver vivo.

Ent - Você acha que vai estar vivo?

H1 - Não sei, sei lá.

H5 - O mundo da *gangueragem* é um mundo imprevisível.

H1 - Não dá pra prever não. (Grupo focal, homens líderes)

A imprevisibilidade e o risco tornam-se pontos preocupantes e, nesses casos, os jovens entendem que, se permanecerem transgredindo as leis vigentes, apresentarão poucas chances de sobrevivência. Dependendo do envolvimento do integrante com a gangue, o futuro, como é comum se ouvir, se resumiria a *caixão ou cadeia*. No entanto, muitos permanecem experimentando a fama, a adrenalina, o fato de serem reconhecidos e de pertencerem a um grupo. A questão é saber se “o pagar com a vida” não é um custo muito alto: *meu futuro está entregue nas mãos de Deus, porque do jeito que eu estou indo aí, vai ser no caixão ou na cadeia. Quem vive assim só pensa nisso, ou morrer ou viver na maca ou na delegacia.*

Mas há também uma crítica ao sistema vigente, referindo-se às carências institucionais, à sua vulnerabilidade frente ao Estado: *se o cara não escolher outro sistema, se for no sistema que o governo te dá, já era. O governo te dá o que? Polícia? Se você é polícia, você é gente, agora se não for polícia, você não é gente.*

Há os que consideram que preferem *deixar acontecer* e que a perspectiva se constrói na vida da gangue, ambicionando ter a fama aí construída, como ilustram as seguintes frases: *eu espero ser mais famoso; Queria que alguém lembrasse de mim; Nosso sonho é só adrenalina; A gente vive adrenalina intensamente; Se morrer, já morre satisfeito*⁵⁵. A fama aparece com algo que impede a saída dos jovens das gangues e também como uma compensação, para uma vida que é considerada uma *porcaria*, como narrado por uma jovem:

Ent - E você, o que você acha? Como você vê o seu futuro?

M1 - Meu futuro é uma porcaria.

P1 - Por quê?

M1 - Primeiro porque eu já reprovei muitas vezes, é bem difícil; a outra é a gangue que fica bem difícil de sair. Depois que começa a fama é bem difícil de sair.

M2 - Eu sou a que mais tenho.

M1 - Eu ainda não tenho, porque tem pouco tempo. Meu futuro vai ser uma porcaria se eu não largar isso agora. (Grupo focal, feminino)

Mas as percepções são diversificadas e, enquanto para algumas mulheres permanecer nas gangues, *ter fama*, é um fator importante em suas vidas, por serem reconhecidas pelo que fazem, para outras a permanência na gangue é algo passageiro, que um dia terminará, apresentando outros planos para seu futuro. A primeira posição é ilustrada na seguinte fala: *eu espero ser da ativa aí, ser conhecida também, não eu, tipo, a galera entendeu? Ser reconhecida em todo lugar.* Em contraposição a esse tipo de percepção, há falas que afirmam: *hoje a gente fica só pichando, mas a gente sabe que um dia a gente vai parar. É algo certo, a gente só se envolve aqui e tem outras coisas na mente.*

⁵⁵ Melucci (1998) evocou a figura do “nômade” como metáfora das trajetórias biográficas contemporâneas. Os “nômades do presente” não perseguem uma meta, mas avançam/exploram envoltos pelo provisório.

Críticas à realidade vivida são comuns e no geral acompanham o receio sobre o futuro a ser trilhado. Por um lado, sentem-se impotentes, por outro, demonstram o desejo de se inserirem no mercado de trabalho, embora a perspectiva de voltar a frequentar a escola nem sempre lhes interesse: *se eu deixar de picar, vou estudar, não vou ter tempo mais para os meninos, não vou mais poder sair porque vou ter que estudar... o que eu queria mesmo é trabalhar, não quero estudar. Se eu trabalhasse, ai eu ia parar de roubar, né? Mas de picar não ia parar não!*

Apesar de o projeto de futuro estar relacionado com o trabalho desses jovens relatam as dificuldades que enfrentam para procurar emprego: *aqui em Brasília mesmo, o jovem pode ter tudo que for, 2º grau, 3º grau, mas não consegue emprego. Tem gente que tem tudo e está aí na malandragem fazendo de tudo para conseguir dinheiro.* O próximo diálogo é também ilustrativo dessa dificuldade:

H1 - A gente tenta fazer alguma coisa pelo nosso futuro, mas como eu disse, em Brasília não consegue nada não. Tem gente que sai do Nordeste e vem pra cá, não adianta nada.

H2 - A pessoa estuda, faz uma faculdade, mas não consegue emprego, cadê os empregos do Brasil? Cadê as oportunidades, cadê as coisas culturais para encher a cabeça dos jovens?

H1 - Tem gente que tem até faculdade, mas não tem emprego.

H2 - Aí a gente... Como a gente consegue dinheiro? Vendendo droga, ficando na esquina. Mas é igual eu falei: os empregos que tem, se for para ganhar 10 reais por dia eu não quero, porque se eu consigo 70 num dia roubando. (Grupo focal, masculino)

Cabral (2003) discute que a primazia do trabalho em relação à escola esbarra no drama do desemprego. Sabe-se que o trabalho aparece enquanto universo moral importante na trajetória do jovem de camada popular, além de ser elemento na construção de sua identidade. Verifica-se, neste universo, a busca por uma autonomia financeira em relação aos pais e, em decorrência, também a possibilidade de acesso ao consumo de bens materiais. Para a maioria, o trabalho aparece revestido de uma “orientação instrumental”, por meio do qual se torna possível “ter o próprio dinheiro” para, por exemplo, comprar as roupas desejadas sem ficar dependendo da mãe ou do pai, como observado por Zaluar & Leal (1997).

Santos (2002), ao estudar as representações sociais do tempo futuro existentes nos projetos de vida de jovens de São Paulo, conclui que essas adquirem sentido de auto-realização quando vinculadas ao trabalho, à formação acadêmica e à constituição de família, bem como à aquisição de bens materiais. Franco & Novaes (2001) relatam, ainda, que estudantes do ensino médio depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um *status* social mais reconhecido e empregos mais qualificados, desejando frequentemente continuar os estudos. Para Paredes e Pecora

(2004, p. 04), “ter emprego parece fazer parte do sonho, um direito de todos, realidade, porém, para poucos; conquistá-lo seria uma possibilidade de entrada inclusiva no mundo social competitivo”.

Assim, se o projeto de futuro dos integrantes das gangues distancia-se de dados de outras pesquisas quanto à valorização da escola, é justamente com relação ao valor do trabalho onde se dá o ponto de convergência. Esse trabalho, contudo, é narrado como devendo possuir remuneração minimamente digna, ao passo que, do contrário, a *vida bandida* torna-se substancialmente mais atrativa. Algumas jovens demonstraram estar influenciadas por razões de uma lógica pragmática, *um emprego em que ganhe muito*, e almejam um bom emprego: *ser uma professora, talvez, médica, porque trabalhar por mês e ganhar um salário mínimo não dá*.

Também por essa remuneração baixa e desestimulante que autores como Lima (2002) apontam que muitos jovens da periferia da capital federal, não acreditando na possibilidade de mobilidade social por meio do trabalho e da escolarização, afirmam que não querem tornar-se trabalhadores assalariados. Nesses casos, enxergam em meios alternativos, como o tráfico de drogas, uma saída possível, mesmo que para isso tenham que abandonar expectativas de um futuro longo, assumindo para si próprios a possibilidade imediata e concreta da morte.

No contexto dos jovens integrantes de gangues, a insatisfação com a falta de condições financeiras é constante: *eu não estou satisfeita, queria mais [dinheiro]. Tem coisa que você quer e não tem dinheiro para comprar. Ai tem que roubar para conseguir, né*. Outro integrante de gangue completa que: *eu não roubo... mas antes eu vendia droga para sustentar os meus vícios, minhas festas, minhas roupas, tudo. Eu vendia droga para isso, mas nunca fui de roubar. O problema principal é o dinheiro*. O dinheiro é, assim, referido como o ponto fundamental para *uma vida melhor*.

M1 - Eu não estou satisfeita. Eu queria dinheiro, sei lá..

M2 - Uma vida melhor.

M3 - Uma vida mais próspera.

Ent - O maior problema é o dinheiro?

M1 - Dinheiro é importante.

M2 - Dinheiro ajuda na sua necessidade.

M3 - Se não é o dinheiro, é o que? (Grupo focal, feminino)

Não há propriamente incompatibilidade entre querer tentar outros caminhos de vida, fazer carreira e casar, por exemplo, e continuar com alguns hábitos que fazem parte do ser da gangue, como usar drogas e pichar. Uma jovem afirma que deseja trabalhar, mas que não deixará de fumar maconha, mantendo, assim, alguns dos prazeres encontrados na *gangueragem*, a qual também lhe é fonte de aprendizagem e vivência: *eu vou trabalhar, fumar uma maconha de vez em quando... porque eu acho*

que isso aqui ainda vai ter uma raiz, tá ligado? Uma fase da vida, uma lição que a gente está aprendendo.

O tráfico é uma realidade muito próxima dos jovens em gangues, mas apesar de não haver um determinismo ou relação causal entre gangue e tráfico, como já se discutiu. Assim, entre o sonho que se imiscui com a realidade presente, tornar-se traficante, eventualmente como uma alternativa viável:

Ent – Como vocês vêem o futuro de vocês?

M1 - Eu quero ser professora de dança, porque eu amo dançar ou então, eu vou ser traficante, vou vender cocaína.

M2 – Eu não quero ser traficante não, eu quero um futuro bom pra mim e para a minha família.

M3 – Eu queria ser dentista, mas se não rolar eu vou ser traficante. (Grupo Focal, feminino)

O tráfico para alguns se coloca como possibilidade, uma realidade a ser ponderada quanto aos caminhos a serem traçados, embora as narrativas indiquem um desejo de não deixar os sonhos se limitarem pela aridez do vivido. Nota-se que o princípio de realidade, a dureza, ainda que não elimine ou sufoque seus sonhos, tende a atingi-los e, em certa medida, a modelá-los. Projeção que é ajustada ao real, pelo desejo de se unir a um *patrão* do tráfico e daí obter outras vantagens, como no caso das seguintes integrantes:

Ent – Por que vocês dizem assim: eu vou ser traficante. Como é que é isso?

M1 – Porque é muito simples.

M2 – Não sai de casa, vão procurar em casa.

M1 – Não traficante, mas ser mulher de traficante. Eu queria que o meu namorado fosse patrão mesmo, para me dar as paradas lá.

Ent – Então, o que você pensa de como vai ser a vida daqui a cinco anos?

M1 – Eu sei lá. Quando eu era mais nova, eu queria ser dentista. Agora eu não sei não. Mas queria ser muito rica, com os carrões cabulosos. Eu me vejo casada. Eu quero casar. Se o meu marido fosse traficante ia ser bom, porque eu ia usar as paradas grátis. De vez em quando eu penso assim que, uma hora eu vou ter que parar com essa vida, sei que para parar, tem que estudar, correr atrás, ficar só roubando não dá lucro não. Mas eu acho que eu nunca vou deixar a gangueragem. Deixar, eu não deixo mais não, eu tenho certeza; mas assim, que eu não vou mais poder ficar de ponta a ponta, o tempo todo, como eu faço agora, não dá. (Grupo Focal, feminino)

São muitas as expectativas desses jovens relacionadas a dinheiro e profissão. E alguns são bastante ambiciosos: *não, advogada não. Eu quero ser mais ambiciosa, eu quero ser desembargadora.* Algumas das entrevistadas consideram que tal perspectiva para se fazer realidade só depende delas: *é a gente mesmo, a gente tem que mudar o jeito que a gente*

acha. Mudar para coisa melhor... eu estou pensando em estudar, porque eu tinha parado. Quero só terminar mesmo e arrumar um emprego bom.

O fatalismo em relação ao futuro é comum na fala de muitos jovens, mas tal discurso é matizado pelo prazer que sentem na trajetória em que estão, o que se alicerça também no afã por ter fama.

Ent – E o que você acha que vai acontecer com você daqui pra frente?

M1 – Eu acho que se eu continuar assim eu vou muito mal. Eu não vou conseguir um trabalho, ninguém vai ficar perto de mim e se eu continuar a usar essas coisas, eu vou ficar acabada, eu vou ficar horrível, eu acho que é assim.

Ent - E o que você pode fazer quando você pensa assim?

M1 - Eu acho que eu posso melhorar muito, parar de usar essas coisas, de fazer de tudo o que eu estou fazendo hoje, eu posso parar de fazer. (Grupo Focal, mulheres)

O ‘eterno presente’ é porto no qual muitos jovens ancoram suas experiências e expectativas em relação ao amanhã. Neles, o desejo de experimentar o novo está acompanhado por incertezas, pela avidez de conhecimentos, pelo espanto e indefinições de uma realidade que, simultaneamente, atrai e atemoriza. Reforçam, desta forma, as subjetividades atuais, a oferecer a máxima satisfação pessoal, como afirma Bauman (2001). A intensidade do que foi vivido é exaltada em contraposição a uma vida longa, mas menos intensa: *se eu morrer, não reclamo da vida que eu levei... estou novo agora, mas não me arrependo. Vivi muito, passei por muita coisa que gente de 50 anos não passou, muita aventura, muita coisa boa, muita mulher, viajei, mas não semeei nada para colher hoje em dia, tem hora que quando boto a cabeça no travesseiro...*

Para muitos é melhor nem pensar no futuro, se não paralisa quanto ao viver o presente: *Eu não penso no meu futuro não, porque se eu pensasse eu não ia pra escola, ia ficar só em casa dormindo.* Para outros o futuro não necessariamente mata o presente ou vice versa, e há os que consideram que não há incompatibilidade entre continuar pertencendo a uma gangue, conservar os laços de fratria com os amigos e ser um profissional, com trabalho e uma carreira. Inclusive há, ainda que poucos, os que já estão construindo tal caminho alternativo, saindo da fatalidade *dos 4 Cs: cadeira de roda, cárcere, caixão ou virar crente.*

Estes depoimentos que seguem abaixo apontam para uma possibilidade: um exemplo para muitos outros jovens. O jovem relata a importância que foi participar da gangue, foi uma experiência de infância que *marca a vida inteira.* Todavia, hoje ele está se formando na faculdade, tem um emprego e não pretende mais voltar à vida de *gangueragem.*

Ent - Vocês conseguem se imaginar daqui a 10 anos?

H1 - Eu já me afastei, mas eu vejo eles na rua, falo com eles, mas estar como eles ficam nas esquina ate altas horas da noite eu já não fico mais, ate de manhã, já to me formando, esse ano eu termino, já tenho meu emprego praticamente garantido, já conheço muita gente doutor, da alta sociedade ai, eu já penso de outra forma, ganhar dinheiro, mas nunca tirar eles aqui de tempo, eu possa ate ficar aqui mas tirar eles aqui de tempo, porque minha infância foi aqui que nem a deles também.

H2 - A infância marca para a vida inteira. (Grupo focal, masculino)

Ent - E o futuro, como vocês vêem o futuro de vocês?

M1 - ah, eu to estudando, pra ter um futuro.

M4 - eu já não dependo do meu pai e nem da minha mãe.

M2 - eu quero fazer faculdade, sistema da informação, já era até pra eu fazer, só não to fazendo porque eu não estou trabalhando.

M3 - eu quero ser bióloga terrestre, eu gosto muito de cobra, sou fascinada por cobra.

M1 - ainda eu não sei no que eu quero me formar, ainda falta muito tempo.

M3 - você só tem 15 anos (Grupo Focal, feminino)

É importante ressaltar que a adolescência/juventude é objeto que foi construído culturalmente em nossas sociedades e transformado ao longo da história e dos contextos sociais. Todavia, os meios de comunicação têm construído uma imagem estereotipada e com acusações moralistas de juventude/adolescência reforçando diversos aspectos negativos. Dessa forma, como nos mostra Menandro *et al* (2003), a juventude é associada a ideias de rebeldia, de dependência e imaturidade. Predominam interpretações negativas, que assinalam como características o consumismo, o individualismo, o conservadorismo.

Os jovens integrantes das gangues apresentam algumas destas características, entretanto os meios de comunicação que produzem e fomentam a opinião pública só apresentam um aspecto deste universo ambíguo e contraditório. Estigmatizá-los e rotulando-os, impossibilitando assim uma percepção desta complexidade da vida dos jovens integrantes das gangues.

A partir dos seus sonhos e projetos para o futuro podemos apresentar toda a ambiguidade experienciada no cotidiano destes jovens. Eles têm o desejo de mudança: *é a gente mesmo, a gente tem que mudar o jeito que a gente acha. Mudar pra coisa melhor e em contrapartida o prazer de continuar pichando.*

Acreditam no seu potencial: *eu acho que eu posso melhorar muito, parar de usar essas coisas, de fazer de tudo o que eu estou fazendo hoje, eu posso parar de fazer.* E na sua vontade: *se eu quiser eu consigo. Se eu quiser... É a mesma coisa, se eu falar que eu quero aquilo ali, aquilo ali eu consigo* e ao mesmo tempo um desencanto generalizado: *Tem que se conformar com a situação. O que existe nesse mundo é só porcaria né vêi. Hoje em dia ninguém pensa em*

nada não. Pensa só no nariz dele e pronto. Só pensa no seu nariz, porque dos outros ninguém mais pensar não.

Estes jovens têm expectativas que se assemelham à vários outros jovens no Brasil, de acordo com diversas pesquisas, questionam a realidade vigente e buscam reconhecimento e pertencimento: alguém que os respeite, e os considerem.

Mas, os que os mantêm vivos é a possibilidade de sonhar, é o dever de sonhar: *não tá certo, porque o sonho é único... É como diz né, o nosso passado e o nosso presente até pode condenar mas, o nosso futuro tá em paz.*

5.2 Gênero e gangue – algumas considerações adicionais

Uma diversidade de situações e falas sobre relações de gênero foram apresentadas nesta pesquisa, desmistificando modelagens únicas no ser homem e ser mulher. Ao mesmo tempo, podem-se perceber algumas tendências, como a reprodução de estereótipos machistas acentuados por ambiências de violências. Os homens costumam ocupar as posições de maior poder e prestígio. As mulheres em gangues, por sua vez, ainda que conectadas ao segmento masculino, se não são necessariamente submissas, “femininas” de acordo com construções hegemônicas, também têm vôos, em certo sentido, limitados pelas inúmeras resistências encontradas, característica que não os invalida.

Relações de afeto e que envolvem sexo são dimensões destacadas em se tratando de jovens, como anunciado em ampla literatura sobre juventudes (ver, entre outros, HEILBORN, 2006; CASTRO e ABRAMOVAY, 2004) e em escritos feministas. Afeto e sexo são fronteiras que trazem complexidade ao debate sobre emancipação e gênero, quando noções de amor romântico, libido e subjetividade se entrelaçam a poder, normas culturais, interditos sociais, maternidade e reprodução (ver entre outros BUTLER, 2004; DE LAURETIS, 1994). Neste sentido, vale ressaltar discussões sobre performática dos corpos e as construções identitárias não somente na relação com o outro, mas também com seus corpos projetos não necessariamente delineados.

Gravidez não planejada, abortos, sofrimento por amor rompido, disputa entre mulheres por homens, comumente líderes nas gangues, namoros, traições, experiências de “ficar”, de “pegar”, de conquistas e gabolices sobre sedução permeiam as entrevistas. Ressalta-se que a maternidade é por muitas idealizada como saída, como se discute neste estudo, mas não necessariamente assumida como destino de mulher.

Entre os rapazes em gangues, a comum objetificação da mulher, a separação entre as que são para namorar ou mesmo ficar e as aventuras, as nomeações depreciativas, como *Maria Jet* e *Banda*, ou a codificação das meninas como fracas, falsas,

não confiáveis, *cabritas* e que gostam de armar *casinha*, como já discutido, reproduzem padrões tradicionais. Este parece ser um dos discursos dominantes, permeado por componentes de violência, livre circulação e tendência de contar vantagens. Registram-se mesmo casos de alegado, menosprezo pelas mulheres das gangues quando a referência é relação que envolve sexo. Isso, porém, não exclui casos de relações mais duradouras, à maneira de uniões estáveis e com compromissos de fidelidade mútua, ao menos ao nível de retórica.

É mais pela demonstração de valentia, de ser boa de briga e de lealdade à sigla à gangue, e não necessariamente pela relação afetivo-sexual que muitas jovens são tidas como *brothers*, companheiras de aventura e protegidas nos *frevos* e *guerras*. No entanto, são poucas as respeitadas como *donas de rocha*.

Já as mulheres em gangues não necessariamente reproduzem estereótipos de fragilidade, submissão ou aceitam parecer como objeto a ser conquistado. Nem todas rompem com uma certa divisão sexual de trabalho – homem pichador e mulher carregadora de lata, mulheres como isca ou despiste frente a polícia –, mas várias são as que rompem com a divisão sexual do prazer. Muitas não se vêem como passivas, conquistam quando querem, escolhem o parceiro sexual, e também podem qualificar o homem como objeto de prazer. Algumas gozam e investem em uma libido diversificada⁵⁶.

Elas também se impõem de acordo com as regras da gangue, havendo as que picham, as que brigam, as que enfrentam a polícia e gangues rivais e não aceitam passivamente a restrição das suas atividades ao papel de transportar as latas de *spray*. Chegam a enfrentar os namorados, quando não pertencem à gangue, e a família pelo direito de circular, viver a noite, estar no *frevo* e ser parte da gangue, sentindo a adrenalina do risco, de muitas aventuras, da transgressão, de ser parte da família de rua.

Já a divisão sexual de poder é pouco arranhada. Mesmo as líderes “F” costumam ser enquadradas em situação hierarquicamente bem inferior aos líderes gerais. O poder feminino comumente é exercido sobre outras meninas ou sobre novatas, de modo que nas entrevistas e grupos focais mistos foi possível notar que a palavra, mesmo entre jovens que transgridem tantas regras, é privilégio masculino. Elas falam mais entre elas, contam vantagens, mas muitas vezes se calam na presença deles.

As fraternias oscilam e a sororidade comumente pode ser ameaçada quando se entra em campo a disputa por um homem. Brigas entre mulheres em gangues geralmente decorrem da “traição” por um parceiro cobiçado, ainda que nem sempre

⁵⁶ Note-se, porém, que durante a pesquisa não se observou nenhum relato de práticas homossexuais.

seja exatamente a relação aquilo que se quer proteger, e sim a identidade e respeitabilidade no grupo⁵⁷.

5.3 Inferências – apontando para recomendações

5.3.1 Inferências

Documentam-se, na pesquisa, vivências e expectativas múltiplas dos integrantes de gangues do Distrito Federal. Destacam-se também as relações destes sujeitos com as instituições mais nomeadas pelos jovens, como família, escola e polícia. Nota-se que, nesses tipos de discurso, as diferenciações de gênero são tênues – o que vem a contribuir para a construção de recomendações de possíveis intervenções institucionais. Para a construção de políticas públicas efetivas no âmbito da juventude, é mister ter em mente a pluralidade de princípios que regem as culturas juvenis, especialmente no que concerne a adolescentes e jovens que participam de gangues ou grupos semelhantes: 1) busca por reconhecimento, fama e adrenalina; 2) a “paixão pelo risco”; 3) a participação em uma sociedade englobante que privilegia o espetáculo e o poder, tendendo a banalizar a violência.

Considera-se que o próprio conceito de juventude dificulta o debate sobre políticas públicas, uma vez que a sociedade continua vendo os jovens como “o futuro”, enquanto jovens como os sujeitos pesquisados aportam-se no presente, em viver “o hoje”. Todavia, esses sujeitos no tempo presente parecem não apresentar possibilidade de exercer poder, ainda que este seja um dos construtos básicos da cultura em vigência. Para vários autores, a violência seria justamente uma forma desse exercício de poder.

As ações de jovens em gangues podem chegar a ser violentas, estando, portanto, passíveis de sanções, limites e punições legais, desde que esses se enquadrem nos parâmetros de direitos humanos e acompanhem políticas que visem a preveni-las (e não apenas a reprimi-las). O que se documenta nesta pesquisa, no entanto, parecem ser violências sendo respondidas com violência. O Estado, detentor do monopólio do uso da força, teoricamente instituição chave na garantia dos direitos dos cidadãos, parece atuar de forma violenta para com esses jovens – tendo tal violência sido narrado em diversas falas dos entrevistados sobre a relação entre os jovens integrantes de gangue gangues e os agentes de segurança. A polícia não responde à segurança dos jovens, sendo retratada de forma algoz, repressiva e injusta, distanciando-se do parâmetro legal de segurança com cidadania e dos direitos humanos.

⁵⁷ Os homens também podem rivalizar por mulheres, pela conquista, mas convocam o grupo, armam-se guerras e não necessariamente pela “Helena” amada, mas pelo resgate do troféu, a “Helena” propriedade de outro homem.

A busca pelo risco pode ser considerada valor próprio de uma sociedade que convive com várias inseguranças e necessidades subjetivas de afirmação, de poder. No entanto, a valorização deste não se dá da mesma maneira para todos os grupos sociais. Pelo contrário: seus desdobramentos estão bastante relacionados à gama de redes e possibilidades disponíveis para os sujeitos. Mesmo considerando-se o cenário estrutural da sociedade espetacular ocidental, há que se apontar para o fato de que outras juventudes dispõem de distintas redes de proteção e de segurança, que minimizariam os riscos que correm o jovem e a sociedade com hábitos. Os jovens em gangues têm discursos que tendem ao monocromático: o que se tem claro é que não há muitas alternativas, embora busquem reconhecimento, fama, prazer, adrenalina, auto-estima, poder e estar no espetáculo. Se é complexo mudar o panorama axiológico que contagia essa juventude, mostra-se bastante possível a elaboração de programas e políticas públicas que poderiam vir, gradativamente, a ser acionados.

A família aparece como uma instituição respeitada, referida com afeto, ainda que as trajetórias de seus componentes não sejam necessariamente admiradas como comportamentos no quais se espelhar. Ao contrário, a tendência entre os entrevistados parece ser um gostar de não buscar semelhanças: esses jovens querem ser diferentes de seus familiares, considerando suas fontes improváveis de capital cultural, social e de prazer. As vidas dos pais, comumente reduzidas à sobrevivência, não inspiram a sua própria geração trajetórias e admiração, conformando um campo de referências ao qual pouco se busca reproduzir na prática. Reconhece-se, com grande frequência, o sofrimento de mães, mas se busca outro norte.

Os jovens das periferias, como os de gangue, tendem a não encontrar parâmetro a ser seguido na vida dos pais, que para eles não apresentam brilho mediante as luzes do espetáculo que almejam e que lhes é vendido por tantos aparatos da sociedade, como as manifestações midiáticas. Esses atores tampouco encontram subsídios para construção de outros modelos que não passem pelo risco e, em certo sentido, pela transgressão.

Ao mesmo tempo, referem-se à escola como o lugar em que, ironicamente, se aprendem as letras, a caligrafia das pichações das gangues (estando aí implícitos tanto o aprender a ler e a escrever tradicionais como o aprender a pichar). É o espaço de socialização, mas sem a adrenalina que lhes estimulem a nele permanecer. Mais uma vez, como acentuado em outras pesquisas, constata-se o fosso entre culturas, entre gerações, indo para nortes distintos as culturas escolar e juvenil.

Tem-se, finalmente, um quadro em que a alegria, o riso, o encontro, o desejo, o espetáculo: o reconhecimento são supridos pela ambiência de gangue, sendo o resto, a vida “normal”, pouco atraente. Que proposições tem uma sociedade que estimula o consumo, o prazer e não oferece meios legais, para o desfrute juvenil?

5.3.2 Recomendações

Há caminhos concretos que colaboram na construção de autonomia e cidadania dos jovens, no geral, e dos jovens integrantes de gangue, em particular:

- Promoção de medidas gerais e estruturais que visem ao acesso destes jovens a serviços e direitos garantidos por lei. Trata-se, nesse caso, não apenas do acesso legal, mas também da garantia das condições necessárias para o cumprimento e proveito desses serviços e direitos. Podem-se, pois, arrolar medidas gerais como maior descentralização das riquezas; educação com escolas de qualidade com acesso a pesquisas, laboratórios, capacitações e atividades culturais; saúde de qualidade; esporte e lazer; acesso aos espaços de cultura entre outros;
- Estabelecimento de duração mínima de 24 meses para todos os projetos apresentados pelo Estado ou financiados por ele, sempre coordenados por redes de sustentabilidade política. Em outras palavras, que tais projetos constituam política de Estado planejada, coordenada e monitorada pela sociedade organizada naquela localidade. Isto implica a criação de condições de contribuição de fato por parte da sociedade, a partir de controle social, com reconhecimento de novos espaços saudáveis e de afirmação para adolescentes e jovens. Para isso, sugere-se que a articulação da rede de sustentabilidade política preceda a implementação do projeto. A concepção dos espaços públicos só tem sentido se houver controle da sociedade sobre as atividades desenvolvidas, seja na dimensão econômica, social, democrática de afetividade;
- O índice de mortes destes jovens é altíssimo, a garantia da sobrevivência deles deveria ser uma prioridade política a ser pensada. Dessa forma: a) quanto as armas: a proibição de vendas de armas aos menores; uma vigilância maior em relação aos policiais (que correspondem a uma das origens das armas destes jovens); b) uma política de saúde para os jovens que fazem uso abusivo de drogas, considerando que muitas as atitudes ilícitas que eles praticam são para a utilização daquelas.
- Concepção de projetos e ações voltados para a inclusão social. Percebe-se que, nos locais de moradia da maioria dos jovens entrevistados – quais sejam, as cidades satélites de Brasília –, a oferta e o acesso a direitos sociais são negativamente diferenciados daqueles encontrados nas áreas ricas da cidade: as escolas públicas dessas comunidades, assim como a segurança e

os serviços de saúde são precários, faltam equipamentos, profissionais e remédios. As cidades satélites devem ser espaços alternativos de reconhecimento destes adolescentes e jovens, locais onde se identifiquem e possam ter o direito à *adrenalina*, que não inclua risco de morte, direito à segurança pública e à diversão sem medo, entre outros. Todas essas reivindicações se estendem para além do Distrito Federal, tendo em vista que as disparidades internas são comuns a outros tantos centros urbanos do Brasil;

- Construção de uma Política de Direitos em contraposição a uma Política Penal, que tem como trágica consequência a mortalidade de inúmeros jovens. Políticas que privilegiam o controle e a punição tendem a demonstrar insucesso, como ressaltado por vários autores (Wacquant, Malagute, Batista). Se considerarmos estes jovens como “delinquentes” em princípio, fechamos todas as possibilidades de escutar o que estão querendo dizer com as suas atitudes;
- Sugere-se que tal política seja elaborada em conjunto com os atores aos quais se destina, visando à expressão desses jovens. O investimento não deve ocorrer na imposição de regras, e sim na construção coletiva das regras. Não se deve propor, portanto, um simples enquadramento desses jovens às políticas já existentes, considerando que a maioria deles é egresso destas e buscam na rua uma outra forma de vida.
- Fomento a formas alternativas de obtenção de reconhecimento e prestígio, haja vista que a violência tem sido uma via bastante ressaltada para se auto afirmar e obter visibilidade social, em detrimento de outros meios – como as produções artísticas e culturais, o sucesso escolar e acadêmico, os eventos esportivos, etc. Afirma-se aqui a necessidade tanto de ampliar a abrangência desses meios não violentos como de desenhá-los de modo a propiciar aos jovens não apenas capital cultural, divertimento e ganhos à saúde, mas igualmente fama, publicidade, visibilidade e aumento na auto estima.
- Incentivo, nas escolas e projetos acionados pela sociedade civil ou pelo Estado, de uma “cidadania ativa”, reconstruindo os valores de transgressão e fama frente aos pares com base na elaboração de críticas sistêmicas explícitas. Neste âmbito, figura a implementação de projetos auto gerenciados, que se utilizem da organização em grupo, resignificando-a, e de modo talvez a suprir a necessidade de organização em grupos desses jovens;

- Criação de uma rede de defesa dos direitos humanos por meio da formação, organização e fortalecimento político de grupos culturais, tendo como instrumento metodológico a produção cultural e musical com recorte específico na juventude, para identificar as atitudes que ocultam os preconceitos e a discriminação de gênero e de etnia racial, de modo a reconhecer a necessidade de desvelá-las e intervir a partir dos próprios jovens;
- Reconhecimento dos adolescentes e jovens como sujeitos interlocutores com direito a voz própria. Ressalta-se a importância deste reconhecimento entre grupos como as gangues, categorizados por uma parcela do senso comum como “sem saída”, ressaltando a justiça social e a valorização da diferença e da singularidade cultural;
- Promoção de discussões sistemáticas sobre a violência e seus fundamentos socioeconômicos e culturais, que desconstruam as comuns distorções e inversões de papéis e coíbam estratégias de combate à violência que atuam sobre suas consequências e não sobre suas causas.
- Salvaguarda do direito de jovens integrantes de gangues de não serem retratados de forma pejorativa ou distorcida por parte da mídia, o que concorre para a descrença nos direitos humanos dessa população. Sabe-se que hoje a mídia tem uma imensa contribuição para a construção de uma identidade estigmatizada destes jovens. De um lado, os coloca na posição de “bodes expiatórios” de toda a violência que ocorre no país e, de outro, esses jovens introjetam a imagem que a mídia deles constrói, reforçando-as. Friza-se aqui a importância de uma política de comunicação que ressignifique o lugar destes jovens.
- Elaboração de políticas de juventudes intersetoriais que concebam adolescentes e jovens em sua completude, levando em consideração inclusive sua relação com a família – tomando-se a precaução de não subsumi-los nesta instituição. As políticas de juventude não podem estar restritas a jovens, a escola e a outras instituições no público, como a polícia, ainda que necessário. Há ainda um grande hiato de criatividade sobre como combinar autonomia juvenil e atenção ao grupo familiar.

Muitas políticas públicas focalizadas em jovens, e em jovens singulares, como aqueles em gangues pedem perspectiva universal, considerando-se a relação entre o

universal e o particular. A seguir, lista-se uma série de recomendações neste sentido, cuja autoria foi de Luis Eduardo Soares:

- Necessidade de políticas inter setoriais para enfrentar problemas complexos, isto é, multidimensionais. A aplicação de tais políticas exige, entretanto, métodos de gestão integrados, forte coordenação política e uma nova agência na gestão pública, capaz de empreender essa integração.

Quanto a essas políticas inter setoriais, elas deveriam abranger:

- estratégias escolares quanto à linguagem e à agenda que as tornem capazes de atrair o interesse e capturar a imaginação dos jovens;
- formulação de projetos culturais voltados para a reconfiguração da cultura da masculinidade, acentuando valores de paz e respeito, em lugar da violência; tal projeto envolve redefinições da polaridade com o feminino e sua reinvenção, para que se desconstrua o jogo de reforços recíprocos na linha negativa;
- programas de saúde visando tratamento para abuso de drogas e para atendimento psicológico coletivo, orientado para reverter a baixa auto-estima tão generalizada e para desconstruir as bases dos preconceitos (esses grupos interpelam as famílias e terminam por envolvê-las);
- programas de cultura que valorizem a criatividade plástica, musical, corporal, teatral, literária, imagética, etc;
- programas com participação dos jovens que valorizem lazer e esportes de seu interesse genuíno;
- programas de formação profissional e primeiro emprego, projetos voltados para trabalhar o relacionamento violento e mutuamente negativo entre profissionais de segurança e jovens vulneráveis, especialmente os que participam de gangues.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, M. & CUNHA, A. L. Masculinidades, Feminilidades e Violência no Cotidiano das Escolas. *Revista Educação e Cidadania*. Vol. 10, Nº 10 (2009). Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/educacaoecidadania/article/viewFile/139/59>
- ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L. & CALAF, P. P. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: RITLA/SEDF, 2009.
- ABRAMOVAY, M. & CASTRO, M. G. *Caleidoscópio de violências nas escolas*. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, M. et. al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Brasília: Edições UNESCO, 1999.
- ABREU, C. *Experiência trance da rave: entre o espetáculo e o ritual*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2005.
- ANDRADE, C. C. de. *Entre Gangues e Galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- ANDRADE, X. Jóvenes en Guayaquil: de las ciudades fortaleza a la limpieza del espacio público. En: *Revista Nueva Sociedad*. (200) nov-dic, 2005.
- ANDREOLI, G. S. MARASCHIN, C. Linguajares urbanos. *Revista mal-estar e subjetividade*. v.5. n. 1. Fortaleza, 2005.
- APPADURAI, A. *Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional*. Novos Estudos Cebrap, n. 49, 1997.
- AQUINO, E. et al. Adolescência e Reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. In: *Cadernos de Saúde Pública*, vol.19, nº X, 2003.
- ATHAYDE, C. & MVBILL. *Falcão, meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.
- _____. *Falcão, mulheres e o tráfico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- AVAU, R. *Graffiti-d`humor, d`amour, d`humeur*. Liege, 1985.
- BAUDRILLARD, J. *Da Sedução*. Campinas: Papyrus, 2001.

- _____. *A Transparência do mal* – ensaios sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus Editora, 1990.
- _____. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- BECK, U. *World Risk Society*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BELLONI, M.L. (org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. Espaço Aberto. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. In: *Revista Brasileira de Educação* 121, 2003
- BEN-ARI, E. *Mastering Soldiers: conflict, emotions and the enemy in an Israely military unit*. Berghahn Books, 1998.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BOITEUX, L. Aumentar o consumo. O proibicionismo falhou. In: *Brasil Le Monde Diplomatique*, n 26, setembro 2009.
- BOLOGNA, J. E. Referenciais e Drogas in: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. & SPOSITO, M. P. (org) *Juventude em Debate*. São Paulo: Ed Cortez, 2000, p 79-95.
- BOTT, E. *Family and social network: Roles, norms, and external relationships in ordinary urban families*. 2. ed. Londres: Tavistock, 1971.
- BOURDIEU, P. Gosto de classe e estilos de vida. In: *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. & LAMAISON, P. “From Rules to Strategies: An Interview with Pierre Bourdieu”. *Cultural Anthropology*, Vol. 1, No. 1. Blackwell Publishing, American Anthropological Association. Fev, 1986.
- BOZON, M. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: Heilborn, Maria Luiza (org.), *Família e sexualidade*, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004.
- BRAGA, P. D. Mulheres violentas e mulheres vítimas de violência (Portugal, séculos XVI e XVII). In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008

- BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- BUTLER, J. *Excitable Speech. A politics of the Performative*. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- _____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- _____. *Undoing Gender*. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- CABRAL, C. S. Contracepção e Gravidez na Adolescência. *Cad. Saúde Pública*, 19(Sup. 2): S283-S292. Rio de Janeiro, 2003.
- CALAF, P. *Criança que faz criança: (des)construindo sexualidade e infância com um grupo de meninos e meninas de rua*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- CALLIGARIS, C. Lei e comunidade: com algumas propostas. In: Pinheiro. P.S. *et al. São Paulo sem medo: um diagnóstico da violência urbana*. Rio de Janeiro: Garmond, 1998.
- CAMPBELL, A. Self Definition by Rejection: The Case of Gang Girls in CHESNEY-LIND, Meda; HAGEDORN, John. *Female Gangs in America*. Chicago: Lake Press View, 1999.
- CAMPBELL, A. *The Girls in the Gang*. Nova Iorque: Basil Blackwell, 1984.
- CANCLINI, N. G. *Leitores, Espectadores e Internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, vol. I- A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.
- CASTILLO B. H. De las Bandas a las tribus urbanas – De La transgresión a la nueva identidad social. In *Desacatos – Revista de Antropología Social*, Transgresiones (9). Cidade do México: Ciesas, Primavera – Verão 2002.
- CASTRO, M. *et al. Cultivando Vida, Desarmando Violências: Experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, BID, Fundação Kellogg e Brasil Telecom, 2001.

- CASTRO, M. Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento. In: *Revista Brasileira de Estudos de População* v. 19, n.1, jan./jun. 2002.
- CASTRO, M. Migrações Internacionais e Direitos Humanos. O Aporte do Reconhecimento. In: *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* - ano XVI, n 31, 2008.
- CASTRO, M. & ABRAMOVAY, M. *Drogas nas Escolas*. UNESCO, Brasília, 2002.
- CECCHETTO, F. R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CHAMBAT P. & EHRENBERG A. *Les reality shows, nouvel âge télévisuel?* Paris, 1993.
- CHARLOT, B. A Violência na Escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. In *Sociologias*, ano IV, n 8, 2002.
- CORNELL, D. What is ethical feminism? In. BENHABIB, S.; BUTLER, J. & CORNELL, D. *et. al.* (orgs) *Feminist contentions*. A philosophical exchange. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1995.
- COSTA G. & ROMERO.C. *¿Qué hacer con las Pandilbas?*. Lima: Ed.Ciudad Nuestra, 2009.
- CROCHIK, J.L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. 2ed. São Paulo: Robe, 1997.
- CRUZ, J. M. *Los factores asociados a las pandillas juveniles en Centroamérica*. Revista Eca. Nov-Dic. 685-686, 2005.
- DADOORIAN, D. *Gravidez na adolescência: Um novo olhar*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000
- DE CERTEAU, M. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DEBARBIEUX, E. *La Violence en milieux scolaire*. État des Lieux. Paris; ESF Éditeur, 1996.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de janeiro: Contraponto, 1997.
- DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DELORS, J. et. al. *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, UNESCO, MEC, 2006.

- DIÓGENES, G. *Cartografias da Cultura e da Violência* – gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- DUARTE, A. M. L. T. *As práticas simbólicas da cultura de rua nas relações entre grafite, sociedade, mercado e mídia*. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009.
- _____. *As pichações na interatividade urbana*. In: WOITOWICZ, K. J. RUSSI, P. (orgs.). *Percepção de Cultura e sentidos midiáticos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.
- DUARTE, P. R. *As pichações: paredes que falam*. In: BRAGA, A. BORGES, L. F. R. AQUINO, M. R. (Org.). *Angulações, provocações e cultura*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- FAUSTO, B. *Crime e Cotidiano*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FEFFERMANN, M. *Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FELISETTE, M. C. *Pichação: escrita, tipografia e voz de uma cultura na cidade de São Paulo no século XXI*. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 2006.
- FRAENKEL, B. *La délinquance lettrée des graffiteurs de New York*. Tribu, n° 10, 1985.
- FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. *Os Jovens do ensino médio e suas representações sociais*. Cadernos de Pesquisa, n. 112, mar. 2001.
- FRASER, N. & HONNETH, A. *Redistribution or recognition? A Political Philosophical Exchange*. Londres: Verso, 2003.
- FREIRE COSTA, J. *O medo social*. In: *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*. São Paulo: Abril, 1993.
- FREIRE COSTA, J. *Perspectivas da Juventude na sociedade de Mercado*. In NOVAES, R. & VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Instituto de Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2004.
- GARZEDIN, M. A. S. *Limpeza e ordem na paginação do tempo: muros urbanos, arte e paisagem em Salvador*. *Revista de Arquitetura e Urbanismo*, v.5, n. 1. Salvador, 2002.
- GIFFIN, K; CAVALCANTI, C. *Homens e Reprodução*. *Revista Estudos Feministas*, v. 7, n.1 e 2, 1999.

- GIORDANO, P. Girls, Guys and Gangs: The Changing Social Context of Female Delinquency. In CHESNEY-LIND, M. & HAGEDORN, J. *Female Gangs in America*. Chicago: Lake Press View, 1999.
- GIRARD, R. *A violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra e UNESP, 1990.
- GRIEVE, J. 10 razões para legalizar as drogas. In *Brasil Le Monde Diplomatique*, n 26, setembro 2009.
- GUIMARÃES, A. *Escola, galeras e narcotráfico*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- HEILBORN, M. L.; AQUINO, E; BOZON, M. & KNAUTH, D. R. *O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais dos jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, Editora Fiocruz, 2006.
- HEILBORN, M. L & BOZON, M. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, M. L. *et al. O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, Editora Fiocruz, 2006.
- HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUFF, C. R. Gangs in the United States. In Goldstein & Huff, *The Gang Intervention Handbook*, 1993.
- IBAÑEZ, J. *Más Allá de La Sociología. El grupo de discusión: Técnica e Crítica*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2003.
- JAGGAR, A. M. e BORDO, S. (ed) *Gender, Body/Knowledge. Feminist Reconstructions of Being and Knowing*. Rutgers, The State University, 1990.
- JANKOWSKI, M. S. *Island in the Street: Gangs and American Urban Society*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- JAPPE, A. O reino da contemplação passiva. In: NOVAES, A. (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Editora Senac SP, 2005.
- JAPPE, A. *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JIMENO, M. Crimen pasional: com el corazón en tinieblas. *Série Antropologia 323*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2002.
- KALINA, E. *Viver Sem Drogas*. Editora Francisco Alves, 1986.

- KAUFMANN, J. *L'entretien Compréensif*, Nathan Université Paris, 1996.
- KEHL, M. R. A Juventude como sintoma da cultura. In NOVAES, R. & VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Instituto de Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2004.
- KLEIN, M. & CRAWFORD, L. *Groups, Gangs, and Cohesiveness*. Journal of Research in Crime and Delinquency, Jan 1967.
- KLEIN, M. & C. MAXSON. Street Gang Violence. In. WOLFGANG & WEINER, *Violent Crime, Violent Criminals*. 1989.
- KUMAR, K. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna*. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LAFORTUNE, J. *Crayeurs de rue et l'espace graphique*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- LASH, C. *O Mínimo Eu - Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- LATOUR, B. Thou Shalt Not Take the Lord's Name in Vain- being a sort of sermon on the hesitations of the religious speech. In *RES*, n° 39, 1999. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/079.html>.
- _____. 'Não congelarás a Imagem' ou: como não desentender o debate ciência-religião. In *Mana*, ano 10, n°2, 2004.
- LE BRETON, D. *Passions du risque*. Paris: Métailié, 1996 [1991].
- LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In: *Tempo Sociedade*, 17 (2). 2005.
- LEITE, I. B. Território negro em área rural e urbana: algumas questões. In: LEITE, I. B.(org.) *Terras e territórios de negros no Brasil*. Textos e Debates. Núcleo de Estudos sobre Identidades e Relações Interétnicas- UFSC. Ano I, n° 2, 1990.
- LIMA, F. *Educação, Trabalho e Violência: percepções, expectativas e sonhos dos jovens*. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, 2002.
- LIPORONE, F. et al. *O universo dos pichadores na metamorfose do espaço urbano: algumas considerações a respeito das pichações nos ônibus do transporte coletivo de Uberlândia-MG*. In: II Simpósio Regional de Geografia. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia, 2003.
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

- LITTLEWOOD, R. Military rape. *Anthropology today*, n.2, vol. 13. abril, 1997.
- LYOTARD, J. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1996.
- MACHADO, L. Z. Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: *Série Antropologia 284*, Brasília: UnB/DAN, 2000.
- _____. Masculinidades e Violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: *Série Antropologia 290*. Brasília: UnB/DAN, 2001.
- _____. Matar e morrer no feminino e no masculino. In: *Série Antropologia 240*. Brasília: UnB/DAN, 1998.
- MACLEAN, W. *Le graffiti*. Encyclopaedia Universalis, 1973.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. *La contemplation du monde*. Paris: Éditions Grasset e Fasquelle, 1993.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo Social*. vol.17 no.2. São Paulo, 2005.
- MARCONDES FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. *São Paulo Perspec.* vol.15, n.2. São Paulo, 2002.
- MARTINS, J. B. & YABUSHITA, I. J. *Ruídos na cidade: pichações na cidade de Londrina*. Athenea Digital, 2006.
- MATTOS, P. *A Sociologia Política do Reconhecimento: As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Annblume, 2006.
- MATZA, D. *Delinquent and Drif*. Nova Iorque: Wiley, 1964.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MEDEIROS, R. *A escola no singular e no plural: um estudo sobre violência e drogas nas escolas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MELUCCI, A. *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A. & ALMEIDA, A. M. O. Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 55, n. 1, 2003.

- MESSERSCHMIDT, J. From Patriarchy to Gender In: CHESNEY-LIND, M. & HAGEDORN, J. *Female Gangs in America*. Chicago: Lake Press View, 1999.
- MILLER, J. & BRUNSON, R. Gender dynamics in youth gangs: a comparison of Males' and Females' Accounts. In: Justice Quarterly, Vol. 17 No. 3: Academy of Criminal Justice Sciences. Setembro, 2000.
- MILLER, J. *One of the Guys: Girls, Gangs and Gender*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001
- MILLER, J; DECKER, S. *Young Women and Gang Violence: Gender, Street Offending, and Violent Victimization in Gangs*. In: Justice Quarterly, Vol. 18 No. 1: Academy of Criminal Justice Sciences, março, 2001.
- MONDARDO, L. & GOETTER J. D. *Territórios Simbólicos e de Resistência na Cidade: Grafias da Pichação e do Grafite*. Ponta Gorssa: Terra Plural, 2008.
- MOORE, J. Understanding Youth Gangs. In: WATTS, M. (org.). *Cross-Cultural Perspectives on Youth and Violence*. Stanford, Connecticut: Jai Press Inc, 1998.
- MOREIRA, J. & FERREIRA, N. Da proibição à institucionalização: o processo de ressignificação da capoeira. In: *Educação Física em revista*, 2006.
- MURAD, J. E. *O que você sabe sobre os psicotrópicos: a viagem sem bilhete de volta*. Belo Horizonte: Ed. Guanabara 2, 1982 [1972].
- NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- NOVAES, A. (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Editora Senac SP, 2005.
- NUNES, M. Idiomas culturais como estratégias populares para enfrentar a violência urbana. *Ciência e saúde coletiva*, v. 10, n. 2. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200019&lng=pt&nrm=iso>.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PAIS, J.M. *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar, 2001
- PANTOJA, A. Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. In: *Caderno de Saúde Pública*, vol 19, supl. 2, 2003.
- PAREDES, E.C., PECORA, A. R. Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. In: *Psicologia: Teoria e Prática*, 2004.

PAYET, J. P. *Colléges de Banlieu*. Paris: Armand, 1997.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.10, 1992

_____. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

PORTES, A. & HOFFMAN, K. *Latin American Class Structures: Their Composition and Change during the Neoliberal Era*. In: *Latin American Research Review*, 38(1), 2003.

PUTZ, R. B Z. *A Pichação como Formação de Espaço*. Trabalho de Conclusão da disciplina Espaço e Design (Especialista em Design Gráfico). São Paulo: Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1999.

REGUILLO, R. *La mara: contingencia y filiación con el exceso*. *Revista Nueva Sociedad*, n. 200, nov-dez, 2005.

_____. *Violencias expandidas. Jóvenes y discurso social*. *Revista de Estudios sobre Juventud*, 3 (8), 1999.

ROCHA, R.L. de M. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. Tese de doutoramento. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1998.

RODGERS, D. Youth Gangs in Colombia and Nicaragua - New forms of violence, new theoretical directions? In: RUDQVIST, A. (ed). *Breeding Inequality-Reaping Violence. Exploring Linkages and Causality in Colombia and Beyond*. Estocolmo: Collegium for Development Studies, 2003.

SALAZAR, A. *Violencias juveniles: ¿contraculturas o hegemonía de la cultura emergente?* In: MARGULIS, M. & LAVERDE, C. M. (eds). *Viviendo a toda: Jóvenes territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santa fe de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998

_____. *No nacimos pa' semilla. La Cultura de las bandas juveniles de Medellín*. Bogotá, Colombia: Editorial Planeta. 3. Savenije, 2006 [2002].

SALVATTI, F. *Representação e Espetáculo Debordiano*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2007.

SANTACRUZ M. G. Creciendo en El Salvador: una mirada a la situación de la adolescencia y la juventud en el país. *Revista ECA*, Nov- Dic. 2005.

SANTOS, M. I. *Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens*. Dissertação (Mestrado). PUC, São Paulo, 2002

SARTI, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Jorge Zahar, 2000

SAVENIJE, W. Las pandillas transnacionales Mara Salvatrucha y Barrio 18st.: Una tensa combinación de exclusión social, delincuencia y respuestas represivas. In LESSER, T. *et al* (eds) *Intra caribbean Migration and the Conflict, nexos* Ottawa: University of the West Indies & OIM, 2006

SEGATO, R. L. El Sistema Penal como Pedagogía de la Irresponsabilidad y el Proyecto “Habla Preso”: el derecho humano a la palabra en la cárcel?. *Série Antropologia*, n.329. Brasília: UnB, 2003.

_____. *Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

_____. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais In: *Mana*, v 12 n 1 Rio de Janeiro, abril 2006.

_____. Territorio, Soberanía y Crímenes de Segundo Estado: la escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juarez. *Série Antropologia* 362. Brasília: UnB, 2004.

SHELDEN, R.; TRACY, S.; BROWN, W. *Youth Gangs in American Society*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1997.

SHORT, J. F. *Gangs and Adolescent Violence. Unpublished report*. Boulder, CO: Center for the Study and Prevention of Violence, 1996.

SILVA, M. S. & TRINCHA, G. M. C. *Pichação, outro desenho na cidade*. Departamento de Letras e Artes/ Núcleo de Desenho e Artes. Feira de Santana: UEFS, 2005.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

SOUSA SANTOS, B. Toward a multicultural conception of human rights. In: HERNÁNDEZ-TRUYOL, B. E. (org.). *Moral imperialism. A critical anthology*. Nova Iorque: New York University Press,

SPERGEL, I. A. E CURRY, G. D. Strategies and Perceived Agency Effectiveness in Dealing with the Youth Gang Problem. In. HUFF, *Gangs in America*, 1990.

- SPINELLI, L. Pichação e comunicação: um código sem regra. *Logos* 26: comunicação e conflitos urbanos. Ano 14 1º semestre, 2007.
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (Eds). *Grounded Theory in practice California*. Thousand Oaks Sage, 1997.
- THRASHER, F. M. *The Gang*. Chicago: The University of Chicago Press, 1963 [1927].
- VARGAS, E. Uso de drogas: a alter-ação como evento. *Revista de Antropologia*, v. 49, São Paulo, 2006.
- VIGIL, J. D. *Barrio gangs: Street life and identity in Southern California*. Austin: University of Texas Press, 1988.
- VIZZOLTO, S. M. *A droga, a escola e a prevenção*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- VULBEAU, A. *Du tag au tag*. Paris: Métailié, 1985
- WACQUANT, L. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- WAISELFISZ, *Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil*. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e a Cultura – OEI, 2006.
- WIEVIORKA, M. *O novo paradigma da violência*. São Paulo: Tempo Social, 9(1): 5-41. 1997.
- ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo Perspec.* [online]. 1999, vol.13, n.3, pp. 3-17
- ZALUAR, A & LEAL, M. C. Gênero e educação pública: uma comparação entre o CI EP e a Escola Comum. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília: INEP, v. 78, núm. 188/189/190, 1997.
- ZALUAR, A. “Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência”, in VIANNA, Hermano (org.), *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- ZIGONI, C. *Hip Hop em processo – identidade, negritude e transformação social*. Belo Horizonte, 2004.

ANEXO 1

Glossário de termos

157: assalto à mão armada, em referência ao artigo do Código Penal

Abrir para: recusar brigar com alguém

Anarquizar: riscar o nome do outro

Anular: riscar o nome do outro

Banda: mulher de conduta sexual reprovável: vagabunda, piranha, piriguete

Bandido/bandida: pessoa envolvida com o tráfico de droga

Barca/barcão: carro de polícia

Bonde: sair em grupo

Botar o nome: pichar

Cabuloso: indivíduo respeitado, admirável, de rocha

Cabrito: espião, traidor, inimigo

Cana: policial, cabrito, bruxo, gambé

Cano: arma de fogo

Capa de Pistola: inimigo

Colar: fazer parceria com outras gangues

Contenção: na proteção, vigília. Ação para proteger o grupo.

Corre (fazer o...): conseguir dinheiro ou o que se precisa, roubar. **(pessoa do...):** quem vive do mundo do crime

Corró: Cela solitária, parte de trás do camburão com grades

Cospe chumbo: arma de fogo

Cospe fogo: arma de fogo

Dar pano: dar informações

Dar taca: bater

De rocha: indivíduo respeitado, admirável, cabuloso

Destaque: pessoa que mais aparece, que é reconhecida

Esparrado: indiscreto, óbvio, descuidado

Fanzinho: admiradores, fãs

Fazer casinha: atrair alguém para emboscada, geralmente por meio da sedução. É uma prerrogativa referida como feminina.

Ferro: arma de fogo

Flagrante: estilo de roupa considerada como típica de gangueiros. Usualmente, roupas folgadas, típicas da cultura hip-hop

Frevo: Festa, balada, bagunça

Gambé: policial

Jet: spray utilizado para pichar

Latrô: Latrocínio

Líder F: Líder da ala feminina da gangue

Língua azul: remédio de uso psiquiátrico, consumido como droga ilícita, entorpecente

Lombra: alucinação provocada por droga

Maloqueiro: bandido, indivíduo do mundo do crime que é descuidado (também com a aparência)

Mandar: pichar, riscar

Máquina: arma de fogo

Maria Jet: mulher que se interessa por homens de gangue

Maria Lapicha: mulher que se envolve amorosa ou sexualmente com homens de gangue para se tornar integrante do grupo

Meter: roubar

Moscar: encontrar-se desprevenido

Na rua: vida nas gangues

Noiado: dependente de droga

Novato ou novinho: membros neófitos, afoitos, inexperientes

Oitão: revólver calibre .38

Pé de pano: ficar com namorado(a) de outra pessoa

Pé de cana: pessoa que bebe muita bebida alcólica

Pedágio: pagamento em espécie ou bens, realizado com vistas a entrar na gangue ou a obter proteção por parte de seus membros

Pichador: membro de gangues de pichação

Pichador *online* ou de internet: denominação pejorativa para indivíduos que exercem suas atividades nas gangues, especialmente a pichação, exclusivamente por meio da internet

Pinar (Dar no pinote): Fugir

Piriguede: mulher de conduta sexual reprovável

Preto fosco: cor do *spray* mais usado para pichar

Quebrada: território, bairro, quadra

Resposta: pessoa confiável, exemplar

Riscar: pichar, mandar

Roupinol: remédio de uso psiquiátrico, consumido como droga ilícita, entorpecente

Tirado: ser desrespeitado

Traçar: riscar o nome do outro em uma pichação